

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO

Programa de Pós- Graduação Stricto Sensu em Educação

HERCULES ALFREDO BATISTA ALVES

**A EDUCAÇÃO FEMININA NA REGIÃO DA CAMPANHA-
MG: O COLLEGIO MARIANNO (1867-1907).**

Itatiba

2014

HERCULES ALFREDO BATISTA ALVES- R.A 002201001125

**A EDUCAÇÃO FEMININA NA REGIÃO DA CAMPANHA-
MG: O COLLEGIO MARIANNO (1867-1907).**

Tese apresentada como exigência para a obtenção do título de Doutor do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade Francisco, na linha de pesquisa em História, Historiografia e Ideias Educacionais.

Orientador: Prof. Dr. Moysés Kuhlmann Jr.

Itatiba

2014

37.043.21 Alves, Hercules Alfredo Batista.
A479e A educação feminina na Região da Campanha-MG:
o collegio Mariano (1867-1907) / Hercules Alfredo
Batista Alves. -- Itatiba, 2014.

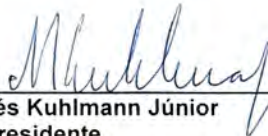
248 p.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação
Stricto Sensu em Educação da Universidade São
Francisco.

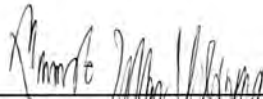
Ficha catalográfica elaborada pelas Bibliotecárias do Setor de
Processamento Técnico da Universidade São Francisco.

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
EM EDUCAÇÃO

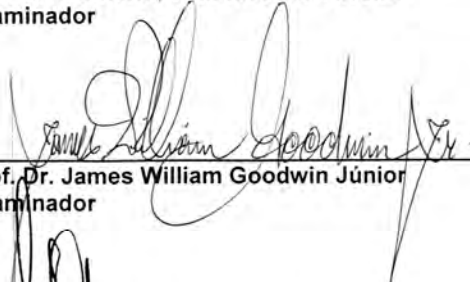
Hercules Alfredo Batista Alves defendeu a tese "A EDUCAÇÃO FEMININA NA REGIÃO DA CAMPANHA-MG: O COLLEGIO MARIANNO (1867-1907)" aprovada no Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco em 09 de junho de 2014 pela Banca examinadora constituída pelos professores:



Prof. Dr. Moysés Kuhlmann Júnior
Orientador e Presidente



Prof. Dr. Bernardo Jefferson de Oliveira
Examinador



Prof. Dr. James William Goodwin Júnior
Examinador



Prof. Dra. Maria de Fátima Guimarães
Examinadora



Prof. Dra. Paula Leonardi
Examinadora

*Para João (em memória) e Ivete, meus queridos pais, pelos ensinamentos, apoio irrestrito e momentos felizes...
Para Karina, minha amada esposa, pelo amor, companheirismo e paciência.*

AGRADECIMENTOS

Após uma longa trajetória acadêmica e pessoal, chegar à conclusão do trabalho nos leva a um momento muito importante: os agradecimentos. Aqui, os âmbitos pessoal, profissional e intelectual se misturam.

Agradeço, primeiramente, a minha mãe, por ser sempre um exemplo de retidão, lisura, sabedoria e eterna persistência. A meu pai (*in memoriam*), pelo exemplo de tenacidade e de hombridade na vida. A minha esposa, pelo apoio constante, dedicação, amor e, sobretudo, pela generosa paciência. Aos demais familiares, por acreditarem em mim e por me apoiarem nessa minha trajetória.

Para não ser injusto, agradeço aos meus amigos do século passado, que, apesar da distância e da correria do dia a dia, sempre torceram por mim. Aos amigos mais recentes, de outra fase da vida, devo também sinceros agradecimentos. Em especial, agradeço aos companheiros do Rotary Clube de Três Corações, pelas inúmeras mensagens de apoio e incentivo.

Agradeço ainda aos colegas de trabalho do CEFET-MG, Campus – VIII Varginha - MG, pelo irrestrito apoio durante essa longa caminhada. Especialmente, aos colegas do Departamento de Formação Geral, os quais, brilhantemente, “seguraram as pontas” durante o meu afastamento.

Aos antigos professores, do fundamental ao mestrado, pelos ensinamentos, dedicação e, principalmente, pela paciência.

Ao Prof. Moysés, devo um agradecimento mais do que especial, pelos ensinamentos acadêmicos e pessoais. Apesar de toda sua bagagem acadêmica e profissional, nos mostrou, com humildade, que o intelectual necessariamente tem de ser humano.

Agradeço, ainda, as professoras do programa de pós-graduação da USF com as quais tive a satisfação de conviver e aprender: Adair, pelo comprometimento e sobriedade; Paula, pela acessibilidade, conhecimento, simpatia e amizade; Fátima, pelo conhecimento e pelo coração que não cabe no peito.

Aos membros externos da banca, Prof. Bernardo, pelas dicas e disponibilidade; Profa. Christianni, pela acessibilidade e pelas contribuições e sugestões de importância ímpar para a conclusão do trabalho. Ao Prof. James, pelos debates teóricos e apoio no meu afastamento para cursar o doutorado. Agradeço a Profa. Alessandra, pelo primor na correção do meu texto. E ao Prof. Oberdan, pelo apoio na parte gráfica do texto.

A Dona Elza e a Flávia do Centro de Memórias Monsenhor Lefort, na Campanha, pelo empenho na manutenção do acervo e pela ajuda sem precedentes com a documentação.

Aos colegas do programa de pós-graduação da USF, pelo coleguismo, debates e pela grande amizade construída ao longo desse tempo. Agradeço especialmente a Vânia, ao Anderson, ao Paulo Ricardo e ao Daniel, pelas boas risadas e pelas longas horas de estudo.

Por fim, quero agradecer aos meus antigos alunos, sobretudo, aos meninos do CEFET-MG, que sempre me apoiaram e tiveram a sensibilidade de compreender a necessidade do meu afastamento. Saibam que, apesar da distância, sempre torci, e torço, pelo sucesso de todos vocês.

"Todo livro de história digno desse nome deveria incluir um capítulo ou, caso se prefira, inserida nos pontos de reviravolta do desenvolvimento, uma sequência de parágrafos que se intitularia algo como: 'Como posso saber o que vou dizer? '. Estou convencido de que, ao tomar conhecimento dessas confissões, mesmo os leitores que não são do ramo sentiriam um verdadeiro prazer intelectual. O espetáculo da investigação, com seus sucessos e reveses, é raramente tedioso. É o 'tudo pronto' que espalha gelo e tédio." JACQUES LE GOFF (BLOCH, 2002, p. 28).

RESUMO:

O presente trabalho tem por objeto de pesquisa o Collegio Marianno, um estabelecimento de instrução, voltado unicamente à educação das meninas da elite da região sul mineira, que funcionou na cidade da Campanha, sul de Minas Gerais, aproximadamente entre os anos de 1867 e 1907. A criação do colégio, o seu funcionamento e o encerramento de suas atividades esteve intimamente ligado ao processo de modernidade que se configurava na região da Campanha. Sobre o colégio, não há registros em documentos oficiais. Ademais, os documentos produzidos pelo próprio colégio se perderam. Assim, utilizamos a imprensa local como fonte fundamental de pesquisa. Por meio das informações obtidas nos jornais foi possível compreender algo das rupturas e permanências do *ethos* social no qual estava inserido o Collegio Marianno. Para melhor compreender nosso objeto de pesquisa, investigamos também a existência de outros estabelecimentos de instrução, com características semelhantes as do Collegio Marianno, na região do sul de Minas. Abordamos também a atuação social, política e cultural da família proprietária do colégio, a família Marianno. Desse modo, tivemos condições de compreender as relações do Collegio Marianno com a sociedade, sua dinâmica interna, organização didática e curricular e o projeto político-social que a atuação do colégio atendia. É importante salientar que a educação ofertada pelo colégio atendia aos ditames de manutenção e perpetuação da conduta social vigente no último quartel do século XIX. Especificidades relativas à família, como a falta de herdeiros e descendentes, influenciaram diretamente no fim de suas atividades. As transformações políticas que ocorreram no país nas últimas décadas do século XIX e início do século XX, a interferência do poder público na educação, a implementação de ações da Igreja Católica alinhadas à ideia de ultramontanismo, como a instalação do Collegio Nossa Senhora do Sion na Campanha, então associados ao progresso e a modernidade, foram alguns dos elementos que também contribuíram para o esgotamento do modelo educacional proposto pelos Mariannos.

Palavras- chave:

Collegio Marianno, Campanha-MG, educação feminina, jornais e modernidade.

ABSTRACT:

The purpose of this study is the Collegio Marianno, an educational establishment for elite girls from the region of Campanha, south of Minas Gerais between 1867 and 1907. The school set up, its operation and its closure was closely linked to the process of modernity in which the Campanha region was involved in. About the school, there are no records in the official documents. Furthermore, the documents produced by the school were lost. Thus, we worked on the local press as our critical source. From the information of the newspaper was possible to understand some break ups and some periods of the social ethos where the Collegio Marianno was inserted in. To better understand our object, we also investigated some other educational institutions, similar to the Collegio Marianno, in the south of Minas Gerais. We had also dealt with the social, the political and the cultural family, called Marianno, owners of the school. This way, we could understand the relations between the Collegio Mariano and the society, its internal dynamics, its pedagogical and curricular organization and its social-political project where the school was inserted. It's important to emphasize that the school education would aim at the maintenance and the perpetuation of the code of conduct in the last quarter of the nineteenth century. Specificities such as no heirs and no offsprings, has straightly influenced the end of its activities. The political changes that had occurred in the country in the last decades of the nineteenth century and the beginning of the twentieth, the interference of the public power on education, the actions from the Catholic church, lined up with the ideas of ultramontaniam, such as settling of the Collegio Nossa Senhora do Sion in Campanha, associated to the progress and the modernity were some of the elements which contributed to the end of an educational model proposed by the Marianno's.

Key words:

Collegio Marianno, Campanha-MG, feminine education, newspapers, modernity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES:

Figura 1: Foto do Collégio Marianno.....	30
Figura 2: Mapas das cidades do sul de Minas que possuíam estabelecimentos de instrução feminino mantidos por particulares entre 1866 e 1902.....	71
Figura 3: Mapa de Machado e cidades vizinhas.....	79
Figura 4: Foto de Mathilde Xavier Marianno.....	111
Figura 5: Foto do Collegio Marianno e do Theatro São Candido.....	176
Figura 6: Equipe de professores do Grupo Escolar Zoroastro de Carvalho.....	191

LISTA DE TABELAS:

Estabelecimentos de instrução mantidos por particulares entre 1866 e 1902.....	74
Tabela referente aos exames/alunas de1874.....	228
Tabela referente aos exames/alunas de1875.....	230
Tabela referente aos exames/alunas de1876.....	232
Tabela referente aos exames/alunas de1877.....	234
Tabela referente aos exames/alunas de1878.....	236
Tabela referente aos exames/alunas de1879.....	238
Tabela referente aos exames/alunas de1880.....	240
Tabela referente aos exames/alunas de1889.....	242
Tabela referente aos exames/alunas de1890.....	243
Tabela referente aos exames/alunas de1892.....	245
Tabela referente aos exames/alunas de1894.....	247

SUMÁRIO:

INTRODUÇÃO:.....	15
CAPÍTULO I:.....	22
1. ASPECTOS DO TRABALHO CIENTÍFICO: JORNAL COMO FONTE CENTRAL DO PROCESSO DE PESQUISA. DEBATES E REFLEXÕES À CERCA DA IMPRENSA NA PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA.	22
1.1 Da escolha do tema ao processo inicial da pesquisa: o gradativo entendimento do Collegio Marianno e os caminhos escolhidos para a pesquisa	22
1.2 Os jornais como fontes históricas: como utilizá-los?	33
1.3 Como trabalhar com trechos de notícias? Jornais na Campanha e suas contribuições para o problema de pesquisa.	44
1.4 Reflexões sobre as dificuldades e os avanços na produção historiográfica frente à educação feminina.	57
CAPÍTULO II:.....	65
2. ANÁLISE DA IMPRENSA: COMO OS JORNAIS RELATAVAM A ATUAÇÃO ESCOLAR ENTRE 1872 E 1908? O MONITOR SUL MINEIRO NA VANGUARDA DA INFORMAÇÃO. COMO O PODER PÚBLICO ACOMPANHAVA ESSES COLÉGIOS?..	65
2.1 As primeiras reflexões referentes ao Collegio Marianno observadas por meio do <i>Monitor Sul Mineiro</i> (1872-1875)	65
2.2 Escolas que foram silenciadas na historiografia: Relatos da educação feminina sul mineira, mantida por particulares e dirigida por mulheres entre 1875 e 1902. O <i>Monitor Sul Mineiro</i> como aporte central de fonte de pesquisa.	80
2.3 Balanço da educação feminina particular (1866- 1908): os dados oficiais.	94
CAPÍTULO III:	103
3. COLLEGIO MARIANNO: ORIGENS, PROJETOS E ATUAÇÃO. COMO AS MENINAS ERAM EDUCADAS? QUEM ERAM OS “MARIANNOS”?	103
3.1 Origem e processo: qual a necessidade da criação de um colégio para as meninas? ...	103
3.2 A família Marianno e sua relação com a educação, sociedade e política da Campanha: de alunos e professores família ligadas à educação. Bernardo José Marianno e sua atuação política, profissional e religiosa	110
3.3 Uma breve discussão: Aspectos teóricos que fundamentaram a prática pedagógica do Collegio Marianno: quais métodos seriam adotados?	121

3.4 Collegio Marianno atuação pedagógica e curricular: uma história de quarenta anos analisada por trechos de jornais	127
3.5 Participação do Collegio Marianno na sociedade da Campanha: alunas, escola e a família. Circularidade e reflexões da dinâmica social.	146
CAPÍTULO IV:	160
4. A CONSOLIDAÇÃO DA MODERNIDADE: O SÉCULO XX E O FIM DO COLLEGIO MARIANNO: MODIFICAÇÕES SOCIAIS POLÍTICAS E CULTURAIS. ATUAÇÃO DA IGREJA E DO ESTADO NA EDUCAÇÃO FEMININA.....	160
4.1 Igreja Católica e questões republicanas: projetos desconexos com pontos em comum.	160
4.2 Avanços do progresso na Campanha durante as últimas décadas do século XIX: gradativa expansão e alguns pontos da modernidade	169
4.3 Novas configurações da educação na Campanha no início do século XX. A presença da política ultramontana: criação do Colégio do Sion.....	179
4.4 A interferência do Poder Público na educação da Campanha: a consolidação de interesses e o fechamento do Collegio Marianno	187
CONSIDERAÇÕES FINAIS:	194
BIBLIOGRAFIA:	199
FONTES DOCUMENTAIS:	205
ANEXOS:	212
Tabelas referentes aos exames do Collegio Marianno entre 1874-1894:	228

INTRODUÇÃO:

Na segunda metade do século XIX, as modificações na sociedade brasileira tornam-se cada vez mais profundas. Novos conceitos e valores se fortalecem, em função da modernidade que vai ganhando espaço no cosmos social (PASSOS, 2005). Nesse contexto, um dos aspectos de maior destaque diz respeito à compreensão da educação como forma de civilizar e desenvolver a sociedade brasileira.

Esse processo de civilidade, cuja responsabilidade, em grande parte, seria das escolas¹, precisava alcançar diferentes segmentos sociais. Contudo, a educação almejada pelas elites oligarcas² do país (independentemente da sua filiação política ou filosófica) não poderia implicar em mudanças abruptas na organização social.

Difundir as habilidades básicas de leitura, escrita e cálculos passa a ser a demanda do período, a qual será também estendida para a educação das mulheres. Nesse sentido, a organização de estabelecimentos de instrução para o sexo feminino é entendido como uma necessidade.

As tímidas tentativas do poder público em sanar essa nova demanda, deixaram espaço para a atuação de particulares. Em Minas Gerais, isso não foi diferente. Na região sul do estado, encontramos um exemplo significativo de um modelo de educação, promovido por particulares, dirigido, em especial, por mulheres e voltado, exclusivamente, para a instrução das meninas da elite regional. Referimo-nos ao Collegio Marianno, dirigido pela família Marianno, e responsável direto pela educação de centenas de meninas da região sul mineira, aproximadamente entre 1867 e 1907.

Para compreender o seu funcionamento, foi necessário entender algo da dinâmica social na qual estava inserido (BLOCH, 2002). Assim, ao nos ocuparmos do estudo do contexto político, cultural e social no qual se inscrevia o colégio, foi possível melhor entender suas práticas pedagógicas, seu funcionamento e as razões que viabilizaram sua existência.

Ora, não há como isolar o Collegio Marianno do *ethos* social que o envolvia. Portanto, estudá-lo somente faria sentido se observada a sua atuação e significação em seu tempo (WILLIAMS, 1992). O colégio foi peça integrante do avanço da modernidade na Campanha.

¹ No decorrer do texto, raramente usaremos a expressão “escola”. No geral, usaremos termos como “estabelecimento de instrução” ou “estabelecimento de ensino”.

² Durante o texto não iremos nos debruçar frente as disputas políticas da elite local da Campanha, de modo geral, podemos dizer que apesar das diferenças de projeto sociais, a educação para as meninas dessa pretensa elite era pauta comum nos debates políticos na da Campanha.

A sua principal missão foi educar as meninas da elite da região sul mineira no horizonte de um projeto, ainda que conservador, de modernidade (MANOEL, 1996).

Aliás, toda trajetória do Collegio Marianno, da abertura ao fechamento, pode ser pensada como parte do avanço da modernidade conservadora na Campanha³. O encerramento de suas atividades e sua “substituição” pelo Colégio do Sion decorrem também de um dos passos do avanço da modernidade conservadora na cidade e região da Campanha. Desse modo, nosso texto procura tematizar algo das rupturas e permanências experimentadas pela trama social da região da Campanha, no período estudado, resultantes do avanço dessa modernidade, assim como as relações entre essas rupturas e permanências e a trajetória do Collegio Marianno. Para tanto, preparamos quatro capítulos.

No primeiro capítulo, intitulado *“Aspectos do trabalho científico: jornal como fonte central do processo de pesquisa. Debates e reflexões acerca da imprensa na produção historiográfica.”*, buscamos mostrar os caminhos percorridos no processo de construção do trabalho e esclarecer algo das possibilidades do uso de jornais como fontes centrais na pesquisa histórica.

Dividimos o primeiro capítulo em quatro partes. Na primeira parte, *“Da escolha do tema ao processo inicial da pesquisa: o gradativo entendimento do Collegio Marianno e os caminhos escolhidos para a pesquisa.”*, apresentamos a trajetória investigativa que resultou na construção do projeto de pesquisa. Relatamos nossas escolhas e estratégias metodológicas, os limites das fontes de pesquisa e as dificuldades encontradas na elaboração do trabalho.

Aqui, destacamos, ainda, a importância de compreender o Collegio Marianno inserido em um certo cosmos social (KUHLMANN JR., 2010) e explicamos como trabalharíamos mesmo com uma pequena quantidade de fontes (VIDAL, 2005).

Na segunda parte do primeiro capítulo, *“Os jornais como fontes históricas: como utilizá-los?”*, discorremos sobre os limites impostos pelo uso dos jornais como fonte de pesquisa histórica: parcialidade, intencionalidade, erros na apresentação de dados etc. Porém, percebemos também que, dificilmente, um outro tipo de fonte teria condições de relacionar as práticas do cotidiano tal como os jornais (BACELLAR, 2006), afinal, também eles são os responsáveis pela preservação da memória de determinado tempo (CARVALHO, 2002). Discutimos ainda a função pedagógica dos jornais e de que modo defendiam, propagavam e

³ Durante o texto, usaremos expressões como “da Campanha”, “na Campanha” e “a Campanha”. Na cidade, usam-se essas expressões como forma de caracterizar os habitantes da própria cidade. Os campanhenses, ainda hoje, assim se referem às questões da cidade. Por se tratar de um estudo sobre um colégio da cidade, pedimos licença à comunidade campanhense para usarmos frequentemente essas expressões.

organizavam os projetos políticos e sociais de grupos a eles ligados (CAPELATO, 1998). Finalmente, procuramos mostrar a adequação da escolha do uso de jornais como fonte de pesquisa histórica (LE GOFF, 1990).

Na terceira parte do primeiro capítulo, *“Como trabalhar com trechos de notícias? Jornais na Campanha e suas contribuições para o problema de pesquisa.”*, relacionamos e apresentamos os jornais utilizados na pesquisa, a saber, *A Campanha* (1901-1915), *A Consolidação* (1896-1897), *A Penna* (1902), *Minas do Sul* (1892), *Monitor Sul Mineiro* (1872-1915), *Novo Horizonte* (1905), *O Conservador* (1871), *O Monarchista* (1875-1876), *O Sapucahy* (1865-1876) e *O Sexo Feminino* (1873-1874). Aqui, empreendemos também novas discussões metodológicas, nos auxiliando a criar um escopo teórico que pudesse fundamentar a plausibilidade de nossas análises (RODRIGUEZ, 2004; MELO, 2010 e HOBBSAW, 1998).

Ainda no primeiro capítulo, nos detivemos na análise de trabalhos semelhantes ao nosso. Eis então a quarta parte do capítulo, *“Reflexões sobre as dificuldades e os avanços na produção historiográfica sobre à educação feminina.”*. O Collegio Marianno foi nosso ponto de partida para compreendermos as mudanças educacionais na região, no período em estudo (PASSOS, 2005). Mas entender o processo de educação das meninas no último quartel do século XIX envolvia a compreensão do processo de modernidade que se configurava (HAHNER, 2010). E, para que pudéssemos avançar nessa discussão, era preciso encontrar certos parâmetros e informações sobre os colégios femininos que existiam no período, especialmente, no sul de Minas Gerais. Dessa maneira, na quarta parte do primeiro capítulo, apresentamos algumas das dificuldades na investigação de temas semelhantes. Não encontramos uma gama significativa de trabalhos similares ao nosso. Assim, evidenciou-se que teríamos de construir mecanismos próprios para compreender algo das especificidades do Collegio Marianno e, por conseguinte, de suas relações com a sociedade do seu tempo.

O segundo capítulo, *“O Monitor Sul Mineiro na vanguarda da informação (1872-1908). Relatos educacionais na imprensa e atuação do poder público na educação feminina.”*, foi dividido em três partes. A primeira parte, *“As primeiras reflexões referentes ao Collegio Marianno observadas através do Monitor Sul Mineiro.”*, se ocupa dos primeiros relatos encontrados sobre estabelecimentos de instrução feminina que existiam na região sul Mineira. Destacamos outras iniciativas particulares semelhantes a do nosso objeto de estudo. Durante a década de 70 do século XIX, por exemplo, encontramos alguns estabelecimentos silenciados pela historiografia. Adiante, apresentamos também as primeiras informações encontradas sobre o Collegio Marianno.

Esses estabelecimentos de instrução sobre os quais encontramos informações, estavam todos inseridos no mesmo ideário de modernidade que se difundia na região. Para nossa surpresa, havia outros estabelecimentos de instrução, em diversas cidades, com o mesmo do Collegio Marianno. Eles foram apresentados, explicados e debatidos na segunda parte do segundo capítulo, “*Relatos da educação feminina sul mineira entre (1875 e 1902) pelo Monitor Sul Mineiro. Escolas que foram esquecidas pela historiografia.*”. Considerando os dados encontrados sobre os estabelecimentos de instrução similares e contemporâneos ao Collegio Marianno, na região sul mineira, foi possível refutar algumas das informações contidas nas obras de memorialistas, como Valladão (1942) e Casadei (1987), que defendiam o pioneirismo do Collegio Marianno. Essas comparações foram de suma importância na compreensão do *ethos* regional na qual o nosso objeto de estudo estava inserido.

As nossas fontes centrais de pesquisa foram os jornais, contudo, não poderíamos deixar de considerar as informações oficiais. Mesmo em pequeno número, os relatos governamentais nos ajudaram a compreender a percepção do Estado sobre a educação das meninas. Assim, a terceira e última parte do segundo capítulo foi intitulada “*Balanço da educação feminina particular (1866- 1908): os dados oficiais*”. Infelizmente, o governo da província (ou estado) de Minas Gerais não se demorou na coleta de dados sobre a educação particular ministrada para meninas. A limitação das informações oriundas dos documentos oficiais validou, uma vez mais, nossa escolha pelo uso dos jornais como fonte de pesquisa. De modo geral, a imprensa oferecia dados mais completos do que os disponibilizados pelo próprio poder público.

No terceiro capítulo, “*Collegio Marianno: origens, projetos e atuação. Como as meninas eram educadas? Quem eram os “Mariannos”?*”, melhor apresentamos o Collegio Mariano. Nosso intuito foi o de compreender a dinâmica do colégio. O capítulo é dividido em cinco partes. Na primeira delas, “*Origem e processo: qual a necessidade da criação de um colégio para as meninas?*”, quisemos entender a necessidade de criação de uma escola de meninas na cidade da Campanha.

A valorização de meninas “educadas”, nessa fase, estava intimamente ligada a duas questões centrais: a primeira diz respeito a possibilidade de mulheres educadas realizarem “melhores” casamentos, ou seja, uma filha com certo grau de educação poderia encontrar um marido em melhores condições sociais. A segunda questão se refere a uma educação em padrões cristãos. Uma moça temente a Deus, educada sob o catecismo católico, teoricamente, seria uma boa mãe, já que cabia às mulheres a retransmissão dos valores e dogmas do catolicismo.

Todavia, não há como compreender a criação, o funcionamento e os valores de um estabelecimento de instrução se não nos ocuparmos de seus responsáveis diretos. Para tanto, na segunda parte do terceiro capítulo, “*A família Marianno e sua relação com a educação, sociedade e política da Campanha: de alunos e professores família ligadas à educação. Bernardo José Marianno e sua atuação política, profissional e religiosa*”, fizemos um balanço da atuação na sociedade do único homem ligado ao colégio, Bernardo José Marianno, irmão das proprietárias, e constatamos que seu prestígio, muitas vezes, contribuiu para o sucesso do colégio. Homem ligado à política, à educação e à filantropia, a atuação de Bernardo Marianno foi constantemente destacada na Campanha. Não haveria a possibilidade de compreender o sucesso do colégio sem nos remetermos à figura de Bernardo.

Mapeamos também a atuação dos outros membros da família e sabemos que apenas uma das sete irmãs se casou. As outras irmãs se dedicaram basicamente ao colégio e à religiosidade.

Adiante, tentamos compreender e, em parte, apresentar algo da dinâmica de funcionamento do colégio.

Uma das nossas maiores dificuldades foi justamente compreender a dinâmica interna do colégio. As práticas pedagógicas e o cotidiano da sala de aula não puderam ser esclarecidos de todo pela pesquisa. Nas matérias dos jornais, buscamos possíveis pistas sobre a qualidade do ensino oferecido pelo colégio, de tal modo que se corroborasse a hipótese de que o Collegio Marianno foi o principal estabelecimento de ensino do sul de Minas no seu tempo. Essas considerações ocupam então a terceira parte do terceiro capítulo, “*Uma breve discussão: Aspectos teóricos que fundamentaram a prática pedagógica do Collegio Marianno: quais métodos seriam adotados?*”. No colégio, entre suas práticas pedagógicas, observamos a aplicação dos métodos lancasteriano e misto (INÁCIO, 2003). A constatação é importante, pois indica a circulação de ideias pedagógicas em Minas Gerais (FARIA FILHO, 2000).

Na quarta parte do terceiro capítulo, “*Collegio Marianno atuação pedagógica e curricular: uma história de quarenta anos analisada por trechos de jornais*”, mais demoradamente apresentamos a dinâmica interna do Collegio Marianno, com o auxílio das notícias vinculadas pela imprensa, sobretudo, pelo *Monitor Sul Mineiro*. Notícias sobre os primeiros exames, conteúdos ministrados, alunas que frequentavam o colégio, níveis organizacionais, dentre outras, foram analisadas. Elaboramos, ainda, diversas tabelas para nos ajudar a entender a organização do colégio.

Na construção do conhecimento histórico, não há como isolar o objeto analisado das relações sociais na qual está inserido. Assim, abordamos também a atuação do colégio em diferentes segmentos da sociedade. Nesse sentido, elaboramos a quinta parte do terceiro capítulo, “*Participação do Collegio Marianno na sociedade da Campanha: alunas, escola e a família. Circularidade e reflexões da dinâmica social.*”. Nessa última parte do capítulo, discorremos sobre a interação do colégio e da família Marianno com a sociedade da Campanha. Aspectos sociais, culturais e econômicos foram observados. Essa interação era intensa, auxiliou o projeto educativo para meninas da elite local oligarca e explica, em parte, a longevidade do estabelecimento de instrução.

No terceiro capítulo, caracterizamos o auge do Collegio Marianno. No quarto e último capítulo, fizemos outro caminho. O avanço da modernidade foi constante. Some-se a isso a necessidade da Igreja Católica de recuperar o espaço perdido ao longo do século XIX, e teremos a organização de uma sociedade pautada por uma modernidade conservadora. No quarto capítulo, então, intitulado, “*O século XX e o fim do Collegio Marianno: modificações sociais políticas e culturais. Atuação da Igreja e do Estado na educação feminina.*”, mostramos de que modo as mudanças políticas e religiosas afetaram o Collegio Marianno, colaborando vivamente para o encerramento de suas atividades.

Dividimos esse último capítulo em quatro partes. Na primeira delas, “*Igreja Católica e questões republicanas: projetos desconexos com pontos em comum.*”, referimo-nos a união da Igreja e das elites oligarcas da Campanha em prol da manutenção de certos valores, contrários aos ideais da modernidade. Para a Igreja, seria proveitoso instalar um colégio de meninas na cidade pólo do início do século XIX. Para a elite oligarca da Campanha, a vinda do colégio significava o avanço conservador desejado. Ou seja, a Igreja combate o avanço da modernidade transformando-se na significação do próprio avanço, mas a seu modo, em uma perspectiva conservadora, atendendo as demandas da elite local.

Na segunda parte do quarto capítulo, retomamos o tema da modernidade na Campanha. Já na metade do século XIX, novos hábitos, serviços, práticas e produtos se fazem sentir na Campanha. Para demonstrar o gradativo desenvolvimento da modernidade na cidade, a chegada da ferrovia, a criação de um teatro (Theatro São Candido), a constante relação da sociedade campanhense com o Rio de Janeiro, a construção de uma biblioteca para as mulheres etc, elaboramos então a segunda parte do capítulo, “*Avanços do progresso na Campanha durante as últimas décadas do século XIX: gradativa expansão e alguns pontos da modernidade*”.

A terceira parte do quarto capítulo, “*Novas configurações da educação na Campanha no início do século XX. A presença da política ultramontana: criação do Colégio do Sion.*”, volta ao tema da retomada da presença efetiva da Igreja Católica na região da Campanha. A busca pela manutenção de sua influência social se faz presente na chegada do Colégio Sion na cidade. A população da Campanha via a chegada desse novo estabelecimento de instrução de forma positiva, como algo ligado ao progresso e ao avanço. Embora ainda em funcionamento, o Collegio Marianno foi relegado a segundo plano. A cidade, cada vez mais, se consolidava, na região sul mineira, como pólo de referência econômica e cultural e, agora, também educacional.

Na última e quarta parte do quarto capítulo, “*A interferência do Poder Público na educação da Campanha: a consolidação de interesses e o fechamento do Collegio Marianno*”, discutimos os últimos momentos do Collegio Marianno, cujas atividades, provavelmente, findaram em 1907. Aqui, destacamos a atuação do poder público na educação, com a criação do Grupo Escolar. Mathilde Xavier Marianno, uma das proprietárias do Collegio Marianno, passa a lecionar no grupo escolar e o colégio da família é fechado.

Em nosso trabalho, então, buscamos mostrar que a fundação do Collegio Marianno foi fruto das demandas de seu tempo, e que o seu fechamento obedeceu uma lógica semelhante.

CAPÍTULO I:

1. ASPECTOS DO TRABALHO CIENTÍFICO: JORNAL COMO FONTE CENTRAL DO PROCESSO DE PESQUISA. DEBATES E REFLEXÕES À CERCA DA IMPRENSA NA PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA.

1.1 Da escolha do tema ao processo inicial da pesquisa: o gradativo entendimento do Collegio Marianno⁴ e os caminhos escolhidos para a pesquisa

A discussão sobre a construção de uma pesquisa em história sempre suscitou questões. Qual a maneira mais adequada de abordar seu objeto de pesquisa? Como deve o pesquisador elaborar o seu texto? Encontrar meios de análises e fontes é sempre um desafio para o historiador. Como afirma Julia (2001), “fazer flechas de qualquer graveto”, eis o que fizemos em nossa pesquisa. Transformar em conhecimento histórico uma simples informação exige um exercício constante de reflexão teórica e metodológica.

Essas considerações iniciais são necessárias diante de nosso objeto de pesquisa. Nosso trabalho tem como objeto o Collegio Marianno⁵. O colégio funcionou na Campanha - MG, aproximadamente entre 1867 e 1907⁶, e foi criado única e exclusivamente para a instrução de meninas⁷. Merece destaque o fato de a escola ser oriunda da iniciativa privada. Apesar de sua longa existência, o colégio é de forma recorrente esquecido pela historiografia da educação sul mineira, suscitando nosso interesse inicial pelo tema.

Sobre uma escola feminina, de cunho particular, com longa duração, dirigida por mulheres, em Minas Gerais, não localizamos quaisquer estudos específicos. Qual a razão desta ausência? Esse tipo de educação teria se dado somente na cidade da Campanha? A resposta é simples: não. Outras escolas, de configuração semelhante, existiram em várias cidades do sul de Minas. Todavia, também estas outras escolas, tal como o Collegio Marianno, estabelecimentos de instrução particulares, raramente são objetos de estudo nas

⁴ Optamos por manter a grafia original das palavras durante todo o texto e nas citações.

⁵ O nome do colégio, “Collegio Marianno”, se refere ao sobrenome dos seus proprietários e não a uma ligação a qualquer organização religiosa.

⁶ Ao longo do texto, indicaremos os motivos pelos quais adotamos essas datas como nosso recorte temporal.

⁷ Durante nossa pesquisa, não encontramos quaisquer referências que negassem a pertinência dessas considerações. Nas listas de avaliações, apenas meninas foram mencionadas.

pesquisas sobre a educação sul mineira do século XIX. Logo, podemos concluir que a historiografia não se ocupou deste tipo de objeto. Este silêncio da historiografia, no entanto, parece poder ser explicado. Levando em conta a bibliografia levantada sobre o assunto, duas seriam as principais causas do silêncio. Primeira, as dificuldades relacionadas às fontes de pesquisa disponíveis sobre essas escolas, isto é, a inexistência de uma documentação oficial, não teria atraído os pesquisadores. O processo de descoberta de fontes sobre o tema, assim como o acesso a elas, é moroso e complexo. E, segunda, há que se considerar a consequente dificuldade metodológica decorrente do trabalho com fontes não oficiais. Trabalhar com fontes alternativas exige significativo lastro teórico do pesquisador.

De qualquer modo, sabemos também que, em 1990, Warde se referia à história da educação como um campo em constituição. Embora muito se tenha avançado nesses últimos 25 anos, muitos temas e categorias de análise ainda se encontram em construção.

No caso específico do Collegio Marianno, os estudos são parcos e superficiais. De modo geral, não encontramos pesquisas ocupadas em compreender a importância dos colégios particulares, dirigidos por pessoas leigas, voltados para a educação feminina, na região do sul de Minas Gerais, durante o século XIX⁸. Foi na leitura dos textos de Valladão (1942), Filgueiras (1973), Morais (1991) e Lage (2007) que soubemos da existência do colégio. Portanto, esses textos foram valiosos na elaboração de nossa pesquisa, já que sem eles não teríamos conhecimento da existência do Collegio Marianno e, por conseguinte, de sua importância na educação da região sul mineira. Porém, esses trabalhos não tinham por foco, especificamente, o Collegio Marianno. E se, no desenvolvimento deste capítulo, não deixaremos de apresentar as contribuições desses autores, aqui, porém, interessa destacar que essa lacuna na historiografia auxiliou no esquecimento de vários outros estabelecimentos de instrução que existiram por toda a região do sul de Minas Gerais.

Fato é, contudo, que as informações contidas nos textos citados aguçaram nossa curiosidade. Queríamos melhor compreender esse processo de silenciamento. Perguntávamos pelos motivos que fizeram com que um estabelecimento de ensino que perdurou quarenta anos na cidade mais importante do sul de Minas Gerais caísse em esquecimento. Igualmente, desejávamos obter novas informações sobre esse colégio particular dirigido por mulheres⁹, de

⁸ No decorrer do texto, apresentaremos os trabalhos encontrados ligados à educação feminina do sul de Minas. Antecipadamente, deixamos claro que esses trabalhos abarcam a educação realizada pela Igreja Católica e as iniciativas do governo provincial.

⁹ O Collegio Marianno foi fundado e dirigido apenas pelas irmãs da família Marianno. Eram sete irmãs, que dirigiram o colégio e nele lecionaram. Adiante, as caracterizaremos e faremos considerações sobre sua atuação no colégio e na sociedade campanhense do século XIX.

grande prestígio na região sul mineira¹⁰, com quarenta anos de duração. Interessávamo-nos por seu funcionamento, apogeu e decadência. Algumas perguntas, então, se sucederam. Quem eram essas pessoas, os dirigentes do colégio? Como viam a educação das mulheres da região da Campanha? Como a escola se organizava? Quais matérias eram lecionadas? Quem eram os professores (as)? Como a sua organização influenciou a cidade da Campanha? Quais valores culturais eram ensinados? Como as tramas da política local interferiam no cotidiano do colégio? Qual o grupo social atendido pelo colégio? Qual era a relação do colégio com Igreja? Quais orientações comportamentais e morais eram transmitidas às alunas? Como era a metodologia de ensino? Quem eram as alunas? De onde vinham? Qual o valor das mensalidades? Que tipo de ensino era oferecido? Qual a relação das proprietárias da escola com a sociedade campanhense? Por que os pais das alunas permitiam que elas fossem internas no colégio? Como foi o processo de sua fundação? Qual sua fase de esplendor? Quais as razões de sua decadência e as do encerramento de suas atividades?

Assim, para tentar responder a essas questões, ou, ao menos, a algumas delas, propusemo-nos a investigar a instituição em nossa pesquisa de doutorado. Durante as pesquisas iniciais, o objeto de estudo delineou-se. Passamos, então, a nos ocupar em melhor nos apropriar e discutir o pouco material bibliográfico já produzido sobre o colégio; em aprofundar nossos estudos em historiografia, assim como a investigação sobre as fontes que seriam utilizadas.

Definidos os parâmetros iniciais da pesquisa, dedicamo-nos a próxima etapa do trabalho: elaboração do projeto. Para tanto, era necessário compreender o contexto histórico-social que seria analisado. Em consonância com Kuhlmann Jr.(2010), preocupamo-nos em compreender o colégio não como se isolado da sociedade. Entendemos que a escola “não seria apenas uma peça do cenário, subordinada a uma determinada contextualização política ou socioeconômica, mas elemento constitutivo da história da produção e reprodução da vida social” (KUHLMANN JR., 2010, p. 15). Logo, se a escola reflete algo do macrocosmo social no qual está inserida, também acaba por deixar suas marcas nesse mesmo contexto.

Por isso, não há como negar que, se as transformações pelas quais o país passava no período se faziam sentir em Minas Gerais e na Campanha, também eram sentidas no Collegio Marianno, inserindo-o no contexto histórico do final do século XIX e do início do século XX. O colégio não era, portanto, imune ao que ocorria na sociedade brasileira do período. Apesar de óbvia, essa afirmação indica um possível caminho para a compreensão do modo como as

¹⁰ Informações extraídas do Jornal *Monitor Sul Mineiro*. Retomaremos, oportunamente, o tema sobre o modo como os jornais da época se referiam ao Collegio Marianno.

tensões, os conflitos e as discussões de projetos de poder e de sociedade presentes no país influenciaram a organização de nossos estabelecimentos de ensino. Por certo, não buscamos relações diretas entre a proclamação da República e o desenvolvimento das escolas. Apenas salientamos que as mudanças na estrutura estatal brasileira, de alguma maneira, alcançaram também o Collegio Marianno.

O final do século XIX e o início do século XX demarcaram um período em que a infância e a sua educação integraram os discursos sobre a edificação dessa sociedade moderna. São parte do modelo geral referencial das instituições e da estrutura do Estado para uma nação *avançada*, que se difunde no processo de transformação mundial ocorrido durante a *Era dos Impérios*, assim denominada por Eric Hobsbawm (1988:41), para o período de 1870 a 1914. (KUHLMANN JR., 2002, p. 465)

Levando em conta essas considerações, tentamos compreender a posição ocupada pelo colégio na região sul mineira. Passamos assim a organizar o processo de pesquisa. O primeiro passo para o andamento do nosso trabalho foi localizar possíveis fontes que pudessem subsidiar a pesquisa.

Em razão do longo período de existência do colégio, pensávamos que sobre ele haveria muitos registros: ata de fundação, registro perante o governo da província, livros de matrícula, documentos escolares das alunas, diários dos professores, livros de atas de reuniões e, talvez, algum tipo de material didático utilizado no cotidiano escolar. A primeira dificuldade, portanto, consistia em determinar se havia alguma documentação sobre o colégio. Caso existisse, seria necessário localizá-la e então analisá-la.

O prédio onde o Collegio Marianno funcionou durante toda a sua existência foi demolido¹¹. Assim, não sabíamos ao certo o paradeiro dos documentos. Encontrar a documentação era imprescindível para o desenvolvimento da pesquisa. Mas desconhecíamos, em absoluto, a localização dos registros do colégio.

Em uma edição de 1875¹², do Jornal *O Monarchista*, encontramos um regulamento para o funcionamento das escolas particulares na província de Minas Gerais. Esse regulamento tinha o seguinte artigo como central:

¹¹ Não sabemos a data da demolição. A partir das fotografias encontradas, que serão anexadas, identificamos a localização do prédio do Collegio Marianno. Atualmente, a edificação existente pertence à CEMIG - Companhia de Energética de Minas Gerais, cujo endereço é Praça Dom Ferrão Centro, Campanha- MG.

¹² Devido a ausência de fontes oficiais, passamos a utilizar os jornais da cidade da Campanha e de toda a região. No próximo tópico, discutiremos de forma mais detalhada a utilização dos periódicos como nossa principal fonte de pesquisa. Na verdade, os jornais se apresentaram como último recurso na obtenção de informações sobre o Collegio Marianno.

Art. 60. Para a abertura de collegio ou de qualquer estabelecimento de instrucção, o director, nacional ou estrangeiro, além das outras condições do artigo antecedente, justificará idade maior de 25 annos e declarará:

§1º O programma dos estudos e o regulamento ou estatutos de seu estabelecimento.

§ 2º A localidade, commodos e situação da casa onde tem de ser fundado.

§ 3º Os nomes e habilitações legais dos professores, que tem de empregar.

O inspector geral dará instrucções, sob a approvação do presidente da provincia, a respeito da maneira por que deve ser provada a capacidade dos directores, segundo a importancia de seus estabelecimentos. (*O Monarchista*, 21/02/1875, p. 4)

Mesmo sabendo que a fundação do Collegio Marianno teria se dado antes de 1875, considerávamos que, caso o regulamento tivesse sido aplicado, encontraríamos dados sobre o Collegio Marianno oriundos do governo provincial. Em consulta ao site do *Arquivo Público Mineiro*, em Belo Horizonte, identificamos várias caixas com documentos referentes ao sul de Minas e à cidade da Campanha. Ademais, o período cronológico dos documentos contemplava justamente o do funcionamento do colégio. A possibilidade de encontrar algum documento oficial referente ao colégio então se colocava no horizonte.

Mas constatamos que no *Arquivo Público Mineiro* não havia nenhum documento sobre as escolas particulares da Campanha durante o período estudado. Diante do insucesso, seriam necessárias novas buscas, em outros arquivos. Na realidade, a questão fundamental passou a ser a busca por fontes alternativas para a realização do trabalho.

A decisiva questão das fontes emergia como problema, o qual Julia contornava sugerindo a capacidade do historiador para fazer flecha com qualquer graveto e lembrando o inusitado das surpresas dos arquivos, reveladas apenas àqueles que se deixam sensibilizar por novos objetos, a despeito de reconhecer as dificuldades inerentes a uma investigação (...). (VIDAL, 2005, p. 25)

Perguntas surgiram. O governo da província haveria realizado algum tipo de fiscalização nessas escolas? A questão pode parecer sem importância, mas, para a construção dos Relatórios de Província¹³, no que se refere à educação, seria necessária a coleta de dados sobre as escolas em Minas Gerais. Concentramo-nos, então, na análise dos relatórios.

¹³ Esses relatórios eram anuais e faziam um balanço geral da situação da província em vários setores. Dados referentes à produção de gado ou, mesmo, ao número de alunos nas escolas eram registrados. Mas, mesmo nesses relatórios, não há nenhum tipo de referência direta ao funcionamento do Collegio Marianno. Posteriormente, voltaremos a análise dos Relatórios de Províncias de Minas Gerais.

Felizmente, esses documentos estão digitalizados e disponíveis no site da *Center for Research Libraries- Global Resources Network*¹⁴, EUA. Logo, tivemos acesso a toda a documentação elaborada pelo governo de Minas Gerais, relativo ao período pesquisado. Analisamos os relatórios produzidos entre 1867 e 1907¹⁵, anos hipotéticos da existência do Collegio Marianno.

A definição do período de existência do colégio, contudo, sofreu alterações, no decorrer da pesquisa. Os autores antes mencionados adotaram o ano de 1870 como marco inicial das atividades do Collegio Marianno. No início de nossa pesquisa, concordávamos com a data. Porém, um novo dado mereceu nossa atenção, fazendo-nos considerar que o início das atividades do colégio poderia ser retrocedido em três anos. Durante nosso trabalho no *Centro de Memórias Monsenhor Lefort*, encontramos, no *Jornal Monitor Sul Mineiro*¹⁶, uma matéria jornalística que mudou os rumos do nosso trabalho, obrigando-nos a reavaliar nossas fontes e métodos de pesquisa.

Uma notícia sobre o exame das alunas refutou a data inicialmente suposta de fundação do Collegio Marianno. A notícia dizia o seguinte:

Collegio Marianno. – Neste conceituado estabelecimento de ensino, mantido nesta cidade há 26 annos com o mais invejável zelo e distincção, pela Exma Sra. D. Francisca Candida Marianno e suas dignas e virtuosas irmãs, realizarão-se a 29 do passado os exames das alumnas, mostrando todas ellas grande aproveitamento em todas as matérias estudadas, respondendo com desembaraço e intelligencia as questões propostas pelos examinadores, satisfazendo assim a ellas e aos assistentes e deixando em todos a mais grata impressão pelas provas que derão da instrucção que lhes foi ministrada por suas dedicadas educadoras. (*Monitor Sul Mineiro*, 01/05/1893, p. 2)

Não temos como confirmar a informação, mas também não podemos dispensá-la. A notícia é de 1893 e menciona que o Collegio Marianno existia há 26 anos. Se assim era, o colégio teria sido fundado em 1867, e não em 1870. Voltemos, entretanto, às considerações sobre os relatórios de província. No grande volume de documentação disponível, não identificamos quaisquer registros diretos ao Collegio Marianno. Constavam, por vezes, referências à escolas particulares, porém, não especificamente ao Collegio Marianno. Nos relatórios, tabelas indicam a existência de ensino privado em toda a província de Minas

¹⁴ O endereço do site é: <http://www.crl.edu>.

¹⁵ Analisamos os relatórios datados até 1908 em busca de eventuais informações sobre o fim do colégio.

¹⁶ Eis nossa principal fonte pesquisa.

Gerais. Na Campanha, não era diferente. Contudo, não há registros sobre quais sejam esses estabelecimentos, se para meninos, se para meninas, se de co-educação¹⁷.

As informações mais robustas eram relativas às escolas públicas da província. Não sabíamos então se encontraríamos quaisquer documentos sobre o Collegio Marianno. A solução foi mesmo considerar fontes alternativas de pesquisa. Quais seriam, porém, essas fontes? E, onde encontrá-las? O caminho que nos parecia mais proveitoso era o de voltar nossas buscas para a cidade onde o Collegio Marianno funcionou. E assim fizemos.

Na Campanha, alguns locais ofereciam a possibilidade para a identificação de alguma fonte de pesquisa. Iniciamos nossa busca pelo centro de memória da Universidade do Estado de Minas Gerais, Campus-Campanha (atualmente, Faculdades Integradas Paiva Vilhena). O arquivo da faculdade conta com grande acervo de processos judiciais do século XVIII ao século XX, inventários da Campanha, e de toda região, e ampla documentação referente à escravidão no sul de Minas. Analisamos esses inventários. Suspeitávamos que a possibilidade de encontrarmos algo sobre o Collegio Marianno era pequena e, ao fim, a suspeita se confirmou.

Nesse arquivo, contudo, tomamos ciência de documentos relativos ao Colégio Nossa Senhora do Sion. Esse colégio foi fundado em 1904 (LAGE, 2007) e funcionou até o final da década de 60. No arquivo, existem materiais como livros de matrículas da primeira turma do Colégio Nossa Senhora do Sion, manuais de regras internas, jornais que circularam na escola. O material foi de grande valia para nossa pesquisa. Todavia, sobre o Collegio Marianno nada tínhamos.

Ainda nesse mesmo arquivo, tivemos contato com um CD-ROM, intitulado *Campanha da Princesa: guia de fontes para História do Sul de Minas*¹⁸, um guia de fontes, elaborado entre 1998 e 2000. A partir do uso dessa nova ferramenta, identificamos a localização dos documentos sobre a Campanha e região. Em síntese, fazem parte desse guia de fontes os catálogos analíticos dos seguintes acervos: *Cúria Diocesana da Campanha* (1723-1998), *Casa Paroquial da Campanha* (1854-1997), *Centro de Estudos Campanhenses Monsenhor Lefort* (1795-1967), *Santa Casa de Misericórdia da Campanha* (1856-1988), *Acervos Cartoriais da Campanha* (1802-1909) e *Centro de Memória Cultural do Sul de Minas* (1768-1982) (ANDRADE, 2001).

¹⁷ Formato de escola na qual meninos e meninas dividem o mesmo espaço e, em alguns casos, a mesma sala de aula.

¹⁸ Guia elaborado pela Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG, em parceria com a Fundação de Ensino Superior de São João Del-Rei – FUNREI (atual Universidade Federal de São João Del-rei), com o financiamento da FAPEMIG – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais.

Seguimos, portanto, com nossas buscas. No arquivo do bispado da Campanha, pretendíamos encontrar informações sobre as possíveis participações do Collegio Marianno nos eventos religiosos da cidade. Não procurávamos dados pessoais sobre as proprietárias do colégio¹⁹. Na casa paroquial, existiam documentos como livros de batismo e casamento. Na *Santa Casa de Misericórdia da Campanha* (1856-1988), a documentação se limitava à prontuários e receitas de época. Mais uma vez, portanto, não havia nada que efetivamente nos interessasse. Os *Acervos Cartoriais da Campanha* (1802-1909) e o *Centro de Memória Cultural do Sul de Minas* (1768-1982) estavam alocados na Universidade, nos quais, como dissemos, nada havia sobre nosso objeto de pesquisa. Os documentos ali encontrados poderiam ser importantes somente ao analisarmos o processo de decadência do Collegio Marianno e de fortalecimento do Colégio Nossa Senhora do Sion.

Restava-nos o *Centro de Estudos Campanhenses Monsenhor Lefort*, que conta com uma vasta documentação sobre os anos de 1795 a 1967. Em nosso primeiro contato com o Centro de Estudo, deparamo-nos com uma grande quantidade de material para pesquisa, biblioteca, revistas, livros, fotos, recortes, mapas, jornais, dentre outros. Para análise, selecionamos os materiais em função do recorte cronológico inicialmente traçado, entre 1870 e 1908.

Finalmente, encontramos referências sobre a existência e o funcionamento do Collegio Marianno. Neste arquivo, identificamos livros de memorialistas e materiais da imprensa da cidade que faziam alusão ao colégio. Claro, não era muito ainda. Cada um dos livros dos memorialistas não continha mais de 10 páginas sobre o colégio. Faziam referência ao Collegio Mariano os seguintes autores: Valladão (1942), Filgueiras (1973), Morais (1991).

Em seu texto, Valladão (1942) descreve a possível estrutura do Collegio Marianno. Cita os nomes das proprietárias, as disciplinas ofertadas, o número de alunas que passaram pelo colégio. Contudo, os dados trazidos por Valladão não podem ser considerados absolutamente fidedignos. Valladão não indica, por exemplo, quais tenham sido as fontes utilizadas para identificar que disciplinas o colégio ofertava — as quais, com o passar do tempo, sofrerão várias alterações, adiante discutidas. Contudo, o maior problema encontrado diz respeito ao número de alunas. No seu texto, Valladão menciona que um total de 169 alunas estavam matriculadas no colégio, mais uma vez, sem indicar a fonte da qual a informação foi obtida. Em que pese os limites do texto, a obra de Valladão ofereceu contribuições significativas para o seguimento da tarefa de pesquisar o Collegio Marianno.

¹⁹ Adiante, indicaremos como a morte dos membros da família Marianno influenciaram o desenvolvimento do colégio. A relação entre o colégio e a Igreja é referida no *Monitor Sul Mineiro* e na *Campanha*.

Outro memorialista, Filgueiras (1973), apresenta-nos apenas dois parágrafos sobre o Collegio Marianno. Cita sua existência, o nome das proprietárias e as disciplinas ofertadas. Filgueiras segue a mesma linha de raciocínio de Valladão. E, embora seu texto pouco fale sobre o Collegio Marianno, ao mencioná-lo, coloca-o novamente em evidência na região do sul de Minas.

Por fim, o último memorialista a citar o Collegio Marianno é Morais (1991), cuja perspectiva sobre o colégio é distinta dos demais memorialistas. Na verdade, Morais elaborou um livro de contos e “causos” da cidade da Campanha. Sobre o colégio, menciona breve e ligeiramente sua organização. Concentra-se em contar uma estória sobre D. Francisca Candido Marianno, proprietária e diretora da escola, que teria demonstrado galhardia ao enfrentar um boi que tentou invadir o colégio. Não há referências às fontes que atestem a veracidade da estória. A contribuição de maior valor contida no texto de Morais diz respeito as imagens do prédio onde funcionou o Collegio Marianno; as primeiras a que tivemos acesso. A foto abaixo, por exemplo, foi de suma importância na confirmação a localização do estabelecimento de instrução.



Foto do Collegio Marianno. Fonte: Morais, 1991, p. 16.

Após algum tempo de trabalho no arquivo, encontramos o *Almanach Sul-Mineiro* de 1874. Esse novo documento acrescentou poucas informações sobre nosso objeto de estudo. No geral, o almanaque faz alusão a todos os estabelecimentos comerciais existentes na região sul - mineira, no início dos setenta do século XIX. Mas a primeira informação efetiva sobre o colégio encontramos no *Almanach*. Segue-se: “Instrução particular. Collegio de Meninas. Directora e professora, D. Francisca Candido Marianno” (VEIGA, 1874, p. 79). Podíamos dizer, agora, enfim, que havia provas materiais da existência do colégio.

No entanto, precisávamos de outros elementos para subsidiar nosso trabalho. Não havia trabalhos acadêmicos sobre o assunto. Não havíamos encontrado documentação oficial sobre o Collegio Marianno. A solução foi trabalhar com documentos (fontes) cronologicamente contemporâneos ao nosso objeto de estudo, no caso, os jornais. Estes eram a nossa última possibilidade de seguir com a pesquisa.

No *Centro de Estudo*, há jornais que datam a partir da segunda metade do século XIX. Trabalhamos com edições de jornais publicados entre os anos de 1866 e 1915²⁰. A escolha de nossa fonte de pesquisa se deu por uma razão simples, isto é, era o único material disponível com registros sobre o Collegio Marianno. Dos gravetos, tínhamos de fazer as flechas. Trabalhar com essa documentação implicou em risco permanente. Lidávamos rotineiramente com as intencionalidades e imprecisões presentes nos jornais, como também com sucessivas edições nas quais não constavam quaisquer informações sobre o nosso objeto de pesquisa.

Por múltiplas razões, uma fonte pode ser portadora de erros, enganos, interpolações, falsificações, observações imprecisas de fatos, falta de habilidade e/ou negligência em sua exposição, alterações provocadas por interesses, ideologias e/ou paixão nas suas mais variadas manifestações. (BERRIO *apud* MELO, 2010, p. 18)

Os jornais pesquisados são os seguintes: *A Campanha (1901-1915)*, *A Consolidação (1896-1897)*, *A Penna (1902)*, *Arrebenta (1909)**, *Gazeta Sul Mineira (1885-1888)*²¹*, *Minas do Sul (1892)*, *Monitor Sul Mineiro (1872-1915)*, *Novo Horizonte (1905)*, *O Conservador (1871)*, *O Monarchista (1875-1876)*, *O Sapucahy (1865-1876)* e *O Sexo Feminino (1873-*

²⁰ Nosso recorte cronológico foi definido tendo em vista ampliarmos as possibilidades no recolhimento de informações relevantes sobre nosso objeto de estudos. Para isso, escolhemos como ano de início do nosso recorte cronológico o ano anterior à provável fundação do Collegio Marianno, 1866, e, como ano final, o da morte de Francisca Candido Marianno, 1915.

²¹ Os jornais com asterisco foram analisados em sua totalidade, contudo, não apresentaram quaisquer dados significativos para nossa pesquisa.

1874)²². Definidas as nossas fontes centrais de pesquisa, era necessário ainda saber como utilizá-las. Nosso trabalho, assim, é construído a partir dos materiais relativos à imprensa da Campanha. Esforçamo-nos por usar esses materiais de maneira adequada, ainda que problemas interpretativos possam estar presentes. De qualquer modo, fazer e escrever a história é, enfim, usar aquilo que foi produzido pelo homem.

As únicas ciências autênticas são aquelas que conseguem estabelecer ligações explicativas entre os fenômenos." A história portanto, para ter seu lugar entre as ciências, deve propor, "em lugar de uma simples enumeração,... uma classificação racional e uma progressiva inteligibilidade (BLOCH, 2002, p.20).

²² No decorrer do texto, apresentaremos os jornais utilizados. Doze periódicos foram analisados, mas apenas dois deles apresentam contribuições sistemáticas para nossa pesquisa: *O Monitor Sul Mineiro* e *A Campanha*. Há casos de jornais, como o de *A Penna*, com apenas um único número.

1.2 Os jornais como fontes históricas: como utilizá-los?

O uso dos jornais como fonte de pesquisa tem ganhado espaço na historiografia. Assim, a discussão sobre a pertinência da utilização desse tipo de documento se faz necessária, evitando que o pesquisador tome as informações nele obtidas por absolutamente verdadeiras ou precisas.

Nossa pesquisa, subsidiada por jornais, exigiu cuidado na coleta e na utilização dos dados encontrados. Embora intencional e parcial, o jornal ainda é uma das principais fontes históricas para a compreensão de determinado tempo e de uma determinada sociedade. Esse documento capta o momento no qual a sociedade está inserida.

A cidade da Campanha, em função de sua pujança econômica e cultural, dispunha de vários periódicos durante os séculos XIX e XX. Estes periódicos, no geral jornais, são os únicos documentos que, de alguma forma, registraram o cotidiano da sociedade campanhense ao longo desses anos. A questão educacional foi também registrada. Coube-nos pesquisá-los e extrair o máximo de informações possíveis sobre nosso objeto de estudo.

Não ignoramos que esses jornais foram editados em um determinado momento histórico. Encontrar o equilíbrio entre a forma como determinada matéria foi escrita e como utilizaremos a informação disponibilizada foi um desafio.

A utilização da imprensa como fonte histórica já foi questionada. Um dos seus maiores críticos foi Althusser (1998). Para ele, a imprensa faria parte do aparelho ideológico do Estado, desqualificando-a como fonte de pesquisa. A imprensa, como a escola, a igreja, a religião, a família, seria uma instituição intrinsecamente ideologizada, por isso apenas é transmissora de valores das classes sociais dominantes e, por consequência, do Estado. Os jornais veiculam apenas aquilo que seria de seu interesse. Se assim também pensássemos, a realização de nosso trabalho seria impossível. Os jornais seriam simples meios de difusão de ideias de um determinado grupo social.

Certamente, seria ingenuidade ignorar que os conteúdos da imprensa são marcados por interesses de classe, afinal, “documento algum é neutro, e sempre carrega consigo a opinião da pessoa e/ou órgão que o escreveu.” (BACELLAR, 2006, p.63).

Mas cabe ao pesquisador saber selecionar as informações encontradas e sobre elas ponderar. Construir a história a partir de fontes variadas é, afinal, uma das tarefas do historiador. Há que considerar as origens das fontes e, no caso dos jornais, as filiações políticas, religiosas e sociais do grupo que os produziu.

É difícil encontrar um outro *corpus* documental que traduza com tanta riqueza os debates, os anseios, as desilusões e as utopias que têm marcado o projeto educativo nos últimos dois séculos. Todos os atores estão presentes nos jornais e revistas: os professores, os alunos, os pais, os políticos, as comunidades (...). (NOVOA *apud* BASTOS, 2002, p. 169)

A utilização dos jornais como fonte para o trabalho historiográfico decorre das mudanças que se processaram no que diz respeito à compreensão do que seja um documento histórico (LE GOFF, 2003; BLOCH, 2002).

A imprensa representou, e representa o porta voz dos projetos sociais do grupo que a detinha. De maneira geral, o que se publicou obedecia a uma lógica defendida pelo grupo proprietário desse órgão de informação. Ressalvadas essas especificidades, o conteúdo dos jornais pode ser utilizado na construção da pesquisa histórica. Como os documentos sobre o Collegio Marianno²³ se perderam, a única forma de compreender algo da dinâmica do colégio é mapear, por meio da imprensa, a inserção do estabelecimento na sociedade do seu tempo. Os jornais nos deixaram como herança a possibilidade de retomar algo sobre o passado: “sem a preservação dessa memória não há possibilidade de rastrear os sinais e as pegadas que o pensamento educacional brasileiro trilhou no século XX.” (CARVALHO, 2002, p. 68).

Por isso fica evidente que “o interesse em se estudar periódicos para a realização de análises históricas reside na possibilidade da leitura de manifestações contemporâneas aos acontecimentos.” (VIDAL & CAMARGO, 1992, p. 408). Os relatos nos jornais, ainda que tímidos, sobre o cotidiano escolar são um instrumento singular na construção histórica. Se nossa pesquisa foi construída a partir de excertos de jornais, pudemos também compreender algo da sociedade da Campanha. Claramente, nos concentramos nas relações entre a educação e a cidade.

Vê-se, assim, que a utilização da imprensa, como objeto de análise, em muito enriquece a observação histórica, principalmente no que concerne à educação: normalmente a imprensa é utilizada apenas como um recurso complementar, porém, nos últimos anos vem contribuindo sobremaneira para novos estudos ligados ao campo educacional. (CARVALHO, 2002, p. 72)

É importante salientar que a pesquisa com o uso do jornal remete-nos à questões, na maioria das vezes, não explícitas no texto. Ao dizermos que a produção desses jornais é carregada de parcialidade, afirmamos que o jornal possui um objetivo, transmitir uma certa

²³ Ao longo do texto, mostraremos a gradativa extinção da família Marianno. Por ora, é necessário apenas dizer que não encontramos nenhum parente próximo a eles na cidade da Campanha.

ideia ao seus leitores. Um exemplo claro se refere à filiação políticas dos jornais. Em muitos casos, o projeto político defendido pelo grupo detentor do veículo de informação é evidente nas páginas do jornal. Ao longo do texto, apresentaremos exemplos de jornais que se definem como monarquistas ou republicanos.

Durante as leituras dos jornais, a linha editorial por eles adotada se torna mais visível. Por vezes, é possível perceber que a notícia pretendia alcançar um determinado grupo; outras vezes, nota-se o incentivo à adesão a certos valores, regras, normas, formas de conduta e projetos. Nesse sentido, a imprensa tem uma função pedagógica e educativa. Percebe-se que entre os principais objetivos desses jornais estava a divulgação de projetos políticos e a introjeção de normas de conduta e comportamento nos diferentes grupos sociais. Jinzenji (2008) tematiza a questão com clareza. Segundo a autora:

A sociedade idealizada, possível de se apreender por esse conjunto de discursos, seria constituída por mulheres e homens virtuosos, cujas balizas que condicionavam seus valores e comportamentos seriam resultante do equilíbrio de forças formado pelos valores morais cristãos e políticos. (JINZENJI, 2008, p. 189)

As notícias, como os demais elementos do jornal, são elaborados de acordo com os projetos político-sociais dos seus grupos dirigentes. Portanto, o periódico, então a forma mais eficiente de disseminar as informações, também se insere em um certo contexto econômico, político, filosófico e cultural. O *Monitor Sul Mineiro*, por exemplo, foi o maior difusor de informação na Campanha. Como sugere o nome no jornal, seu objetivo era monitorar toda a sociedade sul mineira, alcançando grande importância na circulação das ideias na sociedade. Diferentemente de hoje, no século XIX, os jornais não podem ser caracterizados como empresas de comunicação, mas seus proprietários e dirigentes tinham objetivos a cumprir. Pode-se dizer que, na verdade, os jornais possuíam uma função panfletária relativamente aos projetos político-sociais de seus proprietários.

Imaginamos que a história é a experiência humana e que esta experiência, por ser contraditória, não tem um sentido único, homogêneo, linear, nem um único significado. Desta forma, fazer história como conhecimento e como vivência é recuperar a ação dos diferentes grupos que nela atuam, procurando entender por que o processo tomou um dado rumo e não outro; significa resgatar as injunções que permitiram a concretização de uma possibilidade e não de outras. (VIEIRA, 1995, p. 11)

Assim, constituindo veículos de divulgação de informações, principalmente, os jornais, os “homens da imprensa” podiam propagar suas ideias, valores e propostas políticas e sociais. Além do mais, diante dos ideais do progresso e da modernidade²⁴, o jornal ganha cada vez mais importância na segunda metade do século XIX. Nos jornais, seus proprietários não se limitavam a noticiar fatos locais, mas noticiavam também os conflitos internacionais e, ainda, como dissemos, expunham os valores e costumes que defendiam.

Os “homens de imprensa” assumiam, assim, um papel amplo de representação da civilização moderna. A eles competia traçar os contornos do progresso: o que era e o que não, como poderia ser implementado no Brasil, qual o tipo de comportamento adequado, que hábitos precisavam ser abandonados, quem estava dentro e quem estava fora, e o que se deveria fazer a respeito. O papel era amplo, em dois sentidos – primeiro, porque duplo, já que a imprensa era ao mesmo tempo, símbolo e guardiã do progresso; segundo, porque o mandato (auto) conferido às redações abarcava toda e qualquer esfera da vida, da política econômica do Estado às minúcias da vida privada. Aos homens de imprensa cabia, pois, educar a população – elites, inclusive – a viver sob os preceitos da ordem e do progresso. (GOODWIN, JR. 2012, p. 4)

Durante o século XIX, a estrutura dos jornais permitia a publicação de diferentes tipos de informações e de notícias, publicava-se de contos literários à cobertura de conflitos bélicos na Europa²⁵. Embora, muitas vezes, destinados para determinados grupos²⁶, sua circulação era mais ampla, e o seu conteúdo possuía mesmo um caráter formativo. Suas notícias e editoriais podiam ser compreendidos como vozes educativas. Seus proprietários queriam estabelecer a ordem política e social na qual acreditavam. Temos de salientar que, nesse momento, a Igreja Católica era uma das responsáveis por ditar as regras de conduta social, as quais estavam também presentes nos jornais e deveriam ser seguidas de forma inquestionável.

O processo de divulgação e de legitimação dos ideais defendidos tanto pelos “homens de imprensa”, quanto pela Igreja aponta para a influência desses ideais no *ethos* social. Os jornais, aliados à Igreja, apresentam-se como baluartes dos “bons costumes”. Assim, o que se

²⁴ Iremos adotar o seguinte conceito de modernidade: “A modernidade é um processo histórico- cultural complexo, não linear, que designa, sobretudo uma mudança de atitude do homem frente ao mundo e frente a si mesmo.” (PASSOS, 2005, p. 52). Neste momento, não faremos um debate específico sobre os ecos da modernidade na Campanha. Queremos apenas destacar que, gradativamente, deixa-se de lado uma concepção cosmológica do homem e do mundo, adotando-se uma concepção antropológica do homem e do mundo (PASSOS, 2005, p. 53-54). Abordaremos, adiante, algo dessas transformações na sociedade brasileira e na Campanha.

²⁵ No nosso caso específico, usamos como base de apoio para a pesquisa o Jornal *Monitor Sul Mineiro*, que começou a circular na Campanha em 1872. Posteriormente, explicaremos a escolha deste jornal e sua relação direta com a sociedade da Campanha no final do século XIX e início do século XX.

²⁶ Um dos melhores exemplos que podemos citar é o jornal *Sexo Feminino*, criado na Campanha em 1874 e voltado para mulheres.

publicava, de maneira geral, corroborava o significado da ordem estabelecida pelos grupos hegemônicos da imprensa e, por conseguinte, da sociedade.

(...) porque “ideais” e conceitos as preocupações especializadas dos “intelectuais” no sentido moderno- são tanto produzidos quanto reproduzidos dentro da estrutura social e cultural global, por vezes diretamente como idéias e conceitos, mas também, de modo mais amplo, na forma de instituições religiosas e culturais, modalidades de trabalho e desempenho: na verdade, no sistema de significações como um todo e no sistema que ele exprime. (WILLIAMS, 1992, p. 215)

Aspectos políticos também estavam em foco. De modo geral, grande parte do debate político brasileiro, como também o do sul de Minas, foi vinculado por esses mecanismos de comunicação. A circulação de ideias, ligadas a diferentes orientações políticas, republicana, monarquista, liberal, conservadora, dentre outras, passou obrigatoriamente por debates na imprensa. Os proprietários tinham ciência da importância formativa e profilática de seus veículos de comunicação.

Os “jornalistas” da época tinham uma missão pedagógica: ensinar os cidadãos a atuar politicamente, e, ao mesmo tempo, impedir que se rebelassem. Ou seja, tinham uma dupla função: criticar e controlar os abusos do poder, cego, de um lado e segurar as “massas” revoltadas de outro lado. Daí considerarem-se superiores. Sua missão educadora e política, neste sentido, seria conscientizar, disciplinar, transformar o povo bronco em cidadãos conscientes e ordeiros. Exatamente por esta riqueza implícita aos conteúdos informacionais, é que os periódicos locais foram privilegiados durante o desenvolvimento desse trabalho. (CAPELATO, 1994, p. 134)

Mas, apesar dos limites das informações encontradas nos jornais, como afirma Nóvoa (1992), não há nenhum outro conjunto de documentos a retratar o cotidiano de forma tão nítida: “ periodicidade, os jornais constituem-se em verdadeiros arquivos do cotidiano, nos quais podemos acompanhar a memória do dia-a-dia e estabelecer a cronologia dos fatos históricos.” (ESPIG, 1998, p. 274).

Se retomarmos, agora, a discussão do conceito de fonte histórica, poderemos dizer que o jornal pode ser utilizado como fonte na produção do conhecimento da história, no nosso caso, da história da educação. Lembremos as considerações de Le Goff sobre a abrangência e a utilidade do jornal como peça chave do constructo historiográfico, a partir da década de 60. A expansão do conceito de documento afasta quaisquer tentativas que desqualifiquem o uso da imprensa com fonte de pesquisa histórica.

(...) a intervenção do historiador que escolhe o documento, extraindo-o do conjunto dos dados do passado, preferindo-o a outros, atribuindo-lhe um valor de testemunho que, pelo menos em parte, depende da própria posição da sociedade da sua época e da sua organização mental, insere-se numa situação inicial que é ainda menos “neutra” do que a sua intervenção. (...) é antes de mais nada o resultado de uma montagem (consciente ou não) do historiador, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver (...) durante as quais continuou a ser manipulado. (LE GOFF, 1990, p. 540-541)

Os historiadores não desprezaram a questão da intencionalidade como inerente ao documento. Não nos contrapomos ao fato, porém, temos de avançar na discussão. Compreender a conjuntura do processo de produção desses jornais fornece subsídios teóricos para a continuidade do trabalho historiográfico.

O passado é, portanto, uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana. O problema para os historiadores é analisar a natureza desse “sentido do passado” na sociedade e localizar suas mudanças e transformações. (HOBSBAWM, 1998, p. 22)

Para que esse passado seja compreendido, temos de buscar alternativas que nos permitam inovar em sua análise. Por certo, não é possível dar conta precisamente do que aconteceu em séculos anteriores. Seguimos a lição de Hobsbawm (1998), cabe ao historiador inovar no entendimento do transcorrido. Nesse sentido, os jornais são ferramentas poderosas. As interpretações sobre esse passado ficam sob a responsabilidade do historiador, o que, sabemos, garante a interpretação sobre o tema abordado.

Quando a mudança social acelera ou transforma a sociedade para além de um certo ponto, o passado deve cessar de ser o padrão do presente, e pode, no máximo, tornar-se modelo para o mesmo. “Devemos voltar aos caminhos de nossos antepassados” quando já não os trilhamos automaticamente, ou quando não é provável que o façamos. Isso implica, uma transformação fundamental no próprio passado. Ele agora se torna, e deve se tornar, uma máscara para inovação, pois não expressa a repetição daquilo que ocorreu antes, mas ações que são, por definição, diferentes das anteriores. (HOBSBAWM, 1998, p. 25-26)

Outros elementos também podem ser analisados em pesquisa com jornais. No final do século XIX e início do XX, era comum que diferentes grupos políticos e religiosos difundissem e debatessem suas ideias via imprensa. Na Campanha, não era diferente. Havia diversos jornais de grupos que defendiam seus pontos de vista pela imprensa. O caso mais importante se refere ao *Monitor Sul Mineiro*, cuja filiação era monarquista. Mesmo após a

proclamação da República, o *Monitor Sul Mineiro* possuía argumentos favoráveis ao sistema monárquico. O jornal *A Campanha*, por sua vez, apoiava irrestritamente a posição republicana. Assim, ao analisarmos esses embates, podemos compreender como determinados grupos percebiam as relações sociais.

Os jornais que analisamos apresentavam, sistematicamente, posições de cunho moral e religioso defendidas com afinco. O objetivo era apontar para os valores defendidos pelos donos e/ou redatores desses jornais. A defesa da moral, dos bons costumes e do temor a Deus era comum no período. Na análise dos jornais, encontramos ainda acusações à honra, à moral e à idoneidade dos adversários políticos. Finalmente, nos jornais, contamos também a presença da questão educacional.

Os debates referentes à educação sempre foram intensos e apaixonados. Editoriais e matérias com o objetivo claro de educar eram recorrentes. Desse modo, percebemos a riqueza das análises que podemos desenvolver na pesquisa com os periódicos. Concordamos com Burke (2005), para quem a imprensa não pode ser negligenciada na compreensão de um determinado objeto de estudo. Os embates políticos são melhor compreendidos no cotejo das produções da imprensa.

Podemos afirmar então que:

O confronto das falas, que exprimem idéias e práticas, permite ao pesquisador captar, com riqueza de detalhes, o significado da atuação de diferentes grupos que se orientam por interesses específicos. (...) Os jornais oferecem vasto material para o estudo da vida cotidiana. Os costumes e práticas sociais, o folclore, enfim, todos os aspectos do dia-a-dia estão registrados em suas páginas. (CAPELATO, 1988, p. 34)

De qualquer modo, sabemos das possíveis dificuldades impostas à pesquisa que se vale, sobretudo, dos jornais como fonte primordial para compreensão do passado. Conhecemos os problemas advindos também das possíveis falhas no processo de edição (erro de dados apresentados, possíveis manipulações de informações, dentre outros) e das lacunas cronológicas presentes nesse tipo de documentação. Em nossa pesquisa, há poucos dados sobre o ano de 1897. O *Monitor Sul Mineiro* muda de proprietário e só volta a ser publicado em 1898. *A Campanha* também teve poucas edições em 1897. Esse tipo de lacuna, por exemplo, não pode se sanada; uma dificuldade comum no trabalho com fontes como a imprensa.

Para sustentar a viabilidade do uso de jornais na pesquisa histórica, os compreendemos como uma expressão cultural de determinado tempo e da sociedade na qual foram produzidos.

A sociedade moderna, apesar de suas diferenças internas, conta elementos de interseção, os quais possuem significado cultural, representativo e simbólico. Não há como fazer um trabalho de análise de diferentes sociedades, se não levarmos em conta as constantes formas de relações nas quais estão inseridas. Nesse sentido, as análises desenvolvidas por Williams (1992) são de suma importância.

Porém, sociedades altamente desenvolvidas e complexas, são tantos os níveis de transformação social e material que a relação polarizada “cultura”-“natureza” se torna insuficiente. Na verdade, é na área dessas transformações complexas que o sistema de significações, por si só, se desenvolve e deve ser estudado. (WILLIAMS, 1992, p. 209)

A consolidação, compreensão e explicação do objeto de pesquisa se vinculam aos métodos utilizados para o seu estudo. Por isso, em alguns momentos temos de recorrer a outras ciências sociais, delas emprestando seus conceitos para o desenvolvimento pleno do objeto de pesquisa. Conceitos como região²⁷, demografia, espaço geográfico, paisagem, classe social, dentre outros, serão utilizados, conforme foram definidos por outras áreas do conhecimento: “As periodizações demográfica, econômica, social, linguística, antropológica não são grandes cortes na história da humanidade, mas uma flutuação cíclica no interior de uma estrutura.” (REIS, 2000, p. 40).

O cotejo entre aspectos ligados à produção do conhecimento histórico, elaborado com o apoio da imprensa, é peça fundamental de nosso trabalho de pesquisa. As notícias veiculadas são de determinado espaço geográfico e momento social: “(...) cruzar fontes, cotejar informações, justapor documentos, relacionar texto e contexto, estabelecer constantes, identificar mudanças e permanências.” (BACELLAR, 2006, p.72). O conteúdo dos jornais nos auxilia a compreender as relações existentes em determinado local. Cabe ao historiador dispor da metodologia, da técnica e da sensibilidade para construir um conhecimento explicativo de determinado objeto de pesquisa.

No nosso caso específico, ao trabalharmos com o Collegio Marianno, tivemos de considerar o contexto em que estava inserido. A história local só pode ser produzida se

²⁷ Aqui, utilizaremos o conceito de região proposto por Janaína Amado (1990). Segundo ela: “a partir da chamada “geografia crítica” (que incorpora as premissas do materialismo dialético e histórico), alguns geógrafos têm proposto um novo conceito de região, capaz de apreender as diferenças e contradições geradas pelas ações dos homens, ao longo da História, em um determinado espaço... a organização espacial sempre se constituiu em uma categoria social, fruto do trabalho humano e da forma dos homens se relacionarem entre si e com a natureza. Partindo desse quadro teórico, definem “região” como a categoria espacial que expressa uma especificidade, uma singularidade, dentro de uma totalidade; assim, a região configura um espaço particular dentro de uma determinada organização social mais ampla, com a qual se articula.” (AMADO, 1990, p. 15).

relacionada com acontecimentos locais, regionais, nacionais e mundiais. No decorrer da discussão metodológica, aprofundaremos o tema das relações entre o global e o local. De qualquer modo, vale dizer que nosso recorte cronológico não está dissociado plenamente dos elementos sociais, políticos e econômicos que os permeiam. A abertura e o fechamento do Colégio Marianno e, posteriormente, a criação de outros estabelecimentos de educação, não foi fruto do acaso.

Procuramos, assim, oferecer argumentos em prol da pertinência do uso dos jornais como fonte para a construção do conhecimento histórico, uso este, hoje, já aceito pela comunidade científica.

Ademais, mantivemo-nos atentos ao que diz respeito à conjuntura política, religiosa, cultural e social na qual foi produzida nossa fonte de pesquisa, pois:

(...) são elaborados por pessoas de épocas e grupos sociais diferentes, e a produção destas pessoas é permeada de elementos determinantes, seja pelo cargo que ocupa ou pela sua própria inserção social. Em tal sentido, o historiador deve ficar muito alerta e não pode esquecer o contexto da produção dos textos. (RODRÍGUEZ, 2004, p. 26)

Em sendo assim, há ainda que responder como então utilizar essa fonte. Não basta coletar os dados de forma linear e cronológica. A organização que utilizamos para pesquisa dos jornais, *A Campanha (1901-1915)*, *A Consolidação (1896-1897)*, *A Penna (1902)*, *Minas do Sul (1892)*, *Monitor Sul Mineiro (1872-1915)*, *Novo Horizonte (1905)*, *O Conservador (1871)*, *O Monarquista (1875-1876)*, *O Sapucahy (1865-1876)* e *O Sexo Feminino (1873-1874)*, seguiu uma linha cronológica, porém, não utilizada como uma mera sucessão de eventos e fatos. O processo histórico não é linear. A utilização dos dados extraídos dos impressos visa dar robustez a nossas hipóteses e legitimar o nosso processo de pesquisa. Nossas interpretações teóricas são fruto dos trechos²⁸ de notícias que foram encontrados nos periódicos.

(...) uma referência fundamental, concretizada em objetos, provas, testemunhos, entre os outros referenciais, que, ao garantirem a autenticidade ao acontecimento, distinguem a narrativa histórica da ficção literária. Sendo registros acabados de um fato, em si mesmo, porém poucas informações podem oferecer sem uma análise crítica especializada. As explicações que proporcionam sobre o passado dependem do tipo de organização – o método – adotado por cada pesquisador. (SAMARA & TUPPY, 2007, p. 19)

²⁸ No próximo subtítulo, trabalharemos a questão do uso dos trechos de jornais na construção do conhecimento e da pesquisa histórica.

O texto histórico também tem suas especificidades²⁹. Por isso, no uso dos jornais, ocupamo-nos de questões variadas, seleção dos dados, formas de utilização, maneiras de abordagem, uso em citações, extração de dados estatísticos, vinculação com o grupo que produziu a informação, formas de controle das variáveis (cotejo entre fontes), filiação a algum modelo explicativo da sociedade e das ciências humanas, organização do escopo documental, reflexões da aplicação teórica na transformação da informação encontrada para o conhecimento científico, análises das intencionalidades e conluios políticos, influências religiosas na tomada de decisões da sociedade, necessidade da interferência da Igreja Católica, presença do Estado na tentativa de impulsionar a educação pública e, por fim, reflexões dos jornais sobre estes fatos.

Claro, aqui, apenas, adiantamos alguns dos temas que serão desenvolvidos ao longo do trabalho. Talvez, nem todas essas análises sejam pertinentes para um debate teórico. Entretanto, apontar aquilo que será discutido no restante do texto e a forma como isso será sustentado favorecerá e consolidará nossas afirmações.

O trânsito e o diálogo com fontes, apoiados em um método, nos auxiliam a descobrir que os princípios éticos e morais defendidos naquele momento para fazer do homem um ser virtuoso e melhor, de forma a atender aos reclamos e necessidades daquela sociedade, aproximam-se dos complexos problemas que os homens enfrentam na atualidade. (MELO, 2010, p. 32)

Nesse sentido, a utilização dos jornais denota uma possibilidade de compreendermos a sociedade de determinado tempo observando os diversos aspectos do cotidiano. Com a análise desse tipo de documentação, novas possibilidades são encontradas. Cabe ainda ao pesquisador ter o cuidado e a sensibilidade de fazer uma análise o mais ampla possível do material selecionado.

Ao nos valermos dos jornais como fonte para a construção da narrativa histórica, não podemos nos ater apenas as informações diretamente relacionadas à educação. Consideremos um exemplo. Nossa pesquisa se refere a um estabelecimento de ensino particular, dirigido por mulheres, e voltado para as meninas da região da cidade da Campanha. Se baseássemos nossas pesquisas apenas nas colunas de cunho educacional, nosso trabalho não seria possível. Para compreender a atuação da família Marianno, e de seu colégio, na região da Campanha, analisamos também as colunas sociais, os anúncios publicitários, os obituários, as cartas dos

²⁹ Não nos demoraremos nesse debate. Contudo, nele, uma das questões centrais diz respeito a busca de fontes que sustentem as análises e afirmações do historiador. Vários autores, como Le Goff (2003), Thompson (1981), Bloch (2002), dentre outros, defendem a necessidade de expansão do conceito de fontes.

leitores, dentre outras sessões do jornal. Somente com essa análise ampla conseguimos encontrar pistas sobre a trajetória do Collegio Marianno, afinal, não podemos perder de vista que a construção histórica é feita de cada pequeno trecho encontrado.

1.3 Como trabalhar com trechos de notícias?

Jornais na Campanha e suas contribuições para o problema de pesquisa.

Uma nova questão precisava de resposta: Como usar essas fontes no processo de construção histórica sem anacronismos e determinismos?

Optamos por estabelecer um diálogo entre a forma de organização das fontes, as questões metodológicas de utilização desse material e a contribuição de outros historiadores que pesquisaram temas similares ao nosso³⁰.

Após localizarmos as fontes, definirmos quais seriam usadas, delinear o objeto de estudo e configurarmos inicialmente os problemas de pesquisa, foi necessário encontrar maneiras de organizar preliminarmente a coleta das informações nos jornais. Não sabíamos ao certo o volume de informações que iríamos encontrar. Assim, adotamos, primeiro, o critério cronológico para pesquisa nos jornais. Iniciamos pelos periódicos editados com data inicial próximas à 1870, *O Conservador*, de 1869³¹, e *O Monarchista*, de 1872³².

Estes dois jornais não tinham uma sequência de números, dificultando a compreensão de sua linha editorial. Pelo que constatamos, a questão da manutenção da monarquia era o tema principal dessas publicações. A melhor hipótese que podemos levantar é que a origem portuguesa dos seus proprietários, os interesses particulares e políticos dos mesmos e os

³⁰ Durante nossas pesquisas, a busca por trabalhos semelhantes ao nosso foi árdua. Não logamos êxito. Assim, podemos concluir que a produção de estudos referente a colégios particulares, durante a segunda metade do século XIX e início do século XX, é significativamente pequena. No próximo subtítulo, discutiremos brevemente as contribuições dos trabalhos semelhantes ao nosso.

³¹ Jornal monarquista que circulou a partir de 19 de setembro de 1869. Em consulta aos registros do *Centro de Estudos Monsenhor Lefort*, descobrimos que sua publicação foi até julho de 1871. Por não haver uma sequência dos números, não conhecemos sua periodicidade. O seu proprietário e editor chefe era o comerciante português Francisco Luciano de Oliveira. Não encontramos outras informações referentes ao proprietário do jornal. No geral, as notícias publicadas pelo periódico eram de cunho político, pautadas na defesa intransigente da monarquia como fator de equilíbrio da sociedade. Defendia-se, ainda, uma clara relação entre a República e uma possível baderna. O jornal contava também notícias do cotidiano da cidade. Porém, não encontramos registros ligados ao nosso objeto de pesquisa. O jornal publicou em sua edição de 14 de outubro de 1871 duas reportagens sobre o tema da educação. A primeira, um texto editorial, indicando a péssima qualidade das escolas da cidade da Campanha, não preparando as crianças para a vida na fé católica. A segunda, consistia na apresentação de um quadro demonstrativo das escolas públicas de instrução primária existente na província, em 1854. A informação é relevante, porque nos permitiu verificar que, nesse momento, segundo o jornal, não havia meninas nas escolas públicas de Minas Gerais. Ambas as notícias na página 4 do jornal.

³² *O Monarchista*, como sugere o próprio nome, também tinha uma filiação monarquista, defendendo sua manutenção no Brasil. De acordo com os registros do *Centro de Estudo Monsenhor Lefort*, o jornal circulou entre janeiro de 1872 até 1878. Por não haver uma sequência dos números, não conseguimos definir sua periodicidade. O seu fundador foi também Francisco Luciano de Oliveira. No geral, os textos eram vinculados à defesa da monarquia no Brasil. Havia textos de cunho moral e sobre a necessidade da educação das crianças. No jornal, pela primeira vez, encontramos alguma referência sobre a participação da família Marianno na educação na Campanha. Na sua edição de número dez, há um anúncio de matrículas para a Eschola Normal da Campanha. Nessa notícia, Bernardo José Marianno consta como um dos professores do colégio.

processos conflituosos ocorridos na Europa — unificação da Itália e da Alemanha — auxiliaram na defesa intransigente da monarquia no Brasil.

Feita a análise desses primeiros jornais, tínhamos de definir uma forma de registrar, organizar e pesquisar suas edições. Não tínhamos condições de fazer todo esse trabalho diretamente no arquivo, assim optamos por fotografar os textos de nosso interesse e organizá-los em pastas que seguiram uma certa sequência. Criamos uma pasta para cada jornal, dentro da qual havia também pastas mensais para alocar as imagens. Por fim, elaboramos um relatório com todos os dados referentes às fotografias (título da matéria e/ou assunto, página da notícia e número do jornal). Desse modo, tínhamos um controle geral do que foi pesquisado dia após dia.

Como retiramos apenas trechos dos jornais, corríamos o risco de descontextualizar as informações encontradas. Apesar dos periódicos não apresentarem nenhum tipo de lógica aparente de posicionamento das notícias, ou uma sequência para o tratamento de determinados temas, tínhamos de manter o cuidado de não isolar a informação do contexto no qual fora produzido. As inspirações monarquistas dos dois jornais refletiam diretamente nas demais notícias. O discurso³³ monárquico orientava a construção do *corpus* das matérias, independentemente da natureza do assunto.

É o dilema de quem, ao mesmo tempo, precisa definir os contornos gerais da floresta, mas também, para não torná-la abstrata e genérica, precisa conhecer a especificidade de suas árvores (...) No entanto, por mais sedutoras que sejam essas pesquisas, não se pode permitir que a descrição pormenorizada da árvore impeça a compreensão da floresta como um todo. (NOSELLA & BUFFA, 1996, p. 22)

Durante o trabalho com esses jornais, selecionamos notícias pertinentes ao nosso tema de estudo, sem pretender reconstruir o passado. Embora as notícias contemplassem também muitos outros temas, alguns conflitos noticiados na época podem mesmo ser suprimidos e não citados. O que não foi utilizado tem importância, mas não se referia de maneira significativa ao nosso objeto de trabalho. A clareza, aqui, será obtida por meio dessa seleção cuidadosa de trechos e não pela tentativa de reconstruir o passado. Ser historiador é sempre trabalhar com o incompleto, impreciso e indefinido.

³³ Por se tratar de um trabalho historiográfico, não abordaremos a questão da linguagem do discurso. Ao usarmos o termo, queremos apenas nos referir às ideias ligadas aos monarquistas presentes nas demais notícias.

Ao mesmo tempo, dentro do Estado administrativo moderno, e dentro dos sistemas políticos modernos, os processos de informação tornaram-se tão essenciais, igualmente nos sistemas externos e nos internos, que também nesse caso o caráter geral dessas operações alterou-se em qualidade. Assim, uma parte importante de todo o processo de trabalho atual deve ser definido em termos que não é fácil isolar, teoricamente, das atividades “culturais” tradicionais. (WILLIAMS, 1992, p. 230)

Ao discutirmos as questões das possibilidades de significação, não negamos a busca da explicação do fato. A questão central é deixar evidente que, qualquer que seja a discussão ou objeto de pesquisa, o estudo então empreendido é apenas uma vertente explicativa e não a verdade absoluta (ou reconstrução do fato). O historiador munido de técnicas, metodologias e conceitos busca analisar o objeto histórico em patamares aceitáveis dentro da academia. A construção da pesquisa perpassa a forma como o historiador compreende a sociedade. O que é produzido não é uma reconstrução do passado. As significações são o que dão o tom desse processo dialético de construção do saber histórico.

E, apesar das possíveis divergências interpretativas, ao trabalho histórico, sabemos, não podem faltar evidências e provas. Consideremos, nesse sentido, a metodologia de estudo desenvolvida por Ginzburg (2005). Por meio de fontes processuais, ele se ocupa de questões locais (ou micro), ligadas diretamente a acontecimentos distantes (macro), que afetaram profundamente o seu objeto de estudo. Seu trabalho é sustentado por provas e evidências, nesse caso, uma documentação, levando à construção de uma narrativa não fictícia. Ginzburg pretendia abordar as possibilidades da construção histórica, vinculada a uma documentação antes considerada marginal. Trilharemos um caminho semelhante na elaboração e explicação do nosso objeto de estudo. Utilizaremos encíclicas Papais e trechos específicos, como o referente a uma doação feita para uma tômbola (bingo), para mostrar a efervescência política, social e cultural da Campanha, assim como os estabelecimentos de ensino, as outras instituições, como a Igreja Católica, e a população que tinham voz nesses jornais. Os trechos que retiramos da vasta gama de jornais analisados são uma significação de um determinado período e espaço. As considerações feitas sobre esses elementos têm objetivos e hipóteses pré-concebidos³⁴, os quais podem ser confirmadas ou refutadas.

³⁴ Para exemplificar, podemos mencionar a atuação pedagógica dos jornais no processo educativo da sociedade. As regras de civilidade são constantemente transmitidas. Contudo, as mesmas não foram homogeneamente aceitas pela sociedade.

A História faz-se com documentos escritos, sem dúvida, quando eles existem; mas ela pode fazer-se sem documentos escritos, se não os houver. Com tudo o que o engenho do historiador pode permitir-lhe utilizar para fabricar o seu mel, à falta das flores habituais. Portanto, com palavras. Com signos. Com paisagens e telhas. Com formas de cultivo e ervas daninhas. Com eclipses da Lua e cangas de bois. Com exames de pedras por geólogos e análises de espadas de metal por químicos. Numa palavra, com tudo aquilo que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve ao homem, exprime o homem, significa a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem. (FEBVRE, 1985, p. 249)

Dissemos sobre os primeiros jornais utilizados que não se limitavam a discussão de assuntos locais. *O Conservador* e *O Monarchista* abordavam temas ligados à monarquia, como também temas de cunho internacional, relatos tendenciosos, copiados de outros meios de comunicação. As influências externas são evidentes.

No geral, os trechos que trabalharemos no decorrer desse texto são intimamente ligados à cidade da Campanha (ou, a região sul Mineira). Contudo, esses não são pertinentes apenas à sociedade campanhense. Para melhor entender a questão local, há que considerar também os aspectos externos que a influenciam (que, em alguns casos também influência o âmbito regional ou nacional, exemplo disso é a criação do bispado em 1907). Certo objeto de pesquisa não pode, portanto, ser bem compreendido se tomado isoladamente.

O recorte sobre história local apenas designa uma delimitação temática mais ou menos inclusiva em função das particularidades que se queira determinar, no âmbito do espaço social e temporal escolhido. A eleição da história local não diminui ou não reduz e, muito menos simplifica os aspectos relativos às relações sociais. No recorte local, cada detalhe adquire um significado próprio, o que não se constata com as análises macroestruturais, conforme os primeiros estudos sobre a história da educação brasileira. Desta forma, as análises sobre a história local permitem redimensionar o aparente antagonismo entre o centro e a periferia, isto é, o local e o global, ao deslocar a centralidade do problema da discussão para a apropriação de informações concernentes às relações que plasmaram os grupos sociais existentes. (CARVALHO & CARVALHO, 2010, p. 86)

A fonte que usamos com maior frequência, em maior volume e a de maior importância para nosso estudo foi o *Jornal Monitor Sul Mineiro*³⁵, em sua primeira fase, publicado entre 1872 e 1896. Sobre esse primeiro momento, analisamos mais de mil e trezentas edições do *Monitor Sul Mineiro*. A sua periodicidade foi semanal, ora por dias fixos, 2, 8, 14, 20 e 28 de cada mês. Não sabemos ao certo o motivo dessa periodicidade. Posteriormente, a publicação

³⁵ Dada a importância da fonte, as informações referentes ao jornal não serão colocadas em notas de rodapé e sim diretamente no corpo do texto.

passa a ser feita aos domingos. Já na segunda fase do *Monitor*, que começa em 1898 e vai até 1919, pesquisamos mais mil números do jornal. O trabalho durou cerca de dois anos.

O jornal tinha o objetivo de abarcar a região do sul de Minas Gerais. Seu proprietário era Bernardo Saturnino da Veiga, homem oriundo de uma família³⁶ ligada à imprensa e à política local. Sua atuação no jornal ajudou na difusão da informação pelo sul de Minas Gerais. Não conhecemos os limites de circulação do jornal, porém, em nossas pesquisas, grande parte das cidades da região foram citadas e publicavam notícias no jornal.

A sua estrutura era simples: quatro páginas por edição. O jornal apresentava 56 centímetros de altura e 36 centímetros de largura. Desconhecemos a tiragem média das edições. A distribuição das notícias sempre obedecia à mesma ordem³⁷: assuntos ligados à literatura, notícias internacionais, reflexões religiosas, de higiene, moral, notícias locais e, por fim, um grande número de propagandas.

O jornal, em sua folha de capa, trazia o seguinte lema: “Semanario de Literatura, Industria e Noticias”³⁸. Logo, as questões locais não eram o único foco dessa publicação. Contos de autores locais, nacionais (Machado de Assis, José de Alencar, dentre outros) e internacionais eram publicados em textos que se estendiam por várias edições. Via de regra, a página inicial continha algum assunto ligado à literatura.

As questões internacionais sempre se faziam presentes. Conflitos internacionais, resoluções de tratados comerciais, falecimentos ou casamentos nas famílias reais, movimentos sociais e operários, combate às ideias socialistas, inovações nas exposições mundiais e as relações externas do Brasil eram recorrentes nas páginas do *Monitor*. Nessa parte do jornal, os acontecimentos políticos da cidade, da província e do governo imperial eram divulgados e comentados.

A política local era noticiada por meio de notas sobre a atuação da Câmara Municipal. Eram divulgados também os balancetes de gastos, obras e recursos recebidos pelo município. Em anos eleitorais, como em 1881, grande parte do jornal servia como propaganda da ala ligada a Bernardo da Veiga. Os resultados das eleições, em todos os níveis, também eram

³⁶ Seu pai foi Lourenço Xavier da Veiga, defensor da separação do Sul de Minas e, durante muitos anos, editor de jornais que discutiam essa questão, foram eles: *Opinião Campanhense* (1832), o *Nova Província* (1854) e o *Sul de Minas* (1859) (VALLADÃO, 1942).

³⁷ Não nos preocupamos em tabular estatisticamente os dados de cada uma das publicações; este não era o foco do nosso trabalho. Mas, por certo, empreendemos uma ordenação básica das formas como as notícias eram difundidas, de tal modo que, em momentos agudos e específicos, essa ordem pudesse ser alterada. Exemplo primeiro foi em 06/04/1873, quando pela primeira vez, a capa do jornal tem por tema a exortação à educação moral das mulheres, cujo título foi: “A importância para o desenvolvimento da nação”. Logo abaixo há outro texto “A mulher” que seguia a mesma ideia.

³⁸ *Monitor Sul Mineiro* (1/01/1872).

publicados. Textos de cunho moral e religioso também se faziam presentes. Valores como amor e temor a Deus, a necessidade de respeito aos pais, o amor ao país, à região e à cidade eram defendidos. A publicação de elogios entre amigos era comum. Esses textos apresentavam normas sociais que deveriam ser seguidas e aceitas. A defesa da educação eficiente em forjar um cidadão de bem era a tônica desses textos³⁹.

Na sequência, seguiam-se as notícias regionais e locais: festas religiosas, acontecimentos do cotidiano, aniversários, casamentos, notas de falecimento, formaturas presença de pessoas importantes e, por fim, assuntos ligados à educação. Era comum que as notícias sobre a inauguração de escolas, nomeação e transferências de professores, assim como os regulamentos de escolas públicas e privadas fossem publicadas.

Ao final, o jornal divulgava propagandas de produtos e assuntos diversos, como anúncios de vendas (escravos, instrumentos musicais, livros, roupas, chapéus, bebidas alcoólicas, casas, terrenos, fazendas, dentre outros), programação cultural (peças de teatro, circo e concertos musicais), propagandas de estabelecimentos comerciais, notas sobre as escolas do Rio de Janeiro e sobre a fuga de escravos.

O *Monitor Sul Mineiro* pretendia informar a população que tinha acesso ao jornal de fatos diversos: “A imprensa foi um pilar para a política, comércio e cultura no centro de gravidade do estado, a nível local.” (WIRTH, 1982, p. 131). A discussão da estrutura do jornal é algo necessária para compreender a elaboração e profusão das notícias veiculadas: “O pesquisador dos jornais e revistas trabalha com o que se tornou notícia, o que por si só já abarca um espectro de questões, pois será preciso dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade e alguma coisa.” (LUCA, 2005, p. 140).

Com essa estrutura, o *Monitor Sul Mineiro* foi o principal responsável pela divulgação das notícias no sul de Minas durante o último quartel do século XIX⁴⁰. Ao observarmos mais de duas mil edições, compreendemos que os focos centrais dessa publicação eram questões a ligada à literatura e à política. A educação era um tema secundário, que aparecia no jornal em momentos específicos. De qualquer modo, notícias sobre escolas públicas e particulares, universidades, nomeação e demissão de professores, anúncios de época de matrículas, resultados dos exames, valores de mensalidades, pensionato para estudantes, festas realizadas pelas escolas, dentre outras, podem ser encontradas no jornal. Nesse sentido, consideremos a

³⁹ Jovens e mulheres eram o público central desses textos. As questões de comportamento moral e religioso sempre eram as mais comuns.

⁴⁰ Apesar de não termos dados precisos que corroborem nossa afirmação, durante nosso processo de pesquisa não encontramos qualquer outro jornal em toda região sul mineira com duração similar a do *Monitor*. Ademais, em suas edições, as notícias abarcavam praticamente todas as cidades da região.

contribuição de Wirth (1982), que, apesar de genérica, pode dimensionar a importância e a estrutura dos jornais que circulavam em Minas Gerais durante os séculos XIX e XX.

A imprensa local foi outro marco do regionalismo mineiro. De maneira geral, um jornal de cidade pequena continha notícias políticas e anúncios comerciais numa edição semanal de menos de 500 cópias. Geralmente pertencia ao chefe político do local, cujo domínio era disputado por um chefe rival com sua própria imprensa. Fica evidente que os jornais desempenharam uma função primordial na política local. Como foro para o debate verbal, a imprensa deu às celebridades locais um meio de sustentar a violência em nível menor, sem tiroteios ou assassinatos (...) o número de jornais (quase sempre efêmeros) dedicados à literatura e ao humor estavam em segundo lugar dentre as publicações de interesses especializado, depois da imprensa religiosa. (WIRTH, 1982, p. 131)

Outros jornais também auxiliaram no processo de pesquisa. Por exemplo, o jornal *Sexo Feminino* foi uma ferramenta importante no processo de pesquisa, diante de nosso objeto de estudo. Na verdade, este jornal foi uma inovação, não só na imprensa campanhense, mas também em nível nacional. Vários trabalhos citam e destacam a importância dessa publicação, pioneira entre as publicações voltadas para mulheres, no Brasil⁴¹. O jornal circulou na Campanha e região. Sua criação foi notícia no próprio *Monitor*, como um jornal voltado para mulheres, tendo em vista reivindicar seus direitos. Apesar desse jornal não estar ligado diretamente a nenhuma instituição escolar, sua redatora era Francisca Senhorinha da Motta Diniz, professora da Escola Normal, e sua circulação causou polêmica na cidade, pois o papel das mulheres passou a ser discutido na sociedade campanhense.

O surgimento desse jornal é destaque no *Monitor Sul Mineiro*:

Sexo Feminino.- Debaixo deste nome publicou-se nesta cidade mais uma folha, que se propõe a defender os direitos da mulher.

O nome da respeitável senhora que se apresenta como principal redatora do novo periodico é segura garantia de que terá ele feliz existencia. Nós a desejamos tão sinceramente quanto reconhecemos que o *Sexo Feminino* vem preencher uma lacuna que sentia-se na imprensa campanhense. (*Monitor Sul Mineiro*, 14/09/1873, p. 4)

⁴¹ Dentre esses estudos, chama atenção a pesquisa de Cecília Vieira Nascimento. *O Sexo Feminino em campanha pela emancipação da mulher (1873/1874)*. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004. O jornal *Sexo Feminino* passa a ser publicado no Rio de Janeiro entre os anos de 1875 e 1876. Em sua dissertação, Nascimento aponta o pioneirismo da redatora (Francisca Senhorinha da Motta Diniz) do jornal e faz um debate referente a sua penetração e influência na região da Campanha.

A ideia da inserção das mulheres no mercado de trabalho e o debate referente aos conteúdos que elas deveriam aprender na escola era algo novo na sociedade campanhense. Seu posicionamento forte sobre o lugar da mulher não foi bem recebido pela elite da cidade. Esse periódico circulava nos meios do magistério na Campanha, com afirmações e ideias estranhas à elite campanhense⁴². O jornal circulou apenas por dois anos na Campanha. Apesar desse curto espaço de tempo, questões ligadas ao que se deve ensinar às meninas ganham espaço para discussão.

O Sexo Feminino apresentava-se como importante veículo instrumentalizador na busca pela ampliação do campo de domínio feminino, e, por conseguinte, estimularia a diminuição da “grande desigualdade de condições civil e política entre os dois sexos no Brasil”, por meio da consolidação de uma prática que gostaria constante na sociedade: o posicionamento da mulher frente às questões de interesse social. (NASCIMENTO, 2004, p. 48)

Não temos como mensurar precisamente as influências⁴³ desse jornal na educação feminina na Campanha. Mas podemos perceber ideias inovadoras sobre a educação feminina circulando na cidade. Até 1873, como afirmamos, não encontramos nenhuma referência ao Collegio Marianno. Lembramos que: “A imprensa se revela lugar de intensas lutas políticas, e as diferentes posições se revelam pelo conteúdo e pela forma tomada pelo jornal, mas também pelo público para a qual os jornais se dirigem.” (D’ALESSIO, 2008, p. 138).

Já na primeira edição desse jornal, encontramos um dado importante. Mathilde Xavier Marianno⁴⁴ era aluna da Escola Normal da Campanha. Ela estava matriculada no:

2º anno.
1ª cadeira. Instrucção moral e religiosa, pedagogia e legislação do ensino.
2º Noções geraes de geographia e historia do Brasil, principalmente da província de Minas Gerais.
Tres lições de musica, por semamna. (*Sexo Feminino*, 07/09/1879, p. 3)

⁴² Ver NASCIMENTO (2004).

⁴³ “*O Sexo Feminino* indicativa da iminência do perigo em estar nas mãos de uma mulher, um promissor veículo de divulgação, como o impresso – sobretudo se demonstrando boa articulação e lucidez de propósitos como o fazia Senhorinha. *O Sexo Feminino* não era encarado como mero veículo de capricho feminino, passatempo e diversão de mulher pretensiosamente intelectualizada, mas antes porta-voz de um potente interventor na dinâmica social.” (NASCIMENTO, 2004, p. 52).

⁴⁴ Nesse momento, não nos ocuparemos da formação e da atuação de Mathilde Xavier Marianno. Porém, vale salientar que a sua atuação no Collegio Marianno tem início aproximadamente em 1875, desenvolvendo-se até sua nomeação como professora do grupo Escolar da Campanha, em 1907. Mathilde Marianno foi um dos pilares de organização, trabalho e atuação do Collegio Marianno durante boa parte da existência do colégio.

Não tivemos acesso a todas as edições publicadas. Nos números que encontramos, não há referências diretas ao Collegio Marianno. No entanto, a luta das mulheres por espaço profissional, social e educacional na Campanha foi um grande avanço. Não pretendemos nos aprofundar na questão de gênero e não sabemos se as ideias de Francisca Senhorinha da Motta Diniz alcançaram suas alunas. Interessava-nos saber, sobretudo, se essas ideias influenciaram o modo como Mathilde Xavier Marianno concebia a educação das meninas.

Outro jornal também foi importante em nossas pesquisas, publicado em uma cidade vizinha, em São Gonçalo do Sapucahy⁴⁵ (aproximadamente a 30 km da Campanha). Referimo-nos a *Gazeta Sul Mineira*⁴⁶, que circulou entre 1885 e 1888. Analisamos todas as suas edições. Novamente nada de específico foi encontrado. A importância de sua análise para nossa pesquisa consistiu na possibilidade de compararmos as poucas informações existentes nos jornais contemporâneos e analisar a percepção de cada um sobre diversos assuntos.

Na Campanha, encontramos também o jornal *Minas Sul*⁴⁷, um jornal de cunho político e separatista. Nas matérias, podemos acompanhar a insatisfação de parte da população da Campanha com o governo da província. As queixas mais frequentes eram relacionadas ao pagamento de impostos e a não aplicação dos mesmos na região sul mineira. A educação era ainda tema no jornal.

Para mostrar a força do município, o jornal faz um apanhado geral das virtudes da cidade; comércios, produção agrícola, profissionais liberais, dentre outros, foram listados. Chamou nossa atenção a importância dada aos estabelecimentos da cidade e, em especial, ao Collegio Marianno:

⁴⁵ Para maiores detalhes de localização, ver mapa da página 71.

⁴⁶ O jornal *Gazeta sul-mineira* circulou entre 1885 e 1888. O primeiro número foi publicado em 30/08/1885, o último número circulou em 06/06/1888. Seus números eram semanais, não sabemos sua tiragem e, no geral, tinha como principais notícias a política mineira e a corte. Não contém relatos da atuação das escolas no cotidiano da cidade. Há apenas anúncios das escolas particulares e, em alguns momentos, dados das escolas públicas.

⁴⁷ O jornal surgiu em 19 de fevereiro de 1892, fundado por Martiniano da Fonseca Reys Brandão, Manoel de Oliveira Andrade e Júlio Buenom. O redator era o proprietário e farmacêutico José Luiz Pompeu da Silva. A linha editorial do jornal concentrava-se na propaganda do movimento separatista, liderado pela cidade da Campanha. A ideia era tornar a cidade a capital da nova província que se queria criar. Sua circulação cessa em março de 1894, sem que seus objetivos fossem alcançados.

Ha mais de vinte annos foi fundado em nossa cidade um importante estabelecimento de instrucção para o sexo feminino. Neste internato leccionam-se todas as matérias primarias e as do curso secundário. As aulas são regidas pela familia Mariano⁴⁸, sendo que as professoras são bem conhecidas como moças muito illustradas e de grande pratica do magisterio. O estabelecimento funciona em um grande prédio próprio, que foi augmentado para o fim que se destinou. (*Minas do Sul*, 11/08/1892, p. 1)

No trecho, encontramos informações relevantes sobre o Collegio Marianno, fundamentais para a construção de nossa pesquisa.

Seguindo a sequência cronológica, encontramos outro jornal da Campanha, *A Consolidação*, que circulou entre 1896 e 1897, um jornal de cunho republicano, que tinha uma circulação aproximadamente quinzenal (há duas edições por mês). A primeira diferença que podemos perceber diz respeito ao seu conteúdo. Os jornais antes mencionados se ocupavam especialmente dos temas políticos. *A Consolidação*⁴⁹ tinha uma redação mais ampla e menos combativa, variados fatos da cidade e região eram discutidos. As questões educacionais tinham amplo espaço nesse periódico. Embora de curta duração, em vários momentos, tivemos informações de grande valia para o desenvolvimento da nossa pesquisa. Diversas matérias e trechos puderam ser extraídos desse periódico.

Anúncios⁵⁰ de escolas particulares (masculinas) poderiam ser vistas nas páginas do jornal. Outro ponto de destaque foi a inauguração (re-inauguração) da Eschola Normal⁵¹. A presença das irmãs Marianno, também nesta nova fase da Escola Normal, foi registrada. Na edição de 25/01/1897, noticia-se a presença de Alice Marianno (irmã caçula) como aluna da Escola Normal. Apesar de toda a tradição do colégio da família, as irmãs Marianno buscavam formação também em outros estabelecimentos de ensino.

A informação não estava destacada. Como era comum, o jornal apenas citava os alunos que faziam as provas. Mas o importante é localizar as pessoas da família em atividades ligadas à educação. Praticamente todas as irmãs da família, em algum momento, aparecem vinculadas a algum tipo de instituição escolar: alunas, professores, em escolas públicas e particulares⁵². Francisca Candida Marianno foi à única exceção. Apesar de ser a pretensa diretora do Colleeio Marianno, não encontramos referências sobre sua formação.

⁴⁸ O jornal usou “Mariano” e não “Marianno” como seria o correto.

⁴⁹ Jornal de cunho republicano, que surgiu em 28 de setembro de 1896. O seu redator-chefe era Júlio Bueno, auxiliado por Álvaro Oliveira Andrade, Ernesto Carneiro Santiago e pelo padre Francisco de Paula Araújo Lobato. Sua publicação cessou em dezembro de 1897.

⁵⁰ Na edição de 28/10/1896 da *Consolidação*, foi anunciada a abertura de matrículas do colégio masculino Externato Campanhense, cf. n. 4, p.3.

⁵¹ *A Consolidação*, 02/12/1896, p. 3.

⁵² Voltaremos ao tema no terceiro capítulo.

Quase no final das edições, encontramos outro trecho referente ao Collegio Marianno. A notícia marcava a credibilidade do estabelecimento de instrução. No geral, as referências sempre foram positivas, mencionando a longa história do colégio, citando parte de suas atividades e sugerindo sua prosperidade.

Exames no Collegio Marianno

A 29 deste realizaram-se os exames neste antigo e conceituado estabelecimento de instrução, dirigido pela exma sra. d. Francisca Candida Marianno.

As alumas todas, nas provas que exhibiram, revelaram notavel aproveitamento.

Em uma saleta contigua á sala em que se effectuaram os exames, achavam-se uma grande quantidade de trabalhos de agulha feitos pelas alumas.

Agradecidos pelo convite que nos foi dirigido, folgamos em poder dar parabens á illustre directora pelos reaes serviços que presta á instucção e á educação do bello sexo nesta parte do Estado e fazemos votos para que tão util estabelecimento prospere cada vez mais. (*A Consolidação*, 05/05/1897, p. 3)

Como afirmamos, a documentação com a qual trabalhamos possui limites. Não consta, por exemplo, a forma como foram realizados os exames ou as matérias que seriam ministradas. Os excertos são ainda assim importantes, pois complementam as informações colhidas no *Monitor Sul Mineiro*. Embora genéricas, as informações são preciosas. No ano de 1897, o *Monitor Sul Mineiro* não circulou e *A Consolidação* foi a nossa única fonte para o período. Pouco tempo depois, esse jornal também deixa de circular. E, novamente, tivemos de procurar outro periódico.

Deparamo-nos, então, com *A Penna*⁵³. A estrutura do jornal era também simples. Não havia um objetivo claro em seu corpo editorial. Constavam notícias locais, regionais, nacionais e internacionais. Por meio de uma de suas edições, porém, identificamos a existência de uma escola masculina, que pouco durou pouco⁵⁴, a Escola Bernardo Guimarães. O jornal cita os resultados dos exames e o nome dos alunos, o que era comum no período. Por ser um jornal contemporâneo ao Collegio Marianno, buscávamos nele algum excerto que pudesse contribuir com nossa pesquisa. Nada de pertinente foi encontrado.

⁵³ Jornal foi fundado em 5 de julho de 1902, por Plínio Motta e Epaminondas Alvim, os quais eram também os redatores do jornal. Em julho de 1903, o jornal deixa de circular. Como encontramos apenas três edições, não sabemos ao certo a sua periodicidade.

⁵⁴ Não conhecemos a duração desse estabelecimento de ensino, pois a única referência que encontramos sobre ele está na *Penna*. Embora a escola não esteja diretamente ligada a nossa pesquisa, é mais uma escola esquecida pela historiografia.

O último jornal pesquisado foi o *Novo Horizonte*⁵⁵, que circulou apenas por seis meses, entre 1904 e 1905. Encontramos apenas um único número no *Centro de Estudos Monsenhor Lefort*. Apesar da edição única, dois pontos devem ser destacados. Primeiro, o jornal foi editado pelo Centro Espírita da cidade. A Campanha, historicamente, sempre foi um local fortemente influenciado pelo catolicismo. A existência de um centro espírita na cidade não fora antes citada em quaisquer trabalhos. Segundo, embora editado pelo centro espírita da cidade, curiosamente, defende a infalibilidade do Papa⁵⁶.

A apresentação desses periódicos é necessária, uma vez que, sendo eles nossas fontes de pesquisa, há que destacar suas especificidades: “O pressuposto essencial das metodologias propostas para a análise de textos em pesquisa histórica é o de que um documento é sempre portador de um discurso que, assim considerado, *não pode ser visto como algo transparente.*” (CARDOSO & VAINFAS, 1997, p. 377). Ademais, não podíamos deixar de mencionar dados importantes, ainda não citados em outros estudos.

É por esta razão que não se pôde perder de vista a compreensão do cenário político, econômico, social e cultural da sociedade brasileira da época. Assim, o entendimento do processo de crescimento material (fundação de grupos escolares e escolas isoladas, ampliação de instituições escolares etc.) e proliferação interpretação- assimilação de ideologias (positivismo, liberalismo, escolanovismo, os discursos de poder, nacionalismo etc.), necessitaram de fazer parte da nossa metodologia de análise das fontes, como formadora de uma base teórica que construa um respaldo, para a compreensão dos acontecimentos regionais como produto e como produtores de ações sociais, culturais, políticas e ideológicas mais amplas. (CARVALHO & CARVALHO, 2006, p. 99)

Finalmente, nos deteremos na análise dos trabalhos já realizados com temática semelhante. Estudos sobre o segmento de ensino feminino, promovidos por particulares, não vinculados a qualquer tipo de grupo religioso, e destinado única e exclusivamente para as meninas, não são comuns na historiografia brasileira.

Encontramos, porém, trabalhos com temática semelhante, ainda que com objetivos distintos dos nossos. A discussão sobre o papel da mulher no século XIX, em Minas Gerais e em outras províncias do país, via de regra, segue certa linearidade. Fazem-se sempre

⁵⁵ O *Novo Horizonte* era um órgão de difusão do Centro Espírita Campanhense, fundado em 15 de novembro de 1904, por José Manoel Pires e Francisco Paes Paulo, sob a gerência do Sr. Braziliano Américo. Teve a duração de apenas seis meses.

⁵⁶ O jornal registra na íntegra o discurso do Bispo Strossmayer (sua nacionalidade não é mencionada), feito em 1870, em defesa da obediência total e irrestrita às normas da Santa Sé. Segundo o Bispo, era necessária uma centralização das decisões católicas. Lembra ainda que o Papa é o sucessor de Pedro, o que, por si só, deveria ser considerado suficiente para evitar qualquer tipo de contestação. E relaciona atitudes dos Papas anteriores, com o intuito de defender o catolicismo.

considerações relacionadas às dificuldades enfrentadas pelas mulheres no acesso à escola. A educação queria forjar “boas” mães e esposas. E, então, discute-se o processo de feminização do magistério, seguida de uma nova análise sobre a relação entre o papel da mulher e a classe social na qual estava inserida.

A educação escolar das meninas em Minas Gerais, e em outras regiões, envolveu, basicamente⁵⁷, duas questões preponderantes: a influência e a criação de colégios católicos para a formação de mulheres católicas, oriundas de famílias burguesas⁵⁸; o processo de feminização do magistério.

⁵⁷ Cabe frisar as formas de resistência empreendidas pelas mulheres. Havia mulheres que não aceitavam passivamente o lugar social que lhes foi atribuído pela elite masculina e pela Igreja. Segundo Perrot, “nos poderes informais das mulheres que controlam de fato a parte mais importante dos recursos e das decisões; nessas condições, a perpetuação do “mito”; por trás da ficção desse poder, as mulheres podem desenvolver à vontade suas próprias estratégias.” (PERROT, 1988, 171). Todavia, há que observar que nosso objeto de pesquisa, o Collegio Marianno, foi dirigido por mulheres oriundas da elite do interior de Minas, em determinado tempo. Logo, nosso objeto não se inscreve no horizonte das tentativas femininas de resistência à formação que lhes foi imposta pelos grupos sociais dominantes. Ao contrário, nosso objeto contempla o projeto de formação então concebido para as mulheres. De qualquer modo, a atuação das irmãs Marianno na educação foi singular, do ponto de vista da atuação empreendedora e educativa. Ainda que a “ação das mulheres no século XIX consistiu sobretudo em ordenar o poder privado, familiar e materno, a que eram destinadas” (PERROT, 1988, 180), veremos, ao longo do texto, que não se percebe uma postura de ruptura em relação aos valores pré-estabelecidos na dinâmica do Collegio Marianno. “No século XIX, a mulher está no centro de um discurso excessivo, repetitivo, obsessivo, largamente fantasmagórico, que toma de empréstimo as dimensões dos elementos da natureza.” (PERROT, 1988, 187).

⁵⁸ A ideia da família burguesa obedeceu a uma lógica diretamente ligada aos ditames do casamento no molde da moral cristã, monogâmico, indissolúvel e com papéis previamente estabelecidos para os cônjuges: os homens trabalham e provêem o sustento da família; a mulher é responsável pela criação e educação dos filhos. Aqui, a monogamia é fundamental para a garantia da fidelidade e sucessão da herança. A imposição desses conceitos deveria permear todas as camadas sociais. A educação da mulher deveria ser organizada para seguir basicamente estes passos. Para Marx, “baseia-se no domínio do homem; sua finalidade expressa é a de procriar filhos cuja paternidade seja indescritível, e exige-se essa paternidade indiscutível porque os filhos, na qualidade de herdeiros diretos, entrarão, um dia, na posse dos bens de seu pai. A família monogâmica diferencia-se do matrimônio sindiástico por uma solidez muito maior dos laços conjugais, que já não podem ser rompidos por vontade de qualquer das partes. Agora, como regra, só o homem pode rompê-los e repudiar sua mulher.” (MARX & ENGELS, 1984, p. 66).

1.4 Reflexões sobre as dificuldades e os avanços na produção historiográfica frente à educação feminina.

Aqui, valemo-nos do auxílio de Hahner (2010). Ela relaciona três elementos fundamentais da educação feminina no século XIX: primeiro, o projeto moderno no qual recentemente se inseria o país; segundo, educar as mulheres auxiliaria no desenvolvimento da nação; terceiro, as ideias iluministas, no caso brasileiro, absorvidas no horizonte da moral católica e levando em conta o papel social destinado à mulher.

As funções que cabiam à mulher, a moral que a deveria orientar e o seu papel social estavam então definidos. As mudanças na sociedade (que gradativamente se modernizava) demandavam um novo lugar para as mulheres de classes mais abastadas. Segundo a autora, o magistério (mesmo o público) seria um espaço de trabalho que evitaria um contato muito próximo com as camadas populares. A senhora casada poderia, desse modo, exercer algum tipo de atividade remunerada. A aceitação dessa atuação profissional feminina estava ligada diretamente à transmissão dos conceitos e valores da família burguesa. Ao mesmo tempo, a possibilidade da inserção da mulher no mundo do trabalho impunha a possibilidade de mudança do seu papel social.

A educação pode servir como uma força socializante, e também como uma força libertadora, especialmente quando estudantes e professores a consideram somente como uma preparação para o casamento e a maternidade – como quiseram estabelecer os autores dos livros didáticos. A educação pode, também, alterar as continuidades no comportamento tradicional e gerar novas expectativas para as mulheres, além de facilitar a sua entrada nas camadas médias, em novas formas de emprego remunerado. As mestras, pelo menos algumas, podem servir como agentes de mudança social. (HAHNER, 2010, p. 19)

Asano (2002), por sua vez, investigou a Associação das Filhas de Maria, instituição religiosa criada em 1875, na cidade de Diamantina, que, até o ano de 1948, expandiu-se consideravelmente, chegando a contar 117 associações e 11.623 associadas em todo o Brasil. No seu texto, indica que, no período, considerava-se que a instrução deveria ser de responsabilidade das religiosas. Elas melhor saberiam inculcar nas crianças, sobretudo, nas meninas, os valores da moral cristã: “A educação feminina, nessa perspectiva só é considerada necessária e relevante na medida em que reiterava nas alunas a predisposição

para negar-se enquanto pessoa, porquanto centrada em uma formação escolar capaz de educá-las.” (ASANO, 2002, p. 4).

Rocha (2008) também oferece contribuições ao tema da educação feminina, em Minas Gerais, durante o século XIX. Ele pesquisou a criação e o desenvolvimento do Colégio de Macaúbas, entre os séculos XVIII e XIX, abordando então o tema da educação das meninas de maior poder aquisitivo. O autor considera que a educação oferecida nesse colégio, sistema de internato, tinha por objetivo afastar o avanço das ideias liberais que ganhavam força no Brasil.

Para ele, a educação implementada pelos membros do clero e financiada pelas famílias abastadas de Minas Gerais tinha ainda um objetivo comum corrente: a formação da “boa” esposa e da “boa” mãe. A personagem central desse projeto de manutenção da influência da Igreja na sociedade mineira foi o bispo Dom Viçoso. Aqui, contudo, queria-se mais, como aponta o autor: a religião tinha uma nova função, afastar os liberais e suas ideias modernizantes.

Ela é marcada pela ação pastoral de D. Viçoso (1846-1875), reformador e educador que entendeu a educação como meio de reformar a sociedade mineira. D. Viçoso reformou a comunidade religiosa e fundou, auxiliado pelo Pe. Antônio Afonso de Moraes Torres, o colégio do Recolhimento de Macaúbas, revitalizando a dupla finalidade do Recolhimento: uma “clausura para recolhidas” e “um internato de educação religiosa, moral e doméstica, especialmente encaminhada a formar exemplares mães de família”. (ROCHA, 2008, p. 13)

A leitura dessas duas pesquisas, as de Asano (2002) e Rocha (2008) foram importantes. Percebemos que as modificações de cunho educacional na cidade da Campanha (e na região do sul de Minas) estavam inseridas em um contexto mais amplo. Com o fim do império e o avanço do republicanismo, a Igreja Católica perde espaço. A sua reação ocorre por meio da educação, uma forma de manter os seus valores, suas normas de comportamento e frear os avanços da república e da modernidade.

O artigo de Inácio Filho & Rossi (2009) também nos auxiliou na compreensão da atuação da Igreja Católica na educação. As suas considerações se alinham as de Rocha (2008) e Asano (2002). Manter um formato ordeiro na educação das mulheres era necessário para que as mesmas transmitissem os dogmas católicos e impedissem que as ideias republicanas penetrassem na sociedade.

As mulheres eram consideradas as responsáveis pela educação dos filhos. Assim, desde muito cedo, deveriam ser apresentadas à doutrina cristã, que seria a base da formação do seu caráter. A Igreja, temendo a perda de espaço na sociedade, e defendendo seus dogmas, concentrou-se na educação das meninas, durante a segunda metade do século XIX e início do século XX. A ampla criação de escolas nesse período era um dos mecanismos mais eficientes escolhidos para manter sua influência.

Mais uma vez, D. Viçoso é citado como um dos responsáveis pela articulação desse movimento no leste de Minas Gerais. Ele desenvolveu vários colégios que atendiam as necessidades das camadas mais abastadas da sociedade. As meninas seriam educadas sob a batuta do catolicismo.

Conciliando o desejo de educar os jovens por parte das famílias, com o interesse do bispado pela disseminação do catolicismo na vida cotidiana dos fiéis, a educação da mulher assumiu novas proporções educacionais nestes institutos, atendendo à “clientela dos estratos superiores e médios da sociedade” (...) De certa forma, esta realidade reforçou a presença de instituições privadas, principalmente, católicas (...) estas congregações especificavam em seus colégios uma educação de conduta estética, religiosa e formação para o lar, que salientavam em seu ensino ministrado às alunas, as virtudes da função natural de mulher, ser mãe. (INÁCIO FILHO & ROSSI, 2009, p. 201)

Outros pesquisadores têm diferentes formas de compreender e explicar a questão da educação feminina no século XIX. Gouvêa (2003) faz uma análise mais ampla da organização das mulheres no século XIX. Para ela, há que compreender que não existiu uma educação feminina no singular. A pluralidade de grupos sociais, ações públicas ou privadas deve ser levada em conta para qualquer tipo de análise.

No seu texto, mostra que o processo de institucionalização escolar foi gradativo, conflituoso e atendeu às demandas de determinadas camadas sociais. A criação e o aumento de salas de aulas e de escolas, a inserção feminina nesse contexto e os projetos desenvolvidos para que essa educação fosse ofertada no século XIX são as novas contribuições trazidas pela autora.

Não é a infância no singular que é tomada como objeto da ação escolar, ao longo dos oitocentos, mas as infâncias serão alvo de políticas diferenciadas estabelecidas a partir do pertencimento étnico, social e de gênero da criança, definidores de sua identidade. Nesse sentido, serão estabelecidos diversos tempos e espaços de formação durante a infância, tendo em vista sua origem, inserção e lugar social quando adulto. No âmbito desse estudo, busco contemplar tanto a inserção da mulher na vida social, como os projetos de escolarização a ela destinados. (GOUVÊA, 2003, p. 2)

A autora enfatiza ainda as relações entre o público e o privado. Para ela, nas classes abastadas, assim como nas subalternas, havia famílias que possuíam uma organização diferente da família clássica burguesa.

Portanto, ao se analisar a posição da mulher na sociedade mineira oitocentista cabe dar destaque às complexas relações entre os domínios público e privado, não entendendo a inserção feminina no espaço doméstico como expressão de uma vivência restrita aos cuidados com a casa e a educação dos filhos, mas a uma indiferenciação entre os serviços domésticos e as atividades remuneradas tidas como femininas, atividades que engendram uma relação com o domínio público da vida social. (GOUVÊA, 2003, p. 4)

A autora considera que a compreensão das mudanças no processo de institucionalização escolar (mudanças na legislação) e no surgimento de novas escolas (de cunho público, particular ou clerical) é ponto chave para a compreensão do *ethos* moderno que despontava em Minas Gerais. A saída da mulher do espaço doméstico e a possibilidade do acesso ao conhecimento alteraram o panorama e as relações sociais na província.

Ela ainda deixa evidente que o acesso das mulheres à escola não foi regra. Mas o crescimento do número de salas, escolas e mesmo de professoras foi uma mudança nas bases sociais de Minas Gerais. Não há homogeneidade no construto familiar. Do mesmo modo, não há também uma política educacional no singular. O processo conflitivo e dialético do acesso das mulheres à escola marcaram uma nova forma de perceber o lugar desses sujeitos na sociedade mineira dos oitocentos.

O Estado pouco investe na escolarização feminina, sendo restrito o número de escolas destinadas às meninas da província, demonstrando a precariedade do projeto de escolarização da mulher no período. A legislação revela-se extremamente minuciosa na conformação de parâmetros que normatizassem o acesso da população feminina a escola. Tais parâmetros mostravam-se diferenciados em relação a população masculina, essa privilegiada no projeto de escolarização da infância. (GOUVÊA, 2003, p. 7)

O texto de Moraes (2009) também merece atenção. Moraes tematiza elementos ligados ao processo gradativo de letramento ocorrido em São João Del Rey durante o século XIX. Embora não se ocupe especificamente dos colégios voltados para mulheres, a contribuição de seu texto para nosso trabalho está em discutir o processo de difusão das habilidades de ler e escrever e o modo como as mulheres se apropriaram dessas habilidades.

A autora ainda salienta que a criação de escolas no país teve como um dos seus principais objetivos plasmar a civilidade no Brasil. Contudo, a construção civilizacional desse projeto não seguiu uma linha homogênea. A questão de gênero se fazia presente. O modelo de educação de homens e mulheres necessitava ter suas especificidades.

A iniciativa de se inaugurar escolas mostra que, para o Império do Brasil, a educação era vista como uma das principais vias de acesso à civilização, mas não deveria ser estendida a todos da mesma maneira, pois considerava-se que as diversas categorias sociais e os diferentes sexos não deveriam ter o mesmo tipo de educação. (MORAIS, 2009, p. 21)

Moraes (2009) apresenta, ainda, um profundo estudo da educação para meninas em Portugal, analisando a legislação e as primeiras iniciativas da coroa lusa na definição dos rumos da educação das meninas. Esse processo organizacional será, gradativamente, absorvido pela colônia (posteriormente, império brasileiro). Nessa discussão, é fundamental esclarecer que as influências portuguesas na colônia não foram definitivas, singulares e lineares.

Via de regra, o que observamos em um determinado recorte geográfico e histórico não pode ser tomado por definitivo. Entretanto, esse tipo de estudo propicia a possibilidade de novos campos de observação e questionamentos diante das diferentes formas de educação propostas para mulheres, não somente em Minas Gerais, mas em outras regiões por país.

A Capitania e, mais tarde, a Província de Minas Gerais, conformada por diferentes regiões, era marcada pela diversidade. Por isso, as conclusões possivelmente obtidas em um estudo referente a um recorte geográfico reduzido não podem ser generalizadas. Todavia, a análise aprofundada de uma determinada área pode propiciar uma revisão do que se encontra estabelecido pela historiografia, matizando explicações que se referem a toda Capitania/Província e, ainda, lançando luzes sobre o que se encontra desconhecido. (MORAIS, 2009, p. 36)

Sobre o texto de Moraes (2009), outras três ideias merecem destaque. A primeira diz respeito à relação entre o acesso ao letramento e o desenvolvimento de um projeto de

civilidade. Morais (2009) afirma que a oferta de algum de tipo de habilidade de leitura e escrita, tanto para homens quanto para mulheres, era uma forma de educar nos moldes da civilidade, o que teria contribuído de forma definitiva para a aceitação de uma ordem social baseada em códigos de conduta morais, éticos e religiosos: “A escola começou a ser vista não apenas como a instituição capaz de preparar as gerações mais jovens para lidar com a cultura escrita, mas principalmente como o locus ideal para conformar uma “Nação civilizada” e submetida à ordem pública.” (MORAIS, 2009, p. 108).

A segunda se refere ao papel atribuído às mulheres no período de transição entre a colônia e o império. Em São João del Rey, e mesmo na Campanha, o projeto inicial elaborado para as mulheres tinha como meta formar boas mães de família (MORAIS, 2009, p. 228).

A terceira ideia de destaque indica que a aquisição das habilidades de leitura e escrita por parte das mulheres as distinguiu socialmente. Uma mulher com algum conhecimento letrado teria melhores possibilidades matrimônios e maior influência no meio social. Minas Gerais não era uma província litorânea, por isso, “se comparada às demais capitâneas do litoral, [Minas] é uma região de colonização mais recente e extremamente mestiça, na qual ter domínio da cultura escrita por parte das mulheres poderia ser tomado como um elemento de distinção.” (MORAIS, 2009, p. 232).

Por fim, consideremos as contribuições de Arruda (2010), que faz uma discussão importante sobre o processo educacional brasileiro. A autora analisa a singularidade da educação brasileira, na medida em que não apenas educa, mas também civiliza a população. Para tanto, procura identificar de que maneira essa educação foi concebida, como ainda quem tenham sido os responsáveis por essa concepção. Busca compreender também como esse projeto escolar dual, concebido entre razão e religião, conseguiu se desenvolver.

De um lado, o poder dos homens, as suas ciências e as suas potencialidades. A outra está relacionada a uma dimensão espiritual da alma e do corpo. Ambas, no entanto, compreendem uma ação conjugada no sentido do enquadramento da população a um determinado tipo de conduta, informado pelo quadro representacional da cultura ocidental cristã. Ambas atuaram no reordenamento do corpo social, o que significou implantar uma ordem cristã vinculando a população à doutrina católica, aos sistemas de valores, costumes e tradições, mediante os laços familiares e a cultura escolar, que, em Minas Gerais. (ARRUDA, 2010, p. 17)

Para Arruda (2010), a proliferação do número de escolas atendia as demandas das elites dirigentes, que queriam criar espaços nos quais os aspectos de nacionalidade pudessem ser difundidos e fortalecidos. Pretendia-se, enfim, civilizar a população, inclusive as

mulheres, já que este era considerado um caminho profícuo para organizar uma nação moderna. As elites dirigentes, contudo, não possuíam homogeneidade política. E o debate político recorrentemente foi então levado para o espaço educacional.

Ao observarmos o processo de surgimento e de proliferação das escolas (públicas ou privadas), é importante conhecer as especificidades das comunidades que receberam esses estabelecimentos de instrução. A contextualização local é fundamental para compreender o processo educativo como fruto da demanda de um grupo (ou grupos) social, assim como os conflitos políticos que se faziam presentes. A disputa pelo poder político e, posteriormente, pelo poder religioso, afetavam diretamente a criação e organização dos estabelecimentos de instrução.

Dessa forma, analisar a emergência de uma instituição é pensar nas condições de possibilidades que dão lugar a uma série de acontecimentos, envolvendo estratégias e táticas na constituição dos campos, domínios e objetos do poder, um discurso que, longe de ser esse elemento transparente ou neutro, exerce práticas de poder e de imposição de normas. (ARRUDA, 2010, p. 17)

Arruda (2010) ainda nos auxilia a entender o estreito vínculo entre o gradativo acesso da mulher ao mundo público e a religiosidade. O papel social da mulher estava definido: ser mãe, ser ordeira, ser católica, dentre outros. A educação daqueles que comporiam a sociedade brasileira seria então melhor desempenhada se estivesse sob a responsabilidade da mulher. Segundo Arruda, após receber os ensinamentos considerados corretos, as mulheres podiam de certa forma educar seus filhos dentro desses preceitos⁵⁹. Percebe-se na ocasião uma maior abertura social para que as mulheres adentrem com algum vigor o espaço público e profissional. A partir da segunda metade do século XIX, tornar-se professora associa a mulher a uma profissão respeitada e extremamente útil no construto social: “Para *salvar* a sociedade, a Igreja acreditava nas escolas como instrumento adequado à regeneração do homem pelo estabelecimento da doutrina evangélica católica. Alma e corpo eram considerados frutos da condição humana.” (ARRUDA, 2010, p. 100).

A atuação feminina no magistério implica em significativa alteração na sociedade. O exercício de uma atividade profissional remunerada por parte das mulheres passa a ser melhor

⁵⁹ Novamente, não nos ocuparemos do tema da resistência feminina ao modelo social vigente no período. Nosso objetivo é apresentar elementos teóricos familiares aos preceitos do Collegio Marianno. E, ainda, entendemos que apontar uma possível linearidade relativa a uma forma de atuação feminina, não nega a existência de projetos alternativos, assim como de uma atuação combativa ao modelo social vigente por parte das mulheres.

aceito pela sociedade. As mulheres de classes sociais abastadas tinham então condição de conhecer novas realidades e, em alguns casos, de deixar de cuidar apenas do seu lar e de conviver no mundo externo. A percepção do espaço ocupado pelas mulheres é reorganizado.

As interpretações sobre o lugar da mulher na educação ainda estão em construção. Nos estudos mencionados, temas como o da intervenção da Igreja Católica na educação, do papel social das mulheres, do gradativo aumento do espaço feminino na educação, das possíveis transgressões feitas e da participação do Estado na criação das escolas foram abordados.

Frisamos novamente que não encontramos estudos específicos sobre nosso objeto de pesquisa. As leituras dos textos citados nos deram ferramentas para compreender as novas maneiras de atuação do Collegio Marianno na região da Campanha, assim como as possíveis razões de sua existência. No decorrer da pesquisa, veremos, as alunas do colégio têm uma postura ligada à manutenção da ordem vigente nos oitocentos. Mas encontramos também episódios de subversão diante dos ditames da Igreja. E, ainda, não podemos deixar de mencionar a importância das questões política e social na formação do Collegio Marianno.

Nesse capítulo, quisemos mostrar os caminhos que nos levaram a construção de nosso objeto de pesquisa e indicar e justificar nossas escolhas metodológicas no trabalho com as fontes. Afinal, como ensina Bloch (2002), “o problema epistemológico da história não é apenas um problema intelectual e científico, mas também um problema cívico e mesmo moral. O historiador tem responsabilidades e deve “prestar contas”.” (BLOCH, 2002, p. 17).

CAPÍTULO II:

2. ANÁLISE DA IMPRENSA: COMO OS JORNAIS RELATAVAM A ATUAÇÃO ESCOLAR ENTRE 1872 E 1908? O MONITOR SUL MINEIRO NA VANGUARDA DA INFORMAÇÃO. COMO O PODER PÚBLICO ACOMPANHAVA ESSES COLÉGIOS?

2.1 As primeiras reflexões referentes ao Collegio Marianno observadas por meio do *Monitor Sul Mineiro* (1872-1875) ⁶⁰

O conhecimento histórico pode ser construído de diferentes maneiras. A utilização de jornais, por exemplo, é um meio de acompanhar uma significativa gama de objetos de pesquisa na História. No caso específico deste trabalho, a educação foi o nosso tema. Como dissemos, no capítulo anterior, diante da dificuldade na obtenção de fontes de pesquisa e da possibilidade do uso de jornais como fonte de investigação, nos ocupamos em analisar o modo como os jornais, na cidade da Campanha, se referiam ao tema da educação.

O Collegio Marianno e suas proprietárias foram diversas vezes citados nos jornais. Neste segundo capítulo, analisaremos as notícias sobre o Collegio Marianno, como também sobre os demais estabelecimentos de ensino da Campanha e região sul mineira, que encontramos no decorrer da pesquisa.

A imprensa campanhense sempre acompanhou a educação, mesmo que indiretamente. Nos jornais, encontramos referências às atividades realizadas nas escolas públicas e particulares. Nossa principal fonte de pesquisa foi o *Monitor Sul Mineiro*, que, desde seu primeiro número, destaca a educação feminina. Na primeira edição, consta um anúncio sobre a criação de um colégio, Nossa Senhora das Dores, para meninas, na cidade de Pouso Alegre⁶¹, sob a direção de Eduardo Antonio de Barros e de sua esposa Alexandrina Jesuina Baret de Barros (*Monitor Sul Mineiro*, 01/01/1872, p. 4). Na edição de 21/01/1872, o jornal

⁶⁰ Nesse primeiro tópico, apresentaremos escolas semelhantes ao Collegio Marianno. Optamos em dividir essa apresentação em dois momentos. O primeiro se refere aos anos de 1865 até 1874, para o qual usamos diversas fontes. Aqui, as informações sobre o Collegio Marianno são mínimas. No segundo subtítulo, trabalharemos exclusivamente com o *Monitor Sul Mineiro*. Nesse segundo momento, amplia-se a quantidade de informações sobre o nosso objeto de estudo. Assim, temas comuns aos dois momentos também estão divididos em dois subtítulos.

⁶¹ Ver mapa na página 71.

publicou o estatuto e as regras do colégio. Nas edições seguintes, outras questões educacionais também ganham destaque no jornal⁶².

Nossos estudos, sobre educação feminina no sul de Minas Gerais, realizados a partir do *Monitor Sul Mineiro*⁶³, apontaram para questões antes discutidas por memorialistas ou por poucos estudos acadêmicos⁶⁴ ocupados com essa temática. No início de nossas pesquisas, pensávamos que o Collegio Marianno era o único estabelecimento de ensino particular voltado para as meninas, na região do sul de Minas, durante a segunda metade do século XIX. Rapidamente essa hipótese foi refutada. O silenciamento desses estabelecimentos de instrução foi praticamente total. As ações dos seus proprietários (as) é uma lacuna que necessita ser preenchida pela historiografia⁶⁵. O silêncio sobre essas iniciativas, dificulta a compreensão e o entendimento de como o processo de instrução escolar era organizado.

Outros estabelecimentos de instrução também se ocupavam da educação de meninas na região e mesmo na cidade da Campanha⁶⁶. O jornal *Sapuchay*⁶⁷, em 16/11/1865, anunciava para o ano de 1866 um colégio voltado para meninas, o Collegio de Meninas. O anúncio era o seguinte:

Collegio de Meninas na Cidade da Campanha.
Fundado e dirigido por Mme. Paulina Maria Mallisse.
No primeiro de Janeiro de 1866 abrir⁶⁸ se-há nesta cidade um collegio de meninas, onde se leccionará primeiras letras, caligraphia, grammatica nacional, francez, muzica e trabalhos geraes de agulhas.
Breve se publicará os estatutos e regulamento do mesmo estabellecimento.
Recebe-se alumnas internas e meio-pensionistas. (*O Sapuchay*, 16/11/1865, p. 3)

⁶² O *Monitor Sul Mineiro*, em 21/01/1872, noticiou as condições da Instrução Pública e a necessidade do aumento de vagas nas escolas para ambos os sexos. Em 25/02/1872, mostrou o número de cadeiras das escolas públicas em Minas Gerais. E, em 10/03/1872, um seu Editorial, convocava à matrícula os ingênuos e, ainda, em outro editorial solicitava a qualificação dos professores.

⁶³ Como antes salientamos, os estudos sobre a educação feminina, feita por particulares, durante o último quartel do século XIX, ainda estão por serem feitos.

⁶⁴ Em relação à região sul mineira, o único texto que encontramos com temática semelhante a nossa foi de LAGE (2007). Como dissemos, nele, há uma referência ao Collegio Marianno. Contudo, sua análise abarca um período cronológico posterior ao nosso recorte temporal. O estudo de Lage (2007) ocupa-se, sobretudo, com o Colégio do Sion. No mais, a história dos estabelecimentos de educação mantido por particulares, para meninos ou meninas, foi silenciado pela historiografia.

⁶⁵ Já mencionamos que consideramos a falta de fontes sobre este tipo de objeto o principal problema encontrado pelos pesquisadores para a construção de alguma espécie de pesquisa. Ainda assim, pretendemos mostrar que a investigação deste tipo de objeto é possível, desde que contemplada uma certa definição mais ampla da ideia de fonte de pesquisa para a construção da narrativa histórica.

⁶⁶ Ver mapa na página 71.

⁶⁷ Apesar de nosso subtítulo, “As primeiras reflexões referentes ao Collegio Marianno observadas por meio do *Monitor Sul Mineiro*”, não poderíamos deixar de citar outro jornal, em função da relevância do que foi encontrado.

⁶⁸ Preservamos a grafia e o possível erro de edição no jornal. O texto original foi publicado dessa forma.

No desenvolvimento da nossa pesquisa, não obtivemos informações sobre o funcionamento do Collegio de Meninas, dirigido por Paulina Maria Mallisse. Não há outros jornais da época, ou documentos, que comprovem o funcionamento do colégio. Provavelmente, este estabelecimento de instrução foi inaugurado um ano antes ao Collegio Marianno. Desse modo, o pioneirismo do Collegio Marianno na educação de meninas pode ser contestado. Na prática, a existência de outro colégio também voltado para a instrução de meninas não altera a importância do Collegio Marianno na região sul mineira. Porém, a nova informação acaba por refutar a produção feita pelos memorialistas da Campanha. A última notícia que encontramos sobre o Collegio de Meninas diz respeito à publicação do seu estatuto, na edição de 01/01/1866, do jornal o *Sapuchay*⁶⁹.

Cidades vizinhas à Campanha também possuíam escolas voltadas para a educação de meninas. No atual município de São Gonçalo do Sapucaí⁷⁰, por exemplo, foi inaugurado o “Collegio de Meninas”. A criação desse estabelecimento foi notícia no *Monitor Sul Mineiro*:

Collegio de meninas. – Na importante freguezia de S. Gonçalo, deste município, acaba de estabelecer-se um collegio destinado á educação de meninas, sob a intelligente direção da Exm. Sra. D. Carolina Lustosa Pimentel.

Não precisamos abonar as excellentes qualidades que adornão a directora, e nem a pericia e habilitações de que dispõe. Felicitamos somente á freguezia de S. Gonçalo, que possuindo já um optimo collegio de meninos, tem agora um outro, destinado a educação de crianças que um dia tornarão verdadeiras mãis de familia⁷¹. (*Monitor Sul Mineiro*, 21/04/1872, p. 4)

O colégio ficou conhecido como Collegio Lustosa e notícias sobre seu funcionamento seguem por anos no século XIX⁷². A educação feminina na Campanha apresentou traços marcantes, não somente no que tange à educação particular. Mesmo a escola pública voltada exclusivamente para meninas possuía o seu espaço. Em 02/06/1872, 86 vagas para meninas foram abertas na escola pública na Campanha. A professora seria Henriqueta Adosinda da Costa:

⁶⁹ Ver anexo 1, página 212.

⁷⁰ Ver mapa na página 71.

⁷¹ Esta notícia, veiculada pelo *Monitor Sul Mineiro*, é fundamental para compreender dois pontos importantes. O primeiro diz respeito a existência de outros estabelecimentos de instrução mantidos por particulares em toda região do sul de minas (o que melhor discutiremos no decorrer do texto). O segundo se refere a forma como o jornal percebia e defendia a instrução das meninas. Essa primeira evidência de como o *Monitor Sul Mineiro* compreendia e difundia o tema da educação feminina nos auxilia a entender as escolhas pedagógicas e metodológicas implementadas nesses colégios. A educação ofertada para as meninas já delineava seu objetivo central: educar e formar “verdadeiras mãis de família”.

⁷² Nossa pesquisa não tem o objetivo de definir a data do fechamento dessa escola. De qualquer modo, esse estabelecimento foi contemporâneo ao Collegio Marianno.

Instrução publica. - Abre-se amanhã a segunda aula de instrução primaria elementar para o sexo feminino, á rua da Princeza Izabel (antiga do Fogo), regida pela Exma. Sra D. Henriqueta Adosinda da Costa.

É de esperar que as 86 alumnas, matriculadas na primeira aula, sejam divididas pelas duas dignas professoras. (*Monitor Sul Mineiro*, 02/06/1872, p. 4)

Apesar da concepção politicamente conservadora⁷³ do *Monitor Sul Mineiro*, as discussões educacionais eram entendidas como um avanço para a cidade, por seus proprietários. A oferta de algum tipo de educação para as mulheres pode ser compreendida como uma tentativa de inclusão da Campanha cada vez mais na modernidade que se configurava. Nesse sentido, o aspecto civilizacional é peça fundamental desse processo de avanço da sociedade. Ademais, a elite local dava legitimidade ao processo, ofertando e apoiando o desenvolvimento educacional, inclusive das mulheres, na localidade, já que a presença desses estabelecimentos de ensino alterava o patamar da região⁷⁴.

A educação das mulheres deveria se dar nos preceitos da moral cristã. Assim, a educação das meninas deveria permanecer separada a dos meninos, pois os papéis na sociedade já estavam definidos. Não nos aprofundaremos nas questões de gênero, mas podemos afirmar que, com a definição dos papéis sociais de homens e de mulheres, a educação serviria como aporte para a manutenção desses lugares sociais. A escola educaria para forjar mulheres dóceis, submissas, cuja missão de vida era ser uma boa esposa e mãe.

A Igreja Católica pregava as mesmas ideias⁷⁵. Assim, havia certo modelo para a educação feminina, o qual deveria ser rigidamente seguido. Nesse momento histórico, podemos dizer que havia uma simetria entre os valores defendidos pela Igreja e pela sociedade patriarcal⁷⁶ da Campanha.

⁷³ O jornal era de inspiração e de posicionamento monarquista.

⁷⁴ “Essa formação chama a atenção à medida que, em meio a esses desencadeamentos, o processo de civilização, na sua concepção, já está em curso, e, nesse aspecto, a ênfase da escolarização não se fez na busca de completar o processo de civilização, mas de estabelecer as civilidades e, principalmente, legitimar e dar visibilidade a uma nova configuração de poder em construção.” (VEIGA, 2003, p. 2).

⁷⁵ Na relação entre as elites locais e a Igreja Católica há momentos de proximidade e de distanciamento. A reafirmação de preceitos morais e regras de civilidade eram pontos de consenso entre o catolicismo e a elite campanhense. Por outro lado, no processo de expansão do ultramontanismo, por exemplo, a Igreja Católica e as elites locais (catolicismo dito popular) entram em choque.

⁷⁶ O conceito de patriarcalismo, no Brasil, possui diferentes definições. O pioneiro nessa discussão foi Freire (1998). Suas considerações influenciaram pesquisadores de diferentes tempos e vertentes. Bastos (2001) analisa a influência do conceito e discute como Freyre (1998) percebeu a ramificação do conceito na sociedade. Contudo, não nos aprofundaremos nessa discussão. Aqui, utilizaremos a definição de patriarcalismo de Brugger (2007): “O termo patriarcalismo encontra-se relacionado diretamente ao domínio masculino sobre a família. No Brasil, além de este poder se manifestar sobre o espaço doméstico — não necessariamente restrito ao parentesco consanguíneo, mas englobando em seu universo escravos e agregados — ele se desdobra na esfera política.” (BRUGGER, 2007, p. 47). Nesse sentido, a autora aprofunda suas reflexões e observa que, em diferentes setores sociais, há vestígios do patriarcalismo tal como entendido por Freire (1998) e redefinido por Brugger *apud* Vainfas (1989): “Ronaldo Vainfas, por outro lado, discordando dos críticos do modelo patriarcal da família

O processo educacional, então, segue uma ordem ontológica: a primazia da Igreja, depositária do Direito Divino e guardiã do Bem Supremo, a Família como depositária do Direito Natural e tradutora dos valores religiosos e o Estado como organizador do Direito Positivo e mantenedor do Bem Comum. A esse último, cabe ofertar escolas para os pobres. (CURY, 2005, p. 96)

Embora se considerasse necessária a manutenção da ordem social estabelecida, a criação de escolas era vista como um avanço para a cidade. O avanço da ordem moderna com o desenvolvimento da escolarização era comemorado nas páginas do *Monitor Sul Mineiro*. Entendia-se que o avanço da cidade poderia dar-se por meio do desenvolvimento educacional. O aumento do número⁷⁷ de alunos e alunas e a formação de professores e de professoras levaria o conhecimento às crianças e o progresso⁷⁸ à cidade. A necessidade de professores com boa formação mobilizou a cidade e a política local com vistas à criação de uma Escola Normal.

A notícia da criação desse estabelecimento de instrução foi destaque no *Monitor Sul Mineiro*, contando com apoio da população local.

Escola normal. - Dentro em muito pouco tempo vai ser estabelecida nesta cidade uma escola normal. É mais um passo importante que dá Campanha no caminho do progresso, e para o qual, cumpre confessar, muito concorreu o nosso digno conterrâneo, o ilustrado e honesto Dr. Francisco Luiz da Veiga que tem sido perante o governo da província um incansável advogado dos interesses sul- mineiros. (*Monitor Sul Mineiro*, 03/11/1872, p. 4)

Pouco depois, em 29 de dezembro de 1872, o jornal publica o edital para ingresso na escola. A divisão das turmas por gênero era já prevista, algumas cadeiras poderiam ser específicas para rapazes ou para moças. Para o ingresso, habilidades de cálculo, escrita e o catecismo eram consideradas, assim como a moral, os bons costumes e a aptidão física. O edital dizia o seguinte:

brasileira, procurou mostrar que não era pela estrutura do domicílio- extenso ou nuclear- que se definia o patriarcalismo. Ainda que o grande número de dependentes agregados, parentes e escravos fosse normalmente indicado como característico da família patriarcal, não se deve identificá-la com a família extensa. Seria mais no universo dos valores e da estrutura de poder que se definiria o patriarcalismo.” (BRUGGER, 2007, p. 48).

⁷⁷ Obtivemos dados referentes ao número de alunos e de escolas, os quais serão apresentados durante o capítulo, para que possamos fazer um balanço da educação feminina da Campanha, com ênfase no Colégio Marianno, diante da província de Minas Gerais.

⁷⁸ Usamos a expressão pois é ela utilizada no jornal ao ser anunciada a criação da Escola Normal da Campanha. As questões relativas ao tema da modernidade na Campanha serão analisadas no capítulo IV.

O Cap. Candido Ignacio Ferreira Lopes, director do Externato da cidade de Campanha, inspector do 18º círculo litterario e da Escola Normal de 3ª circunscrição litterária etc.

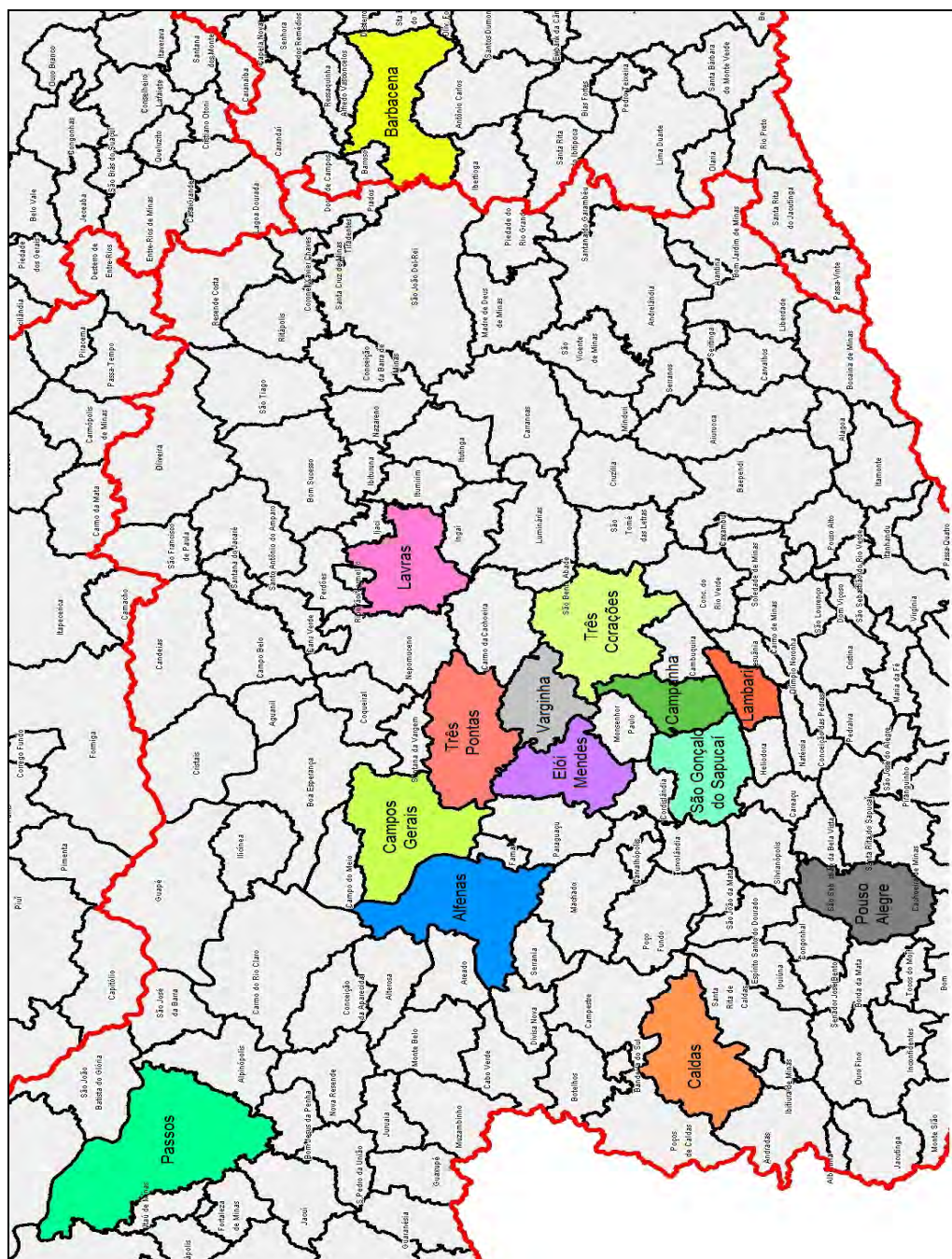
Faço saber aos que o presente edital virem que no dia 7 de Janeiro próximo, na sala do Externato desta cidade, e com a devida solemnidade, terá lugar a installação da Eschola Normal da 3ª circunscrição litteraria desta província, abrangendo as commarcas de Jacuhy, Parahyba, Prata, Jaguary, Cabo Verde, Rio Grande, Sapucahy, Rio Verde, Baependy, Rio Dourado e Itajubá. O fim a que se propõe a mesma Escola é a preparação de todas as pessoas que se destinarem ao magisterio primário. O curso normal será frequentado por homens e mulheres, sendo dadas as lições a uns e a outros alternadamente. Ninguém poderá matricular-se no curso sem ter provado: 1º ser maior de 16 annos: 2º estar isento de crime e ser de costumes puros: 3º ter constituição phisica e não soffrer moléstias, que inhabitem para o magistério: 4º saber o cathecismo da doutrina christão, ler e escrever corretamente, e fazer expeditamente as 4 operações fundamentaes da arithmetica em números inteiros. Aos alumnos- mestres e alumnas- mestras, que concluírem o curso normal e forem approvados será conferido um diploma. Este diploma lhes servirá de titulo de habilitação para entrarem em concurso, independente de exame de capacidade e para poderem ser nomeados professores provisórios. (*Monitor Sul Mineiro*, 29/12/1872, p. 4)

A Escola Normal funcionou por anos na Campanha⁷⁹ e formou professores de ambos os sexos para o exercício do magistério. Em todas as suas fases, a Escola Normal foi fundamental na formação de professores na cidade e região. A cidade contou também outras iniciativas relacionadas à educação. Encontramos notícias sobre a criação de escolas com aulas noturnas para trabalhadores e para escravos⁸⁰. Pudemos constatar um expressivo aumento do número de mulheres que ingressavam nas escolas. Diversas outras ações relativas à educação feminina também foram realizadas na região.

⁷⁹ A Escola Normal começa a funcionar em 1872 e suas atividades são encerradas em 1906 — cf. LAGE (2007).

⁸⁰ “Aula nocturna. – Na noite do dia 7 de Setembro, Sr. Zeferino Dias Ferras da Luz, digno professor publico desta cidade, inaugurou em sua casa uma aula nocturna de primeiras lettras para adultos e crianças. É mais um passo pra a instrucção do povo que occupado nos trabalhos do dia, pode no descanso da noite, procurar se instruir. Parabéns á Campanha, parabéns ao Sr. Zeferino Dias por essa tão sublime iniciativa.” (*Monitor Sul Mineiro*, 29/09/1872, p. 4).

Mapa atual das cidades do sul de Minas que possuíam estabelecimentos de instrução femininas mantidos por particulares entre 1866 e 1902



Mapa feito por mim. Fonte: IBGE. Mapas de Minas Gerais.

	Alfenas		Elói Mendes		São Gonçalo do Sapucaí
	Barbacena		Lambari		Três Corações
	Caldas		Lavras		Três Pontas
	Campanha		Passos		Varginha
	Campos Gerais		Pouso Alegre		Limites do Sul de Minas

A educação feminina ganhava cada vez mais importância e reconhecimento: “a intenção de disponibilizar a instrução pública para meninas, pobres e os negros nas outras províncias apresentou-se como uma estratégia política de produção de ideário da coesão social/ nacional.” (GREIVE, 2003, p. 35). Em Três Corações do Rio Verde⁸¹ — atual Três Corações — foi criada uma escola de aula noturna para mulheres. Não sabemos com precisão se pública, privada ou se uma iniciativa beneficente. Sobre sua duração, também não encontramos registros. Para a educação feminina, contudo, a iniciativa foi importante, indicando a percepção da necessidade do desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita por parte das mulheres. A existência dessa escola é expressão do crescimento da oferta de ensino para mulheres, como também mostra que essa especificidade não era uma exclusividade da cidade da Campanha.

Aula noturna⁸².- A 15 do corrente foi aberta nos Três Corações do Rio Verde uma aula noturna para o sexo ferminino⁸³, dirigida por Sr. Joaquim Cypriano Freira Junior e sua Exma. esposa a Sra. D. Maria Vitalina Ferreira Freire.

Rigistramos com prazer em nosso jornal este facto, que vai concorrer para o progresso moral daquela freguesia. (*Monitor Sul Mineiro*, 06/10/1872, p. 4)

A educação feminina na Campanha e nas cidades e freguesias vizinhas enfim crescia. O avanço da modernidade na região era nítida. No *Monitor Sul Mineiro*, os anúncios sobre inauguração de escolas para meninas aumentavam ano a ano. Conforme Galego (2008), durante o século XIX, o tema da educação ganha gradativamente mais importância: “A relação do tempo com o conhecimento, instaurada pela escola ao longo do século XIX, marcou de tal maneira as pessoas, que é usual ser atribuída à escola a função de garantir um certo número de saberes num determinado tempo.” (GALEGO, 2008, p. 18).

Por certo, o papel social das mulheres não se altera rapidamente, porém, paulatinamente alcançam maior acesso ao universo escolar e social. Essa mudança social terá reflexos na educação, em parte, explicando a razão pela qual as escolas femininas ganham importância e força na região da Campanha. Ora, inovar em pesquisa, rever conceitos e buscar alternativas para o reconhecimento do ensino feminino são metas do nosso trabalho. Observar o gradativo acesso das mulheres ao universo escolar é uma das melhores formas de percebermos os avanços da modernidade na região da Campanha.

⁸¹ Ver mapa na página 71.

⁸² Nessa notícia, o *Monitor Sul Mineiro* usou a grafia “noturna” e não “nocturna”.

⁸³ No texto, a grafia era mesmo “ferminino”. Pensamos que o correto seja “feminino”.

Nesse sentido, as transformações políticas, sociais, econômicas e religiosas que afetaram a educação no último quartel do século XIX e na primeira década do século XX são primordiais para compreendermos a necessidade do funcionamento do Collegio Marianno e sua gradativa substituição⁸⁴ pelo Colégio Sion.

Para compreendermos o surgimento desse colégio religioso na Campanha e o desaparecimento dos demais, temos de entender a dinâmica de abertura e de fechamento de propostas de criação de escolas femininas ao seu redor. Para observarmos esse crescimento e as mudanças ocorridas na educação para o “bello sexo”, temos de considerar qualquer tentativa de escola voltada para as mulheres. Apesar de compreendermos que questões políticas, econômicas e culturais influenciam o surgimento de novas escolas, não podemos descartar o estabelecimento de qualquer célula escolar com certo grau de organização.

É fundamental valorizar os trabalhos produzidos a partir das realidades e dos contextos educacionais. A compreensão histórica dos fenômenos educativos é uma condição essencial à definição de estratégias de inovação. Mas para que esta inovação seja possível é necessário renovar o campo da História da Educação. Ela não é importante apenas porque nos permite compreender que não há nenhum determinismo na evolução dos sistemas educativos, das ideias pedagógicas ou das práticas escolares: tudo é produto de uma construção social. (NÓVOA, 1992, p. 221)

Na Campanha, as mulheres ganham um espaço social antes inédito. Na escola pública da cidade, existia agora um espaço destinado para as meninas, o Collegio Marianno funcionava plenamente e a Eschola Normal recebia alunas normalistas. A configuração educacional da cidade gradativamente se alterava. Em pouco mais de um ano, as instituições educacionais para meninas ocupam já seu espaço. Não encontramos dados sobre as primeiras alunas da escola pública.

Já o Collegio Normal, em 1874, tinha 21 alunos matriculados, entre rapazes e moças. Não temos a listagem completa desses alunos. Contudo, ainda em 1874, nove alunos realizaram os exames no final do ano letivo. Desses, quatro eram rapazes, Francisco Navarro de Moraes Salles, João Eugenio Ferreira Lopes, Antonio Odorico Gonçalves de Moura e Augusto Olegario Stockler de Lima, e cinco moças, Maria Caetana de Paiva, Mathilde Xavier Marianno, Rosalina Amélia de Souza Castro, Anna Faustina Ferreira Rogrigues, Jesuina Carolina de Salles e Maria Candida Rodrigues (*Monitor Sul Mineiro*, 06/12/1874, p. 3).

⁸⁴ O termo “substituição” não teve ser compreendido literalmente. No decorrer do trabalho, apresentaremos o cenário que marca a vinda de um colégio religioso para a cidade e, por conseguinte, a perda de espaço e de importância do Collegio Marianno.

Observando rapidamente esses dados, percebemos que a maioria dos alunos matriculados na Eschola Normal da Campanha era de mulheres (aproximadamente 56%). Dentre elas, uma das irmãs do Marianno. Esse dado mostra que, em um futuro bem próximo, as professoras habilitadas para o exercício do magistério seriam maioria na Campanha.

Outro dado importante diz respeito ao crescimento do número de alunas do Collegio Marianno. Em 1874, encontramos 31 alunas matriculadas⁸⁵. No ano seguinte, esse número subiu para 45 alunas, um crescimento aproximado a 45%. Apesar de não termos dados sobre o número de alunos que frequentavam as escolas nesse período, podemos perceber que o sexo feminino ocupava cada vez mais espaço no cenário da educação da Campanha⁸⁶.

Estabelecimentos de instrução mantidos por particulares entre 1866 e 1902		
Localidade	Nome do estabelecimento	Ano de referência
Campanha	Collegio de Meninas	1866
Pouso Alegre	Collegio de Meninas	1872
São Gonçalo do Sapucay	Collegio de Meninas (Lustosa)	1872
Campanha	Eschola Normal	1872
Três Corações	Aula noturna*	1872
Mutuca (Elói Mendes)	Aula publica	1874
Pouso Alegre	Collegio Nossa Senhora das Dores	1874
Campanha	Collegio Marianno**	1874
Lavras	Não há identificação	1875
São Gonçalo do Sapucay	Collegio Santa Cruz	1876
São Gonçalo do Sapucay	Collegio São Gonçalense	1877
Lambari	Eschola Particular	1877
Lavras	Eschola para o sexo feminino	1880
Caldas	Collegio Juvenato Caldense***	1881
Três Pontas	Collegio para Meninas	1883
Alfenas	Collegio de Meninas	1885
Varginha	Collegio Santa Cruz	1886
Alfenas	Collegio Santa Maria ***	1899
Três Corações	Não há identificação	1890
Passos	Internato Nossa. Senhora Aparecida	1894
Barbacena	Collegio Imaculada Conceição	1901
Campos Gerais	Collegio Nossa Senhora do Carmo	1902

*Não sabemos se este era público ou particular.

** Primeira notícia frente do Collegio Marianno.

*** Estabelecimento onde existia a co-educação.

⁸⁵ Cf. tabelas das alunas de 1874 e 1875 nas páginas 228, 229, 230 e 231.

⁸⁶ Ver mapa na página 71.

Não nos ocupamos demoradamente em investigar a classe social de pertença das meninas que frequentavam a escola pública. Inferimos, contudo, que as alunas do Collegio Marianno eram oriundas de classes sociais abastadas⁸⁷, tal como as alunas da Escola Normal. Notamos assim uma elitização da educação feminina na cidade da Campanha e também em outras localidades.

No *Monitor Sul Mineiro*, existia um espaço destinado à propagandas diversas, razão pela qual pudemos identificar quais e de que tipo eram as escolas criadas. Em 1873, foi criada uma escola pública para as meninas na Mutuca — atual Elói Mendes⁸⁸ — (*Monitor Sul Mineiro*, 07/12/1873, p. 3). Em 1874, novamente, outros estabelecimentos de ensino para meninas passam a funcionar.

Eschola de meninas.- Começa amanhã á funcionar, sob a direcção da Sra. D. Maria Luzia de S. José, a aula publica de meninas da Campanha, tendo a respectiva professora tomado posse no dia 2 do corrente. Felicitamos a Sra. D. Maria Luzia por sua volta a nossa terra. (*Monitor Sul Mineiro*, 05/07/1874, p. 4)

Na cidade de Pouso Alegre⁸⁹, é inaugurada uma outra escola particular voltada para meninas, o Collegio Nossa Senhora das Dores, cujas regras, material didático, valores e período de férias são publicados no jornal (*Monitor Sul Mineiro*, 25/07/1874 p. 4)⁹⁰. O anúncio, desta vez completo, é uma mostra da importância que a educação das meninas ganhou nesse período do século XIX. Devido à pujança da cidade e a circulação do *Monitor Sul Mineiro*, este tipo de anúncio é constante no jornal.

Considerávamos que, no decorrer da pesquisa, encontraríamos anúncios semelhantes referentes ao Collegio Marianno. Contudo, há poucos anúncios comerciais relativos ao nosso objeto de estudo. Por isso, em que pese nossos esforços de pesquisa, não podemos afirmar quais tenham sido o valor das mensalidades (ou semestralidades) do colégio, suas regras, materiais didáticos utilizados e enxoval a ser levado no ato da matrícula — supomos que algum enxoval era solicitado, pois essa solicitação constava do anúncio das demais escolas de mesma categoria.

Se considerarmos as notícias sobre as atividades que eram realizadas no colégio, como aulas de piano, de costura com seda, dentre outras, e sobre alguns poucos pais de alunas,

⁸⁷ Nesse período, 1873, não há notícias sobre o Collegio Marianno. Por ser um colégio particular, em sistema de internato, consideramos que os valores praticados não eram acessíveis para a grande maioria da população. Essa hipótese será confirmada no decorrer do texto.

⁸⁸ Ver mapa na página 71.

⁸⁹ Idem, nota 88.

⁹⁰ Cf. anexo 2, página 213.

podemos concluir que o Collegio Marianno era mesmo direcionado às meninas da elite da região sul mineira. Até 1874, não encontramos notícias sobre a efetiva atuação do Collegio Marianno. Somente no final desse mesmo ano, na edição de número 153, do *Monitor Sul Mineiro*, datada de 06/12/1874, obtivemos maiores informações sobre o colégio.

Collegio de meninas. – Existe nesta cidade desde alguns annos um importante collegio de meninas com muita intelligencia dirigido pela Exma. Sra. D. Francisca Candido Marianno, que com habilidade notavel so tem distinguido na cadeira de professora, que dignamente occupa.

Para aquelles que conhecem as habilitações e o subido mérito da illustre professora e de suas distinctas irmãs são desnecessarias todas as recommendações e elogios da imprensa e si externamos o juizo que sinceramente fazemos desse acreditado estabalecimento é tão somente para o fim de noticiar os bellissimos exames das alumnas da Exa. Sra. D. Francisca Marianno, exames cujo resultado esperamos publicar em nosso proximo numero. (*Monitor Sul Mineiro*, 06/12/1874, p. 4)

Não logramos identificar o propósito da notícia, isto é, se fora feita apenas para informar os leitores sobre as especificidades do colégio, ou se se pretendia fazer anúncios comerciais do mesmo. De fato, o *Monitor Sul Mineiro* tinha sua própria coluna de propagandas. Assim, supomos que a notícia pode ter tido mesmo por objetivo informar os leitores do jornal sobre as condições do estabelecimento de instrução. A notícia nos possibilitou melhor compreender o modo como a imprensa cobria os eventos do colégio.

Não há registros de uma outra escola mencionada com tanto entusiasmo por esse jornal, com ênfase na credibilidade e no preparo da diretora da escola. O *Monitor Sul Mineiro* pretendia, já na próxima edição, divulgar os resultados dos exames das alunas, e o fez. Diante dessa nova publicação, pudemos melhor compreender algo da dinâmica do Collegio Marianno.

A partir da edição de número 153⁹¹, finalmente, estivemos próximos de traçar um possível panorama do Collegio Marianno. A primeira informação importante diz respeito a uma banca de inspeção. Os exames foram realizados no dia 3 de dezembro de 1874. Como não há registros, não sabemos ao certo como se dava a fiscalização, ou mesmo se havia alguma. A legislação previa esse tipo de ação por parte do poder público, porém, não encontramos registros sobre uma ação governamental nesse sentido.

Outra informação relevante dizia respeito ao número de alunas matriculadas no colégio, 36 alunas, das quais, todavia, duas não compareceram aos exames. Sobre as

⁹¹ Cf. anexo 3, página 214.

disciplinas ofertadas⁹² no Collegio Marianno, eram elas Grammatica portugueza, Calligraphia, Cathecismo, Metrologia, Musica, Principio de tradução franceza, francez e geographia (*Monitor Sul Mineiro*, 12/12/1874, p. 3).

O *Monitor Sul Mineiro* nomeia cada aluna que prestou os exames e sua respectiva aprovação. Não há registros de reprovações. A publicação nos permitiu perceber ainda que nem todas as alunas cursavam todas as matérias. A aluna Rosenda Gasparina de Avellar⁹³, por exemplo, sabemos, cursou a disciplina de “Principio de tradução franceza”. Em alguns colégios, algumas disciplinas eram pagas a parte, hipótese que pode ser estendida ao Collegio Marianno.

Das 34 alunas que prestaram os exames, cinco não fizeram os demais testes; elas estavam classificadas na categoria de principiantes. Algumas hipóteses podem ser levantadas: primeira, é possível que essas meninas fossem bem jovens e estivessem em fase de desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita, portanto, não poderiam mesmo realizar outros testes; segunda, é também possível que essas alunas fossem recém-matriculadas no colégio e que, por isso, não tivessem condições de realizar o exame. Embora, objetivamente, não existam elementos que corroborem ou refutem quaisquer das hipóteses, trabalharemos com a ideia de desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita. Dessa forma, podemos compreender o processo de gradativa mudança e evolução dos conteúdos. Não encontramos qualquer diferenciação por série ou nível⁹⁴.

Para considerarmos o Collegio Marianno como o maior da sua categoria, tínhamos de estabelecer algum parâmetro de comparação relativamente a sua organização curricular⁹⁵ e quantidade de alunas. Assim, foi necessário encontrar algum tipo de estabelecimento de instrução que possuísse características semelhantes. Após longa busca, encontramos dados sobre o Collegio Lustosa da São Gonçalo da Campanha. No mesmo período, o *Monitor Sul Mineiro* também apresentou dados referentes aos exames das alunas. Havia grande similaridade entre os conteúdos que eram ministrados no Collegio Marianno e no Collegio Lustosa. Neste, eram ministrados os seguintes conteúdos: Leitura, Doutrina Christã,

⁹² Ver anexo 4, páginas 215. Esses dados serão demoradamente analisados no próximo capítulo.

⁹³ Como havia alunas que não faziam todas as disciplinas, aventou-se a possibilidade de que algumas meninas cursavam o Collegio Marianno em forma de externato. No entanto, as informações de que dispomos não nos permite responder a pergunta. Qualquer afirmação nesse sentido não se sustentaria. Optamos então por deixar a questão em aberto.

⁹⁴ No próximo capítulo, apresentaremos as possíveis formas em que eram organizadas as alunas do Collegio Marianno.

⁹⁵ Os termos com “organização curricular”, “disciplinas”, “série”, dentre outros, não se aplicam de forma literal ao período. A utilização dos mesmos tem por objetivo apenas criar certa ordem lógica na construção do texto. No próximo capítulo, discutiremos com maior rigor essa terminologia.

Calligraphia, Arithmethica, Francez, Geographia e Musica (*Monitor Sul Mineiro*, 12/12/1874, p. 3). Ainda que não tenhamos os planos de ensino ou as ementas das disciplinares, percebemos que as matérias ensinadas eram quase as mesmas.

Outro ponto que serve de comparação diz respeito ao número de alunas. No ano de 1874, o Collegio Marianno contava com 36 alunas matriculadas. O Collegio Lustosa, aparentemente, contava apenas com 16 alunas matriculadas. Chegamos a esses números pois somente 16 meninas prestaram os exames finais do Collegio Lustosa, não havendo referências sobre a ausência de qualquer aluna. Nessa comparação, podemos afirmar que o Collegio Marianno era o maior e mais importante da sua região. Não encontramos outras novas referências ao Collegio Lustosa. Como dissemos anteriormente, ele existiu por vários anos, mas sua história ainda está por ser escrita.

Uma das maiores dificuldades que encontramos se relaciona ao estabelecimento da idade das meninas que cursavam o Collegio Marianno (a mesma dificuldade nos foi imposta também na investigação de dados sobre o Collegio Lustosa). Questionávamo-nos sobre a idade das alunas do colégio. Sobre o tema, não encontramos quaisquer dados precisos. Supúnhamos que as alunas iam para o Collegio Marianno para receberem as bases de habilidades de leitura e escrita, concluírem o que hoje seria o ensino fundamental e, se possível, posteriormente, tornarem-se aptas para cursarem o magistério na Escola Normal. Já na fase final de nossa pesquisa, encontramos uma referência quanto a idade e a condição social das alunas. Em um obituário, publicado no *Monitor Sul de Mineiro*, encontramos dados confiáveis sobre a idade das alunas e confirmamos a pertença social dessas meninas.

Fallecimento. - Inesperadamente a victima de rebelde frebre typhoide, falleceu nesta cidade, na tarde de 26 do corrente, a distincta senhorita Candida Xavier, de 13 annos de idade, intelligente alumna do Collegio Marianno e querida filha do Sr. João Antonio Xavier, importante e considerado fazendeiro do município de Machado.

Há alguns annos matriculada no Collegio Marianno, acreditado e antigo estabelecimento de instrucção desta cidade, a finada jovem conseguiu por sua applicação e exemplar procedimento captar as sympathias de suas dignas professoras, como tambem a geral amizade de todas as suas companheiras de collegio.

Repentinamente accommetida de terrivel enfermidade, infructiferos forão todos os recursos empregados pela sciencia e a dedicação carinho de suas dignas e extremosas professoras, fallecendo a gentil estimada Candida Xavier, longe dos affagos e lagrimas de seus desventurados Paes. A' sua extremosa e illustre familia apresentamos nossas condolencias. (*Monitor Sul Mineiro*, 30/11/1902, p. 2)

A aluna era da cidade de Machado–MG atualmente a 80 Km da Campanha. A informação é também importante para percebermos a dimensão da área de atuação do “antigo” e “afamado” Collegio Marianno. Como salientamos no capítulo anterior, trabalhar com notícias extraídas de jornais é tarefa complexa. Todo trecho encontrado exige um exame minucioso, de modo a assegurar a apreensão das informações que possam ser pertinentes à pesquisa.

Mapa⁹⁶ das cidades vizinhas da Campanha:



Fonte: IBGE. Mapas de Minas Gerais.

Há que saber fazer as perguntas adequadas para as fontes, ou corremos o risco de negligenciar fatos importantes. Como salienta Bloch (2002), o “essencial é enxergar que os documentos e os testemunhos só falam quando sabemos interrogá-los (...) toda investigação histórica supõe, desde seus primeiros passos, que a investigação já tenha uma direção.” (BLOCH, 2002, p. 27).

E ainda que a nossa narrativa siga uma organização cronológica, há momentos em que o avanço e o retrocesso na discussão do tempo é fundamental para a construção dos nossos argumentos. Eis um exemplo: a nota de falecimento acima mencionada. A nota data de 1902, logo encontrarmos informações importantes em 1902 sobre nosso objeto de pesquisa, quando tínhamos por foco o ano 1874, justificando eventuais saltos cronológicos durante a elaboração do trabalho.

Aqui como em todo lugar, essa é uma mudança que o historiador quer captar. Mas, no filme por ele considerado, apenas a última película está intacta. Para reconstituir os vestígios quebrados das outras, tem obrigação de, antes, desenrolar a bobina no sentido inverso das seqüências. (BLOCH, 2002, p. 67)

⁹⁶ Maiores detalhes ver mapa página na página 71.

2.2 Escolas que foram silenciadas na historiografia:

Relatos da educação feminina sul mineira, mantida por particulares e dirigida por mulheres entre 1875 e 1902⁹⁷. O *Monitor Sul Mineiro* como aporte central de fonte de pesquisa.

Para desenvolver nossas reflexões iniciais, foi necessário contextualizar o Collegio Marianno na dinâmica da imprensa e da educação da região sul mineira. Deixaremos de lado, nesse momento, uma análise aprofundada do nosso objeto, para nos concentrarmos na cobertura informativa oferecida pelos jornais sobre os demais estabelecimentos de instrução feminino, mantidos por particulares da região da Campanha. O mapeamento desses estabelecimentos nos auxiliará a distinguir o Collegio Marianno dos demais, pois nenhum outro colégio de sua categoria, isto é, particular, dirigido apenas por mulheres e sem vinculação direta com a Igreja, teve uma duração tão longa e exaustivamente reconhecida pela imprensa da Campanha.

Investigar quais tenham sido esses estabelecimentos de instrução é também relevante para fornecer dados para novos estudos. A história desses colégios, como dissemos, ainda está por ser escrita. Aqui, objetivamos apenas coletar dados preliminares, de maneira a compreender algo da organização dessa categoria de estabelecimento de instrução.

O surgimento de escolas na região da Campanha, voltadas para as meninas, foi então crescente e constante. Na cidade de Lavras⁹⁸, também existia um estabelecimento de ensino, em sistema de internato, voltado para meninas, dirigido pela Exma. Sra. D. Maria do Carmo Goulart. O *Monitor Sul Mineiro* noticiou, em uma longa reportagem, os exames realizados no Collegio de Meninas em Lavras, aplicado para 25 alunas (de idades não mencionadas), e as disciplinas ministradas, Calligraphia, leitura, contas, grammatica portugueza, análise grammatical, doutrina christã, francez e geographia (*Monitor Sul Mineiro*, 07/08/1875, p. 4).

Na notícia, são ainda mencionadas as vestimentas usadas pelas alunas, o bom desempenho das mesmas nas provas e a possibilidade da criação desse tipo de instrução no período noturno na cidade de Lavras. Outras informações, como valores das mensalidades, professores, dentre outras, não constam da notícia.

A cidade de São Gonçalo da Campanha — atual São Gonçalo do Sapucaí — também possuiu um colégio para meninas, o Collegio Santa Cruz, do qual eram proprietários e

⁹⁷ Esse recorte justifica-se, pois, é a partir de 1875 que a imprensa fornece maiores informações sobre o Collegio Marianno e, em 1902, encontramos notícia sobre o último estabelecimento de instrução semelhante ao nosso objeto de estudo.

⁹⁸ Ver mapa na página 71.

diretores Rita Horta Gomes Lemos e seu esposo Alberto Gomes Lemos. Sobre esse estabelecimento de ensino, há diversos anúncios no *Monitor Sul Mineiro*, com várias informações sobre a organização do colégio, como período letivo e de férias, valores das mensalidades e das anuidades, enxoval solicitado, dentre outras⁹⁹. Cabe destacar que o estabelecimento recebia como internas apenas meninas menores de 12 anos. Não logramos obter outras informações sobre o funcionamento desse colégio. Em 1876, um novo anúncio, sobre vagas para alunas:

As aulas desde estabelecimento forão reabertas no dia 1º do presente mez de Agosto. E continuando a funnccionar de acordo com o programa já publicado, o- Collegio de Santa Cruz- póde hoje offerecer mais em garantia: o grande numero de alumnas porque fora freqüentado no primeiro semestre de sua existência, e o notável aproveitamento de que derão provas nos últimos exames públicos.

Os abaixo assignado- como directores- fazem este annuncio, esperando continuarem á merecer a confiança que lhes tem sido dispensada pelos Senhores paes de familia, e aproveitão a opportunidade para agradecerem ás pessoas que tão benevolamente se prestarão á assistir aos últimos exames, servindo de valiosa recomendação á um estabelecimento- como este- tão util quão necessario entre nós. Alberto Gomes Lemos, Rita Horta Gomes Lemos. (*Monitor Sul Mineiro*, 06/08/1876)

Em função da pujança econômica da Campanha e da grande circulação do *Monitor Sul Mineiro*, colégios de outras províncias também anunciavam no jornal. Ainda em 1875, o Collegio Franco-Brazileiro, do Rio de Janeiro, faz um anúncio¹⁰⁰, aludindo às benesses de nele se educar. O anúncio descreve as condições de higiene do colégio, refere-se a sua tradição, a sua adesão à moral cristã e aos bons resultados na aprendizagem obtidos pelas alunas. Todavia, não lista as disciplinas oferecidas. Por quase todo o primeiro semestre de 1876, o mesmo anúncio é republicado. Encontramos, ainda, um relato anônimo indicando as qualidades do Collegio Franco-Brazileiro¹⁰¹.

Em 1877, há registro de dois novos estabelecimentos particulares de ensino: um, localizado em Lambarý¹⁰², *Escola Particular*; outro, em São Gonçalo, *Collegio para o sexo feminino*. Sobre essas escolas, há poucas informações, limitando o aprofundamento das investigações.

⁹⁹ Ver anexo 5, página 216 (*Monitor Sul Mineiro*, 12/09/1875, p. 4).

¹⁰⁰ *Monitor Sul Mineiro*, 25/12/1875, p. 4.

¹⁰¹ *Monitor Sul Mineiro*, 19/02/1876, p. 4.

¹⁰² Ver mapa na página 71.

Quanto ao Collegio para o sexo feminino, encontramos uma única referência¹⁰³, a divulgação dos exames feitos por suas alunas no final do ano de 1876. Essa única informação nos possibilitou ainda fazer algumas afirmações. Sobre o tipo de escola, supomos que, no colégio, as alunas recebiam minimamente as habilidade de leitura e escrita e aprendiam as quatro operações matemáticas básicas. Sabemos que as alunas, quatorze meninas no total, eram divididas por classes. Na primeira turma, as disciplinas oferecidas eram as quatro operações, doutrina e escripta. Segundo o *Monitor Sul Mineiro*, essa turma tinha somente duas alunas. A segunda classe oferecia as mesmas disciplinas da primeira. A turma era composta por oito alunas, das quais, duas não compareceram ao exame. Na terceira classe, as disciplinas eram leitura — ABC e syllabas, com três alunas (*Monitor Sul Mineiro*, 21/01/1877, p. 4). No ano seguinte, na última referência do *Monitor Sul Mineiro* ao colégio, encontramos o nome da professora responsável e, talvez, proprietária do colégio, Exma Sra. D. Maria Demetildes da Innocencia Meirelles. Na ocasião, somente oito alunas fizeram o exame — sabemos que a notícia se referia a mesma escola por conta dos nomes das alunas (*Monitor Sul Mineiro*, 14/01/1878, p. 3).

Em São Gonçalo da Campanha, há o registro de um outro colégio para meninas: Collegio para o sexo feminino. Aqui, uma vez mais, poucas são as informações obtidas. Sua proprietária foi a Exma. Sra. D. Esther Carolina de Lemos Porto. Ao apresentar o colégio, a nota do jornal menciona a existência de uma fiscalização que assegurava a idoneidade e os escrúpulos de sua proprietária¹⁰⁴. Para dar credibilidade à afirmação, o Sr. Joaquim da Silva Pimentel Lustosa, conhecido proprietário e diretor de um colégio para meninos da localidade, é citado como referência.

Quanto a idade das meninas, não há informações. As disciplinas ofertadas eram primeiras letras, contabilidade, geographia, francez, portuguez, musica, trabalhos de agulha etc. Não sabemos se a escola era um internato ou um externato. Na localidade, esta era já a segunda escola, possível concorrente do Collegio Santa Cruz (*Monitor Sul Mineiro*, 28/10/1877, p. 3).

Nas edições de 1878, finalmente, encontramos registros do número de alunas do colégio, agora batizado de Collegio São Gonçalense. Nesse ano, o *Monitor Sul Mineiro* publica os resultados dos seus exames — a última notícia que encontramos sobre o colégio.

¹⁰³ Cf. anexo 6, página 217.

¹⁰⁴ No final dessa primeira parte, nos aprofundaremos na questão da fiscalização das escolas. Para nota completa, ver anexo 7, página 218.

Segundo a notícia, na época, o colégio possuía 14 alunas, 11 iniciantes e 3 que haviam iniciado seus estudos no ano anterior (*Monitor Sul Mineiro*, 08/06/1878, p. 4).

Durante o ano de 1879, sobre estabelecimentos de instrução para meninas, encontramos somente registros relativos ao Collegio Marianno. A partir de janeiro de 1880, novos colégios voltam a ser mencionados. A primeira nova informação diz respeito à criação de uma nova escola de meninas na cidade de Lavras. A notícia não poderia ser mais lacônica: “Creação de escola - Creou-se uma segunda escola para o sexo feminino na cidade de Lavras” (*Monitor Sul Mineiro*, 14/01/1880). Tudo que encontramos foi esse trecho.

A longevidade não era regra para esses colégios. Nesse horizontes, o Collegio Marianno se destaca uma vez mais, já que funcionou por aproximadamente 40 anos. Não temos condições de avaliar os motivos da curta existência das outras escolas contemporâneas ao Collegio Marianno. A falta de alunas e a inviabilidade financeira do negócio podem ser algumas das causas do insucesso desses estabelecimentos de instrução. Como já dissemos, nosso objetivo é somente mapear e descrever sucintamente diferentes colégios de educação feminina da região do sul de minas. Esse mapeamento pretende mostrar a força do Collegio Marianno e distingui-lo de seus contemporâneos.

O Collegio São Gonçalense é uma das raras exceções. No seu terceiro ano de funcionamento, publicou, nas páginas do *Monitor Sul Mineiro*, o resultado dos exames, permitindo-nos obter informações gerais sobre o colégio. As disciplinas objetos de exame foram português, francês, geographia, musica e cathecismo. O colégio contava com 29 alunas, 9 iniciantes, em fase de aquisição de habilidades de leitura e escrita, que, por isso, não realizavam qualquer tipo de exame (*Monitor Sul Mineiro*, 14/06/1880, p. 4).

No ano de 1881, o colégio publica notícias¹⁰⁵ mais elaboradas em várias edições do *Monitor Sul Mineiro*. Acompanhando os anúncios, percebemos que o número de alunas diminui para 17, e não há registro de alunas novatas. O colégio passa a ofertar também a disciplina de arithmetica, para a qual apenas 4 alunos realizaram o exame (*Monitor Sul Mineiro*, 14/06/1881, p. 4). No ano de 1882, não há referências sobre o Collegio São Gonçalense.

Em 1883, o colégio anunciou a realização de exames. Neste caso, porém, as informações são menos precisas.

¹⁰⁵ Cf. anexo 8, página 219.

Collegio de meninas. - Da cidade de S. Gonçalo, communicão-nos, que no dia 26 do passado, perante numeroso concurso de convidados, effectuarão-se os exames do fim do anno lectivo no collegio de meninas, dirigido naquella cidade, pela Exma. Sra. D. Esther Carolina de Lemos Porto.

As discipulas prestarão exames de calligraphia, leitura, grammatica portugueza, doutrina christã, arithmetica elementar, francez, geographia, musica, piano, trabalhos de agulha e lã.

Destes últimos havia, em uma saleta contigua ao salão principal, uma copiosa e interessante exposição de mimosos objectos de lã, pennas, flores artificiaes, bordados, crochets, etc.

Ainda uma vez se demonstrou em todos os pontos a excellencia deste acreditado estabelecimento de educação. (*Monitor Sul Mineiro*, 08/06/1883, p. 2)

Apesar dessas notícias, o fechamento do Collegio São Gonçalense, parece-nos, ocorreu pouco depois. Sobre ele, as últimas notícias que encontramos são de 1884. No mês de maio, é comunicada a data dos exames e das férias de julho. A diretora solicita ainda aos pais continuarem a confiar no trabalho desenvolvido pelo colégio, e o retorno das alunas para as aulas no mês de agosto (*Monitor Sul Mineiro*, 14/05/1884, p. 3).

O resultado dos exames é divulgado em julho. Nessa publicação, notamos a diminuição do número de alunas. Apenas 12 alunas realizaram os exames (*Monitor Sul Mineiro*, 02/07/1884, p. 3). Em 1880, eram 29 alunas. A queda do número de alunas do Collegio São Gonçalense é, portanto, nítida. A publicação na edição de 02/07/1884 é a última informação obtida sobre o colégio. Assim, não pudemos definir a data exata de seu fechamento.

Ao pesquisar as edições dos jornais ao longo dos anos, novas informações se apresentam ao historiador. Na cidade de Caldas¹⁰⁶, mais de 160 km da Campanha, localizamos a primeira experiência de co-educação¹⁰⁷, em uma escola privada do sul de Minas, o Collegio Juvenato Caldense. No anúncio, constante no *Monitor Sul Mineiro*, há informações sobre o ingresso e a permanência no colégio, sobre as matérias lecionadas, os valores pagos por pensionistas, meio pensionistas e externos, a alimentação, o enxoval, os horários, as avaliações, a necessidade de vacinação e as condições a serem cumpridas para que os internos possam deixar o colégio. Não sabemos, entretanto, se alunos de ambos os sexos poderiam morar no colégio¹⁰⁸ (*Monitor Sul Mineiro*, 02/01/1881, p. 4).

¹⁰⁶ Ver mapa na página 71.

¹⁰⁷ Meninos e meninas estudando no mesmo colégio ou em mesma sala de aula.

¹⁰⁸ Para informações completas, ver anexo 9, página 220 Destacamos que quisemos apenas relacionar preliminarmente os estabelecimentos de ensino para meninas existentes durante as últimas três décadas do século XIX. Nesse sentido, merece atenção a longa duração do Collegio Marianno na Campanha.

Nas páginas do *Monitor Sul Mineiro*, não há outras referências sobre o colégio. Ainda assim, a sua possível existência merece registro, já que teria sido pioneiro, na rede privada de ensino, na co-educação.

Na cidade de Três Pontas¹⁰⁹ (aproximadamente a 80 km da Campanha), a senhora Francisca Maria da Conceição também noticiou no *Monitor Sul Mineiro* um novo estabelecimento de ensino para meninas, descrevendo-lhe a organização geral.

Três Pontas

Collegio para meninas.

A abaixo assignada avisa ao publico que está resolvida a abrir nesta cidade uma collegio para meninas, esperando unaugural-o nos primeiros dias de Maio proximo.

Nesse estabelecimento de instrução serão ensinadas as seguintes matérias: primeiras lettras, escripta¹¹⁰, contabilidade, cathecismo da doutrina christã, grammatica portugueza, geographia geral e especialmente do Brazil, historia do Brazil, arithmetica, francez, musica, piano, e trabalhos de mão.

Serão recebidas no collegio alumnas internas e externas sob as seguintes condicções.

As externas pagarão 4\$000 por mêz e as internas 200\$000 por anno.

Contando com a coadjuvação de pessoas hábeis e competentes no ensino, espera a abaixo assignada que não lhe faltará o apoio do publico.

Três Pontas, 23 de Abril de 1883.

Francisca Maria da Conceição. (*Monitor Sul Mineiro*, 02/05/1883, p. 3)

As iniciativas voltadas à educação das meninas, no sul de Minas Gerais, tornam-se cada vez mais frequentes. Na cidade de Alfenas¹¹¹ (aproximadamente a 150 km da Campanha), há também indícios da existência de uma escola para meninas, o Collegio de Meninas, cuja proprietária foi a senhora Maria Joanna Gomes. Não encontramos registros de outros estabelecimentos de ensino na cidade de Alfenas no mesmo período. Possivelmente, o colégio tenha sido um estabelecimento de instrução pioneiro na cidade. As disciplinas ministradas eram instrução para ler e escrever, grammatica portugueza, arithmetica, francez, geographia, musica e piano e trabalho de agulha, segundo o anúncio, porque uma das habilidades necessárias para a boa senhora.

O anúncio afirmava ainda que o Collegio de Meninas já contava com mais de vinte meninas da cidade e região. A diretora era apresentada como uma segunda mãe para as alunas. A alimentação e as condições de higiene são referidas como de boa qualidade. Os pais

¹⁰⁹ Ver mapa na página 71.

¹¹⁰ A posterior separação do ensino da leitura e da escrita está ligado ao método que muito possivelmente era usado no colégio na segunda metade do século XIX. No próximo capítulo, faremos uma discussão dos principais métodos educacionais utilizados no período e sua possível aplicação no Collegio Marianno.

¹¹¹ Idem, nota 109.

poderiam visitar suas filhas em quaisquer ocasiões e o valor das anuidades (a serem pagas antecipadamente) era de 250\$000¹¹².

Para o crescimento da escola, não era descartada a inclusão de novas professoras. No anúncio, faz-se questão de destacar a qualificação e experiência do corpo docente. Uma das professoras, a senhora Alexandrina Jesuína Baret, por exemplo, era esposa do juiz municipal do termo de Alfenas. Segundo o anúncio, a senhora Alexandrina fora professora na cidade de Pouso Alegre e possuía grande experiência e condições de ensinar. Sobre o colégio, mais uma vez, não encontramos outras notícias. Por isso, não podemos precisar o período de existência do Collegio de Meninas. Porém, o surgimento desse colégio evidencia ainda mais a preocupação da elite sul mineira em proporcionar algum tipo de instrução para as suas filhas (*Monitor Sul Mineiro*, 01/02/1885, p. 3).

Na cidade de Alfenas, a existência de um novo colégio para meninas será noticiada somente em 1899. A partir das informações obtidas no *Monitor Sul Mineiro*, não há como dizer se existiram outros colégios na cidade. Mas, em 1899, pela segunda vez, registra-se a criação de um colégio de co-educação, mantido por particulares, na região sul mineira, o Collegio Santa Maria.

Para o anuncio de um importante collegio para meninas e anexo, que acaba de ser fundado na cidade de Alfenas, pelo Sr. Jorge Tibiriçá de Boucherville e sua senhora, a Exma, Sr. D. Adelaide Dalle de Boucheville, chamamos e pedimos a atenção de nossos leitores. (*Monitor Sul Mineiro*, 27/08/1899, p. 2)

E, com relação ao Collegio Santa Maria, pela primeira vez, o *Monitor Sul Mineiro* noticiou a fiscalização de um estabelecimento de ensino mantido por particulares. Esse dado é de grande relevância. Pesquisamos todos os relatórios de Província de Minas Gerais entre os anos de 1866 e de 1909, possíveis anos da existência do Collegio Marianno, e neles não encontramos quaisquer referências a fiscalizações ocorridas nos colégios do período estudado. Em nosso processo de pesquisa, foi na imprensa, sobretudo, no *Monitor Sul Mineiro*, que encontramos o maior número de informações sobre a educação particular sul mineira. Nos

¹¹² De modo geral, os colégios recebiam por anuidade. O valor médio era de 200\$000. Embora não tenhamos dados sobre os valores praticados pelo Collegio Marianno, consideramos razoável supor que esses valores não poderiam ser especialmente superiores ou inferiores aos cobrados por outras escolas similares da região sul mineira. Para termos ideia do valor dos preços escolares então praticados, tomaremos por base o ano de 1894. Este ano foi também o da construção do Theatro São Cândido, que será analisado no capítulo IV. Nesse período, uma saca de café de boa qualidade estava cotada entre 24\$500 e 25\$500 (*Monitor Sul Mineiro*, 11/05/1894, p. 3). Tomando esse valor como base, uma menina que estudasse no Collegio de Meninas em Alfenas, por exemplo, teria que pagar por ano um valor correspondente ao de aproximadamente 10 sacas de um bom café.

relatórios de província, não há menções ao Collegio Santa Maria da cidade de Alfenas. O fato salienta a importância da pesquisa em jornais do final do século XIX para a compreensão de diferentes objetos de pesquisa.

O resultado da fiscalização nos permite fazer algumas considerações sobre o modo como o colégio se organizava e sobre os quesitos a serem atendidos para o funcionamento de um estabelecimento de ensino. Nesse caso, o fiscal foi o senhor Carlos dos Santos, que assinou como Inspector Extraordinário de Ensino. Eis o parecer:

Agradável impressão colhi da visita que fiz ao Collegio Santa Maria, sob a direção do hábil e conhecido professor major Jorge Tibiriçá de Boucherville e sua senhora, a Exma, Sr. D. Adelaide Dalle de Boucheville e Antonia Boarret.

O corpo docente actual compõe-se de mais um distinto professor de linguas e de uma hábil professora de outras diciplinas.

Assisti ás lições e tive occasião de observar que o methodo de ensino, adaptado no Collegio é excellente; e, attento ao pouco tempo de matricula das alumnas achei-as adeantadissimas.

Observei o zelo extraordinário que têm os professores na transmissão de cada elemento, depregando methodos intuitivos¹¹³ e claros, de accordo com os princípios da Pedagogia.

Faço votos para qão prodigão esses professores as suas árduas, porem a santa missão de educadores da mocidade, prestando destarte relevantes serviços á mocidade desta zona. Alfenas, 24 de Outubro de 1899. (*Monitor Sul Mineiro*, 30/09/1900, p. 2)

As características acima mencionadas sobre o Collegio Santa Maria, ainda que gerais, mostram a capacidade de ensino do estabelecimento. Esse relatório de fiscalização foi o único a que tivemos acesso, no qual percebemos que os critérios do fiscal são subjetivos. Nele, não há certas informação, como disciplinas ministradas, número de alunas, turmas (ou forma de organização da alunas), dentre outras. Ademais, há que lembrar que a fiscalização foi feita em 24 de outubro de 1899, mas foi publicada no *Monitor Sul Mineiro* apenas em 30 de setembro de 1900, pouco menos de um ano depois da fiscalização. Após a publicação do relatório, o Collegio Santa Maria desaparece das páginas do *Monitor Sul Mineiro*. Novamente, não temos informações suficiente para precisar o tempo de duração desse estabelecimento. E, ao longo de nossas pesquisa, não encontramos registros de locais de ensino similares a esse colégio.

Já em 1886, a cidade de Varginha¹¹⁴ (a 50 Km da Campanha) também possuía um colégio para meninas, o Collegio Santa Cruz. Não há registros de outros estabelecimentos de ensino para meninas anteriores na cidade. A proprietária do colégio foi a senhora D. Amelia

¹¹³ Idem, nota 110.

¹¹⁴ Ver mapa na página 71.

Braga da Costa e Silva. No anúncio do jornal, o colégio destaca a disciplina lá exigida, rígida para com as alunas. Conforme o publicado: “As materias de ensino são: leitura, grammatica nacional, aritmética elementar, doutrina christã, calligradia, geographia, francez e inglez; e bem assim musica e piano, e todos os trabalhos de agulhas, crochet, bordado, etc.” (*Monitor Sul Mineiro*, 31/10/1886, p. 4). Na única notícia que encontramos sobre o colégio naquele ano, há menção aos valores praticados, ao enxoval, às responsabilidades dos pais, ao período de férias, dentre outras¹¹⁵.

Em 1890, verificamos nova e última notícia encontrada sobre o Collegio Santa Cruz, uma nota, no *Monitor Sul Mineiro*, informando a data de volta às aulas, 14 de janeiro de 1890 (*Monitor Sul Mineiro*, 05/01/1890, p. 3).

Na cidade de Três Corações do Rio Verde (atual Três Corações, aproximadamente a 30 km da Campanha), foi criado, em 1889, um colégio em sistema de internato para meninas. As informações disponíveis são apenas gerais. A proprietária, a Exma. Sra. D. Anna Candida Ribeiro, era auxiliada na administração do colégio por suas irmãs. O valor anual cobrado era de 200\$000. O anúncio não especifica as disciplinas ministradas, mas afirma que haveria “(...) especial atenção para o ensino de materias especiaes para o sexo feminino” (*Monitor Sul Mineiro*, 21/04/1889, p. 3). O funcionamento do colégio interno é comprovado por novo anúncio, no qual a proprietária divulgava a data de retomada das aulas, 1 de fevereiro de 1890 (*Monitor Sul Mineiro*, 02/02/1890, p. 3). O período de duração do colégio também não pode ser definido.

Em 1894, contamos novo estabelecimento de instrução para as meninas na cidade de Passos¹¹⁶ (250 km da Campanha), o Internato Nossa Senhora Aparecida. Sobre ele, logramos uma única notícia no *Monitor Sul Mineiro*. A proprietária foi a dona Alexandrina Bueno de Gouvea Horta. Segundo o anúncio, o internato seria destinado para meninas, com foco na instrução primária. As disciplinas oferecidas eram grammatica portugueza, arithmetica, geographia, francez, piano e trabalhos de agulha.

Os valores cobrados, a serem pagos antecipadamente, eram de 120\$000 por trimestre. Disciplinas como o francez e o piano, por sua vez, seriam cobradas a parte. Solicitava-se, ainda, um enxoval. Despesas médicas e com medicações também não estavam inclusas nos valores praticados. Apesar de recente, a diretora do colégio assegurava as condições de ensino de seu estabelecimento, com mimos e disciplina (*Monitor Sul Mineiro*, 20/08/1894, p. 2).

¹¹⁵ Cf. anexo 10, página 221.

¹¹⁶ Ver mapa na página 71.

O último colégio criado por particulares para atender unicamente meninas foi o Collegio Senhora do Carmo¹¹⁷, na cidade de Campos Gerais¹¹⁸ (a aproximadamente 130 km da Campanha), no ano de 1902. A diretora era a normalista D. Ismenia Rabello. Aqui, verificamos a atuação de professores do sexo masculino no ensino das meninas, os professores Josino de Brito e Carlos Caiafa, ambos de matemática, nos cursos primários e secundários.

Havia a possibilidade de internato, desde que as meninas respeitassem as regras de comportamento e fossem disciplinadas nos estudos. O enxoval a ser utilizado pelas alunas foi minuciosamente descrito. As férias foram comunicadas com antecedência. Os valores cobrados para as internas era de 450\$000, possíveis de serem pagos em quatro parcelas, no primeiro dia de cada trimestre. As alunas externas pagavam mensalmente 7\$000. Eventuais despesas médicas ficariam a cargo dos pais das alunas. A notícia a que temos aqui nos referido era de inauguração, razão pela qual não sabemos como se dava o funcionamento do Collegio Senhora do Carmo (*Monitor Sul Mineiro*, 10/08/1902, p. 2).

Os colégios para as meninas apareceram em vários locais da região sul mineira. Se atentarmos para o que foi apresentado, alguns elementos merecem atenção. Primeiro, esses estabelecimentos de instrução não foram contemporâneos. De modo geral, esses colégios foram fundados em anos diferentes. Assim, embora nas quase quatro décadas analisadas tenham surgido vários colégios, a concorrência entre eles era pequena. Segundo, encontramos dificuldades em precisar o período de fechamento desses estabelecimentos. Pelos nossos estudos, percebemos que a grande rotatividade desses estabelecimentos é a marca central do período.

Fatores como a falta de alunas, a inviabilidade da manutenção do negócio e a falta de apoio do poder público podem ser alguns dos que colaboraram para a curta duração desses colégios. Mais uma vez, lembramos que o levantamento de colégios para as meninas na região sul mineira não é, aqui, nosso objetivo primeiro. Relacioná-los, porém, nos auxilia na compreensão de alguns pontos: primeiro, as dificuldades na manutenção de um colégio para meninas; segundo, as dificuldades em encontrar locais para a educação dessas meninas; terceiro, a singularidade do Collegio Marianno. Ora, um colégio de duração de quatro décadas era então algo singular. No seu segmento, o Collegio Marianno foi o mais importante estabelecimento de ensino no sul de Minas. No desenvolvimento dos próximos capítulos,

¹¹⁷ Cf. anexo 11, página 222.

¹¹⁸ Ver mapa na página 71.

abordaremos o seu funcionamento e a atuação da família Marianno na sociedade da Campanha, durante a segunda metade do século XIX.

Vale lembrar que a Igreja Católica¹¹⁹ passa a interferir diretamente na educação das meninas, muitas vezes, por razões distintas das de natureza escolar. Inicialmente, podemos dizer que seus objetivos eram “acabar com a ignorância religiosa (...) reconduzir a sociedade brasileira para dentro do espírito católico e neutralizar as influências e a expansão daqueles “erros modernos”.” (PASSOS, 2005, p. 51).

O primeiro indício dessa interferência, no sul de Minas, também encontramos nas páginas do *Monitor Sul Mineiro*: “Comunicado: Collegio da Immaculada Conceição de Barbacena¹²⁰”. O colégio era dirigido pela Irmã Paula, cuja congregação não consta da notícia, e apresentava-se como adequado para oferecer a educação ideal para as meninas da elite de Minas Gerais. Aparentemente, estaríamos diante do anúncio de mais uma escola, contudo, o texto divulgado também analisava a situação da educação das meninas no estado de Minas Gerais, deixando clara a necessidade da atuação da Igreja Católica para corrigir a distorção da educação então ministrada.

Segundo o texto, as meninas deveriam receber uma educação completa, na qual os elementos religiosos e intelectuais seriam aplicados em todos os momentos. No início, a notícia desenvolve uma discussão ligada à questão de gênero, usada para justificar a necessidade de uma educação pensada especificamente para as mulheres.

Muitos paes de familia lamentão, e com razão, não haver em nosso Estado grande numero de collegios para meninas, onde suas filhas possão, a par da illustração do espirito, receber uma educação completa, que preparando-as para as luctas da vida, torne sem futuro mais cheio de esperança e estas mais facilmente realisaveis.(...)

Realmente, para os homens deve este facto ser bem desagradavel, mas os culpados são aquelles que não souberão educal-os.- pois, com fraquezas, outra razão não póde haver para serem pefedidas as professoras a não ser que estas sejam por qualquer motivo superiores áqueles. (*Monitor Sul Mineiro*, 29/09/1901, p. 2)

O texto salienta ainda a necessidade de uma educação para as meninas realizada por alguém bem qualificado profissional, moral e eticamente. Pela primeira vez, encontramos uma referência direta a atuação da Igreja Católica no processo de educação das meninas. Embora a iniciativa tenha se dado em Barbacena, que não se localiza no sul de Minas (a 260

¹¹⁹ No capítulo IV, melhor desenvolveremos a questão da relação entre a Igreja, a política e a educação. Por hora nos coube marcar como se iniciou essa questão e quais os objetivos inerentes nesse processo de interferência educativo católico.

¹²⁰ Ver mapa na página 71.

km da Campanha), a importância e a grande circulação do *Monitor Sul Mineiro* propiciaram a difusão de um novo tipo de educação no estado, entendido como o melhor modelo para a família, a religião e as alunas.

Há que acrescentar que a mudança na legislação possibilitou aos colégios particulares a oferta do curso normal. Nesse sentido, além de uma educação reta e cristã, as mulheres teriam também a possibilidade de trabalhar, com a aprovação da família. O Collegio da Immaculada Conceição de Barbacena se tornaria um exemplo e, ao mesmo tempo, uma opção para a educação das meninas. Ao falarmos do Collegio de São¹²¹ (esse é o nome original), melhor discutiremos a legislação que possibilitou aos estabelecimentos de ensino particulares a oferta do curso de magistério. A possibilidade resolveria dois problemas centrais das políticas educacionais em Minas Gerais: primeiro, desonerar o estado dos gastos com a formação de professores; segundo, aumentar o número de professoras com algum tipo de habilitação. O Collegio de São foi festejado na Campanha e se propunha a seguir uma linha de ensino semelhante a do Collegio Imaculada Conceição, em Barbacena.

A notícia do jornal destaca ainda aspectos referentes à higiene e à alimentação do colégio. O prédio foi descrito como limpo, arejado e bem localizado. O carinho da Irmã Paula também foi lembrado. Segundo a notícia, representava uma mãe para as alunas. Meninas de toda a região de Barbacena passaram a frequentar o colégio, crescendo vigorosamente o número de discentes.

Finalmente, a notícia afirmava que o Collegio da Immaculada Conceição de Barbacena poderia vir a ser um exemplo para as demais escolas de meninas do período.

Entre todos os que existem em Minas Geraes merece particular menção o que fundou em Barbacena a benemerita Irmã Paula e o qual pôde servir de modelo a todos os estabelecimentos congêneres, visto como satisfação faz plenamente todas as exigências do ensino. (*Monitor Sul Mineiro*, 29/09/1901, p. 2)

No *Monitor Sul Mineiro*, as considerações sobre Collegio da Immaculada Conceição de Barbacena são as últimas relacionadas a um estabelecimento de ensino não localizado na cidade da Campanha. As notícias passam a se referir, agora, sobretudo, ao Collegio do São e, eventualmente, ao Collegio Marianno.

Sobre os colégios para meninas na região sul mineira, durante os anos de 1875 à 1902, algumas considerações são agora possíveis. As cidades que possuíram colégios para as

¹²¹ Considerações mais demoradas sobre o Collegio de São (Colégio Sion) serão realizadas no capítulo IV.

meninas foram Campanha, Pouso Alegre, Três Corações, Elói Mendes, Lavras, São Gonçalo, Lambary, Caldas, Três Pontas, Alfenas, Varginha, Passos e Campos Gerais. Embora tenhamos nos valido de uma única fonte de pesquisa, nesse caso, exclusivamente o jornal *Monitor Sul Mineiro*, podemos dizer que os colégios para meninas surgem em períodos espaçados. Ademais, não encontramos indícios da manutenção de quaisquer desses estabelecimentos de ensino por um período superior a cinco anos¹²².

A existência desses colégios nos faz considerar que as meninas dessas cidades, em especial, as da elite, eram seu público alvo. É certo supor que a criação desses colégios pode ter decorrido de uma demanda local de alunas. Talvez, o número reduzido de meninas que tinham acesso a esse modelo de ensino e que podiam ser mantidas nesses estabelecimentos de instrução tenha sido uma das razões da curta duração dos colégios. É possível também que tenham existido outros colégios, cujas atividades porventura não foram anunciadas pelo *Monitor Sul Mineiro* e, assim, foram silenciados. Embora a hipótese seja meramente especulativa, não podemos excluí-la peremptoriamente.

Temos de lembrar que a Campanha foi a cidade de grande destaque econômico desse período¹²³. Campanha era a mais importante cidade da região sul mineira, grande população, numerosas atividades econômicas e maior renda. Então, já que os colégios das cidades circunvizinhas não se mantinham em funcionamento, uma outra opção era necessária, isto é, o Collegio Marianno. Um grande número de alunas do Collegio Marianno eram oriundas de outras regiões do sul de minas¹²⁴.

Embora a relação dos colégios voltados para meninas na região sul mineira aqui apresentada seja preliminar, é possível supor que, a ausência de escolas para meninas na região, a necessidade de lhes ofertar uma educação moral e religiosa sólida, as abruptas mudanças políticas e culturais ocorridas no período e a mudança do patamar da questão educacional¹²⁵ na sociedade tenham sido alguns dos motivos da longevidade e do sucesso do Collegio Marianno.

¹²² Exceção feita ao Collegio Lustosa de São Gonçalo do Sapucaí.

¹²³ Posteriormente, apresentaremos alguns números referentes aos sensos populacionais, escolares e econômicos, para vislumbrar a liderança da cidade na região sul mineira.

¹²⁴ Levando em conta as fontes de pesquisa, essa afirmação é frágil, mas pode ser considerada coerente se compararmos os sobrenomes das alunas do Collegio Marianno com os dos homens de prestígio da cidade. Encontramos referências claras que indicam que as meninas da elite campanhense estudavam no colégio. Por outro lado, grande parte dos sobrenomes das meninas que lá estudavam não são comuns aos dos membros da elite da cidade. Também não encontramos evidências de filantropia educacional por parte da família Marianno, como doação de bolsas de estudos. Assim, compreendemos que parte das alunas vinham da região da Campanha, hipótese cuja pertinência é apontada pela nota de falecimento, já mencionada, de uma aluna do colégio oriunda da cidade de Machado.

¹²⁵ No desenvolvimento do trabalho, esses temas serão melhor explicados.

Como apontamos anteriormente, não era comum ser encontrado nesse período um estabelecimento de instrução apenas para meninas na região sul mineira. Acrescente-se que a qualidade do Collegio Marianno sempre foi destacada pela imprensa. O número de alunas sempre foi expressivo, se comparado ao de outros colégios. Tradição, qualidade, credibilidade e influência social, cultural e política foram a marca deste estabelecimento de instrução. Há que se levar em consideração também a força da cidade da Campanha e a dedicação irrestrita das proprietárias do colégio ao ensino. Nesses fatores, a possível explicação para a longevidade do Collegio Marianno.

De modo geral, os colégios ofereciam currículos muito similares. As meninas aprendiam a ler, escrever, fazer cálculos básicos, noções de geografia, música e trabalhos manuais. Conteúdos e habilidades também ensinados no Collegio Marianno. No que diz respeito ao currículo, o colégio não era marcado por nenhuma grande distinção. Sobre as disciplinas escolares:

Desde que se compreenda em toda a sua amplitude a noção de disciplina, desde que se reconheça que uma disciplina escolar comporta não somente as práticas docentes da aula, mas também as grandes finalidades que presidiram sua constituição e o fenômeno de aculturação do massa que ela determina, então a história das disciplinas escolares pode desempenhar um papel importante não somente na história da educação mas na história cultural. (CHERVEL, 1990, p. 186)

De fato, a ausência de documentação oficial sobre os colégios aqui relacionados nos impede de aprofundar o debate sobre os motivos da hegemonia do Collegio Marianno na região sul mineira. Na verdade, o que se pode afirmar com algum acerto é que o fluxo de alunas de outras cidades foi fundamental para explicar o sucesso do Collegio Marianno, fluxo que, em parte, se deve a falta de estabelecimentos específicos para o público feminino. Na sequência, apresentaremos dados estatísticos oficiais sobre a população e a educação voltada para mulheres em Minas Gerais, nas últimas décadas do século XIX e início do século XX.

2.3 Balanço da educação feminina particular (1866- 1908): os dados oficiais.

Antes, citamos os colégios particulares existentes no sul de Minas contemporâneos ao Collegio Marianno. Afirmamos, então, diversas vezes, que tivemos de lidar com a precariedade de informações sobre esse modelo de estabelecimento de instrução. Nos jornais, por exemplo, encontramos mais informações do que em documentos oficiais. O poder público tinha dificuldades em mapear a existência desses colégios.

Como observamos anteriormente, apenas uma vez, na cidade de Alfenas, em 1899, encontramos a presença efetiva de fiscalização do poder público em escolas mantidas por particulares (ligadas ou não a Igreja Católica). A precariedade dessa fiscalização durante a segunda metade do século XIX pode ser exemplificada no Relatório de Províncias de 1873:

Conta a Província 70 escolas primarias de ensino particular para o sexo masculino, e 35 para o feminino; 7 collegios para meninos, e 4 para meninas; e aulas de latim e Francez.

A falta de subordinação do ensino particular á inspecção da Província impede que á seu respeito vos possa dar informações minuciosas. Pelos dados colhidos, com grande dificuldade sabe-se que aproximadamente estão matriculados 1710 alumnos nas escolas primarias, dos quaes são frequentes 1,024 nenhum esclarecimento havendo sobre a estatística do ensino secundário. (Relatório de Província de 1873, p. 29)

Nesses dados, referentes ao ano de 1872, é provável que se tenha contabilizado o Collegio Marianno. Na pior das hipóteses, o colégio seria uma das trinta e cinco escolas de ensino primário para meninas, mas é também possível que tenha sido contado como um dos quatro colégios voltados para meninas em todo o estado. Não sabemos qual tenha sido a classificação dada pelo poder público ao Collegio Marianno, nem mesmo se foi de fato contabilizado. Entretanto, um fato se confirma: o incipiente número de escolas para meninas na Província de Minas Gerais, de natureza pública ou privada.

O próprio governo da província tinha dificuldades em saber da possível existência de escolas femininas. Analisamos a documentação referente aos relatórios de província, os quais, após a proclamação da República, passam a se chamados Cartas, e poucos dados encontramos.

Durante anos, a questão educacional não foi citada nos relatórios. Em outras ocasiões, apenas se faz menção a aspectos ligados à educação pública. O Collegio Marianno, mesmo tendo funcionado por aproximadamente quarenta anos, nunca foi citado nominalmente em nenhum documento pesquisado do governo de Minas Gerais.

A primeira informação referente ao nosso recorte cronológico foi encontrada¹²⁶ em 1871. Os dados são confusos e limitados. Segundo o relatório, em Minas Gerais existiam 79 escolas para meninas. Se públicas ou particulares, não há registros. O número de alunas matriculadas era de 2067, das quais, apenas 1378 eram frequentes. Não há divisões relativas às regiões da província, faixa etária das alunas e nível de escolaridade (Relatório de Província de 1871, p. 109).

No Relatório de 1873, diz-se mesmo que o governo provincial não tem condições reais de saber quantos alunos estão de fato sob sua tutela. Há denúncias de alunos fantasmas, de grande evasão escolar e da total falta de fiscalização do poder público (Relatório de Província de 1873, p. 29).

Em 1876, encontramos novos dados sobre o ensino particular feminino na província. As informações são em maior número, mas novamente imprecisas. Aqui, de qualquer modo, são enfim apresentados dados relacionados à educação ministrada pela iniciativa privada. Segundo o relatório:

Ha na província 27 collegio e 130 escolas particulares, freqüentados, segundo os dados que encontrei na secretaria, aquelles por 379 e estas por 299 alumnos- total 679. Faltão, porem, 143 mappas que espero poder obter para a futura estatística. (Relatório de Província, 1876, p. 97)

Nesse mesmo ano, é apresentado um quadro estatístico sobre a instrução pública e privada em Minas Gerais¹²⁷. No entanto, onde constariam os dados sobre a educação das meninas, não há nenhum registro, o quadro está literalmente em branco. Não há informações acerca da educação particular feminina em toda a província.

No decorrer do tempo, a captação dos dados empreendida pelo governo não apresentou melhores resultados. Em 1877, o quadro permaneceu então quase que inalterado: “Ha Quanto á instrucção particular, consta do seu relatorio que ha na província 135 escolas de instrucção primaria, e 36 collegios e 6 aulas de instrucção secundaria” (Relatório de Província, 1877, p. 32). O governo se valia desses dados para mostrar a ineficiência da organização, acesso e permanência escolar (em maior número de meninas) em Minas Gerais.

¹²⁶ O mesmo critério utilizado para a pesquisa nos jornais foi usado para a pesquisa na documentação oficial, ou seja, em ambos os casos, o critério foi o nosso recorte cronológico, iniciado no ano de 1866, possível ano anterior à fundação do Collegio Marianno, e findo em 1908, ano posterior ao do possível fechamento do Collegio Marianno. Entretanto, nos jornais, estendemos nossas buscas até 1915, ano do falecimento da fundadora do colégio. Estender também as pesquisa em documentos oficiais até 1915 não se justificava.

¹²⁷ Cf. anexo 12, página 223.

O texto diz que, se a educação realizada por particulares, tivesse o mesmo número de alunos das escolas públicas, o índice de pessoas que desenvolveriam as habilidades básicas de leitura e escrita não seria ainda significativo. Apresentar dados com melhores resultados ou falseá-los, pode ser observado como uma das formas do governo da província de diagnosticar os problemas educacionais ou ainda argumentar no sentido de melhoria gradativa do quadro.

Nos anos de 1878 e 1879, poucas são as mudanças nos dados. Apenas informações sobre seminários católicos são acrescentadas. Elabora-se um quadro¹²⁸ indicando a evolução da escola pública na província, porém, novamente, os dados sobre o ensino particular não são apresentados. Insistimos em reafirmar a ausência de dados oficiais de modo a explicar as dificuldades envolvidas na compreensão de certos aspectos da educação feminina no sul de Minas. Dificuldade reforçada pela falta de fiscalização dos colégios femininos da Campanha pelo poder público.

Não nos debruçamos sobre os motivos que levaram a não fiscalização dos estabelecimentos de instrução em toda província. Inferimos que os problemas organizacionais no setor da educação, somadas as dificuldades de acesso às escolas, por conta das distâncias a serem percorridas, e a questões ligadas as políticas locais possam, em parte, explicar a precariedade na fiscalização. Mesmo porque, por exemplo, a presença limitada do poder público no setor educacional de Minas foi um dos motivos que levaram a iniciativa privada a criar (ou buscar) colégios particulares em várias localidades.

Há que se mencionar também as constantes mudanças na legislação mineira sobre a abertura de estabelecimentos de ensino públicos ou privados. Moraes (2009) apresenta dois textos legais sobre a criação e a organização escolar na província. O primeiro é de 30 de junho de 1821. Nesse regulamento, promulgado por D. João VI, permitia-se que qualquer cidadão pudesse criar um estabelecimento de instrução, independentemente de qualquer exame ou licença. Segundo Moraes, a prescrição legal se deve ao fato de que a Coroa entendia que não tinha condições de atuar efetivamente nos aspectos educacionais (MORAIS, 2009, 164).

Com a independência e, posteriormente, com proclamação do Ato Adicional de 1834, as questões do bojo educacional tomam novos rumos. Assim, em 1835 foi criado o Regulamento Número 3, da Lei Número 13. Segundo essa regulamentação:

¹²⁸ Cf. anexo 13, página 223.

O Regulamento Número 3 estabelecia, em oito de seus 78 artigos, normas para funcionamento das aulas particulares e fiscalização de seus mestres, desde a necessidade de se “habilitar” perante os Delegados dos Círculos Literários (artigo 7º), à obrigatoriedade das Câmaras e dos Juizes de Paz em comunicar aos ditos Delegados o número e os locais de funcionamento das escolas particulares (artigo 8º). Segundo o artigo 35º, o “Candidato á instrução particular não depende de licença para a exercer, mas deverá apresentar a Certidão, da qual conste ter sido aprovado ao Delegado do Circulo, em que se propuzer abrir sua Escola”. Os estudantes das aulas particulares, assim como os das escolas públicas, eram obrigados a ser submetidos a exames para que os Delegados dos Círculos Literários observassem o seu aproveitamento, conforme o artigo 49º do Regulamento Número 3 de 1835. (MORAIS, 2009, p. 164-165)

Contudo, como mostramos no primeiro capítulo, a legislação que norteava a educação particular em Minas Gerais data de 1875. Nela, estão expostos os requisitos necessários para a criação e manutenção de um estabelecimento de instrução. Requisitos relacionados à idade do mestre (maior de 25 anos), aos programas de estudos, à salubridade do prédio, à habilitação por parte dos professores, dentre outros, deveriam ser cumpridos. Após o cumprimento dessas obrigações, o estabelecimento de instrução poderia ser criado com a anuência do presidente da província (*O Monarchista*, 21/02/1875, p. 4).

O texto legal de 1875 seria aquele que se aplicaria ao Collegio Marianno. Ao nos ocuparmos do estudo da legislação pertinente à educação em Minas Gerais no período, notamos que o governo possuía sim objetivos para a educação particular, contudo, não dispunha dos meios e das condições para estimular ou fiscalizar o alcance desses objetivos. Prova disso é que o Collegio Marianno nunca constou na documentação oficial.

Dados para controle são elaborados e, em algumas ocasiões, o *Monitor Sul Mineiro* noticia dados estatísticos sobre assuntos diversos, como o número de mulheres que trabalhavam na Europa e nos EUA, o preço de produtos, os censos populacionais, dentre outros. Aspectos ligados a educação não foram deixados de lado. Em 1879, o jornal apresentou dados estatísticos sobre o número de escolas no Brasil. A notícia fornece o número das escolas primárias, mostrando a necessidade de abertura de outros estabelecimentos de ensino. Segundo o jornal: “Em todo o nosso paiz só ha 5267 escolas primarias. Entretanto calculamos entre 6 e 15 annos sobe 2400000 almas (*Monitor Sul Mineiro*, 08/07/1879, p. 3). Não encontramos dados sobre os anos de 1880 e de 1881. Em 1882, o governo de Minas Gerais volta a se referir as escolas da província. Mais uma vez, verificamos a falta de informações no relatório oficial. Conforme o relatório, o número de escolas particulares era tão grande que poderia se igualar ao de escolas públicas. Definitivamente, a informação não é

verdadeira, o que nos permite afirmar que o governo desconhecia os dados precisos sobre o ensino privado em Minas:

É verdade que não podemos calcular o ensino particular, que entretanto é feito em largas proporções, e que talvez possa contar uma matricula e frequencia igual á das escola publicas. Faltão-me, porem, os dados para uma estatistica tão importante. (Relatório de Província, 1882, p. 31)

Na cidade da Campanha, encontramos dados sobre o número das escolas existentes por meio do *Monitor Sul Mineiro*. Novamente, a imprensa nos oferece mais informações do que os textos oficiais. Esses dados, embora não oficiais, foram divulgados em função de uma solicitação para a criação de uma escola para adultos na cidade. Em 1882, na Campanha, o número de estabelecimentos de ensino era o seguinte:

Illm. Sr. Redactor.

Sendo notória a primazia de nossa sociedade sobre suas irmãs do sul de Minas pelos números recursos que possui para diffusão da instrucção á ambos os sexos, por contar além das quatro escolas primarias, a escola normal, o externato, a escola de presos, dois collegios e varias aulas particulares, torna-se entretando muito sensível a falta de uma escola para adultos, destinada maximé á esta nova classe social, devida principalmente ao sempre lembrado Visconde do Rio Branco. (*Monitor Sul Mineiro*, 20/01/1882, p. 3)

Com o passar dos anos, o desconhecimento do governo de Minas Gerais sobre a situação do ensino particular é expresso com clareza.

Não temos dados completos, pelos quaes possamos julgar do estado do ensino particular primário na Província. Que elle, entretanto, tem de se desenvolver gradualmente, á inquestionável, graça aos princípios liberaes nos últimos regulamentos, que lhe dão todas as insanchas. Por enquanto é quase nullo o resultado. Segundo os poucos dados colhidos, há noticia de 50 escolas e estabelecimentos de instrucção primaria partículas com 1050 alumnos matriculados, sendo a frequencia de 66, nada constando quanto ao seo aproveitamento. (Relatório de Província, 1884, p. 20)

As contradições contidas nos Relatórios são evidentes. Em um primeiro momento, defende-se a possibilidade do número de matrículas da iniciativa privada ser iguais as da escola pública (1882), adiante, dois anos depois (1884), assume-se desconhecer o número de escolas da iniciativa particular. No ano seguinte, o mesmo relator, José Antonio Alves de Brito, afirma: “Sobre este assumpto nada posso adiantar alem do que disse no meu primeiro

relatório. Tendo chegado da corte os livros que mandei vir para a escripturação relativa a este tem neste assumpto ao expellido a iniciativa particular.” (Relatório de Província, 1885, p. 20). Segue-se um longo período no qual o poder público não se refere à educação particular. Nos relatórios, há dados sobre o ensino público. Por vezes, as informações sobre as escolas normais ocupam todo o espaço do relatório destinado à questão educacional. Em 1899, faz-se uma alusão a falta de fiscalização das escolas públicas, seguida de pesadas críticas aos professores e funcionários públicos. Ainda que longa, a citação é pertinente para melhor compreender as dificuldades do governo na fiscalização das escolas públicas. O ensino particular, outra vez, não é citado.

Verifica-se que, de um lado as escolas primarias em geral funcionam em prédios que não são próprios acanhados, sem as necessárias condições hygienicas, desprovidos quase todos de mobília e material escolar convenientes; que de outro lado, os professores, sem tempo sufficiente e mesmo muitos sem o conveniente preparo para leccionarem todas as materias exigidas pelo regulamento respectivo, e além disso notando que suas escolas não são inspeccionadas e ás vezes nem mesmo são visitadas pelas auctoridades litterarias, e que indivíduos, sem exhibirem provas de habilitações, gosam entretanto de favores e regalias idênticos aos seus, ficam sem estímulo, revelam pouca dedicação e pouco amor á sua profissão, em geral mal cumprem os seus deveres, e não poucos dividem ainda o seu tempo e actividade com mistéres alheios ao magisterio e até incompatíveis com as funcções pedagogicas, com manifesto detrimento do ensino. (Relatório de Província, 1889, p. 18)

No decorrer das edições do *Monitor Sul Mineiro*, há dados referentes à educação da Campanha em 1900. Esse “recenseamento”¹²⁹ levantou informações não apenas sobre a cidade, mas também sobre todo o município, incluindo Aguas Virtuosas e Labary. O número apresentado da população escolar era de 1.012 alunos, dos quais, 776, aproximadamente 77%, estudavam na sede do município. Desses, 390, aproximadamente 51%, era composto por meninos, e 376, aproximadamente 49%, era composto por meninas. Das 1.012 pessoas em idade escolar, 502 (aproximadamente 49%) estavam matriculadas em algum estabelecimento de ensino. Desse total, 430 crianças, aproximadamente 86%, estavam matriculadas em escolas públicas, e 72 crianças, aproximadamente 14%, estavam matriculadas em colégios particulares.

Há que se notar que o número de meninas matriculadas em escolas particulares excedeu ao de meninos. Dos meninos, 29 frequentavam o ensino particular; das meninas, 43 delas estavam em colégios particulares. O nome do estabelecimento de ensino no qual

¹²⁹ Cf. anexo 14, página 224.

estudavam essas meninas não é citado, mas podemos afirmar que era o Collegio Marianno. Nossas pesquisas indicam que o colégio apresentava uma média superior a 40 alunas matriculadas. Esses dados nos ajudam, portanto, a compreender a força do Collegio Marianno e o seu monopólio na cidade da Campanha na educação particular das meninas.

Mais uma vez, a utilização de trechos dos jornais nos auxiliou a compreender, ainda que de modo geral, a organização da educação na Campanha, durante o final do século XIX. Apesar da imprecisão quanto ao número de meninos e meninas na escola pública, a grande maioria dos alunos frequentavam mesmo o ensino oferecido pelo poder público. Apenas a menor parte da população em idade escolar tinha acesso ao ensino particular.

A constatação nos permite dizer que as alunas do Collegio Marianno faziam parte da elite da cidade da Campanha e da região sul mineira. A informação constava já das obras memorialísticas (CASSADEI, 1987 e VALADÃO, 1942). Se pequeno era o número de pessoas que frequentava o colégio particular, podemos sustentar a hipótese de que os valores cobrados não se alinhavam com a realidade financeira da maior parte da população. Não sabemos se este era um dos motivos pelos quais as alunas estudavam no Collegio Marianno, já que havia escola pública para as meninas na cidade. Provavelmente, estudar em um colégio renomado, de qualidade e, possivelmente, em sistema de internato levou esse público abastado para o Collegio Marianno.

Na virada do século XX e em sua primeira década, as informações sobre a educação particular permanecem raras. A única referência que encontramos nos relatórios de província data de 1901. Segundo o relatório:

De 530 districtos, constitutivos de 97 comarcas, são estes os resultados: creanças que recebem instrução 52655, sendo 31501 meninos e 21154 meninas; creanças que não recebem instrução 32356, sendo 17713 meninos e 14643 meninas; recebem instrução nas escolas do Estado 41918 creanças, nas particulares 4406 e no seio da familia 825. (Relatório de Província, 1901, p. 19)

A análise desses dados nos permite afirmar com segurança que o governo provincial não tinha uma noção exata do número dos estabelecimentos de ensino particulares em toda Minas Gerais. Desse modo, os documentos oficiais não poderiam mesmo nos oferecer informações sobre a educação feminina nos moldes da ofertada pelo Collegio Marianno. Por décadas, as alunas que lá estudaram ficaram à margem da contagem oficial.

A ausência de dados e de fiscalização impediu a produção de documentos oficiais relativos à educação particular na província, masculina ou feminina. A educação particular da

Campanha é raramente mencionada nos relatórios. Para compreender o funcionamento do Collegio Marianno, e de outros estabelecimentos de ensino da cidade e região, restou-nos o uso da imprensa.

Esse silenciamento “promovido”¹³⁰ pelo poder público, de certo modo, colaborou para que, durante anos, a educação das meninas não fosse objeto de investigação. As mulheres ficaram à margem da história da educação. Sua atuação escolar, tanto como professoras, proprietárias de estabelecimentos de instrução ou alunas, foi tomada por secundária pela historiografia.

Mesmo diante da precariedade dos dados colhidos e da fragilidade das informações encontradas, com a utilização dos relatórios de província nos certificamos da pertinência de nossa escolha de caminho de pesquisa. Os dados levantados confirmam a fragilidade das relações entre estes estabelecimentos de instrução dirigidos por particulares e o poder público.

O curto tempo de duração desses estabelecimentos pode também ter contribuído para a dificuldade de fiscalização do poder público. Embora nosso trabalho não tenha por foco aspectos estatísticos, a análise e subsequente apresentação dos mesmos se fez necessária para que pudéssemos nos certificar da ausência de informações oficiais precisas sobre o Collegio Marianno e sobre a educação feminina, ministrada pela iniciativa particular, no sul do estado de Minas Gerais.

Constatamos que o diminuto número de escolas voltadas para meninas, e a necessidade de educá-las dentro de certos padrões de comportamento (conforme os preceitos cristãos católicos, tendo em vista o preparo para se tornarem boas mães de família), levou alguns grupos da iniciativa privada a tentarem sanar essa lacuna do processo educacional feminino. As dúvidas sobre o modo e as razões da criação desses estabelecimentos de instrução, assim como as dúvidas sobre os seus funcionamentos carecem de novos estudos para que sejam, em alguma medida, esclarecidas.

Todavia, não é fácil encontrar fontes que descrevam como estas mulheres se apoderaram das tecnologias de ler, escrever e contar. Há poucas informações sobre os ambientes e onde as crianças eram instruídas, principalmente as que aprenderam com professores particulares. (MORAIS, 2009, p. 187)

No próximo capítulo, nos ocuparemos em apresentar em detalhes as características do Collegio Marianno, assim como a atuação de seus proprietários na sociedade da Campanha,

¹³⁰ O uso da expressão “promovido” não está vinculado a algo feito propositalmente pelo Estado. A questão é que essa lacuna na fiscalização permitiu que jargões historiográficos fossem criados por parte dos memorialistas (inclusive os citados neste texto).

durante os anos de 1867 à 1908. Objetivamos criar significações referentes ao colégio, compreender a sua organização, desenvolvimento, funcionamento, crise e fechamento e a atuação da família Marianno na cidade da Campanha.

CAPÍTULO III:
3. COLLEGIO MARIANNO: ORIGENS, PROJETOS E ATUAÇÃO.
COMO AS MENINAS ERAM EDUCADAS? QUEM ERAM OS
“MARIANNOS”?

3.1 Origem e processo: qual a necessidade da criação de um colégio para as meninas?

Nossas considerações anteriores sobre a educação feminina na região sul mineira, em especial, na Campanha, nos remete a necessidade de um estudo pormenorizado do Collegio Marianno. Pretendemos melhor compreender a trajetória desse estabelecimento de instrução, acompanhando a participação de suas alunas e de suas proprietárias nas atividades sociais, culturais e educacionais da cidade. Como salientamos exaustivamente nos dois primeiros capítulos, a dificuldade em encontrar dados precisos sobre o colégio foi um dos principais desafios enfrentados nessa pesquisa.

Essa dificuldade nos levou a recorrer à utilização de qualquer tipo de trecho sobre o Collegio Marianno e sobre a família Marianno como fonte de pesquisa. Para a pesquisa, exploramos três principais frentes de trabalho: 1.) aspectos relacionados ao funcionamento do Collegio (exames, notícias, aspectos pedagógicos, dentre outros); 2.) relação entre o colégio e a sociedade campanhense (participação em eventos culturais da cidade e relação entre o colégio e a Igreja Católica); 3.) atuação da família Marianno na sociedade da Campanha (participação política, religiosa e filantrópica).

Dessa forma, pode-se concluir que a orientação teórica em vigor defende que o processo de construção de interpretações sobre o passado se faz no diálogo necessário entre nossas idéias e concepções com os indícios que conseguimos agrupar para corroborar nossas assertivas. (GATTI JR., 2002, p. 14)

Por meio de cada uma dessas frentes de trabalho, pudemos identificar os sucessos e a decadência do Collegio Marianno. Optamos, primeiro, pela exposição das informações obtidas nas investigações realizadas no horizonte de cada dessas diferentes frentes para, adiante, analisarmos os motivos do fechamento do colégio. É consenso, na historiografia, que Minas Gerais apresentava fortes traços da influência do catolicismo. Na Campanha, esses traços eram fortemente marcados. Na transição para o século XX, a cidade inaugurou um

bispado e, posteriormente, uma congregação se instala na cidade¹³¹. Assim, não pudemos deixar de considerar o contexto religioso da região estudada. O contexto político também influenciou o desenvolvimento do Collegio Marianno, do mesmo modo que a vida particular de seus proprietários. Ao observarmos a organização social da Campanha e como a família Marianno envolvia-se nessa trama, tivemos condições de perceber como as experiências sociais dos proprietários do Collegio Marianno influenciaram diretamente na sua organização, história e atuação social. Assim, Thompson (1981) foi fundamental para nos auxiliar a compreender os dados que colhemos durante o processo de pesquisa das fontes.

(...) “experiência social”, tomada como “experiência de classe”, é resultante do desenvolvimento das relações sociais de produção. Essa “experiência” não é apenas fruto de determinações históricas, mas também constituem no terreno do real. (THOMPSON, 1981, p. 180)

A primeira e, talvez, mais difícil questão a que nos propusemos responder diz respeito à origem do Collegio Marianno. Quais razões fizeram necessária a criação de um colégio para as meninas na cidade da Campanha? Não podemos responder à questão com exatidão, contudo, podemos levantar algumas hipóteses plausíveis.

O seu pioneirismo na educação feminina do sul de Minas Gerais, defendido em estudos antes mencionados, foi refutado pelos dados que apresentamos. Supomos que o ano de sua fundação foi 1867. Um ano antes, registra-se a tentativa de criação de outro estabelecimento de ensino voltado exclusivamente para meninas, o Collegio de Meninas, dirigido por Paulina Maria Mallisse. Como vimos, sobre o estabelecimento, não obtivemos outras informações. Essa ausência de informações nos faz considerar a possibilidade de haver na Campanha uma demanda por educação para meninas a ser suprida; o Collegio Marianno teria então realizado esta missão.

O modelo de educação a ser implementado deveria se ocupar com dois objetivos centrais: a manutenção dos valores cristãos e a aplicação de conhecimento que levasse algo da evolução modernizante para as mulheres na sociedade. Apesar de haver uma aparente contradição nesse tipo de análise, é necessário pontuar que manter os ditames católicos¹³² e oferecer algum nível de instrução para as mulheres agradava também a elite da Campanha, na

¹³¹ Sobre o tema, voltaremos a ele, mais demoradamente, no capítulo IV.

¹³² No decorrer do texto, discorreremos sobre a não unicidade do catolicismo. No momento, quisemos apenas pontuar a importância da aceitação das regras gerais de civilidade criadas pela Igreja Católica na sociedade da Campanha.

segunda metade do século XIX. Educar seria, ao mesmo tempo, manter valores e desenvolver habilidades.

O mundo profano deve ser abandonado e o mundo religioso, anunciado pelo catolicismo, assimilado. Essa representação cruza com a educação, por isso, educar é formar cristamente as pessoas. O elemento religioso desempenha um papel preponderante. Sua voz é uma memória cidadã. (PASSOS, 2005, p. 52)

Para compreender o processo educacional do Collegio Marianno, procuramos entender a atuação da própria família. Sobre a fundadora, a senhora Francisca Cândido Marianno, poucos são os dados de sua biografia relativamente ao período que precede a fundação do colégio. Nada encontramos, por exemplo, sobre sua formação como professora. Os dados disponíveis sempre se referem a sua atuação após a criação do Collegio Marianno.

Entre 1867 e 1875, no sul de Minas, existiam poucos colégios para meninas. Na cidade de Pouso Alegre, contamos o colégio Nossa Senhora das Dores para meninas; em São Gonçalo do Sapuchay, o Collegio Lustosa e, em Lavras, o Collegio de Meninas. O Collegio Marianno teria sido um dos primeiros estabelecimentos de instrução para meninas do período. O fato é que era pequeno o número¹³³ de estabelecimentos de ensino voltado para meninas, e que a criação de novos locais nos quais elas pudessem receber alguma educação formal e ser orientadas nos preceitos cristãos é fundamental para compreendermos o surgimento do Collegio Marianno, assim como o de poucos outros colégios a ele contemporâneos.

Não é um de nossos objetivos nos concentrarmos nas discussões sobre as questões de gênero na cidade da Campanha. Embora legítimas, nosso foco é outro. Aqui, trabalharemos com a hipótese de que o Collegio Marianno foi fundado para suprir certas demandas¹³⁴ da sociedade do período. Para tanto, há que compreender quais eram os projetos educacionais da segunda metade do século XIX. A educação promovida pela Igreja Católica foi fundamental para o desenvolvimento de uma sociedade baseada em seu princípio civilizatório¹³⁵.

¹³³ Como observamos no capítulo anterior, apesar do surgimento de vários colégios em diversas cidades da região, eles não tiveram longa duração, como também não foram contemporâneos. Por isso, consideramos que o número de colégios na região, no período, era pequeno.

¹³⁴ Por exemplo, manter a tradição religiosa e contemplar os avanços da modernidade, propiciando às mulheres o desenvolvimento de novas habilidades, como os fundamentos da leitura, escrita, cálculos básicos, dentre outras.

¹³⁵ No capítulo seguinte, melhor desenvolveremos o tema da relação entre a Igreja Católica e a educação. Aqui, é necessário dizer apenas que, mesmo as escolas não diretamente ligadas a Igreja Católica, difundiam os princípios e os dogmas do catolicismo. Após a proclamação da República e o fim do sistema do padroado, ocorre uma reação definitiva da Igreja Católica no sentido de ocupar um espaço efetivo na educação das meninas. Antes, contudo, a presença da moral católica era de tal modo sentida na sociedade que uma intervenção direta na educação era desnecessária. A educação servirá para que o catolicismo recupere terreno, que fora perdido. A

A posição social da mulher, naquele momento, obedecia a uma lógica vinculada aos ideais cristãos e aos conceitos do patriarcalismo. Há que se levar em conta também, portanto, considerações sobre a atuação pública das mulheres no período. Como mostramos anteriormente, a incipiência governamental em relação à educação era notória. O número de escola era reduzido, as que existiam tinham sua qualidade questionada (é o que consta dos próprios relatórios de província) e podemos dizer que o tipo de ensino ofertado não atendia as expectativas das elites regionais do sul de Minas.

A falta de escolas, a incapacidade do governo provincial em atender de forma diferenciada as camadas abastadas, somado ainda à possibilidade das mulheres trabalharem em casa ou abrirem suas próprias escolas, explicam em parte o surgimento desses estabelecimentos de instrução, que então eclodem em toda região no período abarcado.

Na verdade, o que ocorre não é uma transferência de responsabilidade do poder público para os particulares. A necessidade de educar as meninas, a possibilidade de inserção das mulheres da elite em atividades profissionais consideradas “aceitáveis” e, ainda, a criação das escolas como fontes de renda foram os principais esteios para compreendermos a eclosão de diversas experiências educacionais na região sul mineira no último quartel do século XIX.

É importante lembrar que as camadas populares permaneciam praticamente excluídas do acesso à educação. Para os patriarcalistas oligarcas, era necessário encontrar formas de instruir suas filhas dentro da moral cristã. Os valores da Igreja Católica deveriam ser transmitidos.

O debate sobre o papel da mulher na sociedade, muitas vezes, chegou até a intelectualidade. Definir o papel social das mulheres na sociedade era fundamental para propagar o projeto civilizatório em voga. Para exemplificarmos esse debate, observamos a argumentação de Comte, ele entendia que as mulheres eram seres limitados, que deveriam receber uma educação rudimentar.

simbiose inicial entre os ideias moralizantes católicos e elitistas é ponto central para compreendermos a atuação pedagógica do catolicismo nesse período.

Assim, Comte, tal como grande parte dos filósofos do século XIX, preocupou-se com a questão da condição da mulher; diferentemente dos demais, no entanto, ele vai longe e assume uma posição original: concebe o elemento feminino como radicalmente inepto para o governo, mesmo o doméstico, em virtude da “espécie de estado infantil contínuo” que caracteriza esse sexo; ao mesmo tempo, porém, assinala-lhe um lugar na ordem espiritual, em razão de sua supremacia moral. Nesse sentido, seja pela incapacidade física, seja pela superioridade moral da mulher, o espaço doméstico só lhe poderia ser confiado nos núcleos da esfera privada (a família e a casa) e seu poder social limitar-se-ia a uma atuação indireta, mais voltada para a coordenação da opinião pública.

Essa participação da mulher no poder social, embora intimamente relacionada a sua peculiar natureza não constitui uma atribuição específica do elemento feminino. As mulheres, juntamente com os proletários, devem participar apenas do órgão encarregado de formar e de vigiar a sustentação moral da sociedade, ou seja, devem partilhar o poder espiritual do conjunto social. E por terem o “privilégio” de participarem nessa esfera da sociedade, as mulheres, tal como o proletariado necessitam de uma proposta educacional que os habilite a bem desempenharem suas funções morais e, assim cooperem para a ordem e o progresso sociais. (CARVALHO, 1991, p. 9)

Nas classes sociais abastadas, queria-se que a educação feminina gerasse esposas zelosas e mães tementes a Deus, obedientes aos pais e esposos e reprodutoras desses mesmos valores. De forma geral, as mulheres da elite poderiam trabalhar como professoras¹³⁶. Para isso, contudo, era preciso que a educação das meninas deixasse o espaço familiar, preparando-as para pertencer ao espaço público.

As regras de comportamento e de conduta social deveriam ser aprendidas para que essas meninas pudessem cumprir o papel que lhes fora estabelecido. Esse processo educativo se deu, basicamente, a partir de três modelos: 1.) ensino domiciliar, com professores(as) particulares; 2.) educação realizada em conventos; 3.) educação realizada em colégios administrados por particulares — nesse último, encontramos o Collegio Marianno. Em todos esses modelos, percebe-se a preocupação em preparar as meninas inclusive para o convívio no espaço público. Segundo ARRUDA (2010):

Dentre eles, destaco a presença da mulher e sua relação com o saber, assim como as implicações inerentes a essa nova configuração a partir da preocupação com a institucionalização de uma educação escolar afinada com determinadas demandas postas em pauta, relações estabelecidas nos limites das tensões e conflitos, como já mencionado anteriormente. *Civilizar*, implementar ordens, consolidar o projeto de estado Moderno seriam alguns dos imperativos, em função dos quais, a instrução (pública e particular) estava sendo (re)organizada. (ARRUDA, 2010, p. 37)

¹³⁶ Não discutiremos o processo de feminização do magistério. Sobre o tema, cf. Chamon (1996), Muniz (2003) e Louro (1997).

Com as mudanças sociais¹³⁷ e econômicas¹³⁸ ocorridas no final século XIX, como o fim da escravidão e a chegada dos imigrantes europeus, no plano social, e como a inserção gradativa do Brasil no mercado capitalista, no plano econômico, o casamento tomava novas proporções. Ter uma esposa instruída poderia gerar dividendos sociais, políticos e econômicos. Moças mais bem preparadas conseguiam melhores enlances matrimoniais. Uma filha instruída poderia ser um auxílio na ascensão social da família. Ademais, pensava-se que essas moças, agora, esposas, seriam melhores mães, já que educariam seus filhos levando em conta um certo conhecimento de mundo, além de serem capazes de lhes transmitir os dogmas católicos.

Nesse momento do texto, é necessário esclarecer alguns aspectos do que até agora chamamos de catolicismo. A Igreja Católica não fora algo monolítico e homogêneo. Havia disputas internas das diversas congregações pela hegemonia do poder papal. A necessidade de imposição dos dogmas e hierarquias católicas influenciaram diretamente a postura da Igreja em relação às formas de culto da população. A educação, as festividades, a organização de ritos e a adoração aos santos sofreram intervenções diretas e impiedosas da Igreja¹³⁹.

Aqui, faremos considerações sobre um caso específico, o da região da Campanha, e o de meninas de uma condição social privilegiada. Nesse capítulo, pretendemos analisar os projetos sociais e educacionais no século XIX. Nesse horizonte, consideramos, poderemos compreender a necessidade da criação de um colégio dirigido por particulares voltado para meninas na Campanha. Posteriormente, na virada do século XX, observaremos a interferência direta da Igreja, por meio da criação de um colégio congregacional na cidade para atender a toda região.

Na ocasião, a cidade destacava-se no sul de Minas Gerais. De acordo com o *Almanach Sul-Mineiro* (1874), o município tinha a segunda maior arrecadação¹⁴⁰ do sul do estado, repassando 17:668\$651 para o governo da província (dados referentes ao período de 1871/1872) (VEIGA, 1874, p. 47), e a quarta maior população do sul de Minas Gerais¹⁴¹, 27.472 pessoas (dados referentes à 1865) (VEIGA, 1874, p. 29).

¹³⁷ Sobre o assunto, há importantes contribuições em Carvalho (1995; 1998).

¹³⁸ O tema pode ser melhor entendido com o auxílio de Furtado (1970).

¹³⁹ Essa discussão será feita com maior profundidade no capítulo IV.

¹⁴⁰ A primeira maior arrecadação e a maior população da região sul mineira eram do município de Pouso Alegre. Nele, encontramos também um colégio de meninas, o Collegio Nossa Senhora das Dores. Lembramos que o outro colégio de meninas ficava em uma freguesia da Campanha, São Gonçalo do Saphuay. Não podemos negar que número populacional e a renda estavam ligados aos avanços educacionais nos municípios citados.

¹⁴¹ Sobre o total populacional, temos: Pouso Alegre, 50332 habitantes; Passos, 35508 habitantes; Caldas, 29748 habitantes. Todas estas cidades, vimos no capítulo segundo, contavam escolas femininas, corroborando a ideia de que havia uma relação entre a renda e o número de habitantes e o surgimento de estabelecimentos de instrução na região sul mineira.

A pujança econômica da cidade, baseada na agricultura de café e de feijão, na produção de cachaça, dentre outros, sua grande população (em comparação com as outras cidades do sul de Minas Gerais) e a falta de um estabelecimento de ensino voltado para mulheres são as possíveis razões que levantamos para a criação do Collegio Marianno.

O surgimento de colégios na Campanha levaria a cidade para outro patamar civilizatório. Educar as meninas na própria cidade auxiliou a Campanha a reafirmar sua posição de destaque no sul de Minas. Agora, além de pólo cultural, econômico e político, a existência de um colégio feito exclusivamente para as meninas lhe daria uma conotação ainda maior de modernidade, progresso e pujança.

Além desses fatores observados, vale dizer que, não podemos desconsiderar também a relação dos proprietários do colégio com a educação entre as razões para sua fundação. Praticamente toda a família esteve ligada aos processos de escolarização na Campanha. Essas questões serão discutidas em seguida.

3.2 A família Marianno e sua relação com a educação, sociedade e política da Campanha: de alunos e professores família ligada à educação. Bernardo José Marianno e sua atuação política, profissional e religiosa

A criação do Collegio Marianno seguiu a necessidade de uma determinada conjuntura histórica. Cabe-nos agora fazer algumas considerações sobre a família gestora do colégio, assim como sobre o seu funcionamento. De maneira geral, a história do colégio se confunde com a de seus donos.

As proprietárias eram as irmãs Mathilde, Luiza, Francisca, Ana, Delfina, Alice, Emília, além do irmão Bernardo José Mariano (CASADEI, 1987, p. 39). Ao longo do capítulo, falaremos sobre a atuação dessas pessoas no colégio e na sociedade da Campanha.

Dos oitos irmãos, três participaram efetivamente da história do Collegio Marianno e da sociedade Campanhense. Bernardo José Marianno era solteiro, sem filhos conhecidos, foi figura de destaque na Campanha durante a segunda metade do século XIX. Nasceu em 15/12/1842, e faleceu em 28 de outubro de 1901 (*Monitor Sul Mineiro*, 03/11/1901, p. 1). Teve uma intensa atuação¹⁴² na política e na educação da cidade. Foi professor do Collegio Normal, membro de bancas de exames em vários colégios da região, benemérito da Santa Casa de Misericórdia, secretário da Câmara Municipal e, por fim, Vereador. Apesar de jamais ter lecionado no colégio da família, sua atuação na educação da Campanha foi fundamental para a longevidade, importância e reconhecimento do Collegio Marianno.

Outra figura relevante foi a diretora do “afamado” Collegio Marianno, Francisca Candido Marianno, nascida em 1840 (não encontramos a data precisa do seu nascimento), e falecida em 03/07/1915 (*A Campanha*, 13/07/1915). Como dissemos, não há dados sobre sua formação profissional. Porém, sempre foi mencionada nas páginas da imprensa local como eximia professora e fundadora do Collegio Marianno. Solteira, sem filhos e “temente a Deus”, dedicou sua vida ao estabelecimento de instrução da família.

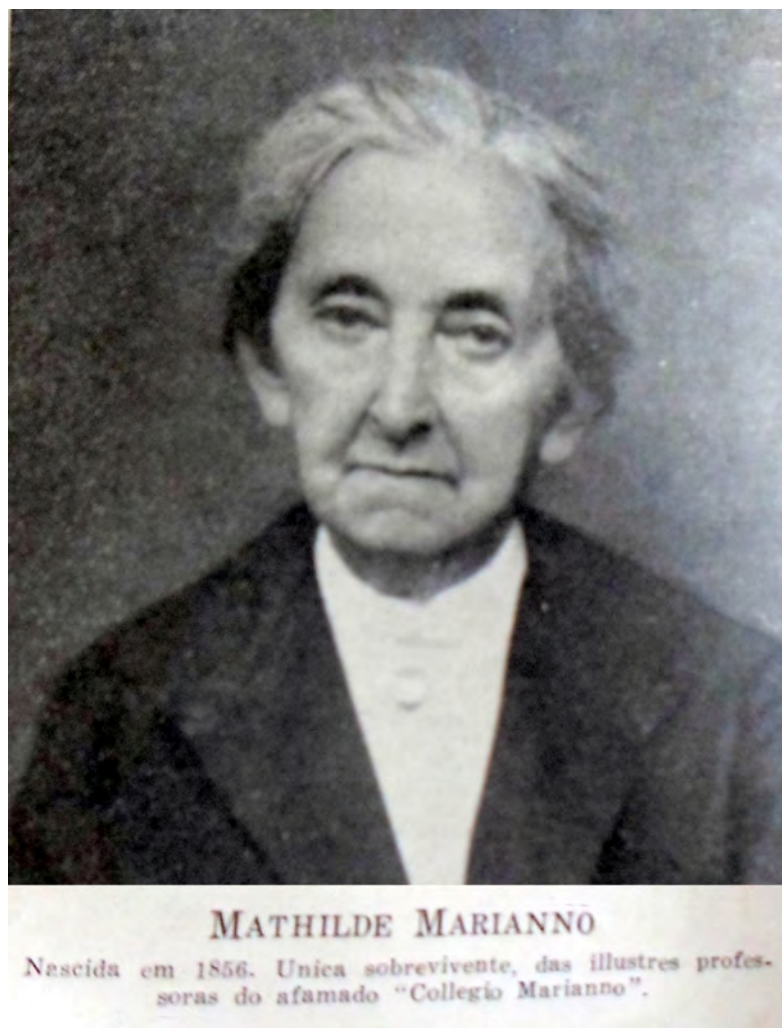
A última figura de grande destaque da família foi Mathilde Xavier Marianno, nascida em 1856, e falecida após 1942¹⁴³ (VALLADÃO, 1942, p. 69). Mathilde é o membro da família mais mencionado na imprensa da Campanha. Por isso, pudemos estudar sua trajetória escolar, profissional e social. Solteira como os dois outros irmãos, e sem filhos, atuou de forma vigorosa na educação das meninas na Campanha. Consideramos que sua saída do

¹⁴² Gradativamente, relacionaremos sua atuação política e social ao Collegio Mariano.

¹⁴³ A data do seu falecimento não é precisa. Não encontramos referências sobre o assunto. Alfredo Valladão, em seu livro, de 1942, apresenta uma foto na qual Mathilde é mencionada como a única sobrevivente das proprietárias do Collegio Marianno. Assim, seguramente, podemos afirmar que viveu mais de 80 anos.

Collegio Marianno, em 1907¹⁴⁴, para ingressar, primeiro, como professora, depois, como diretora, no grupo escolar Zoroástro de Carvalho tenha sido um dos motivos do fechamento do Collegio Marianno.

Foto de Mathilde Xavier Marianno:



Fonte: VALLADÃO, 1942, p. 69.

As demais irmãs tiveram uma atuação menos efetiva na sociedade da Campanha. Conseguimos saber que Luiza, Ana, Delfina, Alice, Emília também ingressaram no magistério. Sobre elas, apenas de uma se registra o matrimônio¹⁴⁵.

Compreender a relação dessa família com a educação feminina é fundamental para o entendimento do funcionamento do Collegio Marianno. A primeira referência sobre a ligação da família Marianno com a educação encontramos no *Monitor Sul Mineiro* de 06/12/1874. Ela

¹⁴⁴ Adiante, retomaremos a questão.

¹⁴⁵ Posteriormente, melhor nos deteremos na questão.

se refere à aprovação com distinção de Mathilde Xavier Marianno na Escola Normal da Campanha¹⁴⁶, nas provas dos dias 27 e 28 de novembro de 1874.

Embora proprietária de um colégio, Mathilde forma-se pela Escola Normal. O fato nos faz supor que a qualificação para o exercício do magistério fosse valorizado pela família. Ela foi aluna do seu irmão, Bernardo José Marianno. Apenas nove alunos¹⁴⁷ prestaram o teste naquele semestre, e somente Mathilde Xavier Marianno foi aprovada com distinção. No ano seguinte, novamente, ela é aprovada com distinção e como destaque na Escola Normal (*Monitor Sul Mineiro*, 05/12/1875, p. 4). Bernardo José Marianno foi mesmo uma figura expressiva na cidade da Campanha. Como mencionamos, exerceu diferentes funções na cidade durante a segunda metade do século XIX. Nesse período, transitou pela esfera pública em diferentes cargos. Já em 1879, a sua atuação no cenário educacional e social da Campanha ganha destaque. Bernardo deixa de ministrar aulas na Escola Normal. A sua saída é então noticiada pelo *Monitor Sul Mineiro*. Uma notícia dessa natureza não foi mais encontrada na imprensa da Campanha no período pesquisado.

Escola normal da Campanha.

Foi nomeado professor de noções praticas de geometria e desenho linear desta escola o Sr. Bernardino Luiz Maria de Brito.

Esta nomeação importa a destituição do nosso amigo o Sr. Bernardo José Marianno, que desde muito exerce aquelle cargo com admiravel zelo e dedicação, e que por sua intelligencia e honestidade de caracter se tem tornado um dos ornamentos daquelle estabelecimento litterario.

Assim pensando e julgando que do mesmo modo pensão todos os habitantes desta cidade, lamentamos que a escola normal da Campanha se veja privada de um dos mais trabalhadores e distinctos de seus professores. (*Monitor Sul Mineiro*, 08/05/1879, p. 4)

A princípio, desconhecíamos os motivos pelos quais Bernardo José Marianno deixou as aulas. Adiante, no decorrer do nosso trabalho de pesquisa, encontramos a função de maior

¹⁴⁶ As Escolas Normais foram criadas pela Lei Provincial nº 1769, de 1871. Na cidade da Campanha, a inauguração da escola normal se deu em 07 de janeiro de 1873 (*Monitor Sul Mineiro*, em 05/01/1873, p. 4). O objetivo dessas escolas era formar professores para as escolas públicas e particulares da província. O governo considerava que a capacitação de professores (as) era fundamental para a melhoria da qualidade do ensino em Minas Gerais. Na Campanha, Bernardo José Marianno era professor de aritmética.

¹⁴⁷ 2º ANNO.

Aprovada com distinção

D. Mathilde Xavier Marianno

Aprovados plenamente.

D. Rosalina Amélia de Souza Castro.

D. Anna Faustina Ferreira Rodrigues.

D. Jesuina Carolina de Salles.

D. Maria Candida Rofrigues.

Antonio Odorico Gonçalves de Moura.

Augusto Olegario Stockler de Lima. (*Monitor Sul Mineiro*, 06/12/1874, p. 3).

importância que ele passou a exercer: “Instrução publica. - Para formar o conselho parochial, creado pelo novo regulamento de instrução publica, forão nomeados, nesta cidade, os Srs. Bernardo José Marianno e o padre Paulo Emilio Moinhos de Vilhena.” (*Monitor Sul Mineiro*, 26/10/1879, p. 4).

Nesse cargo, auxiliou na organização e na fiscalização das práticas desenvolvidas em todas as escolas no município. E, a partir desse momento, a aproximação da família e do Collegio Marianno com a Igreja e seus membros é crescente.

Nesse período, Bernardo José Marianno tinha grande amizade com os proprietários do *Monitor Sul Mineiro*. Não encontramos declaração suas relativas à filiação política, porém, o fato de ser reiteradamente mencionado no *Monitor Sul Mineiro*¹⁴⁸, por vezes, chamado de “amigo” e de “companheiro” nas materiais do jornal e de ter ocupado cargos públicos municipais sob a gestão de conservadores nos faz supor que fosse monarquista.

A influência e o prestígio de Bernardo José Marianno e do colégio de suas irmãs crescia. No ano seguinte, há referências que indicam que Bernardo também foi um dos responsáveis pela administração financeira da Santa Casa de Misericórdia da Campanha (*Monitor Sul Mineiro*, 14/07/1880, p. 4). Ações de filantropia faziam parte da sua atuação social. Em diferentes ocasiões, Bernardo faz doações diversas. Nesse mesmo ano, 1880, auxilia na compra de um clarinete, a ser utilizado por um músico na Igreja matriz. O *Monitor Sul Mineiro*, como era costume, listava nominalmente as pessoas que faziam doações. Nesse caso específico, há um destaque para a doação de Bernardo.

(...) venho testemunhar pela imprensa o meu reconhecimento pela valiosa offerta que se difnarão fazer-me de uma clarinette que eu recebi como testemunho da generosidade de distinctos cavalheiros, que sabem animar as vocações e premiar á um artista, que si de alguma cousa tem orgulho é de proceder sempre de modo á corresponder á prova de estima que acaba de receber de tão dignos conterraneos seus. (...) Si o reconhecimento pela grande offerta que me foi feita póde ser justo motivo para que elles jamais se arrependão da generosidade que tiverão para commigo, eu posso á todos garantir que sempre e sempre terei em lembrança a immensa divida que a gratidão me faz contrahir com aquelles que forão generosos para com o modesto artista, que nunca visou manifestações de consideração e apreço, e que recebem pelo muito que Ella vale e pelo pensamento que a ditou. Carlos de Moura Teixeira, Campanha, 30 de julho de 1880. (*Monitor Sul Mineiro*, 02/08/1880, p. 4)

¹⁴⁸ Pensamos que esse bom relacionamento com a imprensa favorecia a Bernardo, a sua família e ao Collegio Marianno. Paulatinamente, mostraremos o tratamento diferenciado que o *Monitor Sul Mineiro* dava ao estabelecimento de ensino da sua família. Bernardo José Marianno, além de ser considerado um grande professor, também era bem visto politicamente, ocupando cargos políticos para os quais as indicações (apadrinhamentos) eram necessárias.

No mesmo ano, também a atuação política de Bernardo José Marianno¹⁴⁹ ganha destaque. Bernardo deu posse ao juiz de paz da cidade da Campanha (*Monitor Sul Mineiro*, 20/08/1880, p. 4). Pouco depois, torna-se secretário geral da Câmara Municipal da Campanha. Não encontramos documentos sobre sua nomeação. A primeira ata que assina como secretário foi a da reunião ordinária de 31 de julho de 1880, publicada em 08 de setembro de 1880 (*Monitor Sul Mineiro*, 08/09/1880, p. 3). Em seguida, passa a ser o responsável pela prestação de contas da Câmara Municipal (*Monitor Sul Mineiro*, 26/10/1880, p. 4).

Seu destaque social, político e educacional — e, talvez, econômico¹⁵⁰ — cresceu cada vez mais. A relação da família Marianno com a Igreja Católica era notória. Para a Semana Santa, Bernardo faz uma doação no valor de 20\$000 (*Monitor Sul Mineiro*, 14/05/1881, p. 3).

Relativamente a sua principal área de atuação, o magistério, foi convidado a presidir a banca de examinadores do Collegio Lustosa, na freguesia de São Gonçalo do Sapuchay (*Monitor Sul Mineiro*, 02/06/1881, p. 3).

Em 1881, Bernardo foi novamente eleito para a secretaria da Santa Casa de Misericórdia da Campanha (*Monitor Sul Mineiro*, 14/07/1881, p. 2). Todavia, em função dos problemas financeiros da instituição, de questões relacionada à política local e do pouco tempo disponível de Bernardo, ele não aceita o cargo (*Monitor Sul Mineiro*, 26/07/1881, p. 3).

Os anos oitenta dos oitocentos mostraram que a relação de Bernardo José Marianno com o Igreja e com a política era mesmo próxima. Ele e sua família¹⁵¹ fazem várias doações para a paróquia. Em 1884, chega a comprar uma tumba dentro da Matriz para auxiliar nos custos da reforma (*Monitor Sul Mineiro*, 02/02/1884, p. 2). Por certo, Bernardo não era o único a se dedicar à filantropia social em seu tempo. Mas suas ações filantrópicas e sua atuação política fizeram com que seu nome fosse conhecido e, em consequência, também o do Collegio Marianno, do qual era afinal um dos proprietários.

No decorrer dos anos, a ligação dos Mariannos com a Igreja se estreita. Bernardo José Marianno foi um dos responsáveis. Essa proximidade é também um dos motivos da hegemonia do Collegio Marianno na educação feminina na Campanha. Pelas nossas pesquisas, a família sempre foi considerada um exemplo de honestidade, organização e

¹⁴⁹ Em 02/01/1881, o *Monitor Sul Mineiro* apresenta um organograma geral do Município da Campanha. Nesse organograma, podemos ter uma ideia do prestígio de Bernardo José Marianno na política da Campanha. Ver anexo 15, página 225.

¹⁵⁰ Até o ano de 1880, não encontramos registros sobre os rendimentos de Bernardo José Marianno. Os anos oitenta dos oitocentos representam a fase de maior desenvolvimento do Collegio Marianno. O número de alunas crescia e as atividades do colégio, principalmente, as de cunho religioso, são noticiadas na imprensa. Pelas doações feitas por Bernardo José Marianno e por sua família, podemos considerar que Os Mariannos pertenciam — ou, ao menos transitavam — à elite econômica da Campanha.

¹⁵¹ Esses dados serão apresentados no decorrer do texto.

religiosidade. Bernardo era o bastião dessas qualidades. Há que se frisar o seu bom relacionamento com a política local e regional. Assim, vincular a imagem do colégio a Bernardo pode ter sido uma das prováveis estratégias de divulgação do Collegio Marianno utilizado pela família. Fato é que nesse momento o Collegio Marianno era o único da Campanha e, possivelmente, o fluxo de alunas da elite local estaria matriculado no colégio da família de Bernardo.

No final de 1885, contudo, Bernardo José Marianno deixou a secretaria da Câmara Municipal. Em 1887, é convidado a atuar novamente como secretário da Câmara, mas recusa o cargo, alegando graves problemas de saúde (*Monitor Sul Mineiro*, 18/09/1887, p. 3). Perguntávamo-nos, então, pelas razões que levariam um homem intimamente ligado a política e de prestígio social na Campanha a recusar um cargo de destaque. Mas, a partir de 1887, as referências no *Monitor Sul Mineiro* ao Collegio Marianno, a Bernardo José e ao restante da família diminuem significativamente. A saída momentaneamente de Bernardo da cena pública colocava novos obstáculos para a investigação do Collegio Marianno.

Em 1888, finalmente, encontramos registros que nos permitiram compreender o afastamento de Bernardo da cena política. Não sabemos por quanto tempo, mas, durante um decurso significativo, Bernardo José Marianno trabalhou na Câmara Municipal sem receber salário. Assim, acionou o judiciário. Ao fim, as partes entraram em acordo.

Proposta:

O Sr. Presidente propoz que se pagasse a viúva de José Baptista da Rocha, ex- fiscal desta cidade, o que a elle ficou devendo a camara, pela administração do serviço da iluminação publica desta cidade e ao cidadão Bernardo José Marianno, ex- secretario desta camara, a quantia de 200\$000, por conta do que esta municipalidade lhe deve pelo exercício deste cargo. – Foi aprovada. (*Monitor Sul Mineiro*, 19/08/1888, p. 3)

Passado o episódio, Bernardo José Marianno, sua família e o Collegio Marianno voltam às páginas do *Monitor Sul Mineiro*, jornal cujos proprietários ocupavam postos relevantes na administração local. A observação é importante. Não é possível isolar um objeto de estudo do contexto social no qual está inserido. A relação entre a política local e a imprensa era forte, alguns dos proprietários do jornal eram vereadores na cidade. Assim, elementos aparentemente não relacionados podem estar intimamente ligados.

No ano seguinte, Bernardo José Marianno voltou à cena social e política da cidade. Professor de aritmética, orador de habilidade reconhecida e articulado politicamente, foi escolhido pela Câmara Municipal para receber os responsáveis pela obra ferroviária do trecho da Campanha. A festa de recepção contou com a participação das alunas do Collegio

Marianno. E os detalhes finais do contrato de execução da obra ferroviária ficaram a cargo de Bernardo.

É uma data feliz a de hontem na historia de nossa terra, e assim o comprehendeu a população da Campanha que recebeu com fogos, musica e outras manifestações de justo contentamento os distinctos engenheiros que forão encarregados da referida exploração.

Para este fim, é de justiça notar, poderosamente concorreu o nosso prestimoso e honrado amigo o Sr. Bernardo José Marianno, que collocou-se á frente dos dignos cidadãos que promoverão esta sympathica festa, que foi muito concorrida, sendo os engenheiros acompanhados até o hotel do Commercio, onde hontem lhes foi offerecido um jantar. (*Monitor Sul Mineiro*, 31/03/1889, p. 3)

O prestígio de Bernardo na cidade faz-se novamente sentir. Nesse mesmo período, o professor da cadeira de aritmética da escola normal faleceu e Bernardo José Marianno foi convidado para assumir temporariamente a cadeira. Sua competência, seriedade e capacidade são, mais uma vez, referidas.

Escola normal. – O Sr. Bernardo José Marianno foi nomeado para reger interinamente a cadeira de arithmetica deste estabelecimento de instrucção, na vaga do professor Moraes.

A escolha não podia ser melhor, pois o nomeado por sua aptidão, character e intelligencia, há dese mostrar digno de succeder ao distincto e saudoso professor. (*Monitor Sul Mineiro*, 08/12/1889, p. 2)

Em 1890, Bernardo José Marianno soube das dificuldades financeiras enfrentadas pela família do professor Moraes, em virtude de seu falecimento. Bernardo então, em nota, no *Monitor Sul Mineiro*, se recusa a concorrer à cadeira de professor de aritmética da Escola Normal — o edital para o concurso havia sido aberto — e ele sugere a nomeação do filho mais velho do finado professor para a vaga. Um segundo concorrente também desiste e, por fim, o filho do antigo professor, cujo nome desconhecemos (não consta na matéria do jornal), assume a cadeira de aritmética da Escola Normal da Campanha (*Monitor Sul Mineiro*, 29/06/1890, p. 3). Esse tipo de atitude fortalecia ainda mais o seu nome na sociedade da Campanha. E os dividendos políticos, sociais e possivelmente econômicos são cada vez maiores. Sua influência política é também cada vez mais significativa.

A relação de Bernardo com o poder público se intensifica. Nas eleições¹⁵² de 1892, foi eleito vereador na cidade da Campanha e, em seguida, nomeado vice-presidente da Câmara. Segundo o *Monitor Sul Mineiro*:

¹⁵² O sistema eleitoral da nascente República tinha suas especificidades. Grosso modo, Campanha tinha 4 sessões eleitorais, em tese, geograficamente divididas. Cada candidato se inscrevia em uma sessão e a votação ocorria.

Feita a chamada par a 1ª secção forão recebidas e cantadas quatorze cédulas, que, apuradas publicamente com as formalidades do estylo, derão o seguinte resultado:- 1º Bernardo José Marianno 13 votos; 2º Amador Bueno Horta 8; 3º Paulino José de Mello 8; 4º João Baptista Jacome de Araujo Junior 8; 5º Julio Bueno 5; 6º Padre Vital Vieira da Gloria 5; 8º Francisco Antonio de Lemos 1; Dr. Francisco Honorio Ferreira Brandão, Manoel Ignacio de Miranda e João Ayres da Gama um voto cada um. (*Monitor Sul Mineiro*, 07/07/1892, p. 3).

Anos mais tarde, Bernardo José Marianno passou a ocupar um cargo efetivo no legislativo da Campanha. E, embora suas ações pretendessem beneficiar a sociedade, não há como descartar a hipótese de que também eram movidas por interesses particulares. Sempre que possível, o estabelecimento de ensino da família era vinculado às atividades públicas e religiosas do agora nobre vereador. As festas organizadas pelo poder público ou pela Igreja contavam com a presença recorrente das alunas do colégio da sua família. As páginas do *Monitor* sempre deram grande destaque para esses eventos e, por consequência, para a atuação das professoras de “afamado” Collegio Marianno.

Não encontramos registros sobre quaisquer benefícios financeiros explícitos do poder público, recebidos pelo Collegio Marianno, ligados diretamente à atuação social de Bernardo José Marianno. Porém, pode-se afirmar que seu papel na sociedade da Campanha foi um dos motivos do sucesso do colégio da família.

A sua atuação como vereador foi intensa, propondo projetos de estradas, calçamento de ruas, iluminação pública, cadeia municipal, dentre outros. Para a família, não encontramos registros de benefícios diretos. Contudo, durante a sua gestão, foi organizado um novo código de tributação para a Campanha. Na ocasião, uma ação sua foi favorável para seus familiares. No artigo 4ª, inciso II, do novo código, determinou-se que professores particulares, entre outros profissionais, não pagariam impostos ao município (*Monitor Sul Mineiro*, 27/11/1892, p. 3).

Não tínhamos certeza, entretanto, se a nova legislação tributária eximia as irmãs de Bernardo dos impostos, já que o artigo de lei se refere a “professores particulares” e não a “colégios particulares”. Em consulta a outras edições do *Monitor Sul Mineiro*, verificamos que o Collegio Marianno e suas proprietárias não pagavam impostos naquele momento, o que se alteraria apenas nos primeiros anos do século XX. Bernardo, nesta ocasião, então, possivelmente usará de sua posição política para beneficiar diretamente a sua família. Mesmo

Bernardo José Marianno era da primeira sessão eleitoral e nela foi o mais votado, com 13 votos. Sobre o processo eleitoral no país, ver Leal (1997).

que consideremos que sua atuação política e social pretendia promover algum tipo de vantagem para sua família, apenas no episódio referido um benefício direto e explícito é visível.

Na reforma tributária do município, foi criado um específico sistema tributário, no qual a porcentagem a ser tributada variava conforme as posses de um indivíduo; na prática, quanto mais posses, maior seria a sua tributação. Não há dados que nos permitam garantir o efetivo funcionamento da tabela criada pela Câmara municipal da Campanha. Todavia, há que se notar que os critérios¹⁵³ adotados na elaboração do novo sistema tributário possuem certa especificidade matemática, muito possivelmente, fruto de uma atuação destacada de Bernardo durante essa reforma.

No ano de 1893, Bernardo renuncia ao cargo de vice-presidente da Câmara Municipal, sem motivo aparente. Pelo que pudemos apurar, Bernardo estava com problemas de saúde, impedindo-o de manter-se no cargo. A notícia de jornal sobre a renúncia não esclarece seus motivos.

O Sr. Vereador Marianno, pedio a palavra e declarou que, por motivos especiaes e imperiosos, resignava o cargo de vice-presidente desta camara e quem tem exercido até hoje, agradecendo as provas de confiança que até hoje lhe têm sido dispensadas por toda a camara á qual continua sempre prompto á auxiliar como vereador, bem como á cada um de seus collegas em particular.

A camara reconhecendo a justiça das razões apresentadas pelo Sr. Vereador Marianno, aceitou aquella resignação, consignando-se porém nesta acta um voto de pezar por esse facto, lamentado por todos os seus membros. (*Monitor Sul Mineiro*, 22/12/1893, p. 3)

Essa é a última notícia localizada sobre a atuação política de Bernardo José Marianno. Findado o seu mandato, em 1894, deixa em definitivo a vida pública. Retoma então a secretaria da Santa Casa de Misericórdia. Não há registros sobre esse retorno, mas ele volta a assinar os balancetes financeiros da instituição (*Monitor Sul Mineiro*, 04/07/1895, p. 2), o que nos fez supor que havia retomado o cargo de secretário. Na função, permanece até o seu falecimento.

A sua atuação social deixa de ser noticiada nas páginas do *Monitor Sul Mineiro*. Agora, suas irmãs e o Collegio Marianno não aparecem com tanta frequência no jornal. O último registro da atuação social de Bernardo diz respeito a sua participação na programação

¹⁵³ Cf. anexo 16, página 226.

da festa do centenário da Campanha, em 1899. Bernardo foi o responsável por coordenar os trabalhos e por angariar fundos para a decoração da rua principal da cidade.

Bernardo José Marianno morre em 28 de outubro de 1901. A primeira página do *Monitor Sul Mineiro* foi então em sua homenagem. Na edição de 03 de novembro de 1901, todas as matérias eram relacionadas à atuação de Bernardo José Marianno na cidade. Nos números seguintes, foi ainda lembrado.

Bernardo José Marianno

É sob o peso do mais profundo sentimento que registramos nesta columnas o doloroso e inesperado passamento do nosso prezado amigo e prestimoso conterrâneo, Sr. Bernardo José Marianno.

Impotentes forão os recursos promptos e criteriosos da sciencia, os caminhos e desvellos de uma familia extremosa, os cuidados ininterrompidos de amigos que consideravão,- a cruel e inexauravel morte de tudo zombando desapiedadamente ceifou-lhe a preciosa e querida existência ás 9 horas da manhã do dia 28 passado!

Triste e cruel fatalidade! (*Monitor Sul Mineiro*, 03/11/1901, p. 1)

A *Campanha*, jornal do grupo republicano (agora, conhecidos como liberais), também se refere, com pesar, à morte de Bernardo José Marianno:

A elle pode-se applicar com máxima certeza a palavra do evangelista-“pertransi benefaciendo”¹⁵⁴, - porque a sua passagem pela terra foi um perene apostolado do bem e da caridade: pobre, os recursos que lhe forneciam os seus labores do magisterio eram em máxima parte applicados em remediar alheias necessidades, sóbrios e simples como eram os prazeres e os costumes da sua vida austera. (*A Campanha*, 02/11/1901, p. 2)

A repercussão da morte de Bernardo foi singular. Em nossas pesquisas, não encontramos uma consternação semelhante diante da morte de qualquer outro cidadão campanhense. O aniversário da sua morte era anualmente lembrado no *Monitor Sul Mineiro* e na *Campanha*. Defendemos a ideia de que a sua constante atuação lhe rendia prestígio, alunas e dinheiro para o Collegio Marianno. A sua morte, por sua vez, também foi um dos motivos decisivos no processo de decadência do estabelecimento de instrução da família. Depois de seu falecimento, a referência as suas irmãs nas páginas do *Monitor Sul Mineiro* é cada vez mais discreta. Podemos afirmar que sua morte e a de outros membros¹⁵⁵ da família foram um dos motivos do fechamento do “afamado” Collegio Marianno.

¹⁵⁴ “Viveu fazendo o bem”.

¹⁵⁵ Sobre o tema, novos desenvolvimentos no próximo subtítulo deste capítulo.

Ao analisarmos a trajetória social, política e profissional de Bernardo José Marianno, quisemos compreender e, ao mesmo tempo, relacionar a influência social dos membros da família Marianno, na cidade da Campanha, como um dos fatores que propiciaram a sua larga liderança na educação feminina na região do sul de Minas. Explicar e significar a longevidade de um estabelecimento de ensino voltado para as meninas não é tarefa simples.

Nos momentos de apogeu e de decadência do Collegio Marianno, fatores externos contribuíram decisivamente. Rapidamente, podemos novamente afirmar que ofertar uma educação de qualidade para as meninas dentro de um projeto de avanço de modernidade na cidade é sem sombra de dúvidas um dos principais fatores do surgimento e duração do colégio. Por outro lado, problemas na família¹⁵⁶ e questões de cunho religioso¹⁵⁷ colaboraram para o encerramento de suas atividades.

Na sequência, analisaremos os poucos registros que encontramos sobre as práticas pedagógicas, organizacionais, sociais e culturais do Collegio Marianno, atentos aos detalhes e contextualizando a atuação educacional desse estabelecimento de instrução.

Bernardo José Marianno teria sido o baluarte do saber, o paladino da moralidade, ícone da alta cultura da Campanha. Ao menos, essa é a imagem trazida pela imprensa. Por certo, não podemos vincular a decadência do Collegio Marianno exclusivamente a sua morte. Depois desse fato, o estabelecimento praticamente desaparece das páginas dos jornais. No decorrer do texto, apresentaremos outras variáveis que contribuíram para o fim das atividades do Collegio Marianno.

¹⁵⁶ O envelhecimento e falecimento das proprietárias e a falta de sucessores são dificuldades que não foram sanadas pela família Marianno. Lembramos novamente que não encontramos nenhum herdeiro ou parente próximo aos Marianno na Campanha.

¹⁵⁷ A partir de 1870, a Igreja Católica busca implementar uma atuação mais efetiva no espaço social. O processo de romanização ou ultramontanismo tem como objetivo reestruturar ritos e práticas católicas. De maneira geral, isso consistiu em retomar dos leigos religiosos funções e posições. A reestruturação do ideário cristão passava pela interferência direta da Igreja Católica nas práticas educacionais. Por esse motivo, a vinda de uma congregação religiosa para a Campanha foi uma das ações que marcou a implementação do projeto da Igreja (em parte, ligado também ao projeto das elites locais). Nesse sentido, a substituição de uma educação leiga por uma clerical melhor atendia as novas demandas do período. No capítulo IV, voltaremos ao tema. Por hora, basta considerarmos que o Collegio Marianno esgotou suas possibilidades de atender as demandas que então se configuravam.

3.3 Uma breve discussão: Aspectos teóricos que fundamentaram a prática pedagógica do Collegio Marianno: quais métodos seriam adotados?

No segundo capítulo, fizemos uma apresentação preliminar do Collegio Marianno. Debates aspectos relacionados à sua fundação, as matérias inicialmente ministradas, sua localização e possível período de fechamento. Em seguida, relacionamos as escolas voltadas para meninas contemporâneas ao Collegio Marianno. Por fim, fizemos considerações sobre dois membros da família Marianno, prováveis proprietários do colégio.

Essas considerações iniciais tinham o objetivo de levantar alguns pontos fundamentais para a compreensão da história do colégio. Primeiro não podemos esquecer que a missão da educação feminina, no momento estudado, pretendia formar mulheres tementes a Deus e boas mães e esposas. Segundo, colégios que oferecessem esse tipo de educação passaram a ser importantes para a elite sul mineira. Terceiro, a longevidade do Collegio Marianno esteve relacionada à participação efetiva dos membros da família, com destaque para Bernardo José Marianno, na sociedade, educação e política da região.

Nosso primeiro passo foi então o de compreender o espaço e as relações nas quais o Collegio Marianno estava inserido para, depois, pormenorizarmos e detalharmos a sua efetiva atuação. Na análise dos dados encontrados, levaremos em conta os aspectos educacionais e religiosos da região no período estudado.

Se acompanharmos os debates que se travaram na área da educação ao longo do século XIX, mais especificamente aqueles que se referiam às determinações sobre os conteúdos escolares, ou seja, sobre aquilo que, no século XIX, chamamos de programas ou currículos escolares, veremos que sua extensão está intimamente relacionada à organização e à utilização dos tempos escolares e, daí, com os métodos pedagógicos, ou, mais especificamente, com a organização das turmas e das classes. (FARIA FILHO, 2000, p. 149)

Como dissemos no segundo capítulo, o pioneirismo do Collegio Marianno na educação das meninas na região sul mineira foi colocado em dúvida. O Collegio de Meninas, dirigido por Paulina Maria Mallisse, teria sido criado antes do Collegio Marianno. A nova informação, entretanto, não afasta o sucesso da empreitada promovida pela família Marianno.

A primeira informação sobre as atividades do Collegio Marianno é datada de 06 de dezembro de 1874, e foi encontrada no *Monitor Sul Mineiro*. Na notícia, Francisca Candido Marianno é apresentada como diretora e a qualidade do ensino oferecido pelo colégio é

ênfatizada. Essa primeira notícia, basicamente, fazia alusão aos exames que ocorreram na escola, mas devia servir também como forma de divulgação do colégio.

A relação dos exames realizados nos permitiu saber quais as disciplinas ministradas na escola no período, a saber, *grammatica portugueza*, *calligraphia*, *cathecismo*, *metrologia*, *musica*, *principio de tradução franceza*, *francez* e *geographia* (*Monitor Sul Mineiro*, 12/12/1874). Ao longo dos anos, o rol de disciplinas se altera — adiante, retomaremos o assunto.

Sobre a idade das meninas, não encontramos informações precisas. A partir da leitura do regulamento de instrução pública e conhecendo a idade das alunas da Escola Normal, pudemos inferir que as alunas do Collegio Marianno tinham entre 6 e 15 anos de idade: “As irmãs Marianno ofereciam apenas o ensino primário, já que aquelas alunas que pretendiam ingressar no ensino secundário matriculavam-se na Escola Normal.” (LAGE, 2007, p. 91). O colégio oferecia pensionato (ou internato) (*Sul de Minas*, 11/08/1892, p. 1), e supomos que havia a possibilidade das meninas da Campanha frequentarem a escola como meio pensionista ou em condição de externato. Não há, porém, dados que comprovem essa suposição. Sabemos que demais escolas, da mesma categoria do Collegio Marianno, ofereciam essa possibilidade, nisso a plausibilidade da hipótese.

Não dispomos de dados que nos permitam calcular precisamente o número de alunas que estudaram no Collegio Marianno durante toda a sua existência. Todavia, podemos afirmar que o número de alunas oscilava entre 30 à 50 meninas por ano letivo, e que centenas de meninas de toda a região sul mineira foram educadas pelas irmãs Marianno.

Diante dessas informações iniciais, passamos a compreender algo da dinâmica do colégio. As relações de sala de aula e entre as colegas de turmas¹⁵⁸ se perderam no tempo. Sobre a metodologia de ensino, as práticas pedagógicas e disciplinares, também não há referências. O que será apresentado é fruto de interpretações e debates com diversos autores.

A discussão em relação aos métodos educacionais durante o século XIX foi alvo de trabalho de Inácio (2003). A autora discute a necessidade de criação e de expansão das escolas nesse período e analisa ainda as possíveis orientações pedagógicas dos estabelecimentos de instrução do período. Segundo Inácio (2003), o processo educacional estava intimamente ligado aos aspectos de civilidade e à distinção social dos indivíduos. Assim, cada vez mais, ter algum tipo de habilidade letrada era importante.

¹⁵⁸ Usamos a expressão “turmas” para caracterizar possíveis grupos de alunas que estudavam juntas no Collegio Marianno. A seguir, mostraremos que a divisão das alunas seguiu diferentes lógicas no decorrer do tempo. Essa expressão, “turmas”, portanto, não é usada da mesma forma como nos nossos dias.

Nas Minas Gerais, como em outras províncias brasileiras, as elites dirigentes interessadas na escolarização da população empenharam-se na produção da escola como instituição responsável pelo ensino da leitura, da escrita e do cálculo, das regras de civilidade, da moral e da religião. Saber ler, escrever e contar era concebido como um traço de distinção entre as pessoas. (INÁCIO, 2003, p. 13)

A necessidade da difusão das práticas educativas ocorria. Essas iniciativas eram promovidas tanto pelo governo da província quanto por particulares. Os motivos sociais e culturais foram apontados. Resta-nos agora debater as possibilidades metodológicas de se ofertar a educação¹⁵⁹.

O texto de Inácio (2003) é fundamental para a compreensão do modo como o governo da província e parte dos educadores entendia as questões metodológicas na educação. Essas discussões chegam às Escolas Normais de Minas¹⁶⁰ e, de certa forma, influenciam a organização do Collegio Marianno. Apesar das limitações das nossas fontes de pesquisa, por vezes, encontramos características desse debate pedagógico no Collegio Mariano. Não temos como determinar em definitivo os métodos adotados pelas irmãs Marianno. Nisso, seguiremos as considerações de Inácio (2003), buscando compreender mesmo que sucintamente as bases teóricas da metodologia de ensino das escolas mineiras no século XIX.

A primeira referência nesse sentido diz respeito ao método individual¹⁶¹. Conforme a autora, devido a sua baixa eficiência no ensino, gerando desorganização e algazarra nas classes, pouco tempo destinado para cada aluno e baixos resultados de aprendizagem, a adequação do método individual logo foi questionado, primeiro, por professores e, posteriormente, pelo governo da província. Seria necessário aplicar algum método de ensino mais eficiente do ponto de vista da aprendizagem e que otimizasse o tempo do professor em sala de aula.

Essas dificuldades e insatisfações abriram caminho para que a proposta do Método mútuo, monitorial ou Lancasteriano¹⁶² ganhasse espaço em Minas Gerais. Segundo Inácio

¹⁵⁹ A forma de organização pedagógica do Collegio Marianno só pode ser explicada se levarmos em conta o debate sobre as metodologias de ensino que entra na pauta das discussões públicas em Minas Gerais, durante a primeira metade do século XIX. Muito provavelmente, essa discussão (via de regra, também presente nas Escolas Normais) teve reflexos na atuação profissional de Bernardo José Marianno e de sua irmã Mathilde.

¹⁶⁰ Cf. Inácio (2003) e Morais (2009).

¹⁶¹ Sobre o método individual, temos: “O método individual foi utilizado no Brasil durante todo o século XIX. Mesmo tendo que ensinar a vários alunos dispostos num mesmo local, o método de ensino individual consistia em fazer ler, escrever e calcular, cada um separadamente.” (INÁCIO, 2003, p. 50).

¹⁶² Para este método, consideremos a seguinte explicação: “O sistema monitorial, ou método mútuo, é também conhecido por sistema de Lancaster, ou método lancasteriano, numa associação ao nome de um de seus elaboradores. Sua principal característica é que toda a estrutura se baseia no ensino dos alunos por eles mesmos: os mais adiantados servindo de professores àqueles que sabem menos. O método mútuo previa a instrução simultânea dos alunos, com a utilização de monitores, como são chamados aqueles que ensinam seus colegas, o

(2003), o pioneiro na difusão desse método foi o José Carlos Marink¹⁶³. Para Marink, a utilização desse método tinha como principal vantagem a possibilidade de racionalização do uso do tempo, agora, cada vez mais valorizado. Ademais, o método possibilitava a diminuição dos custos para o poder público, pois um único professor poderia ensinar muitos alunos ao mesmo tempo.

Ainda nesse período, outros métodos de ensino serão aplicados à educação pública. Em Minas, no período, foi usado também o método simultâneo¹⁶⁴. O artigo 7º, da Lei nº 13, determinava que “o Governo estabelecerá o quanto antes uma Escola Normal para Instrução primária do Artigo 1º, e para a do Artigo 6.º pelo methodo mais expedito, e ultimamente descoberto, e praticados nos paizes civilizados.” (INÁCIO, 2003, p. 79)¹⁶⁵.

Segundo o estabelecimento do método de ensino simultâneo somente se torna possível com a produção de materiais didáticos-pedagógicos, como livros e cadernos, para os alunos e a disseminação de materiais como o quadro negro, que possibilitam ao professor fazer com que diversos grupos fiquem ocupados ao mesmo tempo. Porém, o pleno estabelecimento do método terá de esperar a construção de espaços próprios para a escola o que ocorrerá, no Brasil, apenas na última década do século XIX. (FARIA FILHO, 2000, p. 142)

As dificuldades de acesso aos materiais pedagógicos e a um espaço físico adequado, dentre outras, levaram a necessidade de um processo de adaptação dos professores e, posteriormente, do poder público às metodologias propostas. Desse modo, já a partir do final da década de 30 dos oitocentos, esse processo de adaptação estava em curso (FARIA FILHO, 2000). A ideia era adaptar o método proposto pelo texto legal, para que a sua aplicação fosse

que difere do método de ensino simultâneo e do individual, nos quais o professor é o agente do ensino.” (INÁCIO, 2003, p. 63).

¹⁶³ “O professor José Carlos Marink redigiu o Compendio com a finalidade de explicar ao público em geral e aos professores mineiros o sistema de ensino que a província adotara. Sua publicação ocorreu em 1828, dois anos depois de o professor ter assumido a direção dos trabalhos na escola de ensino mútuo de Ouro Preto. Trata-se de um pequeno livro dividido em sete partes, totalizando 35 páginas. Nas palavras de Marink, o Compendio Explicativo sobre o Methodo de Ensino Mútuo “he huma fiel confissão do que observei, e aprendi na Aula do Ensino-mútuo da Corte do Rio de Janeiro, cujo professor era Mr. Reynaud” (MARINK, 1828, p. 11). A informação dada pelo professor mineiro confirma não apenas que a escola de ensino mútuo da capital do Império funcionou, como também cumpriu o propósito com que foi organizada: o de propagar o sistema lancasteriano por todo o Brasil.” (INÁCIO, 2003, p. 67).

¹⁶⁴ “O método de ensino simultâneo consiste em uma proposta de organização do ensino que, assim como o método mútuo, prevê o controle do tempo, supõe a existência espaços adequados e materiais escolares específicos, define os agentes da ação educativa e prescreve os procedimentos didáticos. A criação do método de ensino simultâneo é atribuída a Jean Baptiste de La Salle. Ao criar o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, no século XVIII, La Salle propõe o modo simultâneo de ensino como uma alternativa ao ensino individual.” (INÁCIO, 2003, p. 78).

¹⁶⁵ Não discutiremos as dificuldades de implementação desses métodos na província. O assunto, no entanto, foi tematizado, por exemplo, por Moraes (2009) e Inácio (2003).

possível nas Escolas Normais de Minas Gerais a partir do início da década de 40 dos oitocentos.

Essa adaptação ficou conhecida como método misto¹⁶⁶. Ainda na primeira metade do século XIX, esse método tornou-se hegemônico nas Escolas Normais de Minas.

O método de ensino misto, formulado num primeiro momento nas reinvenções que os professores efetuaram na prática cotidiana do ensino, foi posteriormente ensinado na Escola Normal, local legítimo para a formação não apenas dos novos professores, mas também daqueles que já estavam ensinando. A institucionalização da formação docente funcionou, então, como estratégia de difusão do método misto de ensino na província mineira. No final da década de 1840, esse método passou a ser, definitivamente, ensinado na Escola Normal, segundo indicam os exames realizados pelos professores que a freqüentaram entre 1846 e 1850. (INÁCIO, 2003, p. 92)

Não encontramos evidências de uma associação direta entre os métodos de ensino utilizados no período e sua aplicação no Collegio Marianno, mas parece acertado considerar que esses métodos, em especial, o misto, se fizeram presentes no colégio. Ao observarmos sua estrutura organizacional, percebemos que o debate sobre a educação mineira na primeira metade do século XIX não foi em vão.

A documentação encontrada não nos permitiu uma análise mais apurada sobre o funcionamento cotidiano do colégio. As evidências e os trechos dos jornais, porque escassos no que diz respeito ao nosso objeto de investigação, nos auxiliaram a construir uma compreensão limitada do Collegio Marianno.

Mas, se conjecturarmos que o método misto foi o de maior relevância e difusão nas Escolas Normais, a partir da segunda metade do século XIX em Minas, temos de considerar, inicialmente, que ao menos dois membros da família Marianno tiveram contato com essas propostas de ensino. Bernardo e Mathilde estiveram ligados diretamente a Eschola Normal da Campanha: ele, com professor; ela, como aluna. Apesar de certa discrepância cronológica, podemos inferir que o Collegio Marianno seguiu e difundiu o método misto como as demais escolas da província¹⁶⁷.

¹⁶⁶ “No final dos anos 30 o método mútuo dará lugar em várias províncias e em vários textos legais, aos chamados métodos mistos os quais buscavam ora aliar as vantagens do método individual às do mútuo, ora aliar os aspectos positivos deste último às inovações propostas pelos defensores do método simultâneo. (...) O método misto foi elaborado num processo de apropriação das prescrições metodológicas do método mútuo e simultâneo, e na combinação destas apropriações com o ensino individual.” (FARIA FILHO, 2000, p. 142).

¹⁶⁷ A informação é melhor compreendida se levarmos em conta o livro de visitas da Eschola Normal de 1889. Segundo Constant (1889): “Plano de ensino. O curso de estudos, ainda em evolução, é no entanto comparável aos das nossas melhores escolas normaes provinciaes. O director e a muita illustrada corporação docente convencidos da necessidade de dar, e de modo cada vez accentuando, ao ensino normal, consequentemente, ao ensino popular o cunho scientifico, tem empregado a continua a empregar louváveis esforços para obterem do

Estas observações nos ajudam a compreender, de certa forma, como o Collegio Marianno desenvolvia o seu método de ensino. Encontramos traços dos diversos métodos aplicados no colégio. Como dissemos anteriormente, não foi possível identificar com exatidão o método adotado, mas, no decorrer do texto, mostraremos de que modo podemos apontar o uso de certos métodos no colégio. Por ora, cabe-nos afirmar que as irmãs Marianno possuíam conhecimento metodológico e que, possivelmente, o aplicavam no colégio da família. Certamente, as habilidades pedagógicas, a formação e os conhecimentos teóricos dos membros da família consolidaram ainda mais a posição de liderança e de credibilidade do “afamado” estabelecimento de instrução.

governo e da assembléia legislativa provincial dos desejados melhoramentos relativos a esse importante assumpto. Já foram decretados os cursos de physica e chimica o gabinetes e laboratórios indispensáveis á efficacia d'esses úteis estudos. É de esperar que as outras doutrinas necessárias sejam sucessiva e gradualmente incorporadas ao plano de ensino de conformidade com as inilludiveis e imperiosas do ensino integral completo.” (CONSTANT, 1889, s/p.).

3.4 Collegio Marianno atuação pedagógica e curricular: uma história de quarenta anos analisada por trechos de jornais

Os jornais tornaram possível a elaboração de nossa pesquisa. Assim, analisamos cada trecho encontrado para compreender a dinâmica do colégio. No primeiro anúncio encontrado, de dezembro de 1874, era já referida a qualidade do colégio e a tradição da família na área da educação. As meninas que lá estudariam seriam, no geral, internas e sua educação seria promovida apenas por pessoas do mesmo sexo.

Ao longo desse trabalho, rara vez usamos a palavra “escola”. Aqui, os termos “escola” e “colégio” não podem ser usados indistintamente. Sobre a distinção, é verdade, não encontramos um referencial teórico a nos auxiliar¹⁶⁸. Mas verificamos que, ao menos na região sul mineira, na segunda metade do século XIX e início do XX, a expressão “Collegio” se referia ao estabelecimento de instrução mantido por particulares, masculinos ou femininos, em sistema de internato ou de externato. Já a palavra “Escolas” ou “Escolas” era usada para designar os estabelecimentos de instrução oferecidos pelo poder público, todas em sistema de externato. A distinção entre esses estabelecimentos não é apenas nominal, neles é possível identificar também diferenças pedagógicas, disciplinares e culturais.

Levando em conta essa distinção, podemos, agora, nos aprofundar na compreensão da dinâmica e da organização do Collegio Marianno. Começamos por considerações sobre as proprietárias do colégio. Desconhecemos a formação de Francisca Candido Marianno, mas sabemos que suas irmãs cursaram o normal para atuarem no colégio da família. Mathilde Xavier Marianno, já mencionamos, foi aluna de seu irmão e estudou na Escola Normal da Campanha. Outras das irmãs Marianno também estiveram diretamente ligadas à educação.

Ana Mathilde Carvalho Marianno¹⁶⁹, por exemplo, matriculou-se na Escola Normal (*Monitor Sul Mineiro*, 23/10/1898, p. 3). Delfina, Alice e Emília também aparecem ligadas ao colégio da família ou à educação da cidade. Luiza foi a única das irmãs sobre a qual não encontramos referências. A dedicação da família à educação e, principalmente, ao colégio então se evidencia.

Ao longo do texto, ao nos referimos ao Collegio Marianno, usamos as expressões “afamado”, “distinto”, “renomado”, dentre outras. Esses termos também foram usados pelos

¹⁶⁸ Vários dicionários da língua portuguesa esclarecem o significado dessas palavras. Mas não tivemos acesso aos dicionários do século XIX, por isso acabamos por oferecer uma distinção para essas palavras elaborada por meio de outros recursos.

¹⁶⁹ Pelas evidências encontradas, Ana Mathilde era a caçula da família, a última das irmãs Marianno a ser matriculada na Escola Normal.

órgãos de imprensa ao falarem sobre o colégio. Esses adjetivos são uma alusão aos exames realizados e ao pretense sucesso alcançado pelas alunas.

No primeiro relato referente ao Collegio Marianno, de 1874, 36 meninas realizaram esses primeiros exames. Os resultados apresentados pelo *Monitor Sul Mineiro* foram satisfatórios. Mesmo as meninas que há pouco estavam matriculadas no colégio obtiveram bons resultados. Quanto às reprovações ou às retenções, nada evidente foi mencionado. Na análise desses exames, compreendemos algo do funcionamento do colégio, como as matérias ministradas e o período de permanência das meninas nesse estabelecimento de instrução.

Os exames de 1875 foram publicados apenas no ano seguinte. Como de costume, o *Monitor Sul Mineiro*, além de apresentar o resultado das avaliações, fazia elogios ao Collegio Marianno e as suas proprietárias:

Exames. - Em seguida publicamos o resultado dos exames que tiveram lugar no collegio de meninas dirigido nesta cidade pela Exma. Sra. D. Francisca Candida Mariano.

Deixamos de fazer anteriormente esta publicação, por não nos ter sido dada noticia alguma do resultado desses exames que, em nosso pensar, mostrarão não só muita aptidão e adiantamento das alunas, como a intelligencia, zelo e instrução de suas distinctas preceptoras (*Monitor Sul Mineiro*, 01/01/1876, p. 4)

As contribuições das informações encontradas no *Monitor Sul Mineiro* foram de grande valia. É verdade que a forma como esses dados foram apresentados dificultaram a nossa pesquisa. Não há referências sobre o método de ensino adotado ou sobre a idade das alunas.

Para compreender algo do funcionamento do colégio, elaboramos tabelas com os nomes das alunas¹⁷⁰, a partir dos dados do *Monitor Sul Mineiro*. Concluímos que nesse primeiro momento o colégio estava então dividido em três turmas. A turma mais avançada tinha dezesseis meninas, que cursavam as disciplinas¹⁷¹ de grammatica, calligraphia, cathecismo e metrologia¹⁷². A segunda turma, que pensamos ser a intermediária, era composta por dez alunas, que cursavam as disciplinas de leitura, doutrina christã, adiantas em

¹⁷⁰ Essas tabelas serão apresentadas nos anexos. Cf. tabela 1874, páginas 228 e 229.

¹⁷¹ O jornal não usa o termo “disciplina” ao se referir aos conteúdos avaliados. Aqui, contudo, usaremos o termo para fazer referência aos conteúdos ensinados. A escolha não implica dizer que pensamos ter havido no colégio uma organização baseada em um currículo e em um plano de ensino organizado. Adotamos o termo para fins práticos, de modo a facilitar a compreensão da separação das turmas e de classes de alunas. Essa divisão também não obedeceu aos critérios do jornal. Na verdade, é ela por nós proposta, com o intuito de compreender o processo de avanço das alunas no Collegio Marianno. O uso dos termos “disciplina” e “turma” decorrem, assim, de um esforço de compreensão da dinâmica do colégio, mas, em absoluto, consideramos que de fato a caracteriza.

¹⁷² Quinze alunas cursavam metrologia; Felicidade Carneiro Ribeiro Santiago não estudava o conteúdo.

calligraphia e principiantes em contas. Por fim, havia ainda cinco alunas principiantes. Sabemos de outras duas alunas, que faltaram aos exames. Estas, não pudemos determinar a que turma pertenciam. Aparentemente, nesse primeiro momento, as disciplinas de francez, tradução franceza, musica e geographia eram extraordinárias ao currículo; provavelmente pagas a parte, como se dava em outros colégio da mesma categoria.

Com a elaboração das tabelas, a organização inicial do Collegio Marianno tornou-se mais clara. Nessa primeira fase, constatamos que o número de alunas era crescente. Na fase de principiantes, provavelmente, passavam pelo processo inicial de aquisição de habilidades de leitura e escrita. Na segundo fase, eram introduzidas nas bases da leitura e da escrita, nos princípios cristãos e na matemática básica. No terceiro estágio, o conteúdo das disciplinas do segundo estágio eram aprofundadas.

Na virada do ano de 1875 para 1876, o Collegio Marianno contava com 45 alunas matriculadas. As disciplinas ministradas são modificadas. Em 1875, eis as disciplinas lecionadas: francez, geographia, cathecismo, systema métrico, geographia, grammatica portugueza, 4 operações de números inteiros, adiantamento de leitura e escripta e o segundo livro de leitura (*Monitor Sul Mineiro*, 01/01/1876, p. 4).

Desta vez, não é mais clara a divisão das turmas. Pudemos inferir¹⁷³, por meio da organização dos dados em tabelas¹⁷⁴, que, nesse ano, a escola possuía cinco turmas. Quinze alunas, no geral¹⁷⁵, cursavam as disciplinas de francez, geographia, cathecismo, systema métrico e grammatica portugueza. Treze meninas cursavam leitura, escripta e doutrina cristã. Outras cinco alunas cursavam apenas grammatica portugueza e 4 operações. Outras cinco meninas estavam matriculadas apenas no “2º livro de leitura”. Somente as alunas chamadas de “principiantes”, três ao todo, foram precisamente distinguidas. Quatro faltaram aos exames. Sobre elas, não sabemos quais matérias cursaram. Os resultados dos exames do ano de 1876 são apresentados ainda de forma mais confusa¹⁷⁶. O número de alunas subiu para 48 meninas. Em 1876, os resultados dos exames são apresentados por disciplinas. Novamente, o rol das disciplinas ofertadas pelo Collegio Marianno foi alterado: francez, geographia, cathecismo, systema métrico e leitura, escrita e contas (agora reunidas em uma única matrícula). Grosseiramente, podemos caracterizar novamente cinco turmas. Quinze meninas estudavam francez, delas, oito também estudavam geographia e, quatro, cursavam systema

¹⁷³ Diante da constante mudança do nome das matérias, não pudemos precisar o funcionamento das aulas. Dividimos as alunas em cinco turmas, tendo em vista tentar identificar quantas alunas cursavam cada disciplina, assim como o número exato de alunas matriculadas.

¹⁷⁴ Cf. tabela 1875, páginas 230 e 231.

¹⁷⁵ Algumas alunas não cursam uma determinada disciplina.

¹⁷⁶ Cf. tabela 1876, páginas 232 e 233.

metrico. O segundo grupo, dez meninas, cursava geographia, delas, três faziam ainda systema metrico e, cinco, estudavam grammatica portugueza. O terceiro grupo era composto por sete alunas, que estudavam grammatica portugueza, das quais, quatro, cursavam systema metrico. No quarto grupo, havia cinco meninas, que cursavam leitura, escrita e contas. Todas essas 36 alunas cursavam o cathecismo¹⁷⁷. Por fim, havia ainda nove alunas iniciantes e, como era comum, não foram divulgadas informações referentes a quaisquer tipos de exame realizados por elas (*Monitor Sul Mineiro*, 11/12/1876, p. 4).

Em 1877¹⁷⁸, as dificuldades para a compreensão da organização da escola são ainda mais significativas. Novas mudanças nos nomes das disciplinas se seguem, e os exames são realizados em uma sequência que dificulta a compreensão da distribuição das turmas. Dez exames são relacionados: italiano, 1ª classe de francez, grammatica portugueza, systema metrico, 2ª classe de francez, geographia, geographia do Brazil, grammatica e leitura (2ª classe), leitura (1ª classe), leitura (2ª classe) e cathecismo.

Nesse ano, o Collegio Marianno contava com 49 alunas matriculadas. Os dados colhidos nos fazem considerar que, novamente, havia cinco turmas. Concluimos que as alunas com mais tempo de colégio faziam a seguintes matérias: 1ª e 2ª classes de francez, grammatica portugueza, systema metrico, geografia e cathecismo. Trinta e duas frequentavam essas aulas¹⁷⁹. Nove alunas cursavam leitura e grammatica na segunda classe e seis meninas foram avaliadas em leitura (quatro na primeira classe, e duas na segunda classe). Havia também uma turma de iniciantes com cinco meninas (*Monitor Sul Mineiro*, 09/12/1877, p. 2).

Pelo quinto ano consecutivo, o *Monitor Sul Mineiro* publicou os resultados dos exames de final de ano do Collegio Marianno. Nas edições anteriores, não havia comentários relacionados à condição do colégio e das alunas. Em 1879, por outro lado, há considerações sobre o trabalho realizado pelas irmãs Marianno:

¹⁷⁷ As alunas Maria Victoria Alvarenga e Ernestina de Almeida cursavam apenas cathecismo, pois já haviam concluído os estudos das demais disciplinas no ano anterior.

¹⁷⁸ Nesse ano, pela primeira vez, temos claramente traços do método lancasteriano. As turmas foram divididas em primeira e segunda classe. Ao longo do texto, apresentaremos outras evidências do uso das metodologias já mencionadas.

¹⁷⁹ Duas alunas cursavam italiano e outras três geographia do Brazil, cf. tabela 1877, página 234 e 235.

Collegio de meninas. Esperavamos receber o resultado dos exames realizados neste acreditado estabelecimento de instrução para publicá-lo em o nosso ultimo numero. Como, porém, não tivemos então, só agora lhe damos publicidade.

Os exames, assistidos por diversas pessoas desta cidade, mostrarão mais uma vez o zelo e intelligencia com que as distinctas professoras desse estabelecimento de instrução e sua digna diretora, a Exma Sra D. Francisca Candida Marianno, desempenharão sua nobilíssima missão.

Todos mostrarão satisfeitos com o brilhante resultado das provas dadas pelas alumnas do collegio, e com a exposição de bellissimos trabalhos que por ellas forão feitos no correr do anno.

Sentindo sincero prazer pelo progresso e credito de tão util instituição, damos nossos emboras á Exma. Sra D. Francisca Candida Marianno e ás suas dignas irmãs, poderosos auxiliares que teve a distincta para conseguir tao brilhante resultado. (*Monitor Sul Mineiro*, 08/12/1878, p. 4)

A notícia apresenta duas novas informações. A primeira diz respeito às pessoas que assistiram os exames das alunas. A partir dessa informação, formulamos a hipótese de que parte desse processo avaliativo talvez se desse de forma oral. Provavelmente, os idiomas estrangeiros ministrados e a leitura denotavam o brilhantismo do Collegio Marianno, tantas vezes citado no *Monitor Sul Mineiro*.

No colégio, as alunas também realizavam trabalhos manuais. Mas não encontramos registros de disciplinas ligadas às prendas domésticas ou a algo similar sendo ministrada no colégio até esse momento. A confecção de objetos de uso doméstico fazia parte da educação das meninas na segunda metade do século XIX, preparando-as para serem boas esposas e mães. No decorrer dos anos, em diferentes ocasiões, a família Marianno, o colégio e as alunas fizeram doações para várias instituições¹⁸⁰.

O Collegio Marianno, como um dos responsáveis pela educação primária das meninas da elite da região sul mineira, contribuiu efetivamente na manutenção dos valores patriarcais do período. Para as alunas, era ensinado as operações matemática, a leitura e a escrita, noções de geografia, alguma língua estrangeira, o catecismo católico e a confecção de objetos domésticos.

(...) é preciso não esquecer que há acontecimentos que condensam e permitem uma melhor compreensão do processo histórico em que se inserem. Tal como aponta de um *iceberg*, esses acontecimentos revelam o que se esconde sob o mar do cotidiano, deixam perceber aspectos fundamentais da lógica que imprime direção à história de uma coletividade e que pode ser responsável por inflexões significativas nessa mesma história. (NAVES, 2008, p. 27)

¹⁸⁰ As meninas do Collegio Marianno fizeram contribuições por ocasião da reforma da Igreja Matriz, da construção de novas Igrejas, da tómbola (bingo) em benefício da Santa Casa de Misericórdia etc.

O tipo de educação oferecido pelo colégio é também uma das razões de sua longevidade, quatro décadas. O projeto do colégio estava alinhado ao projeto social e cultural de seu tempo, no qual se considerava que a formação das meninas deveria capacitá-las na manutenção do *status quo*.

No ano de 1878, sabemos pelo *Monitor Sul Mineiro*, 47 alunas era o número exato de meninas matriculadas no Collegio Marianno. Não há registro de alunas que tenham faltado aos exames. Em relação às disciplinas ministradas, poucas foram às modificações. As disciplinas ofertadas eram: francez (1ª e 2ª classe), leitura e grammatica portugueza, cathecismo, geographia, systema metrico, leitura e doutrina christã (2ª e 3ª classe). E as principiantes, nesse ano, foram chamadas de principiantes de leitura.

Mais uma vez, o colégio trabalhava com cinco turmas. A primeira, formada por oito alunas, que cursavam apenas as disciplinas de língua estrangeira. No segundo grupo, havia vinte e cinco alunas, que cursavam leitura e grammatica, cathecismo e geographia, das quais, seis alunas cursavam leitura e doutrina christã (2ª classe), cinco alunas cursavam leitura e doutrina christã (3ª classe) e três alunas eram principiantes¹⁸¹.

O ano de 1879 foi o penúltimo de publicações anuais dos resultados dos exames. Depois de seis anos de publicações regulares, notamos discretas modificações, assim como as permanências, como o constante ensino dos trabalhos manuais. Ao noticiar o resultado dos exames, o *Monitor Sul Mineiro* elogia o colégio, apontando-a como opção acertada para a educação de meninas, aludindo, ainda, ao seu modelo de internato. Na sequência, o jornal informa o número de alunas que prestaram os exames:

Em uma sala contigua á dos exames estavam expostos lindos e delicados trabalhos das alumnas, provas eloqüentes de que bem inspirados andarão os pais quando tiverão de entregar suas filhas á tão intelligentes quão dignas a distinctas educadoras,
Comparecerão nos exames 43 alumnas, todas as quaes foram examinadas em cathecismo. (*Monitor Sul Mineiro*, 08/12/1879, p. 3)

Ao organizarmos os dados dos exames de 1879¹⁸², constatamos que foram realizados por 41 alunas. A apresentação dos dados no *Monitor Sul Mineiro* é sempre confusa. A divulgação dos resultados não é padronizada. Não é usada a ordem alfabética e a apresentação é feita por disciplinas e não por alunas. Nisso, a importância da elaboração das tabelas, por

¹⁸¹ Cf. tabela 1878, páginas 236 e 237.

¹⁸² Cf. tabela 1879, páginas 238 e 239.

meio das quais identificamos as possíveis divisões das turmas, as mudanças no currículo e o tempo de permanência das alunas na escola¹⁸³.

Nesse ano, as disciplinas ofertadas foram italiano (apenas para uma aluna), francez (em três níveis: concluinte, primeira e segunda classe), geographia, leitura e grammatica portugueza (primeira e segunda classe, com foco em analyse grammatical), systema metrico e leitura.

Como nos anos anteriores, podemos novamente inferir a divisão das alunas em cinco turmas. A conclusão, sabemos, é frágil, pois não há linearidade nos dados. Na primeira turma, havia quinze alunas, que cursavam as seguintes disciplinas: italiano, francez e geographia. A segunda turma era composta por oito alunas, que cursavam geographia, leitura e grammatica primeira classe. Na terceira turma, também havia oito alunas, que cursavam somente leitura e grammatica primeira classe. A quarta turma era composta por cinco alunas, que cursavam apenas a disciplina de leitura e analyse grammatical de segunda classe. Por fim, cinco alunas faziam apenas leituras¹⁸⁴. Se considerarmos o número de alunas dessa turma e o fato de que apareceram pela primeira vez nos registros sobre Collegio Marianno, concluimos que eram iniciantes.

O ano de 1880¹⁸⁵ foi o último no qual os resultados dos exames das alunas foi publicado. Segundo o *Monitor Sul Mineiro*, 46 alunas prestaram os exames. Em nossa organização dos resultados das avaliações, identificamos 44 alunas. As disciplinas ofertadas naquele ano foram: francez (1ª e 2ª classes), geographia (1ª e 2ª classes), grammatica portugueza, systema metrico, leitura (1ª e 2ª classes) e cathecismo. Nesse ano, o colégio deve ter contado apenas quatro turmas. A primeira turma era composta por dezessete alunas, que cursavam francez (1ª e 2ª classes) e geographia (1ª e 2ª classes). A segunda turma era composta por treze alunas, que cursavam grammatica portugueza e systema metrico. A terceira turma tinha dez alunas, que cursavam apenas primeira classe de leitura. Por fim, a quarta turma contava cinco meninas, que cursavam segunda classe de leitura. Nesse ano, não há informação sobre alunas iniciantes. Todas as alunas foram avaliadas em cathecismo. Hipoteticamente, podemos supor que as mesmas meninas que cursavam apenas a segunda classe de leitura seriam as iniciantes. No entanto, não há nada que comprove ou refute a hipótese.

¹⁸³ Esses dados serão sucintamente apresentados posteriormente.

¹⁸⁴ Novamente, percebemos nitidamente a presença da influência do método lancasteriano.

¹⁸⁵ Cf. tabela 1880, páginas 240 e 241.

Durante sete anos consecutivos¹⁸⁶ (entre 1874 e 1880), o *Monitor Sul Mineiro* divulgou os resultados dos exames realizados pelas alunas do Collegio Marianno. Essas publicações nos ofereceram dados gerais sobre a estrutura curricular do colégio e o tempo de permanência das alunas no estabelecimento.

O rol de disciplinas oferecidas se modificou ao longo dos anos e, por vezes, algumas disciplinas recebiam novos nomes. As disciplinas de grammatica portugueza, geographia e francez (em seus diferentes níveis) constam em todas as publicações de resultados de exames. Matemática, por outro lado, por vezes, é referida como metrologia (1874) ou systema metrico (1875, 1876, 1877, 1878, 1879 e 1880). As disciplinas de musica e calligraphia são registradas na publicação de 1874; o ensino de italiano foi oferecido nos anos de 1877 e de 1879.

Nos anos de 1875, 1876, 1877, 1878, 1879 e 1880, a leitura era ensinada para as meninas iniciantes. A disciplina leitura sempre esteve ligada a outros conteúdos, por exemplo, leitura, escripta e contas, em 1876; leitura e cathecismo, em 1878; leitura e analyse grammatical e leitura e cathecismo, em 1879. Essa especificidade nos fez supor que a disciplina leitura estava mesmo relacionada a fase de aquisição de habilidades em leitura e escrita das alunas.

O ensino religioso também fazia parte do currículo do colégio. A nomenclatura da disciplina também se altera, mas, de qualquer modo, o cathecismo — há uma variação da nomenclatura, doutrina crhistã, possivelmente, tratava-se da mesma disciplina — foi ensinado em todos os anos. O ensino da religião também era utilizado no processo de alfabetização das alunas, vimos que havia a disciplina leitura e cathecismo, na qual esses conteúdos eram ensinados e avaliados juntos.

A mudança nos nomes das disciplinas também ofereceu obstáculos a nossa pesquisa¹⁸⁷. Assim, para tentar uma organização da trajetória escolar¹⁸⁸ da alunas, usaremos os exemplos das alunas Eudoxia Philomena Ribeiro e Maria Rita dos Reis¹⁸⁹.

¹⁸⁶ Em 1889, o *Monitor Sul Mineiro* voltou a publicar os resultados desses exames. Posteriormente, retomaremos o assunto.

¹⁸⁷ Em 1875, quase todas as disciplinas mudaram de nome. Além dos conteúdos frequentes, grammatica portugueza, francez, geographia, systema metrico, há disciplinas que são registradas apenas em 1875: principios de geographia, quatro operações de números inteiros, escripta e doutrina christã.

¹⁸⁸ Chamamos de “trajetória escolar” as disciplinas cursadas pelas alunas e o tempo de permanência das meninas no Collegio Marianno. Não usaremos a expressão aos moldes de Bourdieu.

¹⁸⁹ A escolha das alunas se deve ao fato de termos registros sobre elas durante todo esse primeiro período de divulgação de resultados dos exames (1874 e 1879). Os resultados de Eudoxia Philomena são divulgados por quatro anos seguidos, entre 1874 e 1877. Maria Rita dos Reis estuda no colégio entre 1876 e 1879.

Eudoxia Philomena permanece no Collegio Marianno entre 1874 e 1877. Nesses quatro anos, cursou diversas disciplinas e níveis e, provavelmente, concluiu o primário. Não sabemos se ela ficou mais tempo no Collegio Marinho. O primeiro registro sobre Eudoxia é de 1874, ano em que estava na turma da “serie inicial”.

Nesse primeiro ano, Eudoxia Philomena cursou as seguintes disciplinas: leitura, calligraphia, doutrina christã e principio de contas. Em 1875, seu nome é listado na publicação dos resultados dos exames nas seguintes disciplinas: cathecismo, systema metrico e grammatica portugueza. Em 1876, ela cursou: francez, geographia, systema metrico e cathecismo. No seu último ano, em 1877, cursou francez, geographia e cathecismo.

Essa “grade curricular¹⁹⁰” nos dá condições de conhecer algo sobre a forma de promoção das alunas. Em seu primeiro ano de colégio, Eudoxia Philomena, aparentemente, recebeu as primeiras noções de leitura e ainda aprendeu a escrever, aprimorando sua letra (calligraphia), teve um contato inicial com os números (princípio de contas) e lições de catolicismo (doutrina christã). No ano seguinte, aprofundou-se no conteúdo das disciplinas. As lições de cathecismo são mantidas, as noções iniciais de matemática deram lugar ao systema metrico, e as habilidades de leitura e de escrita são reunidas e exercitadas em grammatica portugueza.

Em 1876, não cursa novas disciplinas ligadas à língua portuguesa. Aprende o francês. Nos dois primeiros, então, as meninas recebiam as habilidades de leitura e escrita. Somente a partir do terceiro ano lhes era ensinado um segundo idioma. Como já sabiam ler e escrever, lhes era ensinado também geographia. Não sabemos se Eudoxia Philomena foi reprovada na disciplina de systema metrico. No ano seguinte, contudo, cursa novamente uma disciplina com o mesmo nome. A coincidência dos nomes pode também se referir a uma sequência ou aprofundamento do conteúdo aprendido no ano anterior. O cathecismo, por certo, é mantido.

No seu último ano de Collegio Mariano, Eudoxia Philomena cursou francez, geographia e cathecismo. Mais uma vez, não sabemos se ela foi reprovada em francez e geographia. Pensamos mais provável que estivesse a se aprofundar nos conteúdos. Após 1877, não há mais indícios da presença de Eudoxia Philomena no Collegio Marianno.

A segunda aluna cuja grade curricular analisaremos é Maria Rita dos Reis. A sua situação é diferente da de Eudoxia. Maria Rita dos Reis chegou ao colégio em 1876. Nesse ano, cursou as disciplinas de francez, geographia e cathecismo. Isso não era comum entre as alunas do Collegio Marianno. No geral, primeiro lhes era ensinado as habilidades de leitura e

¹⁹⁰ Não há referências sobre o uso dessa expressão nos trechos encontrados. Usaremos o termo “grade curricular” meramente para exemplificar o quadro de disciplinas cursadas pelas alunas do Collegio Marianno.

escrita e o domínio básico da matemática. Apenas, adiante, aprendiam outros conteúdos. Em 1877, Maria Rita cursou apenas geographia e cathecismo. Em 1878, ela cursou italiano, francez (1ª classe), geographia e cathecismo. No seu último ano de Collegio Marianno, em 1879, cursou italiano e cathecismo.

A falta de dados quanto a idade das alunas impõe limites para nossa pesquisa. Todavia, parece acertado afirmar que Maria Rita dos Reis chegou ao Collegio Marianno já com as habilidades de leitura e escrita desenvolvidas e com domínio das operações básicas de matemáticas. Possivelmente, veio de outro colégio, ou teve aulas com professores particulares, fora ensinada em casa ou era mais velha do que as demais meninas. Notadamente, a aluna veio para o colégio para aprender outros idiomas, para refinar-se na fé cristã, nas prendas domésticas e para novos conhecimentos de geografia. Haveria outros exemplos de trajetórias escolares, alguns até mais simples. Interessa-nos, porém, perceber a importância do colégio no preparo das meninas para a vida adulta. Mulheres que sabiam ler e escrever, que tivessem noções de cálculo matemático e de geografia, conhecessem outros idiomas e fossem educadas dentro dos princípios católicos eram consideradas preparadas para serem boas esposas e mães. Assim, poderiam lograr um bom casamento ou mesmo trabalharem como professoras. O Collegio Marianno seria o primeiro estágio de uma formação que, eventualmente, adiante, poderia ser concluída na Escola Normal¹⁹¹.

Não encontramos dados sobre as matérias ligadas aos trabalhos manuais e a música. A disciplina de música foi ensinada como conteúdo programático apenas em 1874. Os trabalhos manuais raramente foram apresentados como disciplina, porém, há evidências de que eram ensinados no Collegio Marianno. Na publicação dos resultados dos exames, há registros de que as meninas recebiam uma educação voltada para as prendas do lar. Talvez a música e os trabalhos manuais não fossem ensinados no formato de disciplinas eletivas, mas sim perpassassem todo o processo educativo.

Ademais, há relatos da participação das alunas nas atividades culturais da Campanha, ocasião em que eram as responsáveis pela decoração e pelos números musicais dos eventos. Sabemos também que as alunas do colégio se destacavam nos ritos e cânticos da semana santa. Para os festejos na cidade, doavam objetos e peças de enxoval por elas produzido.

Durante cerca de uma década, 1881 à 1889, os dados sobre as atividades realizadas pelas alunas são poucos. Entre os anos de 1881 e 1885¹⁹², os resultados dos exames

¹⁹¹ Não encontramos as listas de nomes de alunas da Escola Normal da Campanha nesse período.

¹⁹² Desconhecemos as razões pelas quais o *Monitor Sul Mineiro* deixou de então publicar os resultados dos exames nesses anos.

possivelmente aplicados no Collegio Mariano não são publicados pelo *Monitor Sul Mineiro*. Em 1886, encontramos uma referência apenas sobre a aplicação dos exames: “Collegio Marianno. – Começarão hontem os exames das alumnas deste conceituado estabelecimento litterario, dignamente dirigido nesta cidade pela Exma. Sra. Francisca Candido Marianno, auxiliada por suas distinctas irmãs” (*Monitor Sul Mineiro*, 28/02/1886, p. 3).

A aplicação dos exames de 1887 também constam do jornal:

Collegio Marianno. - No dia 1 do corrente realizarão-se os exames das alumnas deste importante e conceituado estabelecimento de instrução, dirigido pela Exma. Sra. D. Francisca Candida Marianno e suas dignas irmãs.

Houve grande concorrência ao acto, e todos apreciarão o gráo de progresso e adiantamento das alumnas, o que faz honra ás suas dignas professoras. (*Monitor Sul Mineiro*, 06/03/1887, p. 3)

Os resultados dos exames e a lista nominal da alunas não são mencionados. O período de realização dos exames é modificado. Até 1880, ocorriam em dezembro, provavelmente, ao final do ano letivo. Em 1886 e em 1887, essas datas são alteradas. As matérias ministradas não são relacionadas.

Em 1888, mais uma vez, as listas de nomes das alunas que realizaram os exames e das disciplinas em que foram avaliadas não foram publicadas. Embora poucos os dados sobre esse período, neles encontramos elementos para confirmar o ensino dos trabalhos manuais. A realização dos exames era um evento social na cidade da Campanha. Consideremos a citação abaixo:

Collegio de meninas. - A 28 do passado realizarão-se no edifício de escola normal os exames das alumnas do importante e acretitado collegio de meninas, aqui mantido sob a esclarecida direcção da Exma. Sra. D. Francisca Candida Marianno, auxiliada por suas dignas e Exmas. Irmãs.

Teve o acto grande concorrência sendo muito elogiadas as alumnas pelas provas de grande aproveitamento que derão, o que muito abona o zelo de suas distinctas preceptoras.

Á noite houve no edifício do collegio grande exposição de bellissimos e delicados trabalhos das alumnas, sendo numerosa a concorrência de convidados, que forão muito e delicadamente obserquiados pelas pessoas da casa.

Dansou-se animadamente, executando-se ao piano escolhidas peças, e em todos os assistentes deixou esta noite agradabilíssima impressão.

Damos nossos parabens as illustres directoras do collegio Marianno por mais um triumpho que conquistão na missão de preparar o espírito das alumnas que são confiadas ao seu zelo e direcção. (*Monitor Sul Mineiro*, 04/03/1888, p. 3)

A notícia se refere diretamente ao ensino de trabalhos manuais e da música. E a menção ao possível sucesso das meninas nos exames, novamente denota a excelência desse estabelecimento de ensino¹⁹³.

Em 1889, os resultados dos exames são novamente publicados na íntegra¹⁹⁴. A publicação se dá em novo formato. Os membros da banca examinadora são citados nominalmente. Eram figuras importantes¹⁹⁵ na Campanha e região. Em 1889, os exames foram realizados em 27 de fevereiro de 1889, logo quando do retorno das aulas. As alunas foram divididas em duas mesas examinadoras. A primeira mesa foi presidida pelo Sr. Commendor Manoel Ignacio Gomes Valladão; a segunda, pelo Sr. Dr. Joaquim Leonel de Rezende Alvim. Foram também examinadores os senhores Dr. Angelo Xavier da Veiga, Dr. Francisco Honorio Ferreira Brandão, Dr. Evaristo Xavier da Veiga¹⁹⁶, Antonio José Rodrigues e Bernardo José Marianno.

O currículo da escola mudara. Desta vez, as alterações não dizem respeito apenas ao nome das disciplinas. Novos conteúdos passam a ser ministrados e, outros, retirados da grade curricular do Collegio Marianno. As disciplinas em que as alunas foram avaliadas foram inglês, francez (1^a, 2^a e 3^a classes), historia do Brazil (1^a e 2^a classes), geographia (agora, constando as divisões por áreas: 1^a e 2^a classes: Europa, America e Brazil e 3^a classe: Brazil), systema metrico, leitura (1^a e 2^a classes) e doutrina christã.

O número de alunas diminui. Segundo os dados colhidos no *Monitor Sul Mineiro*, no colégio, estavam matriculada 36 alunas. Este foi o menor número de alunas matriculadas encontrado até então.

As mudanças ocorridas nos conteúdos e a divisão das disciplinas em classes nos possibilitou mapear a organização das turmas. Havia alunas que cursavam duas ou três disciplinas, outras cursavam seis ou sete disciplinas. A informação mais relevante sobre a divisão das alunas diz respeito às iniciantes. Sete alunas prestaram exames em leitura (1^a e 2^a classes). Todas as alunas foram avaliadas em doutrina christã (*Monitor Sul Mineiro*, 17/03/1889, p. 3).

Em 1890¹⁹⁷, consta uma inovação no processo de avaliação das alunas do Collegio Marianno. Não conhecemos o sistema de conceitos ou notas do colégio, mas, em 1890, foram

¹⁹³ “Os exames públicos tinham como objetivo declarado observar os efeitos da escolarização sobre os alunos. Entretanto, constatamos que eles eram uma ocasião importante na qual se examinavam não apenas os alunos, mas também os professores e o ensino público de um modo geral.” (INÁCIO, 2003, p. 194).

¹⁹⁴ Cf. tabela 1889, página 242.

¹⁹⁵ Como professores, advogados, políticos locais e, eventualmente, homens do clero.

¹⁹⁶ Um dos proprietários do *Monitor Sul Mineiro*.

¹⁹⁷ Cf. tabela 1890, páginas 243 e 244.

criadas premiações individuais para as meninas que se destacassem¹⁹⁸. As medalhas de distinção receberam o nome da família Werneck. Possivelmente, porque foram patrocinadas pelo Dr. Americo Werneck¹⁹⁹. Eis as categorias de premiação: aluna mais instruída, maior prova de adiantamento, mais applicada, mais affavel e de melhor comportamento.

Collegio Marianno.

- Por ocasião dos últimos exames que tiverão lugar neste acreditado colégio, forão distribuídos os seguintes prêmios offerecidos pelo Sr. Dr. Americo Werneck:

Uma medalha de ouro- Judith Pinheiro Werneck, á alumna Prudenciana Deolinda Vilela.

Uma medalha de prata- Maria Werneck,- á que tiver apresentado maiores provas de adiantamento. Conferida á alumna Rita de Abreu Azevedo.

Uma medalha de prata- Judith Werneck,- á que for mais applicada ao estudo. Conferida á alumna Helena Bernardina de Carvalho Vilella.

Uma medalha de prata- Amelia Werneck- á que for mais affavel com as companheiras. Conferida á alumna Maria Candida de Mello.

Uma medalha de prata- Aida Werneck- á que tiver melhor comportamento. Conferida a alumna Symphorosa Rosa de Araujo Dias. (*Monitor Sul Mineiro*, 09/03/1890, p. 3)

A notícia informa os valores e as regras vigentes no período. A dedicação ao estudo, o companheirismo entre as alunas e o respeito à disciplina eram premiados.

A banca examinadora foi, uma vez mais, nominalmente citada: Dr. Brandão, Dr. Americo Werneck, padre João de Almeida Ferrão, padre Paulo Emilio Moinhos de Vilhena, padre Vital Vieira da Gloria, José Gomes de Moraes e Bernardo José Marianno. Note-se que o responsável pela doação das medalhas, Dr. Americo Werneck, compôs o quadro de examinadores. Suas pretensas filhas, vale destacar, eram alunas do Collegio Marianno. Bernardo José Marianno, pela segunda vez é mencionado na participação dos exames. Possivelmente, sua participação tenha sido constante. Afinal, sua presença devia acrescentar

¹⁹⁸ Esse tipo de ação foi discutido por INÁCIO (2003), como um avanço da racionalização do tempo, dos resultados e das significações de estratificação. As modernas práticas de ensino são, cada vez mais, adotadas pelo Collegio Marianno: “A racionalidade que se tentou introduzir na instrução escolar no século XIX seria conseguida também mediante o desenvolvimento de hábitos de ordem, regularidade, proporcionados pelo controle minucioso das atividades. Os trabalhos escolares eram divididos em etapas seriadas e graduadas, executadas pelos grupos de alunos, controladas por um sistema de sinais sonoros e visuais, acionado pelo professor ou pelos monitores. Por isso, as sinetas, os apitos, as campainhas, os instrumentos de castigos e os prêmios eram fundamentais diante da proposta de instruir um grande número de alunos.” (INÁCIO, 2003, p. 120).

¹⁹⁹ Na ocasião, havia duas meninas com esse mesmo sobrenome no Collegio Marianno. Pensamos que o pai das meninas pode ter querido homenagear as colegas de suas possíveis filhas pelo desempenho. Ademais, a iniciativa marcava a boa condição social do Dr. Américo Werneck.

credibilidade ao processo avaliativo. Ressalte-se, ainda, a participação dos padres na banca. A relação da família Marianno com clero, mais intensa, tornava-se notória²⁰⁰.

O número de alunas agora era 29. Gradativamente, o número de alunas diminuía. Nova alteração na grade curricular é registrada. Em 1890, as meninas cursaram italiano, francez (1^a, 2^a e 3^a classe), historia do Brazil, geographia (1^a e 2^a classes), arithmetica systema metrico, portuguez (1^a e 2^a classes), leitura, cathecismo, calligraphia e, por fim, trabalho de agulha e flores (outras habilidades também teriam sido desenvolvidas, a elas o *Monitor Sul Mineiro* não faz referência direta, encerrando o rol de disciplinas com a expressão “etc.”). A mudança dos nomes das disciplinas, provavelmente, pouco alterava o conteúdo ministrado. Disciplinas então recentes, como história²⁰¹, contribuía para a mudança do que era ensinado.

Em 1890, registrou-se a aplicação de algum tipo de exame referente às habilidades manuais, na disciplina trabalho de agulha e flores, reforçando a hipótese de que o Collegio Marianno preparava as meninas para serem esposas e mães. Todas as alunas foram avaliadas em cathecismo e em trabalho de agulha e flores.

Como supúnhamos, o Collegio Marianno preparava as meninas para a vida adulta, ensinando-lhes conhecimentos de leitura, escrita, cálculos, idiomas, práticas religiosas e as prendas domésticas. Nossa hipótese inicial, que via no modelo educativo do Collegio Marianno algo que atendia à demanda da sociedade, mostra-se assim correta. Isolar as meninas e dar-lhes a formação então esperada foi das principais missões do Collegio Marianno e, pelo que levantamos, sempre foi realizada com sucesso.

A partir dos resultados dos exames de 1890, não pudemos caracterizar a existência de turmas no colégio²⁰². Mas levantamos novas hipóteses sobre a organização do ensino do Collegio Marianno, cujo acerto dificilmente poderá ser confirmado. Alunas de uma mesma “classe”, talvez, frequentassem as mesmas aulas, ainda que estivessem em níveis diferentes²⁰³.

Em 1891, não há registros dos resultados dos exames. No ano seguinte²⁰⁴, os dados voltam a ser divulgados. A realização dos exames ocorreu no dia 28 de abril e foi presidido

²⁰⁰ No capítulo IV, discutiremos os limites de aceitabilidade de atuação de uma família leiga cristã na educação e os novos limites que são impostos pela Igreja na questão educacional.

²⁰¹ Não temos como precisar quando a disciplina foi inserida no currículo. É, porém, referenciada, pela primeira vez, em 1889.

²⁰² Mais uma vez, chamamos atenção para registros que indicam o uso do método lancasteriano. Ademais, vale lembrar a contribuição de Moraes (2009): “Os agrupamentos das classes de ler, escrever e contar eram flexíveis, dependendo do adiantamento dos alunos. Um mesmo estudante poderia participar, por exemplo, da terceira classe de leitura, segunda de escrita e primeira de aritmética, conforme os níveis de conhecimento que demonstrasse em cada disciplina.” (MORAIS, 2009, p.124).

²⁰³ Possivelmente, isso tenha ocorrido em função de resquícios do método lancasteriano, no qual alunos de níveis de conhecimento mais alto ajudavam os professores no processo de aprendizagem, c.f. INÁCIO (2003).

²⁰⁴ Cf. tabela 1892, páginas 245 e 246.

pelo Sr. Francisco Honorio Ferreira Brandão. Desta vez, a banca foi composta por dois membros da família, Mathilde Xavier Marianno e Bernardo José Marianno. Os outros membros foram Dr. Angelo da Veiga e o Revm. Padre Francisco de Paula Araujo Lobato.

As disciplinas avaliadas foram arithmetica (1ª e 2ª classes), francez (1ª e 2ª classes), portuguez (1ª e 2ª classes e a 3ª classe de alunas principiantes), geographia (1ª e 2ª classes), leitura para as meninas principiantes e, novamente, todas as alunas foram avaliadas no cathecismo. As disciplinas de italiano e de história foram suprimidas. Também não há referências aos exames relativos aos trabalhos manuais.

O número de matrículas do Collegio Marinho volta a crescer. Em 1892, 38 alunas estavam matriculadas e 34 realizaram os exames. Identificamos cinco turmas: a primeira era composta por cinco alunas, que cursavam arithmetica (1ª classe), francez (1ª e 2ª classes), portuguez (1ª classe) e geographia (1ª classe). Um segundo bloco de treze alunas cursava arithmetica, portuguez, geographia (todas em 2ª classe). Havia ainda um terceiro grupo de cinco meninas que cursavam portuguez (1ª classe) e geographia (2ª classe). Outro grupo, composto por oito meninas, cursava portuguez (2ª e 3ª classes) e, por fim, quatro meninas cursavam leitura e eram iniciantes. Quatro outras alunas faltaram aos exames.

No ano de 1893, não há referências aos exames do Collegio Marianno. A última referência completa sobre a realização desses exames é de 1894²⁰⁵. Nos anos seguintes, há apenas anúncios esparsos, com informações sucintas dessas atividades.

Os exames de 1894 foram realizados curiosamente novamente em 28 de abril. A banca examinadora foi composta pelo Revm. padre Francisco de Paula Araujo Lobato, diretor da escola normal, Dr. João Luiz Alves, Francisco Honorio Ferreira Brandão, Bernardo José Marianno, Candido de Moraes e Albano Moraes. As disciplinas examinadas foram arithmetica (1ª, 2ª e 3ª classes), francez (1ª e 2ª classes), geographia (1ª, 2ª e 3ª classes), leitura e cathecismo.

Há um novo desacordo entre o número de alunas referidas pelo *Monitor Sul Mineiro* e o real número de alunas que prestaram os exames. Segundo o jornal, 44 alunas haviam prestado os exames, porém, verificamos que apenas 40 alunas foram avaliadas. Talvez o equívoco possa ser explicado pela dificuldade na apuração dos dados. O jornal, de fato, não menciona seus critérios para a apresentação das informações²⁰⁶ sobre o colégio.

Sobre os dados de 1894, notamos a ausência da disciplina portuguez. Não encontramos indícios sobre as razões da supressão da disciplina. Talvez, naquele ano, tenha

²⁰⁵ Idem, nota 203.

²⁰⁶ Registramos e analisamos os dados de cada aluna e para cada uma delas elaboramos uma grade de disciplinas.

havido apenas a primeira classe de portuguez. As alunas de 1892 da primeira classe teriam já terminado a disciplina. Restariam assim, em 1894, apenas as meninas que cursavam a segunda classe em 1892 e a primeira classe em 1893. Elas então poderiam também ter já concluído a disciplina portuguez.

Com a diminuição das disciplinas e das classes, pudemos melhor compreender a divisão das turmas. Dez alunas cursavam arithmetica, francez e geographia (1ª classe), outras onze alunas cursavam arithmetica e geographia (2ª classe), sete meninas cursavam arithmetica (3ª classe) e geographia (2ª e 3ª classes), por fim, doze alunas cursavam leitura (possivelmente, as iniciantes) e, como de costumes, todas as alunas fizeram o exame de cathecismo.

Na análise dos dados colhidos entre 1889 e 1894, percebemos uma diminuição constante do número de disciplinas que faziam parte dos exames. História e português foram retiradas do currículo. Desconhecemos a causa da supressão.

No colégio, nesse período, as alunas permaneciam não mais que cinco anos²⁰⁷. Para observarmos a trajetória escolar das alunas entre 1889 e 1894, elegemos o exemplo de Gabriella Azevedo Junqueira. Gabriella apareceu nas listas de alunas em 1889 e estava matriculada apenas²⁰⁸ em leitura, na turma de iniciantes. Em 1890, cursou portuguez primeira classe, calligraphia e trabalhos manuais. Em 1891, não temos os dados referentes aos exames. Em seu último ano no colégio, 1892, cursou novamente portuguez primeira classe (possivelmente, teria sido antes reprovada — um dos raros casos de possível reprovação encontrado), arithmetica, geographia e francez, todas em primeira classe (*Monitor Sul Mineiro*, 11/05/1894, p. 2-3).

Nos anos seguintes, há alusões não detalhadas aos exames do Collegio Marianno. No ano de 1895, registra-se o desempenho e o sucesso das alunas na realização dos exames. Porém, não há informações sobre a organização da atividade, menciona-se apenas o resultado dos trabalhos manuais das alunas.

²⁰⁷ Das meninas matriculadas nos exames de 1889, nenhuma estava presente nos exames do ano de 1894 — cf. tabelas 1894, páginas 247 e 248.

²⁰⁸ Todas as alunas cursavam anualmente doutrina christã ou cathecismo.

Collegio Marianno

- Tivemos o prazer de assistir aos exames que no dia 28 do passado procedeu-se neste acreditado collegio, há muitos annos aqui dirigido pela Exma Sra. D. Francisca Candida Marianno e suas dignas e virtuosas irmãs.

Além das excellentes provas que derão de seu aproveitamento foi- nos apresentada uma delicada colecção de trabalhos executados pelas alumnas, sendo alguns bastante merecimento.

Felicitando ás dignas directoras do collegio Marianno pelo bonito resultado dos exames que acabão de ter lugar, fazemos votos pela prosperidade de tão util quão bem dirigido estabelecimento. (*Monitor Sul Mineiro*, 21/05/1895, p. 2)

Nos anos de 1896, 1897²⁰⁹ e 1898, não encontramos novas publicações sobre os resultados dos exames. Mesmo a participação social da família Marianno ou das alunas do colégio é raramente referida²¹⁰. Somente em 1899, os resultados dos exames voltam a ser publicados, com nova mudança no quadro curricular. As disciplinas de “historia” e “italiano” retornam ao currículo do colégio. E os trabalhos manuais, agulha, lã e crochet, são novamente mencionados.

Collegio Marianno. - No dia 27 do corrente, realisarão se neste antigo e acreditado estabelecimento de instrucção e educação, estabelecido nesta cidade e dignamente dirigido pelas Exma. Sra. D. Francisca Candida Marianno e suas distinctas irmãs, os exames das alumnas matriculadas no corrente anno.

Presentes distinctas senhoras e diversos cidadãos de nossa sociedade, prestarão as gentilíssimas alumnas brilhantes exames de portuguez, francez, italiano, geographia, historia, arithmatica, etc., sendo tambem apresentada uma bonita exposição de primorosos trabalhos de agulha, lã, crochet, etc. Todas as pessoas presentes forão delicada e cavalheiramente obsequiadas pela distincta directora e sua digna familia (*Monitor Sul Mineiro*, 30/04/1899, p. 2)

²⁰⁹ Nesse ano, o *Monitor Sul Mineiro* não circulou. Em 1898, volta a ser publicado, com novos proprietários. O único registro que temos desse período encontramos no jornal *A Consolidação*. Os trabalhos manuais desenvolvidos pelas alunas foram novamente mencionados. Neste jornal, os exames eram noticiados da seguinte forma:

“Exames no Collegio Marianno

A 29 deste realisaram-se os exames neste antigo e conceituado estabelecimento de instrucção, dirigido pelas exma. Sra d. Francisca Candida Marianno.

As alumas todas, nas provas exhibiram, revelaram notável aproveitamento.

Em uma saleta contigua á sala em que se effectuaram os exames, achavam-se uma grande quantidade de trabalhos de agulha feitos pelas alumnas.

Agradecidos pelo convite que nos foi dirigido, folgamos em poder dar parabens á illustre directora pelos reaes serviços que presta á instrucção e á educação do bello sexo nesta parte do Estado e fazemos votos para que tão util estabelecimento prospere cada vez mais.” (*A Consolidação*, 05/05/1897, p. 2).

²¹⁰ O próximo subtítulo desenvolverá o tema da atuação dos Marianno, do Collegio Marianno e das alunas na sociedade da Campanha.

Em 1900, o *Monitor Sul Mineiro* publica uma pequena nota comentando o brilhantismo dos exames realizados pelas alunas. Nada de novo é acrescentado (*Monitor Sul Mineiro*, 13/05/1900, p. 2). Depois de 33 anos da possível fundação, encontramos a última notícia sobre os exames do “antigo”, “afamado”, “conhecido” e “respeitado” Collegio Marianno. Nessa última alusão aos exames, noticia-se a presença de pessoas de fino garbo nos exames, enumera-se as disciplinas examinadas e os trabalhos manuais realizados pelas alunas são outra vez referidos.

Exames. – Tivemos o prazer de assistir no dia 30 do passado aos bonitos exames realísados no- Collegio Marianno. - importante estabelecimento de instrucção e ducação, que há longos annos é mantido nesta cidade pela Exma. Sra. D. Francisca Candida Marianno e suas dignas e distinctas irmãs. Reunidas no estabelecimento crescido numero de Exmas. Senhoras e muitos cidadãos distinctos e de nossa sociedade, tiverão começo os exames das muitas meninas alli matriculadas. Examinadas em italiano, francez, arithmetica, historia, geographia, portuguez e cathecismo, - mostrarão grande adeantemento, ficando todas as pessoas alli presentes satisfeitas pelos seus optimos resultados. Em sala contigua aos exames foi organisada uma bonita e interessante exposiçãõ de trabalhos feitos pelas jovens e intelligentes meninas, havendo muitos de trabalhos e aprimorada execuçãõ. A's dignas e Exmas. Directoras do Collegio Marianno nossas felicitações pelos brilhantes exames apresentados. (*Monitor Sul Mineiro*, 05/05/1901, p. 2)

Ao considerarmos as disciplinas²¹¹ ofertadas pelo Collegio Marianno, percebemos que a permanência das alunas no colégio²¹² era entre quatro e cinco anos. A grade curricular era simples: leitura, escrita, cálculos matemáticos, noções de geografia e algum outro idioma. Apesar das constantes mudanças nos nomes das disciplinas, entendemos que o ensino era orientado para preparar as meninas nas habilidades básicas das disciplinas ofertadas. Embora existam registros da habilidade musical das alunas do colégio em atividades culturais da cidade, a disciplina de música foi mencionada nos resultados dos exames apenas uma vez, em 1874. Encontramos apenas um registro relacionado a avaliação de trabalhos manuais. A formação religiosa, por outro lado, era constantemente avaliada. Não sabemos ao certo o que era ensinado e avaliado, mas, sem dúvidas, a orientação do ensino religioso era católica, haja vista a presença das alunas nas atividades da Igreja e a presença de clérigos nos exames.

²¹¹ Aqui, não nos ocuparemos da “História das disciplinas escolares”. Nosso objetivo é apreender dos resultados dos exames algo sobre a formação das alunas.

²¹² Sobre a evasão escolar no Collegio Marianno, não encontramos registros. Quanto à reprovação, encontramos apenas uma possível referência, em 1891, da aluna Gabriella Azevedo Junqueira.

Não pudemos definir com exatidão a divisão das alunas, todavia, a grade curricular do colégio nos permitiu elaborar algumas possíveis suposições sobre essa divisão. Quanto ao que seriam as “classes”, não chegamos a uma conclusão. Poderiam se referir a estágios de aprendizagem ou a uma divisão baseada no desempenho das meninas. As influências dos diferentes métodos do ensino contribuíram em diferentes momentos para a organização desse estabelecimento de instrução.

Os exames eram públicos e com a participação da comunidade. Essa relação direta mostrou que a escola estava em consonância com o projeto defendido pela elite da Campanha, ganhando cada vez mais credibilidade e conseguindo se manter em funcionamento por anos. Não nos resta dúvida de que o Collegio Marianno era destinado às meninas da elite do sul de Minas.

Há neles o intuito de, por saberes e valores, codificar normas de convivência, organizar e classificar a hierarquia das funções sociais, pautar para os indivíduos projetos condignos de futuro e tecer uma sociabilidade condizente com a desejada ordenação do ‘cosmos’ social. A mesma escola que cria o efeito da disciplina e produz obediência é aquela que se propõe a racionalizar e civilizar. (BOTO, 2011, p. 41)

O preparo moral e intelectual, ministrados por mulheres de conduta aparentemente ilibada, auxiliou decisivamente na formação de futuras esposas e mães a partir dos novos padrões impostos pela inserção do Brasil na modernidade capitalista. Uma das funções do Collegio Marianno foi moldar a formação das mulheres da elite sul mineira do período. Não dispomos do número exato de alunas que passaram pelo colégio, entretanto, por certo, formou centenas de meninas, que aplicaram seus ensinamentos em diversas das famílias tradicionais da então província de Minas Gerais.

3.5 Participação do Collegio Marianno na sociedade da Campanha: alunas, escola e a família. Circularidade e reflexões da dinâmica social.

De modo geral, a relação do Collegio Mariano com a sociedade da Campanha se deu pela via religiosa. Chegamos a essa conclusão por meio da análise dos registros da participação social do colégio, o que não significa dizer que o colégio não tenha também atuado em outras frentes. Sobre elas, nos ocuparemos, agora, nessa última parte do capítulo.

O Collegio Marianno se fazia presente nas atividades culturais, sobretudo, religiosas, da Campanha. Discutiremos, então, essa sua atuação cultural, como também a tímida atuação de outros membros da família. No início do capítulo, nos referimos aos primeiros registros sobre a atuação de Mathilde Xavier Marianno na sociedade da Campanha e nos concentramos na vida de Bernardo José Marianno. Queríamos compreender a posição social da família na Campanha. Agora, nos deteremos na trajetória e na atuação de outras pessoas ligadas a família e ao colégio.

Os primeiros indícios da participação das alunas em outras atividades na cidade datam de 1874. Os exames que realizavam, na verdade, já era um evento social. Anualmente, os resultados dessas atividades eram apresentados pela imprensa, comprovando a eficiência da escola e o poder econômico dos pais cujas filhas nele estavam matriculadas. Esse tipo de publicação era também um modo do colégio prestar contas à sociedade da região da Campanha. Não era suficiente promover uma educação de qualidade, havia também de expor os grandes feitos, mostrar os progressos e divulgar os valores defendidos pelo colégio, marcando o papel da escola na paisagem sul mineira:

Num extremo dela estão as notícias e a opinião política, nas quais os processos de significação- importância relativa, autoridade relativa e valores mais gerais- têm intensa atuação, mas onde ainda é fundamental percebê-la como manifestações totalmente diretas de uma ordem política e econômica. (WILLIAMS, 1992, p. 192)

Falamos assim de movimentos circulares. Ao transformar os exames em evento social, uma resposta era dada à sociedade, ao mesmo tempo em que se confirmava o papel social do colégio. Cabe, contudo, mensurar a influência do colégio na sociedade? E como saber em que medida as práticas do colégio refletiam os valores da época na região da Campanha? Sobre o assunto, vale lembrar a contribuição de WILLIAMS (1992): “(...) somente de maneira abstrata

se pode separar o “sistema social” e o “sistema de significações”, uma vez que na prática, em graus variáveis são mutuamente constitutivos.” (WILLIAMS, 1992, p. 215).

Inicialmente, somente notícias sobre os exames eram publicadas nas páginas do *Monitor Sul Mineiro*. Adiante, encontramos registros da participação das alunas em atividades que não estavam ligadas ao processo avaliativo. Em 1877, identificamos o primeiro indício da atuação do Collegio Marianno em algum evento que não os exames anuais. As alunas participaram de forma efetiva das atividades públicas da Semana Santa e do mês de Maria — ou mês mariano. Algumas delas mostraram seus dotes domésticos, aprendidos ou desenvolvidos no Collegio Mariano, com doações para a tômbola da Igreja.

N.100- Um mimoso palitot de lã, oferecido pela Exma. Sra. D. Carlota Nicesia de Rezende (Campanha). (...)

N.104- Um interessante quadro feito de linha com gravura de Nossa Senhora da Dôres, offericido pela Exma. Sra. D Francisca Maximiana Gonçalves Leite (Campanha). (...)

N. 108- Um delicadíssimo lenço, primorosamente bordado, offericido pela Exma. Sra. D. Josephina Augusta de Castro (Campanha). (*Monitor Sul Mineiro*, 18/03/1877, p. 3)

Muitas outras alunas do Collegio Marianno também fizeram suas doações²¹³. A natureza dos objetos doados ilustrava o ensino de habilidades domésticas no Collegio Marianno. À caridade cristã, misturava-se a consolidação de uma das tônicas do colégio, a formação de mulheres prendadas, e o destaque social promovido pela doação.

As alunas também realizaram a consagração de Nossa Senhora Aparecida.

Mais uma vez dirigimos nossas sinceras felicitações aos distintos sacerdotes da Campanha, que se encarregarão de solemnizar de modo tão notável o mez da consagrado á Virgem Mai de Deos, e mais ainda ao acreditado collegio da Exama. Sra. D. Francisca Candida Marianno, que tanto tem concorrido para o brilhantismo desta festividade. (*Monitor Sul Mineiro*, 03/06/1877, p. 3)

A relação do Collegio Marianno com a Igreja fortaleceu sua posição como um estabelecimento de ensino correto, integro e casto. Ele era o local ideal para a educação das meninas. Nele, as alunas teriam suas habilidades manuais desenvolvidas, o aprimoramento de sua moral cristã e, ainda, divulgação na imprensa. As meninas trilhariam o caminho certo.

Como somente a atuação religiosa era divulgada na imprensa, desconhecemos outras possíveis ações sociais do colégio. Em 1878, os números musicais das solenidades da igreja

²¹³ Todas as alunas que fizeram doações eram da Campanha. Não temos certeza se as famílias dessa alunas viviam na cidade ou se as alunas eram consideradas da Campanha porque moravam no Collegio Marianno. A segunda hipótese nos parece mais provável, já que as doações foram feitas para um evento da Campanha.

são oferecidos pelo Collegio Marianno, o que veio a se repetir em vários outros anos. Logo, embora a avaliação da habilidade musical não tenha sido registrada sistematicamente, o ensino da música constava dos quadros formativos do colégio. Consideremos então a lição de Bloch (2002): "(...) reconhecemos que, numa sociedade, qualquer que seja, tudo se liga e se controla mutuamente: a estrutura política e social, a economia, as crenças, tanto as manifestações mais elementares como as mais sutis da mentalidade". (BLOCH, 2002, p. 31). Note-se também a referência clara à virgindade, deixando evidente a missão da escola: formar "boas mais de família".

Seria entretanto impossível realizar-se a festa, como Ella felizmente effectou-se, sem o poderoso e efficassimo auxilio das virgens²¹⁴ e das cantoras do côro,- distinctas alumnas do excelente e acreditado collegio da Exma. Sra. D. Francisca Candida Marianno. Cooperando assim para aquellas solemnidades de egreja, a digna preceptora não só deu novas provas de seus sentimentos catholicos como soube mais uma vez aproveitar occasião propicia de innocular no espirito e na educação de suas jovens discípulas crenças e praticas religiosas- tão necessárias á verdadeira mãe de familia. (*Monitor Sul Mineiro*, 02/06/1879, p. 4)

Em notícias não relacionadas ao currículo, encontramos registros da organização do colégio. Os trabalhos manuais e a música eram mesmo ensinados. E a missão do colégio consistia em preparar as meninas para a vida de mãe e esposa. Nisso, as interações culturais e sociais entre o colégio e a sociedade em que estava inserido. Como quer Willians (1992): "Pois um sistema de significações é inerente a qualquer sistema econômico, a qualquer político, a qualquer sistema geracional e, de modo mais geral, a qualquer sistema social." (WILLIAMS, 1992, p. 206-207).

Em 1879, novamente, a atuação dos Marianno é destacada. Durante os sete dias da festa de Nossa Senhora das Dôres, os números musicais ficaram sob responsabilidade da família Marianno e das alunas do colégio, sem quaisquer ônus à Igreja.

²¹⁴ Não encontramos durante nossas pesquisas outro tipo de organização escolar, social ou clerical ao qual tenha sido associado a palavra "virgens". Pelo contexto de época, nossa hipótese é de que outras meninas de mesma idade das alunas do Collegio Marianno tenham também colaborado de alguma forma com a festividade. O importante é notar que, na publicação, a ideia de virgindade é evocada como um valor moral, social e religioso, assim como, nela, as alunas do Collegio Marianno eram consideradas puras e castas.

SEPTENARIO DE N. S. DAS DORES²¹⁵

Termina hoje o septenario de N.S. das Dôres. Festividade que se é obrigado a fazer em virtude de determinação compromissal. Foi Ella feita com toda a solemnidade compatível com as forças de que se podia dispor, tendo recebido para esse fim 200\$000 do benemérito irmão Estevão Ribeiro de Rezende, que pela segunda vez faz a sua custa essa solenidade. Para seu brilhantismo muito concorreu o meu prestimoso amigo Sr. Bernardo José Marianno e suas dignas e distinctissimas irmãs e discípulas. Dando-lhes aqui um solemte testemunho de minha profunda gratidão pela bondade com que attenderão ao meu pedido, encarregando se gratuitamente da parte musical nos sete dias de orações, nada mais faço do que cumprir meu grato e sagrado dever. (*Monitor Sul Mineiro*, 08/04/1879, p.1)

Desse modo, a família Marianno dizia à sociedade da Campanha e às alunas orientar-se por valores como os da caridade, da benevolência e do desapego, divulgando assim também os valores promovidos pelo colégio.

Não afirmamos que a participação dos Marianno na ação religiosa tinha o claro objetivo de conquistar a confiança da comunidade e captar novas alunas, mas a sua participação nessas atividades de cunho religioso levava todos a considerar que o colégio seguia a risca os preceitos cristãos. Nesses eventos religiosos, as alunas colocavam em prática (e, agora, de forma pública) os valores religiosos que os Mariannos lhes transmitiam²¹⁶.

Pouco tempo depois, já em 1879, registra-se nova atuação do colégio em atividades católicas. Nos festejos do mês de Maria, as alunas do colégio estavam presentes. Elogiada a virtude das meninas, a competência das proprietárias é novamente referida.

Em nosso pensar, todavia, não podia ser mais completa do que foi a solemnidade do mez de Maria na Campanha e para esse resultado concorrerão de modo notável as distintíssimas senhoras da respeitável família Marianno, que com suas dignas discípulas mostrarão-se incansáveis em auxiliar os virtuosos sacerdotes encarregados dessa festividade, e que com seus canticos, cheios de harmonia e beleza, augmentarão o encanto da festa consagrada á Rainha das virgens²¹⁷. (*Monitor Sul Mineiro*, 02/06/1879, p.1)

²¹⁵ A palavra “Dores” é grafada de duas maneiras na mesma matéria. No título, sem o acento circunflexo; na linha seguinte, com o acento.

²¹⁶ Apesar da relação estreita da família Marianno com a Igreja Católica, suas tentativas de organizar a família em molde similares ao das congregações católicas (celibato, caridade, hierarquia, dentre outras características) não foram suficientes para manter sua hegemonia na educação da Campanha no século XX que se iniciará. Essa forma de catolicismo popular será combatido pela Igreja, por meio das ideias da romanização do catolicismo. No capítulo IV, nos ocuparemos diretamente da questão. Entretanto, faz-se necessário marcar, aqui, que essas características da família Marianno, adiante, colocarão em rota de colisão o Collegio Marianno e a Igreja Católica.

²¹⁷ A “Rainha das Virgens”, nesse caso, seria Nossa Senhora Aparecida. Não se diz, aí, que as alunas do Collegio Marianno eram virgens, mas a vinculação ao evento é indicativa da condição de pureza exigida das meninas e do conjunto de valores promovidos e ensinados no Collegio Marianno.

No decorrer do ano de 1879, não há novas referências da participação das alunas do Collegio Marianno em outras atividades culturais ou sociais na Campanha. No ano seguinte, as meninas apresentam cânticos durante as celebrações da Semana Santa (*Monitor Sul Mineiro*, 02/06/1880, p.3). Entre 1880 e 1883, não encontramos registros da relação do Collegio Marianno com a sociedade. Somente os resultados dos exames são divulgados.

Em 1884, porém, Francisco Azarias de Queiros Botelho²¹⁸, pretenso pai de uma aluna do colégio, publica um texto no *Monitor Sul Mineiro* sobre o estabelecimento de ensino. Enfatiza o cuidado das proprietárias com as alunas e se refere às condições de alimentação e de higiene do local. Detalha o tempo de permanência da filha no colégio, avalia positivamente a qualidade do ensino, elogia o cuidado com as meninas enfermas, considerando-se satisfeito com a escolha de confiar a educação de sua filha às irmãs Marianno.

Aos Srs. Pais de familia, que tem filhas a educarem, venho contar-lhes uma cousa que, talvez, ignorem.

Há anos existe nesta boa e agradável cidade um notavel estabelecimento de educação de meninas dirigido e regido pela Exma. E respeitavel Sra. D. Francisca Candida Marianno, auxiliada por mais sete irmãs em todas typos das mais virtudes.

O estabelecimento é vasto, arejado e hygienico. A alimentação sadia, abundante e assejada. Muita amabilidade no tratamento, direcção e ensinamento das alunnas. Esmerado zelo e caridade no pensar das enfermas é tal que um estremecido pai pode entregar á elle a idolatrada filha e descansar na mais perfeita tranquillidade pelo bem estar do anjo dos seus encantos.

Não vai aqui lisonjas, mas a verdade do que sei, por ter residido neste collegio e minha querida filha por cerca de dois annos. Francisco Azarias de Queiros Botelho. (*Monitor Sul Mineiro*, 08/11/1884, p. 02)

A publicação nos auxilia a compreender os anseios dos pais quanto à educação das meninas. Entretanto, após a publicação, novamente as notícias sobre o colégio cessam. É possível que o desgaste da relação entre Bernardo José Marianno e a política local tenha resultado em uma momentânea perda de prestígio para o colégio, cujos reflexos se faziam sentir na ausência de notícias na imprensa.

²¹⁸ Essa citação é importante, pois aponta para vários elementos relativos ao funcionamento do Collegio Marianno. As fontes não nos dão condições de afirmar com certeza que Francisco Azarias de Queiros Botelho tivesse alguma filha que haveria estudado no Collegio Marianno. A informação que tornaria possível a afirmação é referente ao ano de 1880. Nesse período, Antonia Andrade Botelho foi aluna do colégio. Esta foi a única aluna de sobrenome “Botelho” que encontramos no período. Não localizamos outros dados sobre a aluna. De qualquer maneira, a citação não perde de importância, tendo em vista a riqueza de dados nela disponíveis sobre o colégio.

Novas referências datam de 1887²¹⁹. Nos três anos seguintes, noticia-se a interação do colégio com a comunidade, com ênfase não mais na participação das meninas nas atividades religiosas, mas sim nos trabalhos que realizavam, como números musicais e trabalhos manuais.

Essas mudanças nas notícias se alinham à dinâmica social do período. As mudanças estruturais então experimentadas pela sociedade brasileira interferiram também nas práticas da educação. A educação laica ganha destaque. Das mulheres, eram exigidas novas habilidades. Ser temente a Deus era ainda necessário para uma “boa mãe de família”, mas não era o suficiente. Novos valores emergiam. As habilidades que a educação formal poderiam propiciar estavam cada vez mais em evidência.

O fim da escravidão muda o *ethos* do trabalho. A queda da monarquia e a proclamação da república alteraram o panorama político e social. A Igreja Católica perde força, motivando uma reação da cúpula clerical. Manter a hegemonia na educação era considerado a forma mais eficiente de manutenção dos valores católicos e cristãos²²⁰.

E, em 1890, o Collegio Marianno volta a ser noticiado pela imprensa. A participação dos Marianno nas atividades religiosas e a confirmação do prestígio social da família são novamente marcados.

Missas. - No dia 27 do passado foram celebradas na igreja de Nossa Senhora das Dores, nesta cidade, as missas anunciadas por alma da virtuosíssima ex-Imperatriz do Brazil, D. Thereza Christina Maria.

O templo estava simples e decentemente ornado e a Exma. Sra. D. Delfina Marianno delicadamente prestou-se a acompanhar o harmônio cântico entoado pelos distintos Srs. Bernardo José Marianno, Carlos de Moura e Ciceo de Azevo.

Vimos na igreja, entre outras, as famílias Soares, Marianno, Cesarino (...) Estiverão também presentes ao acto os collegios Marianno e Veiga. (*Monitor Sul Mineiro*, 02/02/1890, p. 02)

Neste mesmo ano, há rumores sobre o possível fechamento do colégio. A origem dos boatos é desconhecida. Os Mariannos então publicam notas em várias edições do *Monitor Sul Mineiro* desmentindo o fechamento.

²¹⁹ Apenas uma nota, divulgando as datas dos exames.

²²⁰ Retomaremos o tema adiante. Preliminarmente, vale lembrar as considerações de Leonardi (2010): “(...) dentro das estratégias ultramontanas e da feminização da prática, supunho que essas congregações atuavam em uma forma de educação feminina mais informal e ampliada, difundindo imagens do feminino em suas cerimônias, textos e em seus próprios corpos e desta forma contribuindo para a feminização da prática.” (LEONARDI, 2010, p. 38).

Collegio Marianno

Reabrem-se no dia 1º de Maio proximo futuro as aulas deste estabelecimento, sob as mesmas condições actuaes, não obstante os boatos em contrario espalhados por pessoas desinteressadas. 4-2
Campanha, 6 de Março de 1890. (*Monitor Sul Mineiro*, 09/03/1890, p. 03)

A veracidade dos rumores não se confirma e o colégio segue funcionamento por mais quase duas décadas. Em 1890, não há novas referências ao Collegio Marianno. No ano seguinte, os registros relacionados ao colégio estavam ligados a sua participação em atividades religiosas. As alunas fizeram uma doação de vinte e quatro ramalhetes de flores para a ornamentação da Igreja (*Monitor Sul Mineiro*, 21/06/1891, p. 03). No final de 1891, registra-se nova participação das alunas nas atividades da cidade. Desta vez, as meninas estiveram presentes nas comemorações do natal, com um número de coral.

Festividades religiosas. - Começou com muito brilho na capella de Nossa Senhora das Dôres a festividade do Menino Deos, que está sendo celebrada pelos esforços dos dignos jovens Srs. Julio Bueno, Candido Moraes e Francisco da Veiga Fereira Lopes.

O sympathico templo está ornado com muito gosto e decência.

Auxiliados por distinctissimas senhoras do Collegio Marianno e por hábeis professores que fazem parte da muzica os estimáveis promotores desta solemnidade que ha muito não se fazia aqui devem estar contentes vendo o resultado animados de seus louváveis esforços. (*Monitor Sul Mineiro*, 27/12/1891, p. 03)

Segue-se um longo período de ausência de informações sobre as atividades sociais e culturais do Collegio Marianno na cidade. Há apenas menção a uma doação feita para a obra do Theatro São Candido na Campanha, no valor de 80\$000²²¹ (*Monitor Sul Mineiro*, 11/05/1894, p. 03). Em 1894, finalmente, há novas notícias. A organização da Semana Santa de 1894 foi realizada pelas alunas do Collegio Marianno. Inicialmente, ocuparam-se dos números musicais da celebração (*Monitor Sul Mineiro*, 04/05/1894, p. 03).

Ainda em 1894, a programação do mês de Maria ficou a cargo do Collegio Marianno: ornamentação, leituras, música, dentre outras atividades. Os elogios que se seguem frisam a moralidade e a disponibilidade das senhoras e das alunas na organização do evento.

²²¹ O valor doado pelo Collegio Marianno foi o maior arrecado em toda a Campanha. Esse tipo de informação mostra que a família, mesmo que tenha passado por dificuldades, tinha suas posses, ou parecia ter.

Collegio Marianno.

- Não se faz nesta cidade cousa alguma que interesse a religião ou a um commettimento util, que congregue a actividade e esforços da população moralisada, nada se fez com esses intuitos nobres sem que se possa de antemão contar com a boa vontade, serviços e generosidade dedicação das virtuosas e distinctas senhoras que são illustres professoras do Collegio Marianno ou que pertencem á boa e estimada familia, a que se deve aquele importante estabelecimento de instrucção.

A festividade do mez de Maria veio mais uma vez pôr em evidencia o que dizemos acima. Forão ellas que souberão congregar esse grupo de distinctas cantoras que nas missas das manhãs e nas solemninidades das noites augmentavão os encantos da poetica e commovente festividade: forão ellas as inteligentes directoras e modestas operarias dos bellissimos ornatos e bordados á ouro dos estandartes, que forão admirados até por pessoas que estão habituadas a vê-los primorosos nas principais cidades do Brazil e que affirmão que aquelles nada excedeu a estes; forão ellas enfim as cooperadoras dedicadas de tudo quanto podia concorrer para o brilhantismo da festa- e que podia depender do concurso delicado da mulher.

Temos prazer em pronunciarmo-nos assim destas alumnas, pois pensamos que deste modo prestamos merecido feito aquellas virtuosas senhoras que são verdadeiros ornamentos da nossa sociedade. (*Monitor Sul Mineiro*, 03/06/1894, p. 03)

Os trabalhos manuais e as habilidades musicais das alunas são outra vez mencionados. As alunas são chamadas de “ornamento da sociedade”. O tipo de atuação do Collegio Marianno na Campanha é de novo enfatizado, assim como o tipo de educação feminina desejada pela sociedade. A forma como as irmãs Marianno conduziram os rumos do seu colégio, muitas vezes, confundia-se com a maneira como elas viviam. Não há separações claras entre as suas atividades sociais e as do colégio. As atividades internas, como exames, mostra de trabalhos, dentre outras, eram públicas e se confundiam com as atividades sociais e culturais da Campanha.

As atividades sociais do Collegio Marianno só voltam a ser citadas em 1898. As alunas confeccionaram brindes para serem leiloados em um evento beneficente realizado para angariar fundos para a reforma da igreja matriz. As doações eram recebidas no prédio do colégio e ficaram em exposição nos salões do Collegio Marianno (*Monitor Sul Mineiro*, 11/09/1898, p. 03).

Nos próximos anos, noticiam-se novas participações das alunas do Collegio Marianno em festividades religiosas. Nos festejos da comemoração do centenário da matriz tiveram um papel importante, realizando os números musicais e auxiliando na ornamentação da Igreja (*Monitor Sul Mineiro*, 03/09/1898, p. 2).

Os números musicais das alunas nas festas religiosas da cidade passam a ser os únicos registros sobre a atuação social do colégio. Mais uma vez, na festa da virada do século, em 1900, as alunas também providenciaram números musicais. Possivelmente, o colégio possuía um coral. Não há evidências de que às alunas era ensinado a tocar quaisquer instrumentos musicais, mas há a hipótese da existência de aulas de canto. Sobre a participação das meninas na celebração da virada do século, eis:

Durante todas estas solemnidades um coro de distintas senhoritas, dirigidas pelas Exmas. E ilustradas professoras do Collegio Marianno, como também a brilhante e benemerita banda musical da Campanha augmentarão o encanto das festas com suas magistraes e suaves harmonias.
Ergamos nossos corações, dissipemos as nuvens das amarguras e, em um transporte de gratidão, de fé e de amor levantemos voz em grita:
-A' Jesu-Christo, Deus e Homem, Rei immortal dos séculos, Honra e Gloria!
(*Monitor Sul Mineiro*, 02/12/1900, p. 2)

No início do século XX, as referências ao colégio diminuem significativamente. Os resultados dos exames não são mais publicados — na verdade, não eram mais divulgados desde 1894 —, a participação em eventos da cidade, sociais ou religiosos raramente é noticiada. Novos anúncios ou propagandas do colégio não mais se contam. Em 1901, sabemos, as alunas novamente participam da festa do mês de Maria, com números musicais. (*Monitor Sul Mineiro*, 09/06/1901, p. 02).

Na virada do século, sua decadência²²² é sentida, culminando com seu fechamento. Após a morte de Bernardo José Marianno, em novembro de 1901, há raras referências diretas ao estabelecimento de ensino da família.

O Collegio Marianno é novamente mencionado nas páginas do *Monitor Sul Mineiro* por ocasião da morte de uma aluna, em 30 de novembro de 1902. A menina contraíra febre tifóide. E, enfim, as notícias cessam.

Durante a pesquisa, chegamos a supor que o fechamento do colégio teria se dado pouco depois de 1902. Considerávamos que esse episódio da morte da aluna teria abalado definitivamente o já cambaleante colégio dos Marianno. Entre o final de 1902 e o ano de 1907, não encontramos nenhuma menção ao Collegio Marianno. Diferentes fontes foram consultadas. Finalmente, no encerramento dos festejos do mês de Maria de 1907, encontramos a última referência ao Collegio Marianno.

²²² No capítulo IV, voltaremos à questão.

Festa do encerramento do mez de Maria.- Domingo proximo, 2 de Junho, realizar-se-ha esta festa na Egreja Matriz. Haverá Missa de Communhão geral ás 7 ½, e de tarde ás 4 ½, sahirá a procissão de Nossa Senhora, percorrendo as ruas principaes da cidade.

Ao recolher-se a procissão á Matriz se dará a Benção solemne com o SS. Sacramento.

São convidadas todas as Communidades e associações religiosas a tomarem parte na Communhão geral e na procissão e em particular e se apresentarem encorporados todos os associados da liga do Sagrado Coração de Jesus e os Zeladores e Zeladoras do Apostolado com as suas insígnias, a Conferencia de S. Vicente de Paulo, as Irmandades, as Filhas de Maria do Collegio de Nossa Senhora de Sion, as Filhas de Maria da Santa Casa de Misericordia, a Directoria, Corpo docente e alumnas dos Collegios de Nossa Senhora de Sion, **Marianno** e S. Antonio.

Roga-se aos habitantes das ruas, por onde tem de passar a Procissão, limparem a frente de suas casas, e as enfeitarem, illuminando-as tambem em honra da Santissima Virgem, a qual, estamos certos, dispensará a sua benção Maternal ao bom povo Campanhense, que professa para Ella culto de amor filial e de devoção (*Monitor Sul Mineiro*, 26/05/1907, p. 2 — grifos nossos).

Na sequência, faremos considerações sobre a participação das mulheres da família Marianno nas atividades sociais e culturais da Campanha e destacaremos o modo como o falecimento dos membros da família afetou o colégio.

Dada as limitações documentais, não foi possível traçar um perfil de todas as irmãs Marianno. As informações disponíveis, no geral, estão ligadas a eventos religiosos ou educacionais. A proximidade da família Marianno com a Igreja é um fato. Encontramos relatos de doações feitas pela família para eventos religiosos²²³, para a reforma da Igreja, participação em comissões organizadoras de eventos católicos, além de referências vinculadas ao Collegio Marianno.

A doação de brindes, quantias em dinheiro ou a participação na organização de eventos da Igreja eram correntes. Por exemplo, na organização do natal de 1877, Francisca Candido Marianno integrou a comissão de arrecadação de doações, organizou as encenações e auxiliou no desenvolvimento dos números musicais (*Monitor Sul Mineiro*, 08/01/1878, p. 4). Nos anos seguintes, há registros de doações para a Semana Santa, para a festa de São José e de Santo Antônio. No geral, as doações eram feitas em nome da família, em dinheiro ou em brindes para a tómbola.

Durante nossas pesquisas, percebemos que as irmãs se revezavam na participação das atividades sociais. Em 1880, Maria Emilia Marianno foi a responsável por zelar pela festa de São José (*Monitor Sul Mineiro*, 14/04/1880, p. 3). Provavelmente, ocupou o cargo por oito anos. Em 1888, Anna Marianno assume a incumbência (*Monitor Sul Mineiro*, 27/05/1888, p.

²²³ Não apresentaremos todos os dados e referências sobre as doações feitas pela família Marianno. O que foi apresentado é suficiente para compreendermos a estreita relação da família com a Igreja.

3). Não há relatos sobre as atividades que desenvolviam nessas festas. Interessa-nos, todavia, a certeza da atuação das proprietárias do Collegio Marianno nas atividades culturais da cidade, que se estendeu até o fechamento do colégio.

Há registros de doações das Marianno também para particulares, viúvas, leprosos, dentre outros, e da participação em atividades culturais não-religiosas, como nas atividades do teatro da Eschola Normal (*Monitor Sul Mineiro*, 14/05/1894, p. 3). Por fim, participaram de campanhas para a construção do palácio episcopal e para a criação da diocese da Campanha (*Monitor Sul Mineiro*, 04/10/1903, p. 3).

Diante do registro das doações, considerávamos que a família possuía uma boa condição financeira. Os memorialistas da cidade pensavam de forma contrária. Para eles, a família Marianno era pobre, pois muito doavam para a caridade e seu colégio não tinha rentabilidade. Essa interpretação não se sustenta. Defendemos a tese de que a família dispunha de uma condição financeira confortável.

Ora, em 1900, Mathilde Xavier Marianno faz uma doação de 50\$000 para a reforma da matriz (*Monitor Sul Mineiro*, 19/08/1900, p. 2). Essa foi a maior doação realizada à obra. Ademais, analisamos os impostos pagos pelas irmãs Marianno ao longo de alguns anos. Em todos eles, elas figuravam entre os dez maiores contribuintes.

O primeiro registro de pagamento de impostos é de 1902. Nesse ano, Francisca Candido Marianno pagou 36\$500 de impostos (*Monitor Sul Mineiro*, 02/11/1902, p. 2). No mesmo ano, Mathilde Xavier Marianno e as demais irmãs pagaram outros 5\$400 em impostos (*Monitor Sul Mineiro*, 23/11/1902, p. 2). Em 1904, o pagamento dos impostos é feito simultaneamente pelas irmãs, 64\$800 de impostos (*A Campanha*, 27/11/1904, p. 3), a terceira maior cobrança da cidade.

Esses dados, ainda que poucos, indicam que a família tinha uma sólida condição financeira. Claro, não há como precisar qual tenha sido a condição financeira dos Marianno. As informações que encontramos não podem ser tomadas como definitivas. É possível, por exemplo, que parte das pessoas favorecidas da cidade sonegassem impostos. De qualquer modo, pensamos apressado concluir que eram tampouco pobres.

O gradativo processo de extinção da família foi fator decisivo para o fim das atividades do colégio. Não há registros de descendentes na Campanha. Assim, com a morte dos membros da família, o fechamento do Collegio Marianno estava posto no horizonte. Antes, afirmamos que, após a morte de Bernardo José Marianno, o colégio entrou em decadência. Contudo, ele não foi o primeiro membro da família a falecer.

Quatro anos antes, Delfina Marianno morrera. Ela era professora do Collegio Marianno. O seu falecimento foi também noticiado no *Monitor Sul Mineiro*.

Fallecimento.- A 8 do corrente falleceu nesta cidade a Exma. Sra D. Delphina Leopoldina Marianno, distinta professora do Collegio Marianno, senhora de singulares virtudes de intensa fé religiosa.

Moça ainda, dotada de um espírito esclarecido, de uma alma angélica, de um coração verdadeiramente generoso e bom, D. Delphina Marianno gozava em nossa terra de apreço, da estima, da consideração e do respeito que se deve consagrar ao verdadeiro mérito. (...)

No estabelecimento de educação e ensino de sua illustre e honrada familia, era a finada uma professora modelo no carinho e bondade com que guiava a intelligencia e formava a base do character das innocentes meninas confiadas a sua meiga solitudine. (...)

Temos tambem em luto o espirito e o coração:- repercutem em nosso lar, onde o anho infornio igualmente baixou as azas, os gemidos de saudade descapendora, que enchem a residencia dessa virtuosa moça, tão precocemente desaparecyda no abysmo do tumulto. Aceitamos pezames tambem porque é tambem nossa a desventura, em vistas dos laços que nos prendem á virgem morta (...) continuamente incansavel no devotamento, bondoso e meiga ao acolhimento e todas as solicitações bem fazejas, criativa e benevolente para todos as idolas justas. (*Monitor Sul Mineiro*, 21/04/1896, p. 2)

O seu obituário merece análise. Não consta a data de seu nascimento, mas, segundo o jornal, era jovem ao falecer. Suas qualidades como professora e como cristã são enfatizadas. E, a sua condição de moça, isto é virgem, é também aludida. Sendo Delfina das irmãs uma das mais jovens, poderia, adiante, assumir o colégio da família. A sua morte precoce teria, portanto, imposto dificuldades para a manutenção do colégio, pois, com o envelhecimento das outras irmãs e a falta de herdeiros conhecidos, a situação do colégio se complicava.

Dois anos depois, Alice Marianno é nomeada professora na cidade de Machado-MG (*Monitor Sul Mineiro*, 18/09/1898, p. 3). Não encontramos outros registros sobre Alice na Campanha, por isso supomos que tenha se mudado em definitivo para Machado. Esta foi a única irmã que se casou. Contudo, não encontramos mais informações a seu respeito. Das sete irmãs responsáveis pelo Collegio Marianno, duas então deixam o negócio. Restavam Anna, Maria Emilia, Luiza, Mathilde e Francisca.

Não encontramos referências sobre Anna Marianno e sobre Luiza. Desconhecemos o paradeiro dessas duas irmãs. Sabemos apenas que foram alunas da Eschola Normal, no período em que Bernardo José Marianno lá lecionava arithmetica.

Anos mais tarde, em 1905, Maria Emilia Marianno, também professora no colégio da família, adoece e falece ao final do ano. Sua enfermidade foi noticiada na imprensa.

D. Maria Emilia Marianno

Accommetida de grave enfermidade, que levou-a ao leito por muitos dias, já se acha quase restabelecida a Exma. Sra. Maria Emilia Marianno, virtuosa e illustre professora do acreditado- Collegio Marianno.

Foi seu medico assistente o nosso illustre amigo e distincto clinico Dr. Mathias Vilhena. Nossas felicitações. (*A Campanha*, 12/05/1905, p. 2)

Notícias relativas à doença ou à recuperação de pacientes não eram comuns na imprensa da Campanha. Não há registros similares em todas as edições dos jornais pesquisados, o que exprime o prestígio da família na região. Pouco tempo depois, ainda em 1905, Maria Emilia vem a óbito.

O falecimento de Maria Emilia foi também amplamente noticiado. Em seu obituário, é possível depreender algumas das características sociais e culturais do início do século XX, assim como os valores difundidos pelo Collegio Marianno.

D. Maria Emilia Marianno

Mais uma vida preciosa que se anniquila ao sopro da morte desapiedada e brutal. E jamais se ostentára Ella tão grandemente cruel e dolorosa como agora levando de vencida a sciencia medica, alliada aos affectos carinhosos de uma familia inteira, que diputára existencia tão cara e prestimosa. (...)

De todos os pontos, affluíam pessoas, sem distincção de classes, que iam levar á familia enluctada os seus sentimento de pezar.

E bom o merecia a illustre extincta, porque a historia de sua vida ficará inesquecível em mais de um coração. É que cada dia que se escoára no percorrer da sua preciosa existencia d'envolta com os soffrimentos que a torturavam, era, não obstante, assignalado por mais um acto de benemerência e caridade de dispensada á classe soffredora.(...)

Como professora do acreditado estabelecimento de instrucção primaria (...) que suas illustres virtuosas irmãs mantêm, nesta cidade, ha mais de 30 annos, do qual foi poderoso elemento, sabia e illustre extincta imprimir no coração de cada uma das suas numerosas alumnas os sentimentos das mais acrysoladas virtudes; e é por isso que a triste nova que estas linhas encerram, produsirão, mesmo ao longe, lagrimas doridas entre aquellas que alli receberam proveitosos ensinamentos da moral e virtudes que sabia tão docemente distribuir, a par do ensino aprimorado e perfeito. Eis em traços geraes as qualidades de D. Maria Emilia Marianno, que finou-se placidamente, depois de ter recebido todos os confortos da religião catholica, cujos preceitos eram para Ella o sustentaculo da sua própria existencia (*A Campanha*, 15/12/1905, p. 2)

O obituário frisou as qualidades das professoras do Collegio Marianno, a postura social reta, a ligação com a caridade, a dedicação ao trabalho e às alunas, a tradição do colégio e o compromisso com a fé católica. O elogio aos mortos é comum, sabemos, mas o

obituário de Maria Emilia pode também indicar sua importância na comunidade da Campanha.

Com a morte de Maria Emilia e a inauguração do Colegio de Sião (posteriormente, Colégio Nossa Senhora do Sion) em 1904, a situação do Collegio Marianno se agrava. As irmãs Marianno vivas já em idade avançada e o novo concorrente na educação das meninas impuseram dificuldades significativas à manutenção do Collegio Marianno. O fim estava próximo.

No quarto e último capítulo, discutiremos as mudanças na sociedade brasileira no período e seus reflexos na Campanha. A questão do ultramontanismo, o avanço da modernidade na Campanha, a demanda por um novo modelo de educação para meninas e a interferência direta da Igreja Católica na cidade colaborarão para o encerramento das atividades do Collegio Marianno.

CAPÍTULO IV:

4. A CONSOLIDAÇÃO DA MODERNIDADE O SÉCULO XX E O FIM DO COLLEGIO MARIANNO: MODIFICAÇÕES SOCIAIS POLÍTICAS E CULTURAIS. ATUAÇÃO DA IGREJA E DO ESTADO NA EDUCAÇÃO FEMININA.

4.1 Igreja Católica e questões republicanas: projetos desconexos com pontos em comum.

Nos capítulos anteriores, discutimos o funcionamento do Collegio Marianno e enfatizamos as dificuldades da família em continuar com o seu estabelecimento de instrução, com a diminuição dos seus membros. O falecimento de Bernardo José Marianno, Delfina Marianno, Maria Emilia Marianno, e a mudança de Alice Marianno para a cidade de Machado, enfraqueceram ainda mais o colégio. Desse modo, a virada do século marcou em definitivo a decadência desse estabelecimento de instrução. Acrescente-se a interferência direta da Igreja na educação das meninas.

A necessidade gradativa da interferência da Igreja na educação das meninas se evidencia cada vez mais. Por certo, sabemos que a questão do papel da mulher na sociedade brasileira é complexa. Sobre o tema, por exemplo, cabe lembrar Soihet (1997): “Assim, de uma postura inicial em que se acreditava na possível identidade única entre as mulheres, passou-se a uma outra em que se firmou a certeza na existência de múltiplas identidades.” (SOIHET, 1997, p. 402).

Em vários momentos, a família Marianno mantém relações efetivas e intensas com a Igreja Católica. Considerando os dados colhidos, não há dúvidas da relação estreita entre ambas. A participação das alunas do colégio em eventos religiosos (com a parte musical, doação de brindes, dentre outros), a atuação da família como responsável pela organização de ritos católicos e a participação de clérigos nas bancas de exame do colégio eram constantes.

Na Campanha, basicamente, depois da virada do século XX, há uma ruptura dessas relações de cordialidade e de apoio mútuo entre a Igreja e a sociedade. Localmente, não encontramos nenhum fato específico que levasse ao fim dessa cooperação que durou por

décadas. A Igreja Católica entra em rota de colisão não só com a família Marianno, mas com todos que, de certa forma, interferiam²²⁴ nas práticas religiosas.

Para exemplificar a interferência incisiva da Igreja Católica na educação, consideremos a atuação da própria família Marianno. Aqui, nos valeremos do apoio de Oliveira (1985), que aponta para um certo movimento da Igreja no período, preocupada com a retomada da hegemonia²²⁵ do Vaticano no que diz respeito ao cotidiano do catolicismo.

A partir dos elementos colhidos ao longo de nossa pesquisa, não é possível afirmar uma possível insubordinação da família Marianno com relação à Igreja ou aos seus dogmas. Fato é que, mesmo seguindo a risca os dogmas do catolicismo, os membros da família não eram clérigos. A educação promovida pela família Marianno, ainda que atendesse às demandas de seu tempo, inclusive no campo religioso, jamais estaria embebida da orientação católica de uma educação promovida por membros efetivos da Igreja.

Fatores políticos também não podem ser descartados nesse processo. A disputa pelo poder político e pela organização do modelo de Estado — interferindo diretamente nas questões educacionais — era cada vez mais intensa. O fim da hegemonia da monarquia brasileira, levando à possibilidade das elites locais chegarem efetivamente ao poder, repercutiu nas diversas esferas sociais.

Mesmo dentro do projeto republicano não havia uma linearidade de ideias e práticas. Nesse horizonte, podemos dizer que havia dois principais projetos, ou grupos. De um lado, os conservadores; de outro, os liberais²²⁶. Compreender as características desses dois grupos nos auxilia a melhor entender o momento político então vivenciado pela Campanha. Para Carvalho (2003) e Mattos (1987), até 1870, tem-se a formação desses dois grupos definidos, conservadores e liberais. Os conservadores defendiam a manutenção do poder moderador, o controle dos magistrados e a total ausência de direitos sociais. Já os liberais defendiam uma maior descentralização política, com gradativo processo de urbanização do país e atenção a questões de cunho social.

²²⁴ Essa interferência não se refere ao âmbito do poder; as ações da Igreja não eram questionadas. Mas, após 1870, a relação da Igreja com os leigos sofre modificações estruturais. Apesar do empenho da comunidade relativamente aos desígnios católicos, a relação entre Igreja e leigos tem que sofrer limitações. No decorrer desse subtítulo, apresentaremos as razões desse afastamento e das limitações.

²²⁵ Segundo Oliveira: “A hegemonia é pois elemento positivo da dominação, no sentido de ser ela que traz o consenso social, permitindo ao conjunto social funcionar pela adesão das vontades e sem que seja necessário fazer intervir a cada instante os aparelhos de coerção.” (OLIVEIRA, 1985, p. 108).

²²⁶ Na imprensa da Campanha, esses temas estão presentes. Os jornais da época tinham suas filiações ideológicas. De um lado, o *Monitor Sul Mineiro*, monarquista e, de outro lado, *A Campanha*, com um projeto republicano. O projeto republicano, contudo, não era homogêneo. Após o fim da monarquia, o *Monitor Sul Mineiro* adota uma linha mais próxima a dos Conservadores, já *A Campanha* vincula-se basicamente aos Liberais.

O sistema monárquico brasileiro se deteriorava. Os desgastes políticos, devido à centralização política, os problemas diplomáticos com ingleses e paraguaios, a inabilidade na resolução da escravidão no Brasil e as alterações no panorama agrícola (com o advento da cultura cafeeira) fortaleceram o ideário republicano. O café, nova vedete da economia, tinha uma de suas bases de produção no sul de Minas Gerais. Os cafeicultores, por sua vez, buscavam maior influência no cenário político, social e cultural brasileiro, dos quais, os mais entusiastas, em Minas Gerais, estavam na Campanha²²⁷.

Embora se quisesse mudar o sistema político do país, queria-se também que as mudanças sociais fossem feitas de forma lenta, gradativa, com pequenas rupturas e constantes permanências. A manutenção da ordem social estabelecida, juntamente com a manutenção do ideário católico, era fundamental para o projeto republicano. Logo, as influências positivistas seriam indispensáveis para organizar o país. A proclamação da República poderia ocorrer e assim a ordem social continuaria mantida.

Tratava-se antes de tudo de garantir a sobrevivência da unidade política do País, de organizar um governo que mantivesse a união das províncias e a ordem social. Somente no final do Império começaram a ser discutidas questões que tinham a ver com a formação da nação, com a redefinição da cidadania. (CARVALHO, 1999, p. 91)

Com o fim da monarquia e do Padroado no Brasil, a forte relação entre Estado e Igreja é rompida. Apesar da forte influência frente a manutenção dos dogmas da fé e do caminho para a salvação, o catolicismo perde influência em questões de cunho financeiro, administrativo, assim como o apoio estatal. A força cultural da Igreja permanece praticamente inalterada, contudo, com a proclamação da República, a Igreja se encontrará politicamente enfraquecida. Alguma medida deveria ser tomada. Restava saber qual medida e como empreendê-la.

Esse rompimento não se deu apenas no Brasil²²⁸. Em toda a Europa, ao longo dos séculos e das reformas religiosas, a Igreja Católica perdeu poder, influência, fiéis e o

²²⁷ Segundo Valladão (1942), já na primeira constituinte, de 1890, a Campanha elegeu cinco deputados e um senador. Essa ebulição política refletiu diretamente na educação no final do século XIX. As ideias republicanas ganhavam força no município. A Igreja reagiu com a criação do Colégio Sion (1904) e com a criação do bispado (1907). O foco do nosso estudo não é a política local, porém esses elementos nos auxiliam a melhor compreender as mudanças ocorridas na educação da Campanha.

²²⁸ Durante a segunda metade do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, a Igreja Católica perdeu espaço e prestígio na Europa. Novos Estados nacionais surgiram, como a Alemanha e a Itália. Com a unificação italiana, por exemplo, a Igreja Católica foi enfraquecida, perdendo territórios, influências e espaço na sociedade que se reconfigurava. Na França, por sua vez, gradativamente, o governo limita, cerceia e confisca propriedades da Igreja. Outros exemplos poderiam ser citados. De qualquer modo, o importante é que, nesse período, o

monopólio da fé e da salvação. Reagir passou a ser fundamental para a Igreja Católica. Ser católico é respeitar as ordens vindas de Roma. A intervenção romana será intensa em toda América Latina. No Brasil isso também ocorrerá²²⁹.

Organizar essa reação passou a ser fundamental para a manutenção da Igreja como principal esteio da conduta social. Para definir essas práticas surgiu a expressão *romanização*²³⁰ ou, *ultramontanismo*²³¹. Embora, oficialmente, esses termos não tenham sido utilizados pela Santa Sé, as práticas católicas de reação e expansão, em grande parte, organizadas pelo Vaticano, passaram a ser assim conhecidas, com a criação desses termos nas últimas décadas do século XIX. As estratégias então adotadas pela Igreja podem ser entendidas da seguinte maneira:

O Ultramontanismo passou a ser referência para a maioria dos católicos dos diversos países, mesmo que isso significasse um distanciamento dos principais interesses políticos e culturais. Aparecia como uma reação ao mundo moderno e como uma orientação política desenvolvida pela Igreja, marcada pelo centralismo romano, o fechamento sobre si mesma e a recusa do contato com novas idéias. Os principais documentos que expressam o pensamento centralizador do papa são as encíclicas de Gregório XVI (1831-1845), Pio IX (1846- 1878), Leão XIII (1878-1903) e Pio XI (1922-1939). (LAGE, 2003, p. 18-19)

Nesse contexto, no campo religioso, expandir os dogmas católicos seria a melhor reação possível — em sentido semelhante ao da Contra-Reforma; no campo político, ainda que o Estado estivesse dissociado da Igreja, a expansão dos dogmas católicos estimularia as pessoas a seguirem o catecismo católico.

E, ainda que quiséssemos isolar a questão religiosa nesse primeiro momento, não há como dissociar em definitivo catolicismo e republicanismo. A reconfiguração política e social

catolicismo entre em crise. Logo, para a manutenção do dogma da Igreja e para uma reorganização da estrutura clerical fazia-se necessária uma reação às práticas liberais. Congregações de religiosos foram então criadas ou adotaram a missão pastoral. Deixam a Europa, em direção à América, para reafirmar o lugar da Igreja e garantir a perpetuação do seu poder material e espiritual na América (AQUINO, 2011).

²²⁹ A vinda das Irmãs do Sion para Campanha é exemplo da reação da Igreja Católica.

²³⁰ O termo *romanização* foi criado pelo padre e historiador alemão Johann Joseph Ignatz Von Döllinger (1799-1890). A obra em que Von Döllinger usa o termo foi traduzida e prefaciada por Rui Barbosa, sob o título de *O Papa e o Concílio*, em 1877. Von Döllinger publicou o livro em 1869 e foi excomungado em 1871, no bojo das deliberações do Vaticano I (1869-70), com o pseudônimo Janus. O padre historiador opunha-se ao processo de expansão do poder centralizador da Cúria Romana e ao dogma da infalibilidade papal: eis, aí, provavelmente, a razão que levou Rui Barbosa a traduzir o livro, já que também ele desconfiava das novas articulações da Santa Sé (AQUINO, 2011, p. 3).

²³¹ Sobre a origem da expressão, consideremos as contribuições de Lage: “Do latim *ultramontanus*, o termo designou aqueles fiéis que atribuíram ao papa um importante papel na direção da fé e do comportamento do homem. Na Idade Média, o termo era utilizado quando se elegia um papa não italiano (portanto além dos montes) (LAGE, 2003, p. 17).

que o final do século XIX experimenta criar uma aliança aparentemente improvável entre as oligarquias e a Igreja, em prol de um mesmo projeto: colocar fim ao projeto monárquico²³² e solidificar a modernidade na Campanha: “a educação católica teve grande apoio da oligarquia brasileira e sempre ensinou que o bom católico deve ser ordeiro, obediente e, ainda respeitar a ordem constituída.” (PASSOS, 2005, p. 65).

Para compreender o processo de expansão católica e seus reflexos diretos na Campanha, temos de retomar a discussão sobre a centralização das decisões da Santa Sé. Ademais, o mundo moderno que se configurava era entendido como uma ameaça aos valores cristãos. A defesa da família, de Deus e da moralidade deveria ser feita a todo custo. Ao assumir diretamente essa a missão, por meio da educação, o projeto católico seria propagado. As ideias de infalibilidade do Papa e de respeito aos ditames do catolicismo são fundamentais para a compreensão da influência direta da Igreja nas questões educacionais. Manter o controle social e transmitir conceitos, como família, religiosidade e obediência ao clero, eram entendidos como um modo de evitar rupturas abruptas na sociedade mesmo diante das mudanças políticas. A estratégia ia ao encontro dos desejos das oligarquias. A Campanha não ficou fora desse processo de reestruturação política e social. A expansão do ensino ministrado por religiosos (as) teve grande apoio das elites locais.

Como a Igreja enfrentava a oposição do pensamento racional e científico em todos os terrenos, o magistério passou a estabelecer e precisar as interpretações católicas sobre a totalidade da realidade humana e natural, gerando uma doutrina que arbitrava sobre todas as questões, definindo os padrões a serem conhecidos e obedecidos pelos católicos. (CAES, 2002, p. 72)

As mudanças políticas que ocorreriam não poderiam significar rupturas abruptas na sociedade. A Igreja serviu de aporte para que a mudança do *ethos* político (fim da monarquia e a tentativa de uma implementação da ordem republicana no Brasil) não tivesse ecos nas questões sociais. Concordando com Manoel (1996), entendemos que o que ocorre é uma modernização conservadora. As mudanças na questão política e econômica necessitavam das permanências religiosas e comportamentais.

Assim, a Igreja buscava implementar sua hierarquia, novos dogmas (como o dogma da infalibilidade papal) e a defesa da fé católica. As oligarquias locais percebiam essa

²³² Sabemos que qualquer tipo de generalização conceitual ou categorização definitiva sobre as relações entre a política e a religião envolve grande possibilidade de incorrerem em anacronismos. Conhecemos também os pontos de divergência entre esses dois grupos. No entanto, na Campanha, a aliança entre Igreja e oligarcas se deu de forma nítida. Por isso, desenvolveremos nossa argumentação nesse sentido.

interferência como progresso, do ponto de vista educacional, e como continuidade da manutenção da ordem, na perspectiva política e social. Nesse primeiro momento, o embate contra os avanços da modernidade foram então colocados em segundo plano. De um lado, essa aliança utilitarista explica, em parte, o apoio das oligarquias à implementação de escolas católicas (vistas como avanço, progresso e modernidade, com traços de permanência) e, de outro lado, a aliança colaborou na nova tarefa que se punha a Igreja, que se valer do espaço educacional para consolidar sua posição, manter o controle espiritual e buscar novas fontes de rendas, por meio dos vários colégios que surgiram a partir do início do século XX em diferentes lugares do país.

No horizonte desses acontecimentos políticos e, levando em conta a necessária retomada efetiva da Igreja Católica do domínio das almas e dos corações (Leonardi, 2010), o lugar ocupado pelo Collegio Marianno na sociedade da Campanha tinha de ser preenchido por um colégio dirigido por clérigos. Basicamente, as meninas da elite oligarca seriam o público alvo da educação ministrada pela Congregação das Irmãs do Sion. A vinda das religiosas seria usada como mostra do progresso promovido pela oligarquia local: “A necessidade da implantação das escolas confessionais não se restringia somente aos vultosos recursos financeiros arrecadados, mas também em afastar os educandos das idéias modernas e das propostas de ensino leigo.” (LAGE, 2007, p. 29).

Essas nossas considerações se relacionam também ao que ficou conhecido como “Catolicismo Popular”²³³ manifestação religiosa espontânea, na qual qualquer fiel pode organizar algum tipo de “novena”, “terço” ou “oração”. Dessa manifestação religiosa, é característica fundamental a ausência de mediação direta dos membros do eclesiástico (Oliveira, 1985).

O culto também é caracterizado pela relação direta do fiel com os Santos e com as festas. Aqui, mais uma vez, o devoto não precisa da orientação do clero. E, se, agora, o fiel possui um contato direto e íntimo com seu “padroeiro”²³⁴, a mediação da Igreja se torna desnecessária e a relação direta de dependência do fiel para com a Igreja deixa de existir. O devoto pode fazer suas orações em quaisquer lugar e tempo e da forma que lhe convier.

²³³ “(...) o conjunto de representações e práticas religiosas dos católicos que não dependem da intervenção da autoridade eclesiástica para serem adotados pelos fiéis. Concretamente, chamamos provisoriamente “catolicismo popular” as representações e práticas relativas ao culto dos santos e à transação com a natureza e não os sacramentos e a catequese.” (OLIVEIRA, 1985, 113).

²³⁴ “O fiel se faz devoto do santo, esperando deste que ele seja seu protetor celeste, uma espécie de padrinho do céu. Os atos de culto desse modo contratual são atos regulares, periódicos, independentes da necessidade imediata de proteção. O devoto pratica o culto para agradar o seu santo de proteção. O devoto pratica o culto para agradar e não para pagar promessas ou pedir favores. Presta culto porque é obrigação sua, como devoto, cultivar seu santo de devoção.” (OLIVEIRA, 1985, 118).

Não é estranho que os simbolismos do catolicismo oficial, de certa forma, se façam presentes nas manifestações culturais oriundas do povo. No entanto, interessa-nos o fato de que nessas manifestações pretensamente católicas a participação do clero não é necessária.

Em diferentes classes sociais, a organização de grupos de homens leigos, irmandades e confrarias, foi comum no catolicismo brasileiro ao longo dos séculos. Os grupos se constituíam em torno da devoção aos santos e, de modo geral, sem a presença de clérigos, resultando na organização de festa para padroeiros e na construção de templos para o santo de devoção. Elementos entendidos como profanos²³⁵ pelo catolicismo, originados em outras matrizes religiosas²³⁶ acabam por integrar as características desses grupos, apontando para o sincretismo religioso.

Outros aspectos também devem ser observados:

Na realidade, o enfraquecimento do aparelho eclesiástico durante o século XIX tinha favorecido o desenvolvimento do catolicismo popular, cujos agentes de base – beatas, rezadores, “monges”, capelães, etc.- gozavam de grande prestígio sobretudo entre as massas rurais. Para o episcopado e o clero, especialmente devido à renovação decorrente do Concílio Vaticano I, esse catolicismo popular era uma negação prática do catolicismo romano e não uma forma popular de praticar o catolicismo. (OLIVEIRA, 1985, p. 277)

Outras várias questões também colaboraram no enfraquecimento do aparelho eclesiástico no período²³⁷, entretanto, interessa-nos, em especial, identificar características do catolicismo popular na Campanha e, principalmente, na família Marianno e no colégio que dirigiam. Se afirmássemos existir uma ligação entre os Mariannos e o catolicismo popular e que essa ligação os teria indisposto com a Igreja, teríamos de lidar com dois problemas. Primeiro, essa ligação não pode ser facilmente verificada. Segundo, estabelecíamos uma única e determinista causa para a indisposição entre os Mariannos e a Igreja.

Ao analisarmos a atuação dos Mariannos nos campos da educação e da religião, percebemos que eles ocupavam uma posição de destaque social. A família e o colégio marcaram presença em momentos importantes para a cidade e para a Igreja. Os Mariannos e o seu colégio ocupavam um espaço central no processo de formação das meninas da elite da Campanha.

²³⁵ Em festas de quermesse havia (e ainda há) o uso de bebidas alcoólicas, músicas não litúrgicas e jogo. Embora os recursos angariados fossem, em tese, repassados à Igreja, festas como essas não eram bem vistas pelo Vaticano.

²³⁶ Como, por exemplo, as congadas, de inspiração nos cultos de matriz africana.

²³⁷ Falta de compromisso do clero, insubordinação à Roma, falta de preparo dos sacerdotes, dentre outras (Oliveira, 1985).

As relações entre religião, colégio e sociedade, por vezes, se confundiam. Ao longo do texto, apresentamos vários fatos que apontam para a deliberada e constante busca da família pelo reconhecimento da sua atuação católica. Na verdade, a família conseguiu essa legitimação.

Além de reconhecidos como uma das famílias de “fé” da Campanha, os Mariannos, como dissemos, ocupavam um espaço importante na sociedade, o de responsáveis diretos pela formação das meninas da cidade. Aqui, não nos ocuparemos da questão da qualidade do ensino oferecido pelos Mariannos, mas, sim, da possibilidade de ensinar. Podemos afirmar, seguramente, que grande parte das meninas da elite da região sul mineira estudaram no Collegio Marianno.

Por certo, no colégio, os ensinamentos católicos foram transmitidos de forma constante e organizada. Porém, a tarefa era realizada por leigos. Desse modo, a discussão sobre a qualidade do ensino ofertado se torna secundária. A questão fundamental passa a ser aquela sobre quem pode oferecer o ensino que a sociedade deseja para seus filhos. O acesso à formação educacional das meninas de grande poder econômico da região sul mineira não dizia respeito a uma questão apenas educacional.

Esse público seria o alvo das ideias ultramontanas em todo o país. Na Campanha, não foi diferente. A chegada das religiosas na cidade abarcaria então dois projetos: o da elite da cidade, que queria um colégio moderno para as meninas, com pessoas preparadas para dar a melhor educação possível, simbolizando o avanço e o progresso; o da Igreja Católica, que fundaria um colégio em uma cidade importante da região sul mineira, ciente de que, possivelmente, o estabelecimento de instrução seria bem sucedido no que diz respeito à catequese e aos recursos financeiros.

Ambos os projetos seriam, portanto, contemplados com a chegada de uma congregação religiosa na Campanha. As diferenças entre os projetos de nação da elite da Campanha e da Igreja seriam deixadas de lado, em prol de um pacto (mesmo que velado) entre essas duas principais forças sociais de seu tempo, uma aliança benéfica para ambos os lados. Nesse sentido, uma das primeiras mudanças a ser empreendida na Campanha era a troca do comando na educação das meninas.

Se se queria uma retomada dos valores católicos educacionais na sociedade, a interferência direta da Igreja na educação seria uma maneira eficaz de manutenção do seu poder espiritual, social e político. As meninas foram consideradas o público mais adequado para essa ação, uma vez que seriam elas as responsáveis pela educação dos filhos, tornando notável a possibilidade de retransmissão dos valores católicos.

A Igreja desenvolvia, portanto, uma estratégia de que podemos denominar de “teoria dos círculos concêntricos”; da mãe cristã para filhos cristãos; de filhos cristãos para famílias cristãs; das famílias cristãs para a sociedade cristã. Com isso, esperava-se, em breve tempo, recristianizar toda a sociedade moderna. (MANOEL, 1996, p. 49)

Os propósitos ordeiros, como a valorização do comportamento obediente, e a manutenção do modelo familiar vigente favoreciam a Igreja e os oligarcas da política local. Durante o período, não encontramos indícios de quaisquer confrontos entre esses dois grupos. Assim, podemos afirmar que, na Campanha, durante o final do século XIX e início do século XX, temos uma aliança entre esses dois grupos, aparentemente contraditórios, a respeito da qual a instalação do Collegio do Sion foi ponto culminante. O Collegio Marianno cumpria o seu papel. Porém, agora, diante de novas demandas, o seu funcionamento se torna desnecessário. Podemos então dizer que:

O pensamento educacional católico procurou reativar sua antiga predominância, afirmando-se à nova situação política. Tanto na perspectiva do Estado, quanto na da Igreja, o significado da educação era subsidiário daquele contexto histórico-político. No entanto, a perspectiva católica incorporava uma visão de mundo, sociedade e de homem orientada para os valores da ordem sobrenatural. (PASSOS, 2005, p. 67)

4.2 Avanços do progresso na Campanha durante as últimas décadas do século XIX: gradativa expansão e alguns pontos da modernidade

Para compreender o encerramento das atividades do Collegio Marianno e a fundação do estabelecimento de instrução que o substitui, há que voltar no tempo, para perceber como as práticas e as demandas sociais, vagarosamente, se alteram na Campanha. A modernidade, afinal, como afirma Passos (2005), é uma mudança histórica de atitude do homem frente ao mundo e frente a si mesmo.

Como vimos no segundo capítulo, a partir do último quartel do século XIX, surgem vários estabelecimentos de instrução para ambos os sexos. No nosso caso, centramos a investigação na educação para as meninas da elite da Campanha e de toda a região do sul de Minas Gerais.

A mulher passaria a ter um papel fundamental, de guardiã e gestora da intimidade familiar, conjugal e educadora das novas gerações. Nesse ínterim, acompanhada da necessidade de distinção de comportamentos entre os sexos, se encontrava a idéia de que a mulher “não somente era ‘educável’, como deveria ser educada. (JINZENJI, 2008, p. 22)

Já fizemos considerações sobre o papel social da mulher no período. No entanto, para a melhor compreensão de nosso objeto de pesquisa, há que destacar também outros acontecimentos na Campanha não necessariamente ligados ao universo feminino. Ainda que brevemente, discutiremos os principais avanços da modernidade na Campanha pouco antes do nosso recorte cronológico inicial de trabalho, 1866-1908.

O primeiro momento que podemos associar ao avanço da modernidade educacional na Campanha foi o da criação do Collegio das Meninas, por Paulina Maria Mallisse, em 1865. Interessa-nos perceber que essa primeira iniciativa fundamenta-se na mudança de entendimento do papel da mulher na sociedade. Obviamente, não estamos falando de uma revolução, mas, sim, de uma mudança de paradigmas na cidade e região. A mera ideia da criação de uma escola para meninas, mesmo que oferecendo uma educação para o “bello sexo”, isto é, uma educação conservadora, era um grande avanço para a cidade.

E não podemos deixar de mencionar também as primeiras iniciativas²³⁸ na educação para meninos empreendidas por particulares. Abaixo, notícia sobre a criação de um

²³⁸ Não nos ativemos à temática. É possível que outros estabelecimentos de instrução, dirigidos por particulares, exclusivamente para meninos, tenham existido. Como salientamos no início desse subtítulo, nos ocupamos da

estabelecimento de instrução para meninos. Sobre o estabelecimento, há indícios de que tenham sido pioneiro na região da Campanha, mas não há como corroborar com certeza a afirmação.

Collegio de Meninos. – Consta-nos que o sr. Dr. Joaquim Leonel de Rezente Alvim projecta estabelecer nesta cidade um importante collegio de meninos onde se leccionará as materias de instrucção primaria, secundaria e diversos preparatorios.

Esta concepção generosa e patriótica do sr. Dr. Leonel não pode deixar de merecer as sympathias dos campanhenses, que desde muito resentem-se da palpitante necessidade de um estabelecimento de instrução dessa ordem (...) (*O Conservador*, 11/03/1871, p. 1)

Outras iniciativas educacionais também foram importantes para a consolidação do *progresso* na cidade. Encontramos vários excertos nos jornais pesquisados que apontam para a falta de professores, ou para o despreparo dos mesmos no exercício do magistério. Assim, a criação da Eschola Normal foi também acontecimento importante no bojo das mudanças que ocorriam na cidade (*Monitor Sul Mineiro*, 03/11/1872, p. 2). Outras várias escolas, antes já mencionadas, surgem durante o período. A fundação e a proliferação das mesmas se deram no horizonte da profusão do conhecimento, da informação e do letramento. Não faremos considerações sobre as práticas pedagógicas desses estabelecimentos de instrução. Ao apontar para o surgimento dessas iniciativas no campo da educação, salientamos a preocupação da sociedade da Campanha com o avanço, retratada nos jornais como sinal de *progresso*. Tendo em vista nossas pesquisas, consideramos que a ideia de *progredir* então significava inovar, mudar, abrir-se para novas possibilidades.

A pretensa modernidade da Campanha não se fazia sentir somente no âmbito da educação. A criação de diversos jornais no período também mostra a necessidade da transmissão das informações. Os jornais representavam novas possibilidades de comunicação, ampliando os horizontes da população da Campanha. Naquele momento, com o desenvolvimento da imprensa (principalmente, do jornal *Monitor Sul Mineiro*), as informações passam a circular de forma mais rápida, há o aumento do número de leitores (e ouvintes), novas possibilidades de informações são ofertadas pela imprensa: literatura, música, notícias, política, informações mundiais, regionais, locais, anúncios comerciais, dentre outros. Não temos como mensurar o papel da imprensa na proliferação dos conceitos e

análise de edições de jornais correspondentes ao recorte cronológico da nossa pesquisa. Por isso, consideramos o colégio do Dr. Joaquim Alvim como a primeira iniciativa educacional para meninos.

práticas modernas. Todavia, não podemos colocar em segundo plano os desenvolvimentos sociais e culturais que a imprensa ajudou a difundir.

Na imprensa, encontramos também relatos de vários outros avanços ocorridos na cidade. Observando o anexo 15, um texto de 1877, percebemos o surgimento de inovações na educação. Na Campanha, são fundadas escolas de música e até mesmo uma biblioteca pública na cidade, como também médicos se estabelecem na cidade. A profusão e a difusão das informações eram notórias.

É importante lembrarmos que, durante todo o século XIX, as relações comerciais entre a região da Campanha e a corte foram expressivas. O trânsito de pessoas entre essas regiões era comum. A elite da cidade da Campanha ia para o Rio de Janeiro e lá participava efetivamente da vida cultural da cidade: moda, festas, teatro, dentre outras atividades consideradas inovadoras.

A participação econômica de Campanha para abastecimento do mercado interno, sobretudo do Rio de Janeiro, provavelmente contribuiu para o estreitamento de laços de ligações entre os fazendeiros e suas famílias que compunham a elite Sul Mineira com a corte e o Rio de Janeiro.

Essa ligação com a corte possivelmente se dava tanto por questões econômicas quanto por vários outros motivos, de modo que era comum ir ao Rio Janeiro para negociar produtos agrícolas, consultar médicos, fazer compras na Rua do Ouvidor, conhecer as modas européias, ir ao teatro e aos salões que serviam como espaço de referência para os fazendeiros. (REIS, 2013, p. 23)

Constituir na Campanha um cenário similar ao carioca marcou as expectativas da cidade relacionadas às ideias de avanço e progresso. Não se queria reproduzir com exatidão o cenário do Rio de Janeiro, mas, sim, viabilizar minimamente o acesso a serviços, produtos e hábitos não comuns na região. De fato, os hábitos não foram simplesmente transpostos para a realidade da Campanha. Na verdade, eles foram adaptados às especificidades da região.

Nesse sentido, os anúncios dos jornais são uma fonte importante para compreender o avanço da modernidade na região. Novos produtos²³⁹, cada vez mais, são anunciados, vindo de outras províncias e de outros países, como chapéus, tecidos, instrumentos musicais, livros, bebidas, dentre outros. No período, na Campanha, contamos até o anúncio da criação de um jornal de moda voltado para mulheres.

²³⁹ Sabemos que a existência de anúncios de novos produtos não significa, necessariamente, o consumo desses produtos. Todavia, há que frisar que os anúncios procuravam convencer de que a aquisição dessas novas mercadorias representavam um sinal de progresso na cidade. De qualquer modo, esses anúncios ganham cada vez mais espaço na imprensa da Campanha.

DEDICADO A'S SENHORAS BRAZILEIRAS

Publica-se a ESTAÇÃO á 15 e 30 de cada mez. – Um anno do jornal, além de 300 paginas de texto in- 4º, contêm cerca de 2,000 gravuras de moda delicados trabalhos de senhora, 24 lindos figurinos coloridos á aguarella, 12 folhas grande reproduzindo 300 moldes em tamanho natural, e grande numero de riscos, monogrammas, modelos, etc. O texto, clara e minuciosamente explica todos esses desenhos indicando os meios de executal-o de per si; além da parte litteraria, noticiosa recreativa e util, escripta especialmente para as leitoras deste jornal.

ASSIGNA-SE NO RIO DE JANEIRO A´RUA DOS OURIVES N.7 e na Typ. do Monitor Sul Mineiro. (*Monitor Sul Mineiro*, 02/06/1880, p. 4)

No decorrer dos anos, o tema da educação ganha mais espaço nas páginas dos jornais e no debate social. A fundação de escolas, gradativamente, se torna corrente e o debate sobre a qualidade no ensino se intensifica. Podemos afirmar que em quase todas as edições dos jornais há referências diretas ao tema da educação. Essa especificidade aponta para a associação estreita entre as ideias de expansão da educação, progresso e modernidade.

Durante nosso processo de pesquisa, nos chamou atenção ainda a criação da “Biblioteca para as senhoras”²⁴⁰. Maria Caetana de Paiva e Maria Claudina de Paiva, ambas professoras²⁴¹, lograram junto à comunidade a doação de livros para a biblioteca. Para isso, argumentavam, sustentando que os livros seriam usados na disseminação do conhecimento entre as mulheres. A criação da biblioteca foi bem recebida pela imprensa. Os livros doados foram listados no *Monitor Sul Mineiro*.

As primeiras doações continham títulos de assuntos diversos.

²⁴⁰ Não encontramos informações sobre o funcionamento, a localização ou a duração desse projeto.

²⁴¹ Não encontramos outras informações sobre essas duas senhoras.

A este estabelecimento, que está sendo fundado nesta cidade pelas distintas e inteligentes professoras, as Exmas. Sras. D. Maria Caetana de Paiva e D. Maria Claudina de Paiva, forão offercidos os seguintes livros:

Pela Exma. Sra. D. Maria da Gloria Marques: - Thesouro do christão, 1 vol.

Pela Exma. Sra. D. Cecila Gouveia: - Macedo. Historia do Brazil 1 vol.

Pela Exma. Sra. D. Elvira Carolina da Cunha, residente na corte: - Bibliotheca do povo e as escolas 6 vols.

Pela Exma. Sra. D. Thereza de Jesus Paula, Campinas:- Manual de piedade da donzella christã, 1 vol.

Entretenimentos do coração devoto com S.S. Coração de Jesus, 1 vol.

Thesouro da Guarda de Honra, 1 vol.

Officio da Semana Santa, 1 vol.

Combate espiritual 1 vol.

Pela Exma. Sra. Emilia de Lima Coutinho (corte): - Chateaubriand. Morceaux choisis, 1 vol.

Pela Exma. Sra. Isabel Sampaio (corte): - Soares Barbolsa. Grammatica portugueza, 1 vol.

Francisco de Paula Barros. Compendio elementar de physica, 1 vol.

Pela Exma. Sra. D. Virninia Palhares (côrte: Ornamentos da memória, 1 vol.

Julio Verne. Viagem ao centro da terra, 1 vol. (*Monitor Sul Mineiro*, 29/11/1885, p. 3)

Essa primeira lista de livros doados nos oferece importantes dados sobre a biblioteca que seria criada. Considerando os títulos das obras, podemos dizer que essas primeiras doações abarcavam os campos da literatura, das normas de comportamento católico, das disciplinas escolares e das línguas estrangeiras, já que livros em francês também foram doados. Essas doações não foram feitas apenas por moradores da Campanha. Há vários relatos de doações feitas, por exemplo, por mulheres da corte.

A criação de uma biblioteca voltada teoricamente para mulheres pode ser considerado um grande avanço. Não encontramos nenhuma iniciativa semelhante na região durante o período. Ademais, a pluralidade dos títulos doados significava também a possibilidade de ampliação dos conhecimentos para mulheres. Se, na primeira lista de doação, constam, na maioria, títulos de livros ligados a religião e a religiosidade, nela encontramos ainda títulos referentes à história, física e ficção.

A existência de doações oriundas do Rio de Janeiro indica algum tipo de contato entre as professoras da Campanha e as mulheres da corte. Não há como definir a intensidade dessas relações. Entretanto, é certo a existência de uma circulação de ideias entre as cidades do Rio de Janeiro e da Campanha, as quais, advindas do Rio de Janeiro, frutificariam na Campanha, atribuindo à cidade e região o tom do progresso e da modernidade.

Durante os anos de 1885, 1886 e 1887, frequentemente, registram-se relatos de doação de livros para a biblioteca das senhoras. A última notícia associada a esta questão data de abril de 1887. Foram doados os seguintes livros.

Bibliotheca para sexo feminino. – A esta biblioteca forão offerecidos mais os seguintes livros:

Pelo Illm. Sr. Joaquim Candido de Araujo (residente nas Aguas Virtuosas)- Saint Clair da ilhas 3 volumes.

Pelo Illm. Sr. Aurelio Arlindo Villas- Boas da Gama (Aguas Virtuosas) Escrichh.- O Martyr do Golgotha, 3 volumes.

Pela Exma. Sra. D. Emilia Candida de Almeida (Aguas Virtuosas) Escrich. – Os apóstolos, 3 volumes.

Pelo Illm. Sr. Affonso de Paiva Pedroso. Feva – O homem de Ferro, 2 volumes.

Pela Exma. Sra. D.Cecilia de Moraes Monteiro de Barros (Barra Mansa) A quantia de 50\$000 para a compra de livros.

Pela Exma. Sra. D. Beatriz Monteiro. Dumas- O Conde de Monte Christo, 4 volumes.

Pela Exma. Sra. D. Ernestina A. da Costa (Lavras) Tasso- La Jérusalem délivrée, 1 volume. (*Monitor Sul Mineiro*, 03/04/1887, p. 3)

Após essa notícia, não encontramos novos registros referentes a biblioteca das senhoras. Não sabemos a periodicidade com que essas doações eram realizadas. No entanto, o fato de que foram registradas na imprensa indica a importância da atividade na comunidade. Novamente, observamos doações de diferentes regiões e de títulos variados. Ano após ano, a cidade buscava novos avanços, com especial destaque para o letramento e a erudição.

A chegada na cidade da estrada de ferro e dos engenheiros por ela responsáveis, como mencionamos no segundo capítulo, foi motivo de festa. A ferrovia diminuiria as distâncias e aproximaria a Campanha do Rio de Janeiro e do progresso. A imprensa noticiou o fato:

Na impossibilidade de comparecer a estes actos, solicitamos do nosso particular e estimado amigo o distincto Sr. José de Souza Soares, filho, que se dignasse representar-nos, saudando por nós á empresa *Minas and Rio*, e a Campanha, cujo engrandecimento tanto nos interessa.(...)

Damos parabens á Campanha por estar em começo de realisação a sua mais querida aspiração.- infelizmente o máo destino não permittio que assistisse a esta sympathica festa o patriótico espírito de quem para Ella tão poderosamente concorreu! (*Monitor Sul Mineiro*, 31/03/1889, p. 3)

Ora, a Igreja não poderia ficar fora desse processo de avanço. A primeira ação mais efetiva do clero nessa direção foi a criação de um colégio dirigido pelos padres locais. No período, frisamos, não havia ainda congregações religiosas na Campanha.

Novo collegio. – Consta-nos que os Rvdms. Srs padres João de Almeida Ferrão e Vital Vieira da Gloria projectão fundar nesta cidade um estabelecimento de instrucção primarias e secundaria sob a denominação de Collegio S. Luiz Gonzaga.

Estimaremos ver inaugurada e á prosperar essas casa da instrucção de que tanto carece nossa cidade. (*Monitor Sul Mineiro*, 14/11/1880, p. 3)

Não encontramos muitas referências sobre o Collegio São Luiz Gonzaga²⁴². Uma notícia de 1884, sobre a abertura de matrículas para os alunos, confirma que o colégio ainda existia. Na notícia, informa-se que as matérias ministradas serviriam de base para o ingresso nos cursos superiores do Rio de Janeiro e que somente alunos internos seriam aceitos (*Monitor Sul Mineiro*, 20/05/1884, p. 3). Adiante, não encontramos novas notícias sobre o colégio na imprensa da Campanha. Independentemente da duração do colégio, fato é que a Igreja começava a se mobilizar em torno de sua atuação na educação da Campanha, posteriormente, ganhando mais espaço na educação da região sul mineira.

Para assegurar um lugar no processo de modernidade²⁴³ que se desenvolvia, a Igreja adotara também outras ações, tendo em vista aumentar sua influência social na Campanha, garantindo à cidade a hegemonia da organização episcopal. Assim, em 1891, surge pela primeira vez a ideia da criação de um bispado na cidade. A mobilização foi intensa²⁴⁴, praticamente toda a sociedade da Campanha apoiou a causa. Nesse sentido, os dividendos políticos da elite oligarca local e a confirmação da cidade como berço do catolicismo no sul de Minas são pontos que devem ser compreendidos.

Para esse fim estamos dirigindo- nos a todos os sacerdotes desta zona pedindo auxílios pecuniarios e assignaturas que patenteiem ser esta medida uma aspiração geral da população dos municípios desta cidade, Rio Verde, S. Gonçalo, Santa Rita do Sapucahy, Três Pontas, Dôres, Varginha, Alfenas, Carmo do Rio Claro, Machado, Passos, Santa Rita de Cassia, S Sebastião do Paraizo, Jacuhy, Monte Santo, Caldas, Caracol, Poços de Caldas, Cabo Verde, Muzambinho, Pouso Alegre, Jaguary. Cambuhy, Ouro Fino, Itajubá, Vargem Grande, S. José do Paraizo, Christina, S. Sebastião da Pedra Branca, Pouso Alto, Passa Quatro, Baependy, Ayuruoca e Lavras. Parece-nos que a melhor divisão que se tiver de fazer compreenderá esses 34 municípios, que tem uma população superior a 600,000 habitantes e que poderá constituir um bispado em excellentes condições. (*Monitor Sul Mineiro*, 07/04/1891, p. 3)

A notícia não tem autor definido. Presumimos então que o excerto acima corresponda a um editorial do jornal, retratando a posição dos seus proprietários, que buscavam o apoio de outras cidades para a criação do bispado. Na verdade, o bispado só entrará em atividade em

²⁴² Nota de abertura (*Monitor Sul Mineiro*, 02/02/1881, p. 2).

²⁴³ Como dissemos, nesse momento, a Igreja Católica não entrou em conflito direto com quaisquer grupos que estivessem no poder. Inicialmente, a sua atuação segue no sentido de marcar e definir o seu espaço na sociedade da Campanha. Durante todo o período estudado, a oligarquia apóia a Igreja, desenvolvendo uma modernização conservadora na cidade.

²⁴⁴ O tema será melhor desenvolvido no próximo subtítulo.

1907. Mas, ao longo dos 16 anos que separam a notícia do início das atividades do bispado, sempre que possível, o assunto era pauta na imprensa.

Ainda no horizonte do progresso, temos na cidade a construção do Teatro São Cândido. Desconhecemos a data precisa de sua construção²⁴⁵. Na imprensa da Campanha, em várias ocasiões, encontramos notícias sobre eventos organizados e pedidos de doação em prol da construção do teatro.

O idealizador do projeto foi o fazendeiro Cândido Inácio Ferreira Lopes. Segundo Reis (2013), sua presença no Rio de Janeiro era constante. Assim, ainda em 1849 há um daguerreótipo²⁴⁶ com a sua imagem, uma das primeiras fotografias individuais que se tem registro na Campanha. Afeito as artes e as novas tecnologias, Cândido Lopes se empenha na construção do Teatro.

O Collegio Marianno, lembramos, ficava exatamente ao lado desse teatro.



Theatro São Candido e do Collegio Marianno. Foto de 1912. Fonte: Centro de Memória Monsenhor Lefort, Campanha - MG.

²⁴⁵ Na imprensa, não encontramos informações precisas sobre a data de sua inauguração. Nas fotos que temos do teatro, há uma inscrição, de 1893, ano de sua possível inauguração. Porém, mesmo em funcionamento, ainda havia eventos para angariar fundos para o término da obra do teatro. Também há relatos de eventos em 1892 — cf. Reis (2013).

²⁴⁶ Uma das primeiras formas de fotografia.

Dos vários eventos em prol da construção do teatro, destacamos, em especial, um deles, ocorrido em 1893 (noticiado somente um ano depois). Foi realizada uma t**ô**mbola (bingo), na qual a atuação donde o Collegio Marianno foi destacada, com uma grande doação.

Theatro S. Candido. Só hoje posso dar publicidade ás contas das despesas feitas com as obras que realisei no Theatro S. Candido, desta cidade, e a demora foi motivada pela difficildade da liquidação de algumas dividas da *Tombola*. Não tendo, porém, até recebido a importancia de todas as dividas, publico as contas das despesas feitas, com a referencia do dinheiro que me foi entregue a aproveito a oportunidade para mais vez agradecer, com reconhecimento sincero e profundo a quantos cavalheirosamente me auxiliarão nas obras do Theatro S. Candido.

Receita

Resultado da Tombola em 15 de Agosto de 1893

Collegio Marianno... 80\$000 (...) (*Monitor Sul Mineiro*, 11/05/1894, p. 3)

Apenas cerca de nove meses depois da t**ô**mbola, os dados são publicados²⁴⁷. O projeto do teatro era grandioso. Somente nessa fase da obra foram gastos 2:829\$340. Para entender o significado desse valor, consideremos a cotação da saca de café de boa qualidade na mesma edição do *Monitor Sul Mineiro*, isto é, entre 24\$500 e 25\$500. Em uma única fase, portanto, o valor da obra ultrapassara o de 110 sacas de café. Embora não possamos precisar o custo total da obra, podemos afirmar que os valores nela empregados foram significativos (*Monitor Sul Mineiro*, 11/05/1894, p. 3).

Fazer um teatro imponente era o principal objetivo. E a cidade começava a receber correntemente diversos espetáculos teatrais e musicais, dentre outros. A afeição pelas artes pode ser compreendida como um reflexo da modernidade que, gradativamente, se instaurava na cidade. Para melhor compreender a construção desse teatro, consideremos o seguinte excerto:

Além de estar em contato com as novidades técnicas, Cândido Inácio Ferreira Lopes esteve à frente da construção de um teatro local em Campanha no final do século XIX, uma obra minuciosamente idealizada por ele, construída nos moldes dos teatros de Sabará e Ouro Preto, constituindo-se numa obra monumental com traços de arquitetura colonial. Depois de terminada a obra, não foi por acaso que recebeu o nome de “Teatro São Cândido”. (REIS, 2013, p. 24)

Essas inovações vividas pela Campanha se deram ao longo de aproximadamente um quarto de século. E é nesse cenário que encontramos o desenvolvimento das atividades do

²⁴⁷ Esses balancetes foram assinados por Eulalio da Veiga Ferreira Lopes. Provavelmente, o idealizador do projeto já teria falecido.

Collegio Marianno não poderia ficar de fora. Claramente, a sua criação, em 1867, atendia a uma certa demanda, educar as meninas da elite da Campanha e região.

A implementação de estabelecimentos de ensino traria o progresso: mulheres instruídas estimulariam a melhoria do nível cultural, educacional e religioso da cidade. Uma escola feminina de ponta na cidade colocava a Campanha em um outro patamar, acima das demais cidades da região. A modernidade, porém, por vezes, avança a passos largos.

O Collegio Marianno cumpriu de forma brilhante o seu papel.

Apesar disso, a legitimidade da cidade como pólo regional de vanguarda na cultura sul mineira exigia novas ações. A relação entre a Igreja Católica Romanoizada e a elite oligarca local se estreita. O Collegio Marianno, agora, fora uma boa opção para educação das meninas, ensinando os conteúdos que atendiam as demandas do seu tempo. Mas a modernidade sempre pode encontrar novos caminhos, novas demandas e novas possibilidades.

Ser uma boa opção para a educação das meninas não significa ser necessariamente a única opção. Não é o caso de rotular o Collegio Marianno como arcaico, obsoleto ou ineficiente. A demanda no campo educacional, contudo, se modificara. Nisso, a transferência da educação das meninas da elite local para um segmento social com prestígio ímpar, a Igreja Católica.

(...) durante os últimos séculos, a secularização concretizou-se como um movimento simultaneamente desestruturante e estruturante da sociedade, pois, se ela provocou mudanças no relacionamento entre as Igrejas, o (novo) Estado e a sociedade, também deu origem a profundas transformações culturais. (CARTOGA, 2004 p. 40)

A força social da Igreja Católica, vinculada à atuação mais efetiva do governo de Minas Gerais na educação, deram o tom das novas prerrogativas sociais. No próximo subtítulo, discutiremos de que modo a modernidade conservadora da Campanha inviabilizou a manutenção do Collegio Marianno.

4.3 Novas configurações da educação na Campanha no início do século XX.

A presença da política ultramontana: criação do Colégio do Sion

O avanço da modernidade na Campanha e as mudanças políticas ocorridas no país afetaram diretamente o processo educacional da cidade. A presença de novos agentes educacionais que buscavam o seu espaço na cidade se fazia sentir de forma definitiva.

Para o fortalecimento do catolicismo na Campanha, foram fundamentais as constantes tentativas da população de criação de um bispado na cidade. Essa realização colocaria a Campanha também na vanguarda religiosa. Durante a última década do século XIX, o *Monitor Sul Mineiro* noticiou várias vezes o desejo da sociedade em ter um bispado na cidade.

Muitas ações foram realizadas tendo em vista angariar fundos para a construção do palácio episcopal. Do mesmo modo, outras tantas ações foram empreendida de modo que as senhoras da sociedade pudessem fazer doações para o enxoval do bispo. Encontramos vários relatos de doações de peças de enxoval, como toalhas, lenços, lençóis, dentre outros, feitos pela família e pelas alunas do Collegio Marianno.

A cidade da Campanha era um pólo cultural e político do sul de Minas Gerais. E a população participava efetivamente das atividades realizadas pela Igreja. Assim, a reivindicação de um bispado, a existência de pessoas que pudesse construir e manter um colégio que professasse a fé católica e o enfraquecimento do Collegio Marianno contribuíram vivamente para a vinda do Colégio de São (Sion) para a cidade, em 1904.

O avanço ultramontano encontrava eco na Campanha. Com a constante reivindicação da vinda de uma autoridade episcopal e o apoio de uma intervenção efetiva na educação das meninas, a Igreja Católica encontrou um espaço ideal em uma cidade pólo para implementar os seus projetos de manutenção da hegemonia da fé cristã. Possuir um colégio para meninas na cidade era algo positivo para a Igreja. E atendia o projeto das elites políticas locais. Essa configuração de uma modernização conservadora fica evidente então nesses momentos de aliança.

A partir de 1901, diminui gradativamente a presença do Collegio Marianno na imprensa da Campanha. No geral, as notícias que encontramos referentes ao colégio e à família estão relacionadas a óbitos, doações e pagamento de impostos. A participação das alunas em eventos sociais, religiosos e educacionais era cada vez menor. Chegamos mesmo a considerar a hipótese do fechamento do colégio já na virada do século XX.

Essa hipótese, contudo, não se confirmou. Nessa perspectiva, podemos inferir que a pujança educacional, a eficiência e a atratividade do colégio não eram mais as mesmas das décadas anteriores. O colégio continuava a funcionar, mas não sabemos em que condições.

Na verdade, o Collegio Marianno não podia atender os novos anseios da elite da Campanha. Fatores internos, como a morte de vários membros da família, somados as modificações políticas ocorridas no país e a aposta da Igreja na “teoria dos círculos concêntricos”²⁴⁸ foram peças fundamentais para a vinda do Colégio Sion para a região.

Curiosamente, a imprensa não informou como foi o processo de negociações que culminaram na escolha da cidade da Campanha para a instalação do Colégio Sion, assim como não dá informações sobre os responsáveis diretos por essas negociações. Em Lage (2007), encontramos, de forma breve, o relato do processo de negociação da vinda do Colégio do Sion para a Campanha.

A implantação do Colégio Sion na cidade da Campanha foi uma proposta de alguns representantes políticos e religiosos da região. Foi uma iniciativa do padre Natuzzi, diretor do Noviciado Jesuíta da cidade de Joaquim Leonel de Rezende Filho, deputado federal; e de Gabriel Valadão, promotor de justiça local. O deputado Leonel Filho visitou o Colégio Sion de Petrópolis e conversou com a Madre Superiora, que, posteriormente, veio até a Campanha buscar um local adequado para instalar a nova escola. (LAGE, 2003, p. 121)

Não há referências aos custos da implementação do colégio, ou sobre a existência de quaisquer subsídios públicos ou privados para a vinda das Irmãs do Sion para a região. Não podemos ainda precisar o tempo de negociação e as condições que foram impostas pelas irmãs. A primeira alusão feita pela imprensa sobre o Colégio do Sion é de 31 de janeiro de 1904. A notícia dizia que:

²⁴⁸ Conforme Manoel (1996), a *teoria dos círculos concêntricos* consistia em educar as mães na orientação cristã, para que pudessem formar filhos cristãos, os quais, por sua vez, constituiriam famílias cristãs e, estas, então, moldariam uma sociedade cristã.

Collegio de Sião

- Perfeitamente informados, temos o grande prazer de comunicar aos nossos leitores que se acha definitivamente resolvido o estabelecimento de um collegio de meninas nesta cidade, sob a direcção da distincta congregação das Irmãs de Sião.

Modelado pelo importante collegio de Petropolis informão-a os que será o collegio aqui dentro de pouco estabelecido uma sucursal de educação e instrução.

Para os primeiros preparativos da montagem desse desejado estabelecimento, é esperada nesta cidade, em todo o decorrer do presente mez a digna e respeitável Irmã Superiora dessa congregação, que de Petropolis virá a nossa legendaria terra.

Por enquanto limitamo-nos a felicitar a Campanha e á zona sul- mineira por essa importante aquisição, deixando para mais tarde desenvolvidas apreciações sobre esse importante melhoramento. (*Monitor Sul Mineiro*, 31/01/1904, p. 2)

Após o acordo feito, seria necessário criar alguma estrutura para que o colégio pudesse funcionar. Pouco mais de três meses após a confirmação da criação do Colégio de Sião na Campanha, uma comitiva, vinda de Petrópolis, chegou à cidade com a missão de escolher o imóvel. Este deveria ser amplo e arejado. Encontrar um imóvel adequado talvez tenha sido o primeiro obstáculo para as irmãs. Contudo, a comunidade da cidade se organizou e disponibilizou às irmãs a visitação a vários imóveis, de tal modo que pudessem escolher aquele que melhor atendesse as suas necessidades.

O Collegio Marianno, como dissemos, foi praticamente esquecido pela imprensa. Não temos condições de avaliar o modo como suas proprietárias receberam a notícia da vinda de um concorrente direto que certamente iria ocupar o seu lugar no *ethos* educacional das meninas na Campanha. Podemos fazer conjecturas, para as quais não há fontes que as confirmem. O fato é que, naquele momento, o Collegio Marianno, durante mais de trinta anos o pilar da educação feminina na Campanha e região, estava em processo de fechamento. Não encontramos indícios de qualquer tipo de reação das proprietárias, no sentido de tentar concorrer com o Colégio do Sion.

Outros fatores também podem ter contribuído para o fechamento do colégio. Por exemplo, a diminuição da família Marianno e o avanço da idade de suas proprietárias. Não encontramos registros da existência de funcionários no colégio, levando-nos a afirmar que as proprietárias deveriam ser as responsáveis por ministrar todas as disciplinas e, ainda, por cuidar das meninas. Provavelmente, as alunas mais velhas auxiliavam nas tarefas do colégio, mas toda a organização efetiva ficava a cargo das professoras, nesse caso, também proprietárias.

Em que pese à tradição e a credibilidade do Collegio Marianno, a vinda de um estabelecimento de instrução dirigido por mulheres de vida religiosa era um sinal de modernidade — ainda que em moldes conservadores — para a cidade. Embora, as irmãs Marianno tivessem uma vida reta e ilibada, não estavam intrinsecamente ligadas à Igreja. Lembramos ainda que uma das principais metas da política ultramontana era diminuir a influência dos leigos nas questões religiosas e, por consequência, nas educacionais. Por mais que toda a família Marianno tivesse uma postura de religiosidade, eles não pertenciam efetivamente ao quadro da Igreja Católica. Ademais, as notícias de época mostram que as freiras possuíam um inabalável prestígio social.

A vinda das irmãs do Sion foi um acontecimento festejado por toda a população da Campanha. Apesar de terem ficado pouco tempo na cidade, há registros do entusiasmo da população com a chegada das irmãs. Pouco mais de três meses após a confirmação oficial da criação da escola, o *Monitor Sul Mineiro* assim se referiu a vinda das Irmãs do Sion:

A chegada do trem grande foi o concurso de Exmas. Famílias e cavalheiros de nossa melhor sociedade, que alli se haviam reunido com o fim especial de receberem as virtuosas e distintas religiosas.

Depois dos primeiros cumprimentos, forão ellas acompanhadas por todas as pessoas alli reunidas até a residencia do Exmo. Sr. Leonel Filho, onde forão as illustres religiosas bondosamente e fidalgamente hospedadas durante a sua estada em nossa terra.

Entre nós permanecerão os dias 12 e 13 do corrente, regressando para Petropolis na madrugada de 14.

Nesses poucos dias de permanencia entre nós e acompanhadas sempre por distintas pessoas de nossa sociedade, visitarão alguns de nossos melhores edifícios públicos, algumas casas particulares e entre estas uma de excellentes accomodações e situação, o Grande Hotel Sanitario, onde pretentem estabelecer um collegio, modelado pelo de Sião, de Petropolis.

Oxalá que seja em breve inaugurado esse futuroso e importante estabelecimento de instrução e educação- que será mais um grande elemento para nosso desenvolvimento (...) (*Monitor Sul Mineiro*, 17/04/1904, p. 1)

Com o prédio escolhido, era hora de fazer as reformas e de divulgar a novidade para a comunidade. Não sabemos quem financiou as obras de reforma do Hotel Sanitario, no qual passaria a funcionar o colégio. Para divulgar a existência desse novo estabelecimento de instrução feminina, as irmãs se valeram fortemente da imprensa. Em quase todas as edições dos jornais *A Campanha* e *Monitor Sul Mineiro* havia referências sobre a futura inauguração do Collegio de Sião.

Ainda no mesmo ano, o *Monitor Sul Mineiro* noticiou a data da inauguração do colégio, 15/10/1904. O jornal ainda felicitava toda a população da Campanha e região pela

inauguração, e afirmava que todos ganhariam com o novo estabelecimento de instrução para meninas. As irmãs rapidamente definiram as datas da matrícula (a partir de 06/10/1904), os valores das mensalidades, 210\$000 para pensionistas e 120\$000 para alunas meio pensionistas e, posteriormente, publicaram o regulamento do colégio²⁴⁹ (*Monitor Sul Mineiro*, 25/09/1904, p. 2).

Não por acaso, a chegada das irmãs foi motivo de festa na cidade. A vinda do colégio para a Campanha se relacionava diretamente com o ideário de civilidade e progresso, enfatizando ainda o real papel da mulher na sociedade. Essas mudanças eram vistas como sinal de progresso, mas, no campo social e no que diz respeito a posição social da mulheres, as alterações foram tímidas.

As matérias dos jornais indicavam as dificuldades dos indivíduos na educação de suas filhas. Transferir essa responsabilidade para um colégio de “servas de Deus” era uma das formas de aplacar os ânimos dos pais, de assegurar o preparo das filhas para as obrigações femininas (dentre elas as matrimoniais) e de alcançar certo destaque social.

A limitação da educação oferecida em casa também passou a ser destacada. Segundo os relatos do *Monitor Sul Mineiro*, a educação feita pela família era limitada. Somente pessoas de grande lisura moral, competência e experiência poderiam oferecer uma educação adequada. As irmãs do Sion representavam todos esses adjetivos e era com esse prestígio social que se puseram a oferecer uma educação para meninas na Campanha.

²⁴⁹ Cf. anexo 17, página 227.

Realmente não é sem embaraços e profundos receios que um pai, digno desse nome, entrega um filho ou uma filha, a quem ele se habita a cercar de carinhos e amor, de ternura e cuidados, de solicitude e interesse ininterrompido, a um preceptor estranho, que vai continuar o delicado trabalho iniciado no lar paterno, dando luzes à intelligencia que começa a expandir-se, dando forças ao character que inicia sua formação, dando energias à consciência que surge, e que será amanhã a base em que descansa toda a felicidade da vida.

Na própria casa da família não se consegue realizar completamente o preparo intelectual e moral que exige a adolescência.

Não é possível haver em meio dos trabalhos caseiros, tantas vezes perturbados por distrações e entretenimentos devaria espécie, essa regularidade imprescindível que offerecem os institutos de educação e ensino, quando dirigidos por pessoal de notória aptidão.

Eliminado, pois, o ensino do lar, impôs-se a necessidade de buscá-lo fora, e, reconhecido o perigo de obtel-o máo e deficiente, fica patente a enorme e feliz vantagem e encontral-o em pessoas de induscutível competência e de provado saber.

É esta a condição auspiciosa e tranquilisadora em que temos a ventura de achar-nos.

O COLLEGIO DE SIÃO, fundado na Campanha, é um estabelecimento de instrucção do mais alto e precioso valor, com seus credits invejavelmente firmados, e de singular e raro merecimento. (*Monitor Sul Mineiro*, 23/10/1904, p. 1)

Aparentemente, o Collegio Marianno, durante mais de trinta anos, também realizou todas as funções descritas acima. Contudo, a vinda do Collegio do Sião, e o sinal de modernidade e progresso que então este colégio carregava, relegaram o esforço, empenho, trabalho e dedicação da família Marianno para um segundo plano. Podemos perguntar sobre as dificuldades enfrentadas pelo Collegio Marianno na virada do século, as quais podem ter impulsionado o clamor das elites por um novo estabelecimento de instrução para as meninas da elite da região da Campanha. Porém, não encontramos nenhuma informação nesse sentido. Levantar essa hipótese nos parece plausível, mas confirmá-la não nos foi possível.

No *Monitor Sul Mineiro* e na *Campanha*, há textos nos quais é possível encontrar a ideia de que a educação das meninas antes realizada na Campanha tinha enormes lacunas. As afirmações da imprensa referentes ao panorama pré-Sion parecem sugerir o esquecimento das contribuições do Collegio Marianno. Não queremos ter um olhar anacrônico e/ou apaixonado em relação às fontes, ao nosso objeto de pesquisa e ao momento histórico vivido pela Campanha no início do século XX. Mas, aparentemente, toda a obra realizada pelo Collegio Marianno parece ter sido mesmo descartada.

No capítulo III, apresentamos uma carta de um pai que elogiava o Collegio Marianno. Na carta, de 1884, esse pai afirmava ser ótima a qualidade da educação oferecida pelo colégio. Dizia, ainda, que prédio do colégio era arejado e limpo, considerava excelentes as

professoras e sugeria que ao colégio era possível entregar a educação das meninas com tranquilidade. Vinte anos depois, as opiniões não são mais as mesmas. O texto abaixo mostra o modo como a educação das meninas passou a ser entendida pela imprensa com a chegada do Collegio de Sião.

O estabelecimento que ora se vai crear, tendo a sua frente a boa vontade e energia da illustrada Irmã Superiora, é, e ninguém de boa fé o contrastará, um elemento poderosamente vital para o nosso organismo que definha e um mágico propulsor para o nosso progresso e engrandecimento, retardados pela lethargia do mais criminoso descuido que nos tem assoberbado. (*A Campanha*, 19/09/1904, p. 1)

No primeiro capítulo, fizemos uma longa discussão sobre a factibilidade do uso do jornal como fonte histórica. Parece razoável supormos que a opinião expressa nesse jornal sobre a educação das meninas não refletia necessariamente a opinião da população da cidade. Todavia, de fato, no jornal, encontramos indícios de que o Collegio do Sion era entendido, ao menos por uma parcela da população — ou se queria que assim fosse tomado — como “um mágico propulsor para o nosso progresso e engrandecimento” da cidade.

Disso, podemos formular a hipótese de que tudo o que havia sido feito antes, com relação à educação das meninas, fazia parte do passado. A vinda do Collegio de Sião marcou uma nova fase da educação da região: o progresso e a modernidade haviam chegado definitivamente.

Os modelos educativos anteriores perderam sentido e o apoio da elite local, e suas existências deixam de ser importantes. Embora o Collegio Marianno tenha cumprido um papel relevante na formação das meninas, desde 1867, os problemas internos e os novos valores da modernidade (também representados, na Campanha, pela instalação do Colégio das Irmãs do Sion²⁵⁰) tornam sua existência desnecessária.

O apoio da sociedade da Campanha foi essencial para o sucesso do Colégio do Sion. Não havia como concorrer com esse novo estabelecimento de ensino. A sociedade o tomava pela total inovação, pelo moderno e perfeito. O fechamento do Collegio Marianno passou a ser então questão de tempo.

²⁵⁰ Se é certo que a vinda das irmãs do Sion representava uma defesa da fé católica e uma tentativa de frear os avanços liberais, é provável que representasse também novos conhecimentos e regras e credibilidade. De fato, há uma aliança dos interesses da Igreja Católica e das elites da Campanha. A Igreja colocaria em prática efetivamente o seu projeto ultramontano e a aristocracia da Campanha buscava forjar mulheres educadas, capacitadas e tementes a Deus. Ademais, o colégio expressava o progresso da cidade, que, agora, estaria ainda mais na vanguarda educacional do sul de Minas.

A escola celebra a política republicana pela divulgação de seu ideário, corporificando os seus símbolos e valores. A instalação do Colégio Sion na cidade vai ao encontro das ansiedades dos políticos e da elite local, pois *salva* a todos do *definhamento* em que se encontram. (LAGE, 2007, p. 124)

Mas o Colégio Sion significava a modernidade apenas parcialmente. Segundo as irmãs, o programa de disciplinas do colégio era dos mais modernos no mundo ocidental. Para as meninas, nas séries iniciais (o curso elementar), o currículo era assim composto:

O systema adoptado nos numerosos estabelecimentos de educação que a Congregação tem na Europa, Asia, Africa e America, há produzido bons resultados. O programa de estudos comprehende todas as materias ensinadas nos principaes internatos da Europa.
Curso elementar - Leitura, Escripta, Arithmetica, Historia Sagrada, geographia, Lingua Portugueza, Lingua Franceza, Desenho linear, Piano, Solfejo²⁵¹, trabalhos de agulha. (*Monitor Sul Mineiro*, 16/10/1904, p. 2)

Se compararmos a organização desse currículo ao que foi ensinado no Collegio Marianno, perceberemos que as diferenças são mínimas. E, ainda que não tenhamos elementos que nos possibilitem comparar os métodos pedagógicos em ambas as escolas, afirmar que a vinda do Colégio Sion para a Campanha decorre exclusivamente de uma demanda educacional seria reduzir significativamente o estudo da História.

A união da aristocracia da região campanhense, aliada aos interesses da Igreja Católica e à impossibilidade do Collegio Marianno de se reinventar, foram os motivos que fizeram com que o Collegio do Sion viesse a substituir o Collegio Marianno na formação das meninas. Saí o velho, retrogrado e decadente Collegio Marianno e entra o novo, moderno e auspicioso Collegio de São.

²⁵¹ Basicamente é uma forma de cantar utilizando a técnica de leitura de partituras.

4.4 A interferência do Poder Público na educação da Campanha: a consolidação de interesses e o fechamento do Collegio Marianno

A situação do Collegio Marianno estava cada vez mais difícil. A força da Igreja Católica, representada pelo Collegio de Nossa Senhora de Sion²⁵², e as intervenções pontuais do Estado de Minas Gerais na educação foram mesmo elementos determinantes para o fechamento do “afamado” colégio da família Marianno.

O Colégio Sion, como ficou popularmente conhecido, já na inauguração, contou dezessete alunas matriculadas. No ano seguinte, em 1905, esse número foi para vinte e cinco alunas (15 meio pensionistas e 10 pensionistas) (*Monitor Sul Mineiro*, 01/01/1905, p. 1). Apesar do aumento do número de alunas, a Madre Superiora tomava medidas para estimular outras novas matrículas, como baixar os custos das trimensalidades²⁵³. A diminuição do valor das mensalidades, possivelmente, atrairia ainda mais alunas. Não encontramos registros sobre os valores praticados pelo Collegio Marianno, razão pela qual não pudésemos comparar os custos da manutenção de uma aluna nesses estabelecimentos de instrução. Porém, ainda assim, parece-nos, mais nada poderia ser feito então para a continuidade do colégio da família Marianno.

O *Monitor Sul Mineiro* enfatizava de modo recorrente a competência das religiosas na administração do colégio e na educação das discípulas. Em uma de suas edições, na primeira página, o jornal noticia:

Um collegio modelo: Si já não o é, acreditamos entretanto, que dentro em pouco, será um dos mais importantes collegio de Minas, não só pela sua collocação em um ponto cujo clima e condições hygienicas são por todos reconhecidos e recommendados,- como pela proficiência, methodo e carinho pelo qual é dirigido pelas illustres e virtuosas Irmãs de Sion. (*Monitor Sul Mineiro*, 14/10/1905, p. 2)

Não havia como competir com um dos “melhores colégios do estado”. Mas, se a situação do Collegio Marianno parecia complicada, se tornaria ainda pior. O governo de Minas Gerais, cortando gastos, fechou todas as Escolas Normais do Estado (exceto a de Belo Horizonte). Para que a cidade não ficasse sem o tipo de ensino oferecido pelas escolas

²⁵² Após a inauguração, o Collegio do Sião passa a ter o mesmo nome da Congregação, *Collegio Nossa Senhora de Sion* (*Monitor Sul Mineiro*, 22/01/1905, p. 2).

²⁵³ Em 1904, as alunas pensionistas pagavam 250\$000 e as meio pensionistas 180\$000 (*Monitor Sul Mineiro*, 16/10/1904, p. 2). Com a redução proposta pela Madre Superiora, o valor das mensalidades para alunas pensionistas passa a ser de 200\$000 e de 150\$000 para as meio pensionistas (*Monitor Sul Mineiro*, 23/03/1905, p. 2).

normais, os políticos locais da Campanha propuseram ao governo do Estado que fosse ofertado o magistério nas dependências do Collegio Sion. Assim, as alunas poderiam ser matriculadas no colégio entre 7 e 9 anos de idade e de lá saírem com a formação de professoras, aos 15 e 16 anos de idade. Eis mais um atrativo para que os pais se empenhassem em matricular suas filhas no Collegio do Sion.

No ano de 1905, Bráulio de Vilhena Junior, médio, pai de uma aluna do Colégio Sion, e que assumiu o cargo de secretário de Finanças do Governo João Pinheiro no ano seguinte, foi o responsável pela negociação da equiparação da Escola Normal do Colégio Sion à Escola Normal de Ouro Preto. Em 1906, a Escola Normal da Campanha já não funciona mais e o Colégio Nossa Senhora de Sion recebe o parecer favorável para o funcionamento do seu Curso Normal. (LAGE, 2007, p. 132)

No Collegio Marianno, as alunas podiam fazer apenas o primário. Adiante, tinham de deixar o colégio. No Sion, contudo, poderiam ter uma formação completa. Aqui, se passariam anos fora de casa, ao final, ao menos, teriam recebido adequado preparo para serem esposas e mães e, ainda, concluíam o ciclo escolar com uma profissão. Pouco tempo depois, o governo do estado equiparou o Colégio Sion à escola normal e o colégio passa a ser a única escola do sul de Minas Gerais a ofertar essa modalidade de educação. Concorrer, agora, com um colégio “completo” era impossível ao Collegio Marianno.

A atuação do poder público na educação se acentuou nesse período. Em 1906, uma significativa mudança é promovida pelo governo do Estado de Minas, a Reforma João Pinheiro. O *Monitor Sul Mineiro* noticia o processo de reorganização da educação mineira.

Reorganização da instrução publica em Minas. - A respeito da reorganização da instrução publica em Minas, reorganisação que segundo se affirma vai ter lugar no proximo governo do illustre mineiro, Sr. Dr. João Pinheiro, transcrevemos em seguida um telegramma de S. Paulo, de 14 do corrente, transmitido do nosso conceituado collega o Jornal do Commercio do Rio de Janeiro. Eil-o:

<S. Paulo, 14. - O dr. Mario Bulcão, Inspector Geral do Ensino aqui, foi convidado para reorganizar a instrução publica no Estado de Minas Geraes, no futuro governo do Dr. João Pinheiro.

Sei que o Dr. Mario Bulcão aceitou o convite e deixará o cargo que ocupa aqui.> (*Monitor Sul Mineiro*, 20/05/1906, p. 2)

Ainda que a relação entre esse telegrama, a Campanha e o Collegio Marianno possa não parecer evidente, o fato é que a reforma na educação mineira foi decisiva para o fechamento do Collegio Marianno, a “pá de cal” restante. O governo do Estado de Minas

Gerais tomaria medidas importantes para a educação mineira, as quais determinariam o fim do Collegio Marianno.

Pouco tempo depois do anúncio da reorganização da educação em Minas Gerais, os professores da extinta Escola Normal, agora disponíveis, foram convocados para uma reunião na capital mineira. O governo do Estado pretendia aproveitar esses profissionais na fiscalização das escolas do estado. No entanto, uma nova possibilidade foi considerada: a criação de grupos escolares, mantidos pelo poder público, nos quais seriam alocados esses professores. A princípio, a iniciativa se daria apenas em Juiz de Fora, porém, diante da possibilidade, os políticos da Campanha se organizaram em prol da criação de um grupo escolar também em sua cidade.

Professores em disponibilidade. - Pelo Illustre Sr. Dr. Carvalho Britto, secretario do interior, forão convidados todos os professores públicos em disponibilidade das escolas normaes suspousas, para uma reunião que se realisará em Bello Horisonte, no dia 1 de Outubro proximo, afim de serem os mesmos aproveitados na fiscalisação technica do ensino primário do Estado. (...)

Ora, sendo estas organizações uma das ideias do actual governo, é justo que o professorado em disponibilidade da escola normal da Campanha seja aproveitado em um grupo escolar aqui organizado e estabelecido e não na inspecção de escolas primarias.

Como taes, são todos por lei considerados vitalícios e assim, pensamos, que o governo não tem o direito de obrigar-os a inspecção de escolas primarias, em zonas differentes a suas residências. (*Monitor Sul Mineiro*, 30/09/1906, p. 1)

Os debates sobre a alocação desses professores se arrastaram por meses. A imprensa da Campanha acompanhou com atenção os desdobramentos dessa discussão. Caberia, então, perguntar sobre a relação entre a criação do grupo escolar na cidade da Campanha e o fechamento do Collegio Marianno.

Não há como afirmar que o grupo escolar a ser criado na Campanha foi o responsável pelo esvaziamento do remanescente discente do Collegio Marianno. De qualquer modo, ainda que assim não tenha se dado, sabemos que as professoras do Collegio Marianno deixaram de lá atuar para ensinar no grupo escolar da Campanha.

Em 21 de julho de 1907, foi noticiada a criação do Grupo Escolar na cidade da Campanha — o qual, posteriormente, receberia o nome de Zoroastro de Carvalho. A criação desse estabelecimento de ensino vem ao encontro do processo de progresso que gradativamente se instaurava na Campanha. Além disso, esse tipo de educação auxiliaria no processo de civilidade das camadas populares. Considerava-se que o novo estabelecimento de

instrução solucionaria algumas das demandas educacionais da cidade. Ademais, a criação do grupo escolar reafirmava o lugar de liderança da Campanha.

Mesmo que timidamente, agora, havia a possibilidade de acesso à educação às camadas sociais menos favorecidas da cidade²⁵⁴. Os professores, antes da escola normal, tinham um novo lugar de trabalho. E os políticos locais que trabalharam pela criação do grupo escolar receberam seus dividendos sociais e políticos. O decreto foi assim noticiado:

Grupo escolar. - Por decreto n. 2554, de 13 do corrente, foi creado nesta cidade pelo governo estadual um grupo escolar. Este importante melhoramento foi recebido com grande contentamento da população campanhense, sendo dirigidos ao Illustre Sr. Dr. Carvalho Brito, opresoso secretario do interior diversos telegrammas congratulatórios. (*Monitor Sul Mineiro*, 21/07/1907, p. 2)

A criação do grupo escolar foi vivamente comemorada pela comunidade da Campanha. Festas, discursos efusivos, dentre outras ações marcaram a confirmação da criação do novo estabelecimento de instrução. Novamente o Collegio Marianno não ficaria ileso.

Se a vinda do Colégio Sion prejudicou o funcionamento do Collegio Marianno, o seu fim é marcado com a nomeação de uma das irmãs Marianno, Mathilde Xavier Marianno, como professora do grupo escolar, em 03 de novembro de 1907.

Grupo escolar da Campanha. Forão nomeados:
Director do Grupo Escolar da cidade da Campanha, o Dr. Julio da Veiga.
Professores do mesmo Grupo: Eulalio da Veiga, D. Sophia da Costa Araujo, D. Maria Ribeiro de Andrade, **D. Mathilde Marianno**, D. Estephania dos Reis, D. Maria Amalia Valladão Horta e D. Julieta Villaça. (*Monitor Sul Mineiro*, 03/11/1907, p. 2- grifo nosso.)

Não há registros indubitáveis do período de encerramento das atividades do Collegio Mariano, mas, há indícios que nos permitem afirmar que esse período é simultâneo à nomeação de Mathilde Xavier Marianno como professora do recém criado grupo escolar da Campanha. A última notícia sobre as atividades do colégio data de 21 de abril de 1906. Após essa data, nada mais foi encontrado. Supomos que, em 1907, o Collegio Marianno encerrou, enfim, suas atividades²⁵⁵.

²⁵⁴ No encerramento das matrículas para o ano letivo de 1908, segundo o *Monitor Sul Mineiro*, havia 257 meninas e 205 meninos que estudariam no recém inaugurado grupo escolar (*Monitor Sul Mineiro*, 05/04/1908, p. 1).

²⁵⁵ Ainda que frágil, a hipótese é a mais plausível que pudemos levantar. Sabemos que Mathilde Xavier Marianno passa a trabalhar na escola pública e que sua irmã Francisca Candida Marianno ficou doente (*A Campanha* menciona a doença de Francisca), provavelmente, por um longo tempo. Com a idade avançada,



Equipe de Professores do Grupo Escolar Zoroastro de Carvalho em 1911. Fonte: Centro de Memória Monsenhor Lefort, Campanha - MG.

A inauguração oficial do Grupo Escolar ocorreu em 21 de abril de 1908, contando com a presença de autoridades de todo o estado. Mathilde Xavier Marianno estava presente e foi apresentada como professora do novo estabelecimento de instrução. Não há indícios da participação de outros membros da família Marianno na inauguração.

Mathilde Xavier Marianno trabalhou como professora primária da rede pública de ensino de Minas Gerais até se aposentar. Faleceu aos 88 anos, em 6 de junho de 1945 (Quem é quem na história da Campanha, s/d, p. 45).

Durante essa nossa pesquisa, encontramos sérias dificuldades relacionadas às fontes primárias. Quanto aos registros sobre o fechamento do colégio não foi diferente. Não encontramos quaisquer indícios nos jornais da cidade, ou em jornais da região, referentes ao fim das atividades do Collegio Marianno. Nossa pesquisa estendeu-se até 1915, ano da morte da fundadora do colégio, aos 75 anos de idade.

lidando sozinha com o estabelecimento de ensino, com a gradativa diminuição de alunas, Francisca deve ter decidido pelo fechamento do colégio da família.

Fallecimentos

No dia 3 do corrente falleceu nesta cidade, após antigos e penosos sofrimentos, a distinta e respeitável campanhense Exma. Sra. D. Francisca Marianno, que por muitos annos, brilhantemente dirigio aqui auxiliada por suas Exmas Irmãs, o antigo e conceituado “Collegio Marianno” para meninas.

Caritativa e esmoler, a saudosa finada, escrimio das mais peregrinas qualidades, gosava no seio da sociedade campanhense de juta e geral estima. Foi um’ alma grande e por isso a triste noticia do seu passamento ecoou dolorosamente em toda cidade, que sempre votou o maior respeito e consideração ás suas excepcionais virtudes.

A’ toda a sua illustre e Exma. Familia, tão durante, enviamos, as nossas sentidas condolências. (*A Campanha*, 13/07/1915, p. 2)

O jornal aponta para um novo elemento a colaborar para o fim do colégio. A notícia não é precisa quanto ao período da doença de Francisca Candida Marianno. Todavia, podemos supor que, já entre os anos de 1907 e 1908, Francisca não podia mais conduzir sozinha o Collegio Marianno. O avançar da idade de Francisca, a concorrência do Colégio Sion e a entrada de Mathilde no Grupo Escolar inviabilizaram a manutenção das atividades do Collegio Marianno.

A falta de dados precisos dificulta a definição da data do encerramento das atividades do Collegio Marianno. Esse obstáculo, como vimos, se estendeu na investigação da dinâmica interna do colégio, de seus regulamentos, dos valores cobrados, dos anos dos exames dentre outros, o que, contudo, não nos impede de reconhecer seu valor na educação feminina na região sul Mineira.

O Collegio Marianno foi o estabelecimento particular de maior longevidade do sul de Minas Gerais durante a segunda metade do século XIX e o início do século XX. Funcionou aproximadamente por 40 anos, entre 1867 e 1907. Meninas de toda a região foram educadas e viveram parte de sua infância e adolescência nesse colégio. Nosso intuito foi o de reavaliar as contribuições do colégio para o projeto formativo vigente no seu tempo de funcionamento e explorar novas possibilidades de pesquisa.

Como dissemos, há poucas pesquisas sobre estabelecimentos de instrução particulares durante o período estudado. Aqui, portanto, em nossa pesquisa, exploramos novos caminhos de investigação. Assim, a possibilidade de incorrerem em erros interpretativos, lacunas teóricas e temporais e em problemas metodológicos é maior do que em uma pesquisa sobre um tema amplamente debatido.

De qualquer modo, com nosso estudo pretendemos contribuir na difusão dessa temática de investigação no campo da História da Educação, já que há outros tantos estabelecimento femininos de instrução, mantidos por particulares e dirigidos por mulheres,

no sul de minas (e, provavelmente, em outras regiões do país), durante a segunda metade do século XIX, que merecem ser estudados.

Retomando nossa epígrafe, não sabemos como e quando se darão novas pesquisas sobre objetos similares ao nosso. As possibilidades são muitas. O que nos motiva é o processo investigativo. Sabemos, porém, que há muito a ser pesquisado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Após a leitura de milhares de edições de jornais e de diversos estudos, algumas considerações podem ser feitas. Uma delas diz respeito ao uso dos jornais como fonte para a pesquisa histórica. Eles são, sem dúvida, instrumentos de suma importância para a compreensão do cotidiano de qualquer tempo. Por certo, no entanto, o seu uso exige a adoção de uma certa metodologia. Por exemplo, há que compreender o momento no qual a fonte foi produzida, suas filiações políticas, culturais e sociais. Em nosso trabalho, a utilização do jornal *Monitor Sul Mineiro* foi fundamental. A riqueza de informações nele contidas possibilitou a construção de nossa pesquisa. Embora nosso objeto de investigação fosse um colégio de educação feminina, no *Monitor*, outros tantos dados valiosos foram encontrados. Ora, a educação não se dá apenas em estabelecimentos de instrução. Assim, a criação de normas de comportamento e a definição de valores a serem seguidos também se via nas páginas do *Monitor*.

A função da imprensa na profilaxia de mudanças abruptas na sociedade e como divulgadora de valores sociais não pode ser descartada. Optamos em fazer um texto ligado a educação, contudo, essa nossa fonte central de pesquisa captou o cotidiano da Campanha e região. Logo, novos temas e abordagens relativos à educação sul mineira puderam ser observadas nas páginas do *Monitor*. Sem a existência e a preservação desse jornal, não teríamos condições de realizar o nosso estudo.

Uma outra consideração se faz necessária: é imprescindível que novas pesquisas sobre escolas particulares existentes no sul de Minas durante o século XIX sejam realizadas. Deparamo-nos com muitos estabelecimentos de instrução de ambos os sexos ou de co-educação na região, no período investigado. Para compreendermos de forma mais sistematizada a educação na região sul Mineira, urge então a realização de novas pesquisas.

Em nosso trabalho, apontamos alguns elementos importantes relativos ao processo educativo das meninas no período estudado. Especialmente, frisamos a existência de uma elite oligarca local que percebia a importância da educação para meninas do seu grupo social. Ainda que uma educação conservadora, a instrução das mulheres passou a ser valorizada, atribuindo-lhes algum tipo de diferenciação social. Ou seja, as meninas educadas teriam condições de realizar melhores casamentos e ainda eram consideradas preparadas para a educação dos filhos. Entretanto, o acesso ao conhecimento trouxe outras benesses para as meninas. Um exemplo pode ser observado na possibilidade dessas mulheres continuarem os

estudos e se tornarem professoras. Elas passariam a ter presença efetiva na cena pública, além de um ordenado e de uma profissão.

Em relação ao Collegio Marianno, várias questões relevantes podem ser mencionadas. A sua fundação e longevidade estiveram intimamente ligadas à ideia de que a manutenção de um colégio para as meninas era uma forma de progresso. Em nosso texto, buscamos mostrar sobejamente a valorização do conhecimento como elemento relacionado à modernização e à civilidade.

Não seria possível estudar qualquer estabelecimento de instrução da segunda metade do século XIX desconsiderando sua ligação com o ideal de avanço da modernidade. Civilizar, educar e referendar as forma de comportamento são os aspectos mais marcantes do processo educativo nesse período. Nessa perspectiva, a atuação da família Marianno integrou esse projeto de modernidade que cada vez mais se configurava. Ao observarmos o modo como seus membros se portavam, podemos compreender a responsabilidade e o prestígio que alcançaram. Para tanto, tiveram (ou, ao menos, pareciam ter) uma vida ilibada. Das sete irmãs que atuaram no colégio, apenas uma se casou. Isso nos permite levantar a hipótese de que o celibato era prática comum nessa família. A hipótese parece ser corroborada pelo conteúdo dos obituários das irmãs que faleceram. Valores como a virgindade e a religiosidade sempre estiveram na pauta da educação ofertada pelo colégio.

Mesmo Bernardo José Marianno, o único homem ligado ao colégio, teve uma vida aparentemente casta. Não temos como afirmar com certeza que optou pelo celibato. Porém, o fato de ser solteiro e de prezar por uma vida de aparência “casta”, mais uma vez, indica a ligação de sua família com os valores morais e os “bons costumes” então vigentes.

Ademais, há que se mencionar a relação estreita entre a família Marianno e a Igreja Católica. A defesa dos comportamentos alinhados aos valores católicos sempre esteve presente no processo educativo das meninas que foram entregues aos cuidados dos Marianno. Sabemos que isso era uma característica comum no período, no entanto, a própria família Marianno viveu intensamente os dogmas católicos, os quais seriam transmitidos as filhas das elites da região, em acordo com o modelo educativo considerado ideal.

Questões pedagógicas também foram observadas. Mostramos que a circulação das ideias pedagógicas e metodológicas chegaram à Campanha. Há claros indícios de que as professoras do Collegio Marianno tinham conhecimentos metodológicos relacionados ao ensino. Aparentemente, os métodos lancasteriano e o misto foram usados no colégio. Provavelmente, as irmãs tiveram contato com esses métodos na Eschola Normal, aplicando-os, ainda que parcialmente, no colégio da família.

Discorreremos também sobre as “grades curriculares” do colégio. Embora não tenhamos nos debruçado na história das disciplinas escolares, ao percebermos inserções e supressões de disciplinas na “grade curricular” do colégio, podemos conjecturar que essas escolhas não foram aleatórias. Na verdade, essa investigação ainda está por ser feita. Todavia, podemos questionar, por exemplo, o porquê da mudança dos idiomas ensinados e da inserção, e posterior exclusão, de disciplinas como história.

As mudanças no cenário educacional que ocorreram na Campanha não estão dissociadas dos demais fatos sociais. Se observamos o aumento do número de escolas, observamos ainda que outros setores também tiveram grande evolução. Por exemplo, a imprensa, com o surgimento constante de jornais, a oferta de produtos e serviços também se avoluma, e a Campanha assiste ainda a chegada da ferrovia e a criação de um teatro. Os ideais da modernidade então se consolidavam paulatinamente na cidade e na região. Logo, os estabelecimentos de instrução que se instalavam na cidade se inseriam nesse mesmo horizonte.

A política local também esteve ligada ao cenário educacional. A criação e a vinda de novos estabelecimentos de instrução atendia as demandas locais. A imprensa foi um espaço para discussão de projetos e de ideias. Por isso, compreender a relação entre o poder público e a imprensa é fundamental para entender o silenciamento ou o destaque de determinado grupo social. Por exemplo, sabemos que Bernardo José Marianno entra com uma ação judicial contra a câmara municipal para receber seus salários atrasados. Naquele momento, os proprietários do *Monitor Sul Mineiro* eram também os vereadores da Campanha. O resultado foi que Bernardo e sua família foram como que ostracizados na imprensa. Após a resolução do imbróglio judicial, a relação entre a família Marianno e a imprensa é retomada.

Novamente, reforçamos a ideia de que, na Campanha, buscava-se o progresso, mas sem que para isso rupturas abruptas fossem sentidas na trama social. Ou seja, os papéis sociais cristalizados no século XIX deveriam ser mantidos. As elites locais primavam por uma cidade mais progressista, moderna e de vanguarda, desde que as mudanças se dessem de forma conservadora. As inovações teriam espaço, mas não deveriam causar mudanças sociais significativas.

Se é verdade que as mulheres poderiam ter acesso as inovações que se consolidavam na Campanha, é também verdade que não havia um projeto de mudança de sua posição social. Acrescente-se que, no período, não se contam projetos sociais para as classes subalternas. Nos jornais pesquisados, elas não tinham voz.

O conservadorismo foi a regra. As mudanças na estrutura política e religiosa que ocorrem no país refletiram na Campanha. O fim da monarquia e do padroado reorganizou os projetos da elite oligarca da cidade e região. A proclamação da República possibilitava a chegada ao poder das elites do país. Essa nova fase da política brasileira era vista como um momento de avanço, desenvolvimento e progresso. Portanto, colocar a Campanha na vanguarda civilizacional era cada vez mais importante.

Para que esse projeto fosse cada vez mais efetivo, a aproximação com a Igreja Católica seria fundamental. Mas, na análise dessa aproximação, foi preciso melhor compreender a situação do catolicismo naquele momento. A reação da Santa Sé diante da crise do catolicismo na Europa, veio ao encontro da necessidade de consolidação de uma modernidade conservadora na Campanha. De fato, a Igreja era contrária aos avanços liberais. Todavia, a união de interesses das elites locais e do catolicismo acabam por inscrever algumas iniciativas da Igreja no projeto de modernidade conservadora da Campanha.

De um lado, a elite da Campanha, objetivando consolidar uma modernidade conservadora na cidade. De outro, a Igreja, buscando reafirmar seus dogmas e angariar recursos. A educação foi o elo definitivo que uniu esses diferentes projetos.

A instalação do Colégio do Sion, um colégio dirigido por religiosas, atendeu a ambos os interesses. A elite local mostrava a força de sua cidade, já que a Campanha, agora, dispunha de um colégio moderno, em moldes europeus, com uma educação de ponta, empreendida por pessoas de irrestrita credibilidade. E, ademais, essa educação reafirmava a posição e o comportamento social das mulheres. Por sua vez, a Igreja Católica via na Campanha a possibilidade de perpetuar os seus dogmas, por meio da educação das meninas, garantindo, assim, cada vez mais, a hegemonia católica na cidade e região.

Na ocasião, esse dois grupos se unem então de forma utilitarista. As diferenças são postas de lado, permitindo-nos afirmar que temos, no período, na Campanha, uma modernização conservadora. O Colégio do Sion foi o ponto de culminância desse progresso aliado ao conservadorismo.

Em meio a esse processo de mudanças, encontramos o Collegio Marianno, também ele, antes, fruto dos avanços da modernidade que se desenvolviam na Campanha, mas durante a segunda metade do século XIX. Saliente-se que, no período estudado, a discussão sobre o avanço da modernidade não estava ligada diretamente aos aspectos pedagógicos. A mudança e a significação da educação como aspecto inerente ao progresso, e, por conseguinte, da modernidade, criou a demanda de um estabelecimento de instrução que fosse compreendido como avanço para cidade e região.

A organização familiar do próprio Collegio Marianno dificultava a possibilidade da continuidade de suas atividades. O colégio não tinha funcionários, ou seja, suas atividades se centralizam nas mãos da família. E a aparente opção pelo celibato da maior parte dos membros da família (nisto, a falta de herdeiros) inviabilizou a continuidade das atividades do colégio. Ele cumprira seu papel, contudo, para a consolidação definitiva da modernidade, novas mudanças eram necessárias, as quais foram contempladas com a fundação do Colégio do Sion.

A criação do grupo escolar, embora causa secundária, também colaborou para o encerramento das atividades do colégio. A atuação do poder público, no sentido de gerar possibilidades educacionais e de desenvolvimento do projeto civilizacional para a sociedade do início do século XX, também se relacionava ao *ethos* da modernidade. Assim, foi criado o grupo escolar na Campanha. Uma das proprietárias do Collegio Marianno passa a trabalhar nesse estabelecimento de instrução, contribuindo para o fim das atividades do Collegio Marianno.

Por fim, podemos dizer que o Collegio Marianno cumpriu a função que lhe foi atribuída, e que compreender a organização da educação na Campanha no último quartel do século XIX e sua relação com os projetos de sociedade vigente naquele período foi um dos nossos principais objetivos nesse estudo. Por certo, nosso estudo indica ainda lacunas a serem preenchidas pelo campo da histografia.

Lembramos que a educação não esteve (e não está) imune aos projetos elaborados no seu tempo. As relações de tensão e conflito e de rupturas e permanências presentes na dinâmica social são inerentes à compreensão do processo escolar. Levantar e compreender as disputas de projetos políticos e sociais e as relações de poder são algumas das tarefas do historiador. Nossa contribuição não é definitiva. Nossa maior certeza é que ainda há muito a ser pesquisado.

BIBLIOGRAFIA:

ALTHUSSER, L. P. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

AMADO, Janaína. História e Região: reconhecendo e construindo espaços. In: SILVA, Marcos (Org.) **República em Migalhas: História Regional e Local**. São Paulo: Marco Zero/CNPq, 1990.

ANDRADE, Marcos. **Campanha da Princesa: guia de fontes para História do Sul de Minas**. 2001 (CD-ROM).

AQUINO, Maurício de. **Romanização, historiografia e tensões sociais: o catolicismo em Botucatu-SP (1909-1923)**. In: Revista de História e estudos culturais. Uberlândia, Vol. 8, 2011. Disponível em: < www.revistafenix.pro.br > Acesso: 12 dezembro de 2013.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofando: introdução à filosofia**. 2ª Ed. São Paulo: Moderna, 1993.

ARRUDA, Maria Aparecida. **Formar almas, plasmar corações, dirigir vontades: o projeto educacional das Filhas da Caridade da Sociedade São Vicente de Paulo (1898-1905)** (tese de doutorado). Rio de Janeiro: UERJ, 2010.

ASANO, Sandra Nui. **Colégio Nossa Senhora das Dores e a formação de piedosas filhas**. In: II Congresso Brasileiro: História, Memória da Educação Brasileira, 2002, Natal. Anais do II Congresso Brasileiro: História e Memória da Educação Brasileira. Natal: Núcleo de Arte e Cultura da UFRN, 2002.

BACELLAR, Carlos. Fontes documentais. Uso e mal-uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2006.

BASTOS, Elide Rugai. Gilberto Freire: Casa- grande e senzala. In: Mota, Lourenço Dantas (org.). **Introdução ao Brasil. Um banquete nos trópicos**. Vol 1. 3ª Ed. São Paulo: Editora SENAC, 2001.

BASTOS, Maria Helena Camara. Espelho de papel: a imprensa e a história da educação. In: ARAÚJO, José Carlos e GATTI JR, Décio (orgs.). **Novos temas em história da educação. Instituições escolares e educação na imprensa**. Uberlândia: EDUFU; Campinas: Autores Associados, 2002.

BLOCH, Marc. **Apologia da História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

BORGES, Vavy Pacheco. **O que é História**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BOTO, Carlota. “A racionalidade escolar como processo civilizador: a moral que captura almas”. In: CARVALHO, Marta C. & PINTASSILGO. **Modelos culturais, saberes pedagógicos e instituições escolares**. São Paulo: Edusp/ Fapesp, 2011.

BRUGGER, Silvia Maria Jardim. **Minas patriarcal e a sociedade (São João Del Rei- Séculos XVIII e XIX)**. São Paulo: Annablume, 2007.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CAES, André Luiz. **As portas do inferno não prevalecerão: a espiritualidade católica como estratégia política.** Tese de Doutorado. IFCH/UNICAMP, 2002.

CAPELATO, Maria H. R. **Imprensa e história do Brasil.** São Paulo: Contexto, 1988.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. História e análise de texto. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia.** Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARVALHO, Carlos Henrique, ARAUJO, José Carlos, GONÇALVES NETO, Wenceslau. Discutindo a História da Educação: A imprensa enquanto objeto de análise histórica (Uberlândia-MG, 1930-1950). In: ARAUJO, José Carlos, GATTI JÚNIOR Décio. **Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa.** Campinas: Autores Associados, Uberlândia: EDUFU, 2002.

_____; CARVALHO, Luciana Beatriz de Oliveira Bar de. História/ historigrafia da educação e inovação metodológica: fontes e perspectiva. In: **Fontes e métodos em história da educação.** / Organizadores: Célio Juvenal Costa, Joaquim José Pereira Melo, Luiz Hermenegildo Fabiano. – Dourados, MS : Ed.UFGD, 2010. (350p.).

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil.** 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Pontos e Bordados: Escritos de história e política.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

_____. **A construção da ordem- teatro de sombras.** 4ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARVALHO, Marina Machado. **A imagem e a educação da mulher no positivismo. Um estudo da condição feminina na filosofia de Auguste Comte.** Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação. São Paulo: USP, 1991.

CASADEI, Antônio. **Notícias históricas da cidade da Campanha tradição e cultura.** Niterói: Ímpar, 1987.

CARTOGA, Fernando. Secularização e laicidade: Uma perspectiva histórica e conceptual. In: **Revista da História das Ideias.** Vol. 25 Editora: Universidade de Coimbra, 2004.

CHAMON, Magda Lucia. **Relações de gênero e a trajetória de feminização do magistério em Minas Gerais (1830-1930).** Belo Horizonte: FaE/UFMG (Tese de Doutorado), 1996.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação,** 2, 1990, p. 177-229.

COSTA, Emília Viotti da. Introdução ao estudo da emancipação política. In: Mota, Carlos Guilherme. (org). **Brasil em perspectiva.** 12ª Ed. São Paulo: Difel, 1981.

_____. **Da monarquia à República: momentos decisivos.** São Paulo: Editora Ciências Humanas, 1979.

CURY, Carlos Roberto. Igreja Católica, Estado brasileiro e educação escolar nos anos 30. In: RAMOS, Lilian (org.). **Igreja, Estado e Educação no Brasil**. Rio de Janeiro: Papel Virtual Editora, 2005.

D'ALESSIO, Marcia Barbosa Mansor. Imprensa, história, historiografia. Algumas observações. In: Ferreira, Antonio Celso; Bezerra, Holien Gonçalves; Luca, Tania Regina de. (Org.). **O historiador e seu tempo**. 1ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 2008, v. 1, p. 129-138.

ESPIG, Márcia Janete. **O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado**. Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, v.XXIV, n.2, p.269-289, dez.1998.

FARIA FILHO, Luciano Mendes, Instrução elementar no século XIX. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes & VEIGA, Cynthia Greive. **500 anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FEBVRE, Lucien. Profissões de fé à hora da partida. In: **Combate pela História**. Lisboa: Presença, 1985.

FILGUEIRAS, Carmegildo; ARAÚJO, Thomaz de Aquino. **Os correios na história Campanha**. (N.C). Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, 1973.

FONSECA, Thais Nívia de Lima e. **História & ensino de História**. 2ª. Ed., 1ª. Reimpressão. – Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FREYRE, Gilberto. **Casa- grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 34ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 10ª. São Paulo: Editora Nacional, 1970.

GALLEGO, Rita. Introdução. In: **Tempos, temporalidades e ritmos nas escolas primárias públicas em São Paulo (1846-1890)**. Tese (Doutorado em Educação) – São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

GATTI, Jr. “A História das Instituições Educacionais: inovações paradigmáticas e temáticas.” In: ARAÚJO, José Carlos & GATTI Jr., Décio. **Novos temas em história da educação brasileira**. São Paulo: Autores Associados, Uberlândia, MG: Edufu, 2002.

GINZBURG, Carlos. **O queijo e os vermes**. 3º ed. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

GOODWIN, Jr. James Willian. **O Silvo do Progresso e o Cincerro da Tradição: desenvolvimento econômico e identidade cultural na imprensa diamantinense no início do século XX**. 2012. Disponível em: < <http://web.cedeplar.ufmg.br>>. Acesso em: 08 julho 2013.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. Os fios de Penélope: A mulher e a educação feminina no século XIX. In: XXVI Congresso da associação nacional de pesquisas em educação (ANPED), 2003, Poços de Caldas. XXVX reunião anual da ANPED. Rio de Janeiro: ANPED, 2003, p. 1-15.

HARHNER, June E. **A Escola Normal, as professoras primárias e a educação feminina no Rio de Janeiro no fim do século XIX**. In: *Gênero*: Niterói, v. 10, n. 2, p. 313-332, 1. sem. 2010. Disponível em: < <http://www.ieg.ufsc.br> >. Acesso: 23 fevereiro de 2013.

HOBBSAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

INÁCIO, Marcilaine Soares. **O processo de escolarização e o ensino de primeiras letras em Minas Gerais (1825-1852)**. (Dissertação de Mestrado). Belo Horizonte: UFMG, 2003.

JULIA, Dominique. “A cultura escolar como objeto histórico”. In: **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas: Editora Autores Associados, nº 1, p. 9 – 43, Jan./Jun. 2001.

JINZENJI, Mônica Yumi. **Cultura Impressa e Educação da Mulher**. Lições de política e moral no periódico mineiro: O Mentor das Brasileiras (1829-1832). (tese de doutorado). Belo Horizonte: UFMG, 2008.

KUHLMANN JR., Moysés. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica**. 5ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2010.

_____. A circulação das idéias sobre a educação das crianças: Brasil, início do século XX. In: KUHLMANN JR., Moysés; FREITAS, Marcos Cezar. **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002.

LAGE, Ana Cristina Pereira. **A instalação do Colégio Nossa Senhora do Sion em Campanha: uma necessidade política, econômica e social do sul de Minas no início do séculos XX**. Dissertação de Mestrado. Campinas-SP. UNICAMP, 2007.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. IN: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003 – p. 525-541.

_____. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LEONARDI, Paula. “Introdução”. In: _____. **Além dos espelhos: memórias, imagens e trabalhos de congregações francesas no Brasil**. São Paulo: Paulinas/ FAPESP, 2010.

LEAL, Vitos Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

LOURO, Guacira Lopes; Mary del Priore (org). Mulheres nas salas de aula. In: **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In. PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes Históricas**. Contexto: São Paulo, 2005.

MANOEL, Ivan. **A Igreja e a educação feminina (1859-1919). Uma face do conservadorismo**. São Paulo: Editora UNESP, 1996.

MATTOS, Ilmar Rohloff. **O tempo saquarema**. São Paulo: Hucitec, 1987.

MARX, Karl & ENGELS, Friederich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Hucitec, 1984.

MELO Joaquim José Pereira. Fontes e métodos: sua importância na descoberta das heranças educacionais. In: COSTA, Célio Juvenal; MELO Joaquim José Pereira & FABIANO, Luiz Hermenegildo. **Fontes e métodos em história da educação.** (Org). Dourados, MS: Ed.UFGD, 2010.

MORAIS, Christianni Cardoso. **Posse e usos da cultura escrita e difusão da escola de Portugal ao Ultramar, Vila e Termo de São João del-Rei, Minas Gerais (1750-1850).** (Tese de Doutorado). Belo Horizonte: UFMG, 2009.

MORAIS, Vinícius Vilhema de. **Lendas e fatos da Campanha.** Campanha: Arte Reser Gráfica, 1991.

MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. **Um toque de gênero: História e Educação em Minas Gerais (1835-1892).** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

NASCIMENTO, Cecília Vieira do. **O Sexo Feminino em campanha pela emancipação da mulher (1873/1874).** Belo Horizonte: Dissertação apresentada como requisito à obtenção do grau de Mestre, no Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação, 2004.

NAVES, Santuza Cambraia. Os novos experimentos culturais nos anos 1940/50: propostas de democratização da arte no Brasil. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO Lucília de Almeida. **O tempo de liberalismo: da proclamação da República à Revolução de 1930.** 3ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira 2008.

NOSELLA, Paolo & BUFFA, Ester. **Schola Mater: a antiga Escola de São Carlos 1911-1933.** São Carlos: EDUFSCAR, 1996.

NÓVOA António. Inovações e História da Educação In: **Teoria e Educação.** Nº 6, 1992.

Quem é quem na história da Campanha. Texto mimeografiado (s/d).

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. **Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1985.

PASSOS, Mauro; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. Entre a Fé e a Lei: O movimento educativo-religioso na Primeira República do Brasil (1889-1930). In: RAMOS, Lilian (org.). **Igreja, Estado e Educação no Brasil.** Rio de Janeiro: Papel Virtual Editora, 2005.

PERROT, Michele. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros.** 2ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

REIS, José Carlos. **Os anais a renovação teórico- metodológica e utópica da história pela reconstrução do tempo histórico.** In: SAVIANI, D. & LOMBARDI, J.C. História e história da educação. Campinas, SP: Autores Associados/ HISTEDBR, 2000, PP.25-49.

REIS, Raquel de Fátima dos. **A fotografia em Campanha: Paulino Araújo entre retratos e vistas constituindo memórias.** (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2013.

ROCHA, Adair José dos Santos. **A educação feminina nos séculos XVIII e XIX: intenções dos bispos para o recolhimento Nossa Senhora de Macaúbas**. Belo Horizonte: UFMG (Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação), 2008.

RODRÍGUEZ, Margarita Victoria. A pesquisa documental e o estudo histórico de políticas educacionais. In: **O Guardador de Inutensílios**. Cadernos de Cultura. n. 7, p. 17-30, maio 2004.

SAMARA, Eni de Mesquita e TUPY Ismênia Spínola Silveira Truzzi. **História & Documento e metodologia de pesquisa**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SOIHET, Rachael. História das mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

THOMPSON, E.P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VALLADÃO, Alfredo. **Campanha da Princeza**. Vol. III. São Paulo: Revista dos Tunpinambaes, 1942.

VEIGA, Bernardo Saturnino da. **Almanach Sul- Mineiro**. Campanha: Typographia do Monitor Sul- Mineiro 1874.

VEIGA, Cynthia Greive. História política e história da educação. In: VEIGA, Cynthia Greive & FONSECA, Thaís Nívia de Lima. História e historiografia da educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 13-48.

_____. A escolarização como projeto de civilização. **Revista Brasileira de Educação**. Campinas: Autores Associados, n. 2, set./dez. 2002.

VIDAL, Diana. **Culturas escolares: estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX)**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

_____. & CAMARGO, Marilena Jorge Guedes de. (1992). “**A imprensa periódica especializada e a pesquisa histórica: estudo sobre o Boletim de Educação Pública e a Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**”. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, vol. 73, n 175, PP. 407- 430, set/ dez.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo. **A pesquisa em História**. São Paulo, Ática, 1995.

WARDE, Mirian Jorge. **Contribuições da História para a Educação**. Em Aberto, v.9, n. 47, p.3-11, 1990.

WILLIAMS Raymond. **Cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

WIRTH, John D. **O Fiel da Balança: Minas Gerais na Federação Brasileira, 1889-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FONTES DOCUMENTAIS:

A Campanha, 02/11/1901, número 44.

A Campanha, 19/09/1904, número 170.

A Campanha, 27/11/1904, número 179.

A Campanha, 12/05/1905, número 201.

A Campanha, 15/12/1905, número 283.

A Campanha, 13/07/1915, número 611.

A Consolidação, 28/10/1896, número 4.

A Consolidação, 02/12/1896, número 8.

A Consolidação, 25/01/1897, número 13.

A Consolidação, 05/05/1897, número 21.

A Penna, 11/12/1902, número 16.

CONSTANT, Benjamim. **Livro de Visitas da Escola Normal de Campanha, 1889.** Acervo do Centro de Estudos Monsenhor Lefort. Camapanha-MG.

IBGE. Mapas de Minas Gerais Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 30 Abril 2014.

Minas do Sul, 11/08/1892, número 4.

Monitor Sul Mineiro, 01/01/1872, número 1.

Monitor Sul Mineiro, 25/02/1872, número 9.

Monitor Sul Mineiro, 10/03/1872, número 11.

Monitor Sul Mineiro, 21/04/1872, número 17.

Monitor Sul Mineiro, 02/06/1872, número 23.

Monitor Sul Mineiro, 06/10/1872, número 41.

Monitor Sul Mineiro, 21/10/1872, número 43.

Monitor Sul Mineiro, 03/11/1872, número 45.

Monitor Sul Mineiro, 29/12/1872, número 53.

Monitor Sul Mineiro, 05/01/1873, número 54.

Monitor Sul Mineiro, 14/09/1873, número 90.

Monitor Sul Mineiro, 07/12/1873, número 102.

Monitor Sul Mineiro, 05/07/1874, número 132.

Monitor Sul Mineiro 25/07/1874, número 135.

Monitor Sul Mineiro 06/12/1874, número 153.

Monitor Sul Mineiro 07/08/1875, número 187.

Monitor Sul Mineiro, 12/09/1875, número 192.

Monitor Sul Mineiro, 05/12/1875, número 204.

Monitor Sul Mineiro, 25/12/1875, número 207.

Monitor Sul Mineiro, 01/01/1876, número 208.

Monitor Sul Mineiro, 19/02/1876, número 215.

Monitor Sul Mineiro, 08/06/1876, número 239.

Monitor Sul Mineiro, 11/12/1876, número 256.

Monitor Sul Mineiro, 21/01/1877, número 261.

Monitor Sul Mineiro, 18/03/1877, número 269.

Monitor Sul Mineiro, 03/06/1877, número 279.

Monitor Sul Mineiro, 28/10/1877, número 301.

Monitor Sul Mineiro, 09/12/1877, número 307.

Monitor Sul Mineiro, 08/01/1878, número 311.

Monitor Sul Mineiro, 14/01/1878, número 312.

Monitor Sul Mineiro, 08/06/1878, número 313.

Monitor Sul Mineiro, 02/06/1879, número 335.

Monitor Sul Mineiro, 08/12/1878, número 366.

Monitor Sul Mineiro, 08/04/1879, número 386.

Monitor Sul Mineiro, 08/05/1879, número 391.
Monitor Sul Mineiro, 02/06/1879, número 395.
Monitor Sul Mineiro, 08/07/1879, número 401.
Monitor Sul Mineiro, 26/10/1879, número 419.
Monitor Sul Mineiro, 08/12/1879, número 426.
Monitor Sul Mineiro, 14/01/1880, número 432.
Monitor Sul Mineiro, 14/04/1880, número 447.
Monitor Sul Mineiro, 02/06/1880, número 455.
Monitor Sul Mineiro, 14/06/1880, número 457.
Monitor Sul Mineiro, 14/07/1880, número 462.
Monitor Sul Mineiro, 02/08/1880, número 465.
Monitor Sul Mineiro, 20/08/1880, número 468.
Monitor Sul Mineiro, 08/09/1880, número 471.
Monitor Sul Mineiro, 26/10/1880, número 479.
Monitor Sul Mineiro, 14/11/1880, número 481.
Monitor Sul Mineiro, 08/12/1880, número 488.
Monitor Sul Mineiro, 26/12/1880, número 491.
Monitor Sul Mineiro, 02/01/1881, número 490.
Monitor Sul Mineiro, 14/01/1881, número 493.
Monitor Sul Mineiro, 26/01/1881, número 495.
Monitor Sul Mineiro, 02/02/1881, número 496.
Monitor Sul Mineiro, 14/05/1881, número 511.
Monitor Sul Mineiro, 02/06/1881, número 514.
Monitor Sul Mineiro, 14/06/1881, número 516.
Monitor Sul Mineiro, 14/07/1881, número 521.

Monitor Sul Mineiro, 26/07/1881, número 523.
Monitor Sul Mineiro, 20/01/1882, número 552.
Monitor Sul Mineiro, 02/05/1883, número 629.
Monitor Sul Mineiro, 08/06/1883, número 635.
Monitor Sul Mineiro, 02/02/1884, número 674.
Monitor Sul Mineiro, 14/05/1884, número 691.
Monitor Sul Mineiro, 20/05/1884, número 692.
Monitor Sul Mineiro, 02/07/1884, número 700.
Monitor Sul Mineiro, 08/11/1884, número 720.
Monitor Sul Mineiro, 01/02/1885, número 732.
Monitor Sul Mineiro, 29/11/1885, número 776.
Monitor Sul Mineiro, 28/02/1886, número 786.
Monitor Sul Mineiro, 31/10/1886, número 824.
Monitor Sul Mineiro, 06/03/1887, número 836.
Monitor Sul Mineiro, 28/03/1887, número 842.
Monitor Sul Mineiro, 03/04/1887, número 846.
Monitor Sul Mineiro, 18/09/1887, número 870.
Monitor Sul Mineiro, 04/03/1888, número 894.
Monitor Sul Mineiro, 27/05/1888, número 907.
Monitor Sul Mineiro, 19/08/1888, número 918.
Monitor Sul Mineiro, 17/03/1888, número 947.
Monitor Sul Mineiro, 31/03/1889, número 950.
Monitor Sul Mineiro, 21/04/1889, número 953.
Monitor Sul Mineiro, 08/12/1889, número 986.
Monitor Sul Mineiro, 05/01/1890, número 990.

Monitor Sul Mineiro, 02/02/1890, número 994.

Monitor Sul Mineiro, 09/03/1890, número 999.

Monitor Sul Mineiro, 29/06/1890, número 1015.

Monitor Sul Mineiro, 07/04/1891, número 1055.

Monitor Sul Mineiro, 21/06/1891, número 1066.

Monitor Sul Mineiro, 27/12/1891, número 1093.

Monitor Sul Mineiro, 07/07/1892, número 1119.

Monitor Sul Mineiro, 27/11/1892, número 1139.

Monitor Sul Mineiro 04/12/1892, número 1140.

Monitor Sul Mineiro, 01/05/1893, número 1159.

Monitor Sul Mineiro, 22/12/1893, número 1191.

Monitor Sul Mineiro, 04/05/1894, número 1205.

Monitor Sul Mineiro, 11/05/1894, número 1206.

Monitor Sul Mineiro, 20/08/1894, número 1209.

Monitor Sul Mineiro, 21/05/1895, número 1243.

Monitor Sul Mineiro, 04/07/1895, número 1247.

Monitor Sul Mineiro, 21/04/1896, número 1277.

Monitor Sul Mineiro, 11/09/1898, número 11 (2ª fase).

Monitor Sul Mineiro, 18/09/1898, número 12 (2ª fase).

Monitor Sul Mineiro, 23/10/1898, número 17 (2ª fase).

Monitor Sul Mineiro, 30/04/1899, número 44 (2ª fase).

Monitor Sul Mineiro, 27/08/1899, número 61 (2ª fase).

Monitor Sul Mineiro, 13/05/1900, número 97 (2ª fase).

Monitor Sul Mineiro, 17/07/1900, número 107 (2ª fase).

Monitor Sul Mineiro, 19/08/1900, número 111 (2ª fase).

Monitor Sul Mineiro, 30/09/1900, número 117 (2ª fase).

Monitor Sul Mineiro, 02/12/1900, número 126 (2ª fase).

Monitor Sul Mineiro, 05/05/1901, número 148 (2ª fase).

Monitor Sul Mineiro, 09/06/1898, número 161 (2ª fase).

Monitor Sul Mineiro, 29/09/1901, número 169 (2ª fase).

Monitor Sul Mineiro, 03/11/1901, número 174 (2ª fase).

Monitor Sul Mineiro, 10/08/1902, número 213 (2ª fase).

Monitor Sul Mineiro, 02/11/1902, número 225 (2ª fase).

Monitor Sul Mineiro, 23/11/1902, número 228 (2ª fase).

Monitor Sul Mineiro, 30/11/1902, número 229 (2ª fase).

Monitor Sul Mineiro, 04/10/1903, número 280 (2ª fase).

Monitor Sul Mineiro, 31/01/1904, número 289 (2ª fase).

Monitor Sul Mineiro, 17/04/1904, número 300 (2ª fase).

Monitor Sul Mineiro, 16/10/1904, número 326 (2ª fase).

Monitor Sul Mineiro, 23/10/1904, número 327 (2ª fase).

Monitor Sul Mineiro, 25/09/1904, número 323 (2ª fase).

Monitor Sul Mineiro, 01/01/1905, número 338 (2ª fase).

Monitor Sul Mineiro, 22/01/1905, número 341 (2ª fase).

Monitor Sul Mineiro, 26/03/1905, número 350 (2ª fase).

Monitor Sul Mineiro, 14/10/1905, número 381 (2ª fase).

Monitor Sul Mineiro, 20/05/1906, número 412 (2ª fase).

Monitor Sul Mineiro, 30/09/1906, número 431 (2ª fase).

Monitor Sul Mineiro, 26/05/1907, número 465 (2ª fase).

Monitor Sul Mineiro, 21/07/1907, número 473 (2ª fase).

Monitor Sul Mineiro, 03/11/1907, número 488 (2ª fase).

Monitor Sul Mineiro, 05/04/1908, número 510 (2ª fase).

Novo Horizonte, 01/05/1905, número 11.

O Conservador, 11/03/1871, número 76.

O Conservador, 14/10/1871 número 108.

O Monarchista, 21/02/1875, número 8.

O Monarchista, 04/03/1876, número 10.

O Sapuchay, 16/11/1865, número 54.

O Sapuchay, 01/01/1866, número 59.

Relatório de Províncias de 1871. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu>>. Acesso em: 30 Março 2012.

Relatório de Províncias de 1873. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu>>. Acesso em: 24 Abril 2012.

Relatório de Províncias de 1876. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu>>. Acesso em: 02 Maio 2012.

Relatório de Províncias de 1877. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu>>. Acesso em: 05 Maio 2012.

Relatório de Províncias de 1879. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu>>. Acesso em: 13 Maio 2012.

Relatório de Províncias de 1882. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu>>. Acesso em: 27 Maio 2012.

Relatório de Províncias de 1884. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu>>. Acesso em: 04 junho 2012.

Relatório de Províncias de 1884. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu>>. Acesso em: 07 junho 2012.

Relatório de Províncias de 1889. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu>>. Acesso em: 17 junho 2012.

Relatório de Províncias de 1901. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu>>. Acesso em: 24 junho 2012.

Sexo Feminino, 07/09/1879, número 1.

ANEXOS²⁵⁶:

Anexo 1: 1º Collegio de Meninas criado na Campanha, sob a direção de Paulina Maria Malisse (*O sapuchay*, 01/01/1866, p. 4)



COLLEGIO DE MENINAS
na
CIDADE DA CAMPANHA.
INSTITUIDO E DIRIGIDO POR
MME. PAULINA MARIA MALISSE.

Este collegio se abrirá no dia 8 de Janeiro proximo futuro. Está situado á rua Direita desta cidade. A casa offerece todas as commodidades necessarias para o estabellecimento.
Já se publicou o programma dos estudos e o necessario que as alumnas devem trazer. Quem quizer pode procurar esse programma com a directora do collegio.
Por esquecimento não se publicou o regulamento para as meio-pensionistas, o que agora fizemos.
As meio-pensionistas pagarão a annuidade de 100\$000 réis, paga por semestres adiantados. — Pagarão mais 20\$000 réis por anno para o ensino da musica.
As alumnas meio-pensionistas virão decentemente vestidas, ás 9 horas da manhã para o collegio; ahí jantaráo e retirar-se-hão ás 6 horas da tarde.
— Aos Domingos e dias santos podem vir ao collegio, vestidas de preto, para irem á Missa em corporação com as alumnas internas.
Cidade da Campanha, 28 de Dezembro de 1865.

A Directora,
Paulina Maria Malisse.

²⁵⁶ Não tivemos a preocupação da padronização e/ou estética do tamanho das imagens. Nosso objeto foi fornecer ao leitor possibilidades de leitura desses trechos.

Anexo 2: Collegio Nossa Senhora das Dores (para meninas em Pouso Alegre) (*Monitor Sul Mineiro*, 25/07/1874 p.4). Anúncio com todas as características e obrigações dos pais e alunas.

COLLEGIO
DI
N. S. DAS DORES
NA CIDADE DE POUSO ALEGRE
PROVINCIA
1874
MINAS-GERAES
DIRIGIDO PELO
BACHAREL EDUARDO ANTONIO DE BARROS
E SUA SENHORA
D. ALEXANDRINA JESUINA BARET DE BARROS.

A solicitude e zelo que de todos os governos tem merecido a instrução publica demonstrão sua importancia. E' geralmente reconhecido que a primeira obrigação de um pai consiste na instrução e educação de seus filhos, tendo alguns estados lançado mão de medidas coercitivas para o cumprimento desse elevado dever que tem sua base no amor da familia.

Das vantagens de uma boa educação não deve ser privado o sexo fragil: — se suas aspirações são limitadas por sua propria natureza, tem elle uma importantissima missão a cumprir sobre a terra. Si os primeiros e incertos passos que dá o infante são guiados por sua mãe; si é ella que lhe ensina a proferir as primeiras palavras, a oração primeira, que lhe inspira os primitivos sentimentos, que dá lições que a memoria conserva e que mais tarde servem ao homem de guia na vida, quão delicada é a missão de uma mãe?!

Da falta de estabelecimentos em que ellas se formem recente-se todo sul da provincia de Minas onde todavia existem muitas aulas para meninos, que aprendem leitura, calligraphia e as quatro primeiras operações de mathematica, resumindo-se nisto o ensino que a lei exige das pessoas dellas encarregadas.

Não é, porém, isto bastante: — os vícios e defeitos de uma má educação não podem ser corrigidos sómente por esse meio, sendo altamente inconveniente assignar-se tão acanhado limite para os conhecimentos de uma mãe de familia.

Estas considerações muito concorrem para a fundação de um collegio de meninas nesta cidade, o qual, instituido sob a protecção de Nossa Senhora das Dores, pode ser considerado um util estabelecimento.

Neste collegio collocado em espaçosa casa situada em um dos arrabaldes de Pouso-Alegre, com vastas e arejadas acomodações, encontrarão os pais que queirão educar suas filhas todas as condições exigidas para instituições desta ordem. A's commodidades do edificio junta-se extenso terreno para recreio, abundancia de agua potavel, que dá para alguns tanques, para banhos frios recomendados como os mais hygienicos.

O desejo que nutrem os que dirigem este collegio de que produza elle benefícios reaes impoe-lhes a obrigação de empregarem para isso todos os esforços; e se não forem sufficientes as habilitações que possuem para bem cumprirem o encargo que tomão serão auxiliados por professores, em cuja escolha, em relação a moralidade e aptidão, haverá todo o escriptulo.

A alimentação será sadia e abundante, e na boa ordem e disciplina do collegio haverá todo esmero, sendo o refeitório commum aos directores.

Fortificar o espirito religioso inspirando o amor e temor de Deus, ensinar o que é devido aos paes, á familia e á sociedade, innocular em tenros corações germens que um dia desenvolvidos serão solida base de muitas virtudes, taes hão de ser os principaes cuidados dos directores do collegio de Nossa Senhora das Dores.

As materias do estudo são as seguintes: — leitura, doutrina christã, calligraphia, as 4 operações fundamentaes da arithmetica e metrologia, grammatica portugueza, francez, geographia, musica, piano e canto, costura, bordados, trabalho em lã, seda, etc.

E' condemnado todo o castigo physico.

As ferias comecio no dia 15 de Dezembro até 31 de Janeiro; tendo lugar os exames antes do dia 15 de Dezembro.

Recebe-se pensionistas, meio pensionistas e externos com a seguinte contribuição:

Pelos pensionistas	130\$	por semestre
Meio pensionistas	80\$	» »
Externos	36\$	» »

Os semestres são pagos adiantados, e sem desconto algum, tendo os paes que tiverem mais de uma filha no collegio direito ao abatimento de 10 por cento.

Os semestres contar-se-hão de Janeiro a Junho, e de Julho, á Dezembro.

Pelo ensino de musica e piano pagar-se-ha mais a quantia de 30\$ por semestre por uma alumna e as despezas feitas com compra de — lã, seda, papel pennis, livros, etc, serão pagas em separado; pertencendo aos pais os trabalhos que suas filhas fizerem.

O collegio encarrega-se da lavagem e engomado das roupas mediante a contribuição semestral de 32\$.

Cada alumna deve trazer a roupa necessaria para seu uzo de modo que a possa mudar tres vezes por semana, e roupa de cama sufficiente para duas mudas por semana, devem mais trazer thezouras para costura e umhas, escovas para dentes e facto.

Para fornecimento de cama, colção, travesseiros, bacia, banheira, etc, pagar-se-ha por uma só vez a quantia de 30\$; se assim preferirem os paes de familia.

Pouso-Alegre, Junho de 1874.

Anexo 3: Primeiras informações referentes a existência do Collegio Marianno (*Monitor Sul Mineiro*. 06/12/1874, p. 4).

Collegio de meninas. — Existe nesta cidade desde alguns annos um importante collegio de meninas com muita intelligencia dirigido pela Exma. Sra. D. Francisca Candido Marianno, que com habilidade notavel se tem distinguido na cadeira de professora, que dignamente occupa.

Para aquelles que conhecem as habilitações e o subido merito da illustre professora e de suas distinctas irmãs são desnecessarias todas as recommendações e elogios da imprensa e si externamos o juizo que sinceramente fazemos desse acreditado estabelecimento é tão somente para o fim de noticiar os bellissimos exames das alumnas da Exma. Sra. D. Francisca Marianno, exames cujo resultado esperamos publicar em nosso proximo numero.

Anexo 4: Resultado da alunas do Collegio Marianno (*Monitor Sul Mineiro*, 12/12/1874, p. 4)

Cidade da Campanha.

Resultado dos exames feitos á 3 de Dezembro corrente, na aula particular de D. Francisca Candida Marianno, sob a presidencia do inspector do circulo, o Illm. Sr. Cap. Candido Ignacio Ferreira Lopes.

MATRICULADAS 36 ALUMNAS; FALTARÃO 2

Approvadas.

- D. Maria Isabel da Costa, em grammatica portugueza, calligraphia, cathecismo, metrologia, musica, francez e geographia —exame final.
- D. Olympia Carneiro Ribeiro Santiago, idem, menos geographia
- D. Rosenda Gasparina de Avellar, idem, inclusive geographia, e principios de traducção franceza.
- D. Aurea de Jesus Bernardes, grammatica portugueza, calligraphia, cathecismo, metrologia e musica.
- D. Elisa Alexandrina de Freitas Vilhena, idem.
- D. Maria Vicencia de Rezende, grammatica portugueza, calligraphia, metrologia e doutrina christã.
- D. Margarida Gonçalves Leite, idem.
- D. Anna Umbelina Ferreira, idem.
- D. Heleodora Margarida Marianno, idem.
- D. Francisca Innocencia de Rezende, idem e musica.
- D. Maria Candida Teixeira, idem, idem.
- D. Marianna Umoclina da Fonseca, idem, idem.
- D. Francisca Carolina de Souza Castro, idem, menos musica.
- D. Felicidade Carneiro Ribeiro Santiago idem, menos metrologia.
- D. Albertina Cesarina Ferreira Lopes, idem, idem.
- D. Jesuina de Freitas Vilhena, idem, idem, menos musica.
- D. Elisa Margarida da Costa, idem.
- D. Ernestina Carolina Ribeiro de Almeida, leitura, calligraphia e doutrina christã.
- D. Julieta Carneiro Ribeiro Santiago, idem.

Approvadas em leitura e doutrina christã, e adiantadas em calligraphia, e principiantes em contas.

- D. Maria de Jesus Vilhena.
- D. Francisca de Souza Soares.
- D. Bemvinda de Souza Soares.
- D. Maria José Gonçalves Leite.
- D. Maria Delphina Carvalho de Oliveira.
- D. Maria Victoria de Alvarenga.
- D. Rita Eufrazia do Nascimento.
- D. Eudoxia Philomena Ribeiro.
- D. Emilia Candida Dinamarco.
- D. Maria Candida da Rocha.

Principiantes.

- D. Maria da Conceição Rezende.
- D. Maxima Alexandrina.
- D. Urbana Candida de Rezeade.
- D. Marianna Carmelita Ribeiro.
- D. Francisca Teixeira de Faria.

Anexo 5: Anúncio com toda a estrutura de funcionamento do Collegio Santa Cruz de São Gonçalo da Campanha (*Monitor Sul Mineiro*, 12/09/1875, p. 4).

COLLEGIO DE SANTA CRUZ
EM
S. GONÇALO DA CAMPANHA.

Reconhecendo a urgente necessidade de se facilitar entre nós os meios de instrução ao sexo feminino, o abaixo assignado e sua senhora D. Rita Horta Gomes de Lemos resolverão fundar um collegio de meninas sob a denominação de COLLEGIO DE SANTA CRUZ — cujas aulas se abrirão este anno, em o dia 1 de Dezembro. Serão ahí materias de ensino:

Primeiras letras, grammatica nacional, geographia, francez, arithmetica, cathecismo, historia sagrada, musica, piano e trabalhos de agulha; sendo estas materias ensinadas pelos directores, pelo Dr. Arthur Barbosa Rodrigues e pelo pharmaceutico Lucio Antonio de Lemos.

O collegio receberá alumnas internas, meio pensionistas e externas.

Como internas só menores de 12 annos.

Serão as annuidades: — Para as internas, de 240\$000, para as meio pensionistas, de 160\$000, e para as externas de 100\$000. As que quizerem aprender musica e piano pagarão mais 5\$000 mensaes.

Os pagamentos serão feitos sempre por semestres adiantados.

As ferias comprehenderão os mezes de Junho e Julho, depois de se haver procedido aos exames nos primeiros dias do mez

de Junho e segundo as determinações do regulamento da instrução publica. E serão ainda feriados: — as quintas feiras (nas semanas em que não houver dia santo), quarta feira de cinza, semana santa e o dia 7 de Setembro.

Cada uma das alumnas internas deverá trazer: — Um vestido preto, dous brancos e quatro ou mais de chita; a necessaria roupa de cama, toalhas para rosto e para os pés, um pente grosso e outro fino, escova para dentes e thesoura para unhas.

Os objectos necessarios para os estudos serão dados pelos paes, ou por sua conta fornecidos pelo collegio.

Nos casos de enfermidade as despezas com medico e botica serão por conta dos paes.

A lavagem e engomado da roupa poderão ser feitos pelo collegio, mediante a quantia de 4\$000 mensaes.

Os abaixo assignados julgão desnecessario dizer, que conhecendo a responsabilidade que ora lhes corre por conta, tambem saberão empregar todos os esforços possiveis pelo melhoramento e prosperidade de seu estabelecimento, procurando assim corresponder á confiança que lhes fôr dispensada pelos Srs. paes de familia.

S. Gonçalo, 10 de Setembro de 1875.

OS DIRECTORES:
ALBERTO GOMES DE LEMOS.
RITA HORTA GOMES DE LEMOS

Anexo 6: Resultado dos exames da escola particular de Lambary, divulgado em 31/12/1876.
(*Monitor Sul Mineiro*, 21/01/1877, p. 4).

Resultado dos exames da escola particular.

PRIMEIRA CLASSE.
Leitura — Abilio 3.º — as 4 operações, doutrina e escripta.

APPROVADAS COM DISTINÇÃO :

D. Maria Rita Gomes de Paiva.
D. Anna Emilia de Athayde.

APPROVADA PLENAMENTE :

D. Luiza Olympia.

SEGUNDA CLASSE.
Leitura — Abilio 2.º — as 4 operações, doutrina e escripta.

APPROVADAS PLENAMENTE PARA CONTINUAR :

D. Anna Silveria de Mello.
D. Augusta Honoria.
D. Lina Maria das Dôres.
D. Rita Umbellina de Athayde.
D. Maria Ignacia de Mello.
D. Anna de Athayde.

Deixarão de comparecer 2 alumnas:

TERCEIRA CLASSE.
Leitura — ABC e syllabas.

APPROVADAS PARA CONTINUAR :

D. Anacleta de Mello.
D. Bemvinda da Conceição.
D. Leopoldina Honoria.

Lambary, 31 de Dezembro de 1876.

Felicitemos aos distinctos professores pelo adiantamento apresentado pelos seus alumnos e alumnas.

Anexo 7: Informações referentes ao Collegio para o sexo femino de São Gonçalo da Campanha (*Monitor Sul Mineiro*, 28/10/1877, p. 3).

Collegio para o
SEXO FEMININO
Acha-se fundado um na freguezia de S. Gonçalo, sob a direcção da Exma. Sra. D. Esther Carolina da Lemos Porto; onde os senhores pais de familia encontrarão um tratamento assás carinhoso e escriptosamente fiscalizado, para suas filhas.
Lecciona-se neste collegio: primeiras letras, contabilidade, geographia, francez, portuguez, musica e trabalhos de agulha, etc. Toma parte no mesmo, já como lente e interessado, o bem conhecido professor o Sr. Joaquim da Silva Pimentel Lustosa.
S. Gonçalo, 25 de Outubro de 1877.

Anexo 8: Informação gerais do Collegio São Gonçalense *Monitor Sul Mineiro* (26/01/1881, p.4).

COLLEGIO DE MENINAS
 NA CIOADE DE
S. GONÇALO DO SAPUCAHY
 DIRIGIDO POR
D. ESTHER CAROLINA DE LEMOS PORTO
 FUNDADO EM 1 DE AGOSTO DE 1877

Neste collegio, do 1.º de Janeiro de 1881 em diante, ensinão-se as seguintes materias: — leitura, calligraphia, doutrina christã, grammatica portugueza, francez, geographia, historia patria, musica, piano, canto e trabalhos de agulha.

Só se admittem alumnas menores de 14 annos, como internas ou meio-pensionistas. As primeiras pagarão 250\$000, e as segundas 160\$000, por anno, por semestres adiantados. As alumnas que quizerem estudar musica, piano e canto pagarão, além da pensão, 5\$000 por mez, tambem por semestres adiantados.

As internas devem trazer todo o enxoval necessario. Os objectos para o estudo serão dados ás alumnas por seus pais e correspondentes, ou á sua custa fornecidos pelo estabelecimento. Em caso de enfermidade, serão feitas por conta dos pais as despezas com medico e botica. A roupa será lavada e engomada á custa dos pais ou o poderá ser pelo collegio, mediante 4\$000 mensaes.

O anno lectivo começa á 1 de Agosto e termina á 31 de Maio, em que se effectuão os exames publicos. Além das ferias do fim do anno lectivo, haverá mais as seguintes: — desde 24 de Dezembro até 6 de Janeiro, a semana santa e o dia 7 de Setembro.

CORPO DOCENTE

Directora e professora de trabalhos de agulha — D. Esther Carolina de Lemos Porto.

Professora de leitura, calligraphia, doutrina christã, francez, arithmetica e trabalhos de agulha — D. Idalina de Lemos Porto.

Professor de francez, geographia e historia patria — Dr. Lucio de Mendonça.

Professor de portuguez e arithmetica — Lucio Antonio de Lemos.

Professor de musica, piano e canto — Paulino Lucio de Lemos.

HORARIO

Hora de levantar, 6 da manhã. — Estudo, das 6 1/2 ás 8 1/2. — Almoço, 9. — Aulas, das 10 da manhã ás 3 da tarde. — Jantar, 3. — Aulas de musica e de trabalhos de agulha, das 4 ás 6 1/2. — Estudo, das 7 ás 9 da noite. — Chá, 9. — Hora de recolher, 9 1/4.

Anexo 9: Informação gerais do Collegio Juvenato Caldense (*Monitor Sul Mineiro*, 02/01/1881, p.4)

ANNUNCIOS
ESTATUTOS
DO COLLEGIO
JUVENATO CALDENDE

Este instituto tem por objecto a educação e ensino da mocidade de ambos os sexos, baseados sobre os seus principios da moral e da religião, que serão ensinados principalmente pelo exemplo.

O mais minucioso cuidado será empregado em cultivar o espirito dos alumnos, por meio dos conhecimentos adaptados ao sexo de cada um, e em formar-lhes o coração pela pratica de uma solida virtude.

Habituar-se-ha os alumnos ao respeito e amor do trabalho, da economia, do asseio, bem como á terem procedimento delicado e modos distinctos, cousas estas essencialmente necessarias á todos, qualquer que seja a posição que tenham de occupar na sociedade.

O ensino será sempre ministrado de accordo com o progresso da sciencia pedagogica.

Os alumnos estarão sempre sob as vistas dos directores ou outros empregados do estabelecimento.

Nenhuma differença haverá entre os alumnos que viverão no JUVENATO como irmãos, sendo tratados com igual desvelo e carinho.

Nunca se infingirão aos alumnos castigos humilhantes.

As lições serão curtas, claras, positivas e interessantes, dadas sempre segundo o methodo natural ou intuitivo.

Os alumnos serão submettidos á exames de sufficiencia no principio de Maio e Setembro para habituarem-se á tal genero de provas e conhecer-se o seu aproveitamento.

Os alumnos que completarem os seus estudos no estabelecimento, sendo approvados em todas as materias, receberão um diploma, terão assento e voto nos exames do JUVENATO e serão preferidos para exercer ahi o magisterio.

As aulas abrir-se-hão todos os annos no dia 7 de Janeiro e se encerrarão no dia 9 de Dezembro, sendo feriados e dias da sahida para os internos, além dos dias que decorrerem d'uma dessas datas á outra, domingos e dias santos, os seguintes: de quarta feira de cinzas, da semana santa, de S. José (19 de Março), do SS. Coração de Jesus, 7 de Setembro e finados.

Os alumnos internos só poderão sair em companhia de seus pais, correspondentes, ou de portadores que trouxerem ordem escripta dos mesmos.

A sahida será depois da assistencia da missa, e a volta á horas que possão assistir a primeira aula do primeiro dia util que se seguir aos feriados.

Os exames do fim do anno, bem como a distribuição dos premios, serão publicos e far-se-hão logo depois de encerradas as aulas, conjunctamente com a exposição dos trabalhos de agulhas e de phantasia (para a secção do sexo feminino).

lhas e de phantasia (para a secção do sexo feminino).

No inverno os alumnos levantar-se-hão ás 5 e meia horas da manhã e se recolherão ás 9 horas da noite. No verão levantar-se-hão ás 5 e darão um passeio. Os alumnos menores de 10 annos poderão deitar-se mais cedo ao arbitrio dos directores.

Ao levantarem e ao deitarem-se, ao começarem e encerrarem-se os trabalhos, antes e depois das refeições de cada dia, os alumnos orarão em commum.

A alimentação dos alumnos será variada, abundante e sadia.

No fim de cada trimestre, remetter-se-hão aos pais de familia boletins detalhados do comportamento e aproveitamento de seus filhos.

Os alumnos só podem receber cartas de seus pais, tutores ou correspondentes, e tanto estas como ás que lhes escreverem, passarão pelas mãos dos directores para dar-lhes o seu destino.

CONDIÇÕES DE ADMISSÃO

Admittem-se alumnos internos, meio pensionistas e externos, maiores de 6 annos, vaccinados e que não soffrão de molestias contagiosas, pelo seguinte estipendio trimensal:

Internos.....	300\$000
Meio pensionistas....	150\$000
Externos.....	100\$000

Paga-se em separado á razão de 10\$000 as materias não comprehendidas no curso.

Os pagamentos devem ser adiantados, sem desconto algum, salvo o caso de ter o alumno perdido as aulas um mez inteiro.

O necessario para os estudos e trabalhos manuaes, assim como o tratamento dos educandos, no caso de molestias no collegio, corre por conta dos pais ou encarregados dos mesmos.

A quantidade de roupa, calçado, etc., será determinada de accordo com os pais ou encarregados dos alumnos.

Aquelles que quizerem que a roupa dos educandos seja lavada e engomada no estabelecimento pagarão mais mensalmente 3\$ por cada um.

Aos que tiverem mais de dois filhos no estabelecimento, se lhes fará um abatimento maior ou menor conforme o numero dos que excederem.

Mediante a quantia de 400\$000 annuaes, pagos adiantadamente, os alumnos internos que trouxerem um enxoval marcado, nada mais despendarão com o ensino, livros, trabalhos manuaes, roupa, calçado, medico, botica, etc.

OS DIRECTORES
Tiburtino Mondim Pestana
D. Januaria M. C. Mondim.

Anexo 10: Informações gerais do Collegio Santa Cruz e Varginha (*Monitor Sul Mineiro*, 31/10/1886, p. 4).

COLLEGIO SANTA CRUZ
Para o sexo feminino
**FUNDADO NA FLORESCENTE CIDADE
 DA VARGINHA**
 POR
D. Amelia Braga da Costa e Silva.

A Directora do collegio SANTA CRUZ faz sciente aos Illms. Srs. pais de familia que toma á seu cargo a educação e instrucção de suas filhas, baseando a educação e instrucção das mesmas nos são principios de nossa religião ; garantindo-lhes a maior brandura no exercicio do magisterio, e a mais severa exigencia no desenvolvimento da instrucção moral e religiosa.

As materias de ensino são : leitura, grammatica nacional, arithmetica elementar, doutrina christã, calligraphia, geographia, francez e inglez ; e bem assim a musica e piano, e todos os trabalhos de agulhas, crochet, bordado, etc.

Preços de admissão

Alumna interna, semestre.....	120\$000
Musica e piano, « 	35\$000
Alumna externa, « 	25\$000
Musica e piano, « 	35\$000

- 1.º As despesas de medico e botica correrão por conta dos pais dos alumnos.
- 2.º O collegio fornecerá ás alumnas, papel, tinta e pennas por 5\$000 por semestre.
- 3.º O enxoval necessario para estudo, passeio e actos divinos, serão fornecidos á gosto dos pais, tutores e bemfeitores das alumnas, devendo trazer todos os objectos necesarios ao asseio e dormitorio.
- 4.º Não serão descontados os dias dados para férias, nem mesmo aquelles em que as alumnas se ausentarem do collegio.
- 5.º As férias serão de 40 dias ; e mais os dias da semana Santa e festas nacionaes, marcados por lei.
- 6.º Todo o pagamento será feito por semestre adiantado, e uma vez começado considerar-se-ha como vencido.

Os 40 dias de férias serão nos mezes de Agosto e Setembro, e com antecedencia de 30 dias serão avisados os pais.

Anexo 11: Informações do Collegio Senhora do Carmo da cidade de Campos Gerais (*Monitor Sul Mineiro*, 10/08/1902, p.2)

Collegio Senhora do Carmo

Neste collegio para meninas, fundado sob a direcção da normalista D. Ismenia Rabello, tendo como auxiliares professores o Exmo. Dr. Josino de Brito e o normalista Carlos Caiafa, leccionão-se as materias constitutivas do curso primario e secundario.

O anno lectivo começa em 1.º de Junho e termina em 30 de Abril, considerando-se feriado o mez de Maio. Na ultima semana de Abril, as alumnas do collegio farão exame publico do que tiverem estudado durante o anno.

Recebem-se alumnas internas e externas, desde que estas se sujeitem á disciplina que se estabelecer para as primeiras, durante as horas de estudo e das licções.

A contribuição annual das internas será da quantia de Rs. 450\$000, dividida em quatro partes, sendo paga cada uma destas no primeiro dia dos trimestres do anno lectivo; o mez de Maio, feriado, será

Campos Geraes, 15 de Julho de 1902.

A DIRECTORA, — *Ismenia Rabello.*

considerado como fazendo parte do ultimo trimestre. As externas pagarão mensalmente, sempre adiantada, a quantia de Rs. 7\$000. O pai que matricular mais de duas alumnas terá 20 % de desconto.

O enxoval de cada alumna interna constará do seguinte— 6 lençoes, 3 pares de fronhas, 1 par de travesseiros, 1 colchão, 2 cobertores, 1 colcha branca e 1 de chita; roupa branca necessaria; toalhas necessarias; 1 vestido preto e 1 branco, ficando os demais á vontade. Deverão trazer mais —escovas para roupa e para dentes, bacias para rosto e banho, ourinol e pente para cabelleira e caspa.

Lavagem de roupa, medico, pharmacia e mais despezas extraordinarias corre tudo por conta do pai da alumna.

O collegio começará a funcionar em 16 de Agosto, achando-se desde já abertas as respectivas matriculas.

1—12

Anexo 12: Estatística da instrução pública e privada em Minas Gerais (*Relatório de Província, 1876, p. 97*).

Estatística da Instrução Publica da Província de Minas Geraes.

PROVINCIA DE MINAS GERAES.	ENSINO PUBLICO.			ENSINO PARTICULAR.			Somma Geral.	População Livr.	1 alumno por habitante.	Capazes de receber ensino.	Não recebem ensino.
	Meninos	Meninas	Total	Meninos	Meninas	Total					
	18,187	5,114	23,301	878	678	23,979	1,440,000	60	208,714	181,735
	Faltando os mappas de 87	80 Escolas.	87	Em 14 Esc. De ambos os sexos, faltando 143 mappas.			Em 832 Escolas.	Conforme o Imperio do Brazil no Expa. Universal.			
	26,487	6,344	26,881	6,308	6,308	33,279	1,440,000	43	208,714	172,485
	Se não faltasse mappa algum, e na razão de 4 alumnos por cada escola, cujos mappas falta.			De ambos os sexos não faltando mappa algum na razão de 40 alumnos por cada escola que falta.			Em 802 Escolas.				

Tendo a Província 208,714 habitantes (1/7 da população livre) e 705 escolas publicas, cabe á cada uma 292, mas devendo crear-se uma escola por cada 69 alumnos, seria mister que a Província mandasse 3430 escolas para estar a par da população livre, capaz de receber ensino

Secretaria da Inspectoria Geral da Instrução Publica da Província de Minas ou Ouro Preto, 25 de Abril de 1876.—Na ausencia do Sr. secretario, o official JOÃO DE DEOS MAGALHÃES JACQUES.

Anexo 13: Desenvolvimento da educação pública de Minas Gerais entre o decênio de 1868-1877(*Relatório de Província, 1879, p. 30*).

Pelo quadro organizado naquella repartição, vê-se qual foi o desenvolvimento da instrução primaria no ultimo decennio.

ANNOS.	CADEIRAS EXISTENTES.	DITAS PROVINDAS.	DITAS VAGAS.	ALUMNOS MATRICULADOS.	DITOS FREQUENTES.	DITOS PROMPTOS.
1868	372	296	76	14:083	8:648	607
1869	385	314	71	13:428	8:778	550
1870	414	344	70	14:667	8:365	454
1871	470	279	191	15:620	9:615	
1872	558	327	231	18:450	10:008	864
1873	633	503	130	21:182	11:475	825
1874	651	484	167	20:706	11:330	970
1875	705	517	188	23:319	12:793	1:921
1876	768	616	152	27:104	15:400	1:502
1877	829	620	209	26:074	14:500	1:281

Anexo 14: Artigo referente a educação da Campanha em 1900 (*Monitor Sul Mineiro*, 17/08/1900, p. 2).

le- a- de a : di- e re a- e e a. te ti- a- e- ão ão le re in os no ra c- er is, is- liz ea ã- da	<h3>Recenseamento escolar</h3> <p>Obdecando ás prescripções do ultimo regulamento da instrucção publica, o illustre Sr. Dr. Gabriel Valladão, digno promotor da comarca tem terminado o recenseamento escolar que, sob sua direcção, iniciou neste municipio.</p> <p>Segundo somos informados o recenseamento feito nesta cidade e Aguas Virtuosas é completo; quanto ao do Lambary, apesar dos esforços do Sr. Dr. Valladão, faltarão dados relativos ás creanças em idade escolar e que ainda não frequentão estabelecimento de ensino; e isso por não terem os respectivos professores, por acúmulo de serviço, tido o tempo necessario de conferenciarem as listas.</p> <p>Pelos dados colhidos chegou o Sr. Dr. Valladão a organizar o quadro seguinte: — tem o municipio da Campanha 9 escolas publicas, computada nesse numero a aula pratica mixta, e 7 institutos de ensino particular.</p> <p>A população escolar do municipio é de 1,012 creanças, ou 520 meninos e 492 meninas, e assim distribuidos: — cidade, 776 creanças, ou 390 meninos e 376 meninas; Aguas Virtuosas, 165 creanças, ou 83 meninos e 82 meninas; Lambary, 81 creanças, ou 61 meninos e 20 meninas.</p> <p>Destas creanças frequentão as escolas 502 e ainda estão sem aprendizagem 510 e assim dis-</p>	<p>tribuidas: — cidade, frequentão as escolas 306 creanças e ainda não frequentão 460; — Aguas Virtuosas, frequentão as escolas 115 creanças e ainda não frequentão 50; — Lambary, frequentão as escolas 81.</p> <p>As creanças matriculadas são: — na cidade, 119 meninos e 187 meninas; — em Aguas Virtuosas, 53 meninos e 62 meninas; — Lambary, 61 meninos e 20 meninas.</p> <p>Das creanças matriculadas, estão no ensino publico 430 e no particular 72, sendo que no ensino publico ha 204 meninos e 226 meninas e no particular 29 meninos e 43 meninas.</p> <p>A media da matricula nas escolas publicas é de 45 creanças e nos institutos de ensino particular é de 9 creanças.</p> <p>As creanças não matriculadas são: — na cidade, 257 meninos e 203 meninas.</p> <p>Deve-se attender que é elevado o numero de creanças não matriculadas no districto da cidade pela razão seguinte: computou-se nesse numero 100 creanças residentes na Ponte Alta e 90 residentes no Campo Grande, bairros, que distão da sede do districto mais de duas legoas, donde se vê a necessidade imprescindivel da creação nesses bairros de novas cadeiras, a não ser que se deixe sem instrucção um tão grande numero de creanças.</p> <p>Pelos dados acima publicados e que sem duvida serão meditatadamente estudados e apreciados pelo governo estadual, parece-nos de urgente necessidade a creação de mais duas escolas publicas, para ambos os sexos, nesta cidade, attento ao grande numero de creanças do districto que não recebem instrucção alguma, por serem insufficientes as escolas existentes.</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Anexo 16: Tabela referente a renda e tributação (*Monitor Sul Mineiro* 04/12/1892, p.3).

TABELLAS A QUE SE REFERE A LEI
 Imposto de industria e profissões.
 TABELLA A

Classes.	Cidade e sede dos districtos	Estradas e outros lugares
1.ª classe	300\$000	225\$000
2.ª classe	200\$000	150\$000
3.ª classe	160\$000	120\$000
4.ª classe	120\$000	90\$000
5.ª classe	80\$000	60\$000
6.ª classe	60\$000	45\$000
7.ª classe	50\$000	38\$000
8.ª classe	40\$000	30\$000
9.ª classe	30\$000	24\$000
10.ª classe	20\$000	15\$000
11.ª classe	10\$000	8\$000
12.ª classe	5\$000	2\$000
13.ª classe	2\$000	1\$000

Anexo 17: Estatuto do Collegio Sion (*Monitor Sul Mineiro* 16/10/1904, p.2).

Collegio de N. S. de Sião.

CAMPANHA

As Religiosas de Nossa Sra. do Sion formão uma Congregação instituida e approvada pela autoridade competente, que tem por fim a educação e o ensino superior de meninas, preparando o coração destas sobre bases solidas e christãs para que mais eficazmente tornem-se uteis a si e a sociedade.

O systema adoptado nos numerosos estabelecimentos de educação que a Congregação tem na Europa, Asia, Africa e America, ha produzido bons resultados. O programma de estudos comprehende todas as materias ensinadas nos principaes internatos da Europa.

Curso Elementar : — Leitura, Escripção, Arithmetica, Historia Sagrada, Geographia, Lingua portugueza, Lingua franceza, Desenho linear, Piano, Solfejo, Trabalhos de agulha.

Curso Medio : — As mesmas materias de ensino, e mais : Historia do Brazil, Historia antiga e da idade média, Principios de litteratura, Lingua ingleza ou allemã, Sciencias naturaes, Desenho (de reproducção).

Curso Superior : — As mesmas materias de ensino e mais : Historia moderna e contemporanea, Litteratura universal, Physica, Chimica, Historia natural, Noções de Philosophia e Pintura.

A pensão, na qual ficão comprehendidas todas estas materias, é de 250\$000 por trimestre, paga adiantadamente ; os livros e fornecimentos classicos, assim como a lavagem de roupa, estão incluídos na referida pensão. Haverá, porém um supplemento de 30\$000 por trimestre, si o ensino de inglez e de allemão forem simultaneos. A joia é de 30\$000, e todo trimestre começado é devido à casa.

Para uniformidade do vestuario collegial, serão fornecidos pelo estabelecimento, á custa dos Paes, os vestidos, chapéos e capas.

Os Paes que tencionarem tirar as suas filhas, devem prevenir a Superiora, ao menos com um mez de antecedencia.

Os Paes poderão visitar suas filhas ás quintas-feiras, das 2 ás 3 horas da tarde, e nos domingos, do meio-dia ás 3 horas da tarde.

As sahidas effectuar-se-ão no primeiro domingo de cada mez, ás 8 1/2 horas da manhã. As alumnas deverão estar de volta no Collegio no mesmo dia, antes das 7 horas da noite ou na segunda-feira, antes das 8 horas da manhã. A falta de comparecimento á hora indicada importa para a alumna a perda das notas e de qualquer distincção durante o mez.

Os mezes de Junho e de Dezembro são feriados. Não ha férias durante a semana santa.

O pedido para admissão de qualquer menina deve ser acompanhado das certidões de baptismo e vaccina.

As meninas, que tiverem de despedir-se definitivamente do collegio, deverão deixar dois lenções e quatro toalhas de rosto para o serviço da enfermaria.

As meninas, que ficarem no collegio durante as férias pagarão um supplemento de 80\$000.

As meninas devem ter os objectos designados na lista seguinte, cada um marcado com seu numero :

10 Camisas	6 Lenções	Comp. 2,50
4 ditas de dormir	2	Larg. 1,50
2 Ditas para banho e	6 Fronhas	Comp. 0,95
2 Saias brancas	2	Larg. 0,40
2 Saias de chita decór	6 Toalhas de rosto	
12 Pares de meias pretas	2 Toalhas para banho	
10 Calças	2 Colchas bran-	Comp. 2,15
8 Camisas de meia	cas com franja	Larg. 1,50
1 Collete	2 Cobertores	
12 Lenções	1 Roupão para dormitório	
6 Guardanapos grandes	Pentes, escovas e 2 esponjas	
	3 Pares de botinas pretas	
	1 Talher e um copo	

MEIO-PENSIONATO

A meia pensão é de 180\$000 por trimestre. As meninas devem estar no collegio, todos os dias, ant e das 8 horas da manhã ; tomão suas refeições no collegio e sahem ás 6 horas da tarde.

Nos Domingos e dias santificados, ellas devem vir ás 7 1/2, porém sahem ás 10 1/2.

Pede-se a mais extricta exactidão, sob pena de perderem as notas e concessões.

Tabelas referentes aos exames do Collegio Marianno entre 1874-1894:

Ano: 1874	Disciplinas:							
	Grammatica Portugueza	Calligraphia	Cathecismo	Metrologia	Musica	Principio de tradução franceza	Francez	Geographia
Maria Isabel da Costa	x	x	x	x	x		x	x
Olympia Carneiro Ribeiro Santiago	x	x	x	x	x		x	
Rosenda Gasparina de Avellar	x	x	x	x	x	x	x	x
Aurea de Jesus Bernardes	x	x	x	x	x			
Maria Vicentina de Rezende	x	x	x	x				
Margarida Gonçalves Leite	x	x	x	x				
Anna Umbelina Ferreira	x	x	x	x				
Heleodora Margarida Marianno	x	x	x	x				
Francisca Innocencia de Rezende	x	x	x	x	x			
Maria Candida Teixeira	x	x	x	x	x			
Marianna Umbelina da Fonseca	x	x	x	x	x			
Francisca Carolina de Castro	x	x	x	x				
Felicidade Carneiro Ribeiro Santiago	x	x	x		x			
Albertina Cesarina Ferreira Lopes	x	x	x	x	x			
Jesuina de Freitas Vilhena	x	x	x	x				
Julieta Carneiro Ribeiro Santiago	x	x	x	x				

Ano: 1874	Disciplinas:			
Série Inicial	Leitura	Adiantamento de Calligraphia	Doutrina Christã	Principio de Contas
Maria de Jesus Vilhena	x	x	x	x
Francisca de Souza Soares	x	x	x	x
Benvinda de Souza Soares	x	x	x	x
Maria José Gonçalves Leite	x	x	x	x
Maria Delphina Carvalho Oliveira	x	x	x	x
Maria Victoria de Alvarenga	x	x	x	x
Rita Eufrazia do Nascimento	x	x	x	x
Eudoxia Philomena Ribeiro	x	x	x	x
Emilia Candida Dinamarco	x	x	x	x
Maria Candida da Rocha	x	x	x	x
Principiantes				
Maria da Conceição Rezende				
Maxima Alexandrina				
Urbana Candida Rezende				
Marianna Camelita Ribeiro				
Francisca Teixeira de Faria				

Ano: 1875	Disciplinas:										
	Francez	Geographia	Cathecismo	Systema Metrico	Grammatica Portugueza	Principio de Geographia	4 operações de números inteiros	Leitura	Escrepta	Doutrina Cristã	2o Livro de Leitura
Primeira Classe											
Olympia Carneiro Ribeiro Santiago	x	x	x								
Maria Leopoldina	x	x	x								
Segunda Classe											
Francisca Innocencia de Rezende	x	x	x								
Elisa Alexandrina de Freitas Vilhena	x	x	x								
Elisa Margarida da Costa	x	x	x	x							
Felicidade Carneiro Ribeiro Santiago	x	x	x	x							
Jesuina de Freitas Vilhena	x	x	x	x							
Honestalia Augusta dos Reis Nogueira			x	x	x	x					
Albertina Cesarina Ferreira Lopes			x	x	x						
Julieta Carneiro Ribeiro Santiago			x	x	x						
Maria José Gonçalves Leite			x	x	x						
Maria Delphina Carvalho Oliveira			x	x	x						
Maria Victória de Alvarenga			x	x	x						
Eudoxia Philomena Ribeiro			x	x	x						
Maria de Jesus Vilhena			x	x	x						
Maria Amalia de Vilhena Valladão					x	x					
Maria Rita dos Reis					x	x					
Francisca de Souza Soares					x	x					
Maria Candida da Rocha					x	x					
Bemvinda de Sousa Soares					x	x					
Isabel Augusta da Fonseca								x	x	x	
Amelia Augusta Branquinho								x	x	x	
Elisa Candida da Fonseca								x	x	x	
Anna Alexandrina dos Reis								x	x	x	
Francisca Teixeira de Faria								x	x	x	
Urbana Teixeira de Rezende								x	x	x	
Felicia Teixeira de Rezende								x	x	x	
Francisca da Veiga Ferreira Lopes								x	x	x	
Jesuina da Veiga Ferreira Lopes								x	x	x	
Maria Placidina de S. José								x	x	x	
Marianna Carmelita Ribeiro								x	x	x	
Vitalina Isabel								x	x	x	
Maxima Alexandrina								x	x	x	x

Ano: 1876	Disciplinas:					
	Francez	Geographia	Systema Metrico	Grammatica	Cathecismo	Leitura, escrita e contas
Primeira Classe- Segundo Ano						
Francisca Innocencia de Rezende	x	x			x	
Elisa Margarida da Costa	x				x	
Felicidade Carneiro Ribeiro Santiago	x	x			x	
Jesuina de Freitas Vilhena	x	x			x	
Honestalia Augusta dos Reis Nogueira	x	x			x	
Albertina Cesarina Ferreira Lopes	x				x	
Julieta Carneiro Ribeiro Santiago	x				x	
Francisca de Souza Soares	x				x	
Bemvinda de Sousa Soares	x				x	
Maria Rita dos Reis	x	x	x		x	
Maria Amalia de Vilhena Valladão	x		x		x	
Maria de Jesus Vilhena	x	x			x	
Maria Delphina Carvalho Oliveira	x	x			x	
Eudoxia Philomena Ribeiro	x	x	x		x	
Maria Candida da Rocha	x		x		x	
Francisca Soares		x	x		x	
Elisa da Costa		x			x	
Albertina Cesarina Ferreira Lopes		x			x	
Anna Delphina Xavier do Prado		x		x	x	
Belmira Candida Dinamarco		x		x	x	
Julieta Carneiro Ribeiro Santiago		x			x	
Ausenda Amelia Ferreira		x	x	x	x	
Ernestina Carolina Ribeiro		x		x	x	
Amália Augusto Branquinho		x	x	x	x	
Maria José Gonçalves Leite		x			x	
Maria Victoria Alvarenga					x	
Elisa Candida da Fonseca			x	x	x	
Urbana Teixeira de Rezende			x	x	x	
Felicia Teixeira de Rezende			x	x	x	
Marianna Carmelita Ribeiro			x	x	x	
Candida de Jesus Oliveira				x	x	
Ernestina de Almeida					x	
Phylomena Carvalho Avelar				x	x	
Maria Placedina				x	x	
Carmina de Oliveira					x	x

Ano: 1876	Disciplinas:					
	Francez	Geographia	Systema Metrico	Grammatica	Cathecismo	Leitura, escrita e contas
Primeira Classe- Segundo Ano						
Maria de Jesus Bernardes					x	x
Marcianna Gabriella da Costa					x	x
Maria Oliva Ferreira					x	x
Maria Benedicta Teixeira de Rezende					x	x
Principiantes						
Anna Theotonia Vilella						
Maria da Gloria Vieira						
Francisca Maximiana Leite						
Thereza Eugenia Ribeiro da Luz						
Marianna Josepha dos Reis						
Delphina Gonçalves Leite						
Basilissa Unbellina de Mello						
Alexandrina Maria do Espirito Santo						
Anna Alexandrina Branquinho						

Ano: 1877	Disciplinas:										
	Italiano	1a Classe de Francez	Grammatica	Systema Metrico	2a Classe de Francez	Geographia	Geographia do Brasil	Grammatica e leitura (2a Classe)	Leitura (1a Classe)	Leitura (2a Classe)	Cathecismo
Elisa Margarida da Costa	x	x	x			x					x
Honestalia Augusta dos Reis Nogueira	x	x		x		x	x				x
Marcia Rita dos Reis		x									x
Julieta Carneiro Ribeiro Santiago		x									x
Maria Amalia de Vilhena Valladão		x				x					x
Eudoxia Philomena Ribeiro		x				x					x
Maria Delphina Carvalho Oliveira		x				x					x
Maria Umbelina de Salles Dias			x								x
Elisa Candida Fonseca			x			x					x
Rita Ernestina Ribeiro			x	x		x					x
Maria de Jesus Bernardes			x				x				x
Carlota Nicesia de Rezende			x	x							x
Philomena Carmelita de Avellar			x	x		x					x
Alexandrina Gomes Prado			x								x
Miquelina Gabriella do Prado			x								x
Angelina Adalgisa de Aquino			x			x					x
Anna Adalgisa de Aquino			x								x
Mariana Carmelita Ribeiro			x								x
Maria Olivia Ferreira			x								x
Anna Delfina do Prado				x		x					x
Maria Umbelina de Salles Dias				x		x					x
Ausenda Amelia Ferreira					x	x					x
Maria Victoria de Alvarenga					x						x
Urbana Candida de Resende					x	x					x
Ernestina Carolina Ribeiro de Almeida					x	x					x
Felicia Teixeira de Rezende					x	x					x
Maria Rita dos Reis						x					x
Julieta Carneiro Ribeiro S Thiago						x					x
Amalia Augusta Branquinho						x					x
Angelina Fereira Brandão											x
Marianna Josepha Dias Reis							x		x		

Ano: 1878	Disciplinas:									
	Italiano	1a Classe de Francez	2a Classe de Francez	Leitura e Grammatica	Cathecismo	Geographia	Systema Metrico	Leitura e Doutrina Christã (2a classe)	Leitura e Doutrina Christã (3a classe)	Leitura (2a Classe)
Maria Rita dos Reis										
Maria Amalia de Vilhena Valladão	x	x			x	x				
Anna Adalgisa de Aquino	x	x			x					
Anna Delphina Xavier do Prado		x			x	x	x			
Maria Victoria Alvarenga		x			x	x				
Rita Ernestina Ribeiro		x			x	x				
Maria Umbelina de Salles Dias			x		x	x				
Maria de Jesus Bernardes			x			x				
Jovita Paula Andrade			x		x	x	x			
Braulina Frausina de Souza				x		x	x			
Emilia Gomes Teixeira				x	x					
Anna Luiza Costa				x	x	x	x			
Henriqueta Carolina Mendes				x	x					
Candida Diocleciana Junqueira				x						
Anna Alexandrina Branquinho				x	x	x	x			
Maria da Gloria Vieira				x	x		x			
Basillissa Umbelina de Mello				x	x	x				
Anna Esmeria de Carvalho				x	x	x	x			
Thereza Eugenia Ribeiro da Luz				x	x	x	x			
Balbina Gomes Texeira				x	x	x				
Marcianna Gabriella da Costa				x	x	x				
Elisa de Vilhena Paiva				x	x	x	x			
Maria de Abreu Leite				x						
Julia Marieta do Prado				x	x					
Aurea Augusta Ferreira				x	x					
Francisca Maximiana Leite				x	x	x				
Rita Amelia do Prado				x	x	x				
Maria Umbelina de Salles Dias					x			x	x	
Alexandrina Gomes Prado					x					
Maria Olivia Ferreira					x	x	x			
Miquelina Gabriela do Prado					x	x				
Maria da Gloria Vieira					x	x	x			

Ano: 1879	Disciplinas:									
	Italiano	Francez (Conclusão)	1a Classe de Francez	2a Classe de Francez	Geographia	Leitura e Grammatica 1a classe	Analyse Grammatical 2a Classe	Systema Metrico	leitura	Cathecismo
Maria Rita dos Reis	x									x
Anna Adalgisa de Aquino		x			x					x
Maria de Jesus Bernardes			x		x					x
Emilia Gomes Teixeira			x		x					x
Candida Diocleciana Junqueira				x	x					x
Alexandrina Gomes Prado				x	x					x
Henriqueta Carolina Mendes				x	x					x
Maria da Gloria Vieira				x	x					x
Aurea Augusta Ferreira				x	x			x		x
Basillissa Umbelina de Mello				x	x					x
Balbina Gomes Texeira				x	x			x		x
Anna Luiza da Costa				x	x					x
Elisa Emilia de Vilhena Paiva				x						x
Braulina Frausina de Souza				x	x			x		x
Anna Esmeria de Carvalho				x	x					x
Maria da S'tana Ribeiro					x	x		x		x
Francisca Augusta Soares					x	x		x		x
Maria Rita dos Reis					x					x
Anna Sebastiana de Paiva					x	x				x
Julia Marieta do Prado					x	x		x		x
Rita Amelia de Araujo					x	x		x		x
Maria Candida Marques					x	x		x		x
Francisca Maximiana Leite					x	x				x
Amelia Carneiro Santiago										x
Francisca Olympia do Prado										x
Maria Candida Moreira						x				x
Marianna Josepha Dias dos Reis										x
Maria Josephina da Costa Carvalho						x		x		x
Bemvinda Gonçalves Leite						x				x
Gabriella Marcolina da Silva						x		x		x
Gabriella Candida da Silva						x				x
Francisca Philomena Pereira						x				x

Ano: 1880	Disciplinas:								
	1a Classe de Francez	2a Claase de Francez	Geographia	2a Classe Geographia	Grammatica	Systema Metrico	1a Classe leitura	2a Classe leitura	Cathecismo
Maria da S'tana Ribeiro	x		x						x
Aurea Augusta Ferreira	x		x						x
Henriqueta Carolina Mendes	x		x						x
Maria da Gloria Vieira	x		x						x
Basillissa Umbelina de Mello	x		x						x
Antonia de Andrade Botelho		x		x	x				x
Maria Josephina da Costa Carvalho		x	x		x				x
Josephina Augusta de Azevedo		x		x	x				x
Bemvinda Gonçalves Leite			x		x	x			x
Gabriela Candida da Silva			x		x	x			x
Anna Barbara de Andrade			x		x	x			x
Maria Rita de Aguiar			x		x				x
Anna Leal do Monte Raso			x		x				x
Rita de Cassia Aguiar			x						x
Gabriella Marcolina da Silva			x		x	x			x
Julia Marieta do Prado			x		x				x
Olympia Alexandrina de Carvalho				x	x				x
Agueda do ValleVerde					x				x
Marianna Margarida de Carvalho					x				x
Rita Candida Brasileiro					x				x
Gabriella Cesarina e Andrade					x				x
Margarida Philomena Pereira					x				x
Emygdia Antonia de Meirelles					x				x
Maria Philomena Meirelles					x				x
Josephina Augusta Gonçalves Leite					x	x			x
Maria Esmelia de Vilhena					x	x			x
Rita de Cassia Ferreira					x	x			x
Francisca Philomena Ferreira					x	x			x
Maria José Ferreira Rodrigues					x				x
Francisca Olympia do Prado					x				x

Ano: 1890	Disciplinas:													
	Italiano	Francez 1a classe	Francez 2a Classe	Francez 3a Classe	Geographia	Geographia 2a classe	Historia do Brazil	Arithmetica e Systema Metrico	Portuguez 1a classe	Portuguez 2a classe	Leitura	Cathecismo	Calligraphia	Trabalhos de agulha e flores
Prudenciana Theolinda Vilella	x	x			x		x	x				x	x	x
Symphorosa Rosa de Araujo Dias	x	x			x		x	x				x	x	x
Anna Augusta de Moura Leite		x			x		x	x				x	x	x
Francisca de Paula Moraes		x			x		x	x				x	x	x
Randolphina Aurora de Paiva			x		x				x			x	x	x
Rita de Abreo Azevedo			x		x			x				x	x	x
Escholastica de Vilhena			x		x			x				x	x	x
Helena Vilella			x		x			x				x	x	x
Mathilde Leopoldina de Souza Ribas			x		x		x	x				x	x	x
Guilhermina Ribeiro de Rezende				x	x			x	x			x	x	x
Maria Candida de Mello				x	x			x	x			x	x	x
Delphina Ernestina de Moraes				x		x						x	x	x
Maria Emerenciana de Andrade						x		x	x			x	x	x
Alice Siomara da Silva						x			x			x	x	x
Gabriella de Azevedo Junqueira									x			x	x	x
Rita de Abreo Azevedo									x			x	x	x
Elvira Xavier de Mello									x			x	x	x
Judith Pinheiro Werneck										x		x	x	x
Maria Werneck										x		x	x	x
Iria Amelia de Andrade										x		x	x	x
Anna Mathilde de Carvalho Marianno										x		x	x	x
Gabriella Ferraz										x		x	x	x
Marianna Miguelina de Barros										x		x	x	x

Ano: 1890	Disciplinas:													
	Italiano	Francez 1a classe	Francez 2a Classe	Francez 3a Classe	Geographia	Geographia 2a classe	Historia do Brazil	Arithmetica e Systema Metrico	Portuguez 1a classe	Portuguez 2a classe	Leitura	Cathecismo	Calligraphia	Trabalhos de agulha e flores
Lucinda Dias										x		x	x	x
Francisca Carolina Brandão											x	x	x	x
Rita Junqueira											x	x	x	x
Josepha Junqueira											x	x	x	x
Genoveva Junqueira Franco											x	x	x	x
Adelina Junqueira Franco											x	x	x	x
Helena Junqueira Franco											x	x	x	x

Ano: 1892	Disciplinas:											
	Arithmetica 1a Classe	Arithmetica 2a classe	Francez 1a Classe	Francez 2a Classe	Potuguez 1a classe	Potuguez 2a classe	Potuguez 3a classe principiantes	Geographia 1a classe	Geographia 2a classe	Leitura	Cathecismo	Ausentes
Gabriella de Azevedo Junqueira	x		x		x			x			x	
Marianna Miquelina de Barros	x			x	x			x			x	
Leonor C de Magalhães	x			x	x						x	
Maria Bapstista de Paiva	x		x		x			x			x	
Illidia de Araujo Dias	x			x	x			x			x	
Iria Amelia Junqueira		x		x	x			x			x	
Ambrosina de Paiva Andrade		x			x				x		x	
Marianna Junqueira		x				x					x	
Francisca de Assis Coelho		x			x				x		x	
Aristotelina de Moraes Navarro		x		x					x		x	
Josepha Junqueira		x			x						x	
Isaura Augusta de Andrade		x			x				x		x	
Maria Victoria dos Reis		x			x				x		x	
Maria Carlota Miranda Manso		x			x				x		x	
Alexandrina Manoela da Costa		x			x				x		x	
Genoveva Junqueira Franco		x			x						x	
Maria Etelvina Ferreira		x									x	
Gabiella Ferraz		x			x				x		x	
Lucinda Dias				x	x				x		x	
Elvira da Cosra Carvalho					x				x		x	
Leonina Alves Ferreira					x				x		x	
Francisca Carolina Brandão					x				x		x	
Malvina Etelvina Ferreira					x						x	
Anna Cesarino Vilela						x					x	
Eudoxia Junqueira						x					x	
Adelina Junqueira Franco						x					x	
Helena Junqueira Franco						x					x	
Ildelfonsina de Araujo Dias							x				x	
Zulmira Alzira do Prado							x				x	
Gabriella Olivia da Silva							x				x	

